



**MARIA HELENA ANDRÉS**

**CAPÍTULO 4 - VIAGENS À ÍNDIA**



(Foto: José Israel Abrantes)



INDIAN COUNCIL FOR CULTURAL RELATIONS  
and  
NATIONAL MUSEUM  
cordially invite you to an illustrated talk on  
**CULTURAL LINKS BETWEEN BRAZIL AND INDIA**  
by  
**Maria Helene Andres from Brazil**  
at 4.30 p.m. on 24 February, 1983  
at the Committee Room, National Museum, Janpath,  
New Delhi - 110001

Este capítulo é parte da Autobiografia completa da autora e está atualizado até outubro de 2023.

Os textos foram publicados nos blogs [www.memoriaseviagensmha.blogspot.com.br](http://www.memoriaseviagensmha.blogspot.com.br)

e [www.mariahelenaandres.blogspot.com.br](http://www.mariahelenaandres.blogspot.com.br)

## MARIA HELENA ANDRÉS E A INTEGRAÇÃO ENTRE O BRASIL E A ÍNDIA

Maria Helena Andrés é a artista plástica brasileira que mais se empenhou em promover a integração entre o Brasil e a Índia e que mais contribuiu para o conhecimento, no Brasil, sobre a cultura indiana. Ela o fez pioneiramente, a partir da década de 70, numa época em que, no Brasil, pouca atenção era dada às relações culturais com a Ásia e especialmente com a Índia. Durante uma viagem de estudos e pesquisas em 1961 à Califórnia, ela já se impressionara com a presença japonesa, chinesa e de outros povos orientais e a força de sua arte e cultura.

Essa integração e intercâmbio têm um significado especial nesse momento de crise da civilização ocidental industrial, nessa etapa da história em que a Ásia readquire centralidade e importância globais e na qual a perspectiva indiana, no mundo pós colonialista, passa a ser novamente valorizada.

Maria Helena identificou-se com a cultura da Índia, para onde viajou inúmeras vezes. Ali, por meio de imersão no cotidiano, desbravou o país, estudou a filosofia e a arte numa perspectiva ampla, absorvendo o espírito e a postura cosmológica dos indianos.

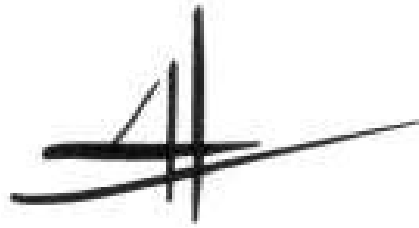
Tal intercâmbio resultou em textos e reflexões teóricas e conceituais publicados em seus livros. No livro *Encontro com Mestres no Oriente* (1993), discorre sobre suas viagens e reflexões no Japão, Tailândia, Nepal e Índia, focalizando mestres e pensadores como Mahatma Gandhi, Sri Ramakrishna, Sri Aurobindo, Sri Ramana Maharishi, Jiddu Krishnamurti, Swami Dayananda, Vimala Thakar, sendo que com os dois últimos teve convivência pessoal. No livro *Os caminhos da Arte* (3ª edição em 2015), aproxima a arte moderna da arte oriental, enfatizando a importância da intuição, da liberdade de criação e da arte estendida à vida na prática da caligrafia, pintura, poesia, fotografia, música, teatro e dança.

Realizou ainda as ilustrações do livro *Pepedro nos Caminhos da Índia* (1984 e 2007), de autoria de Aparecida Andrés, que relata a viagem de um menino brasileiro naquele país. Desse investimento resultaram também contribuições, por meio de desenhos, do álbum *Oriente-Ocidente, integração de culturas* (1984).

As inúmeras viagens à Índia em busca da integração refletiram-se na obra teórica e plástica de Maria Helena Andrés. Ao fazê-lo, seguindo sua intuição e sua atração pessoal por aquela cultura, ela renunciou a uma inserção mais agressiva no mercado de arte nacional, a uma presença mais intensa em acontecimentos sociais e eventos artísticos e aos interesses econômicos e comerciais, em prol do desenvolvimento da consciência.

Ao buscar inspiração no Oriente, fez a trajetória inversa à de pintores japoneses que

migraram para o Brasil, tais como Tomie Ohtake, Kazuo Wakabayashi, Tomoshige Kusuno e Manabu Mabe. Mas seu abstracionismo lírico tem afinidade com a obra desses artistas, na medida em que revelam a gramática icônica dos japoneses, através da pintura gestual. Essa gramática icônica é apropriada pela propaganda e pela publicidade ao conceber logomarcas e outros signos gráficos de forte apelo comunicativo. Não por acaso, a própria logomarca do Instituto Maria Helena Andrés, criado em 2005 para desenvolver trabalhos de educação pela arte identifica ao mesmo tempo os traços da artista e sua assinatura, que tem similaridades com a caligrafia oriental.



Esse pioneirismo na reaproximação com o Oriente, pouco valorizado no Brasil, um país que ainda se liga prioritariamente à cultura ocidental, seguiu um pensamento semelhante à do crítico de arte Mário Pedrosa que, ao retornar de uma viagem feita ao Japão, redigiu o ensaio denominado: *A caligrafia sino-japonesa moderna e a arte abstrata no Ocidente*, na qual revela ter encontrado respaldo para discorrer sobre a pintura informal ou lírica. Em uma sequência de matérias publicadas no *Jornal do Brasil*, em 1959, Pedrosa afirmava: “ toda a arte chinesa, e mesmo a japonesa é iconográfica, isto é, feita em função de uma ideia ou símbolo”.

Temos a oportunidade de mostrar, nesse capítulo de sua coletânea de textos, algumas reflexões sobre as viagens à Índia, realizadas por Maria Helena Andrés, que foram publicadas em seus blogs *Minha Vida de Artista* e *Memórias e Viagens*: [www.mariahelenaandres.blogspot.com](http://www.mariahelenaandres.blogspot.com) com a colaboração de Ivana Andrés Ribeiro. Esse é um *work in progress*, que está aberto à inserção de novos textos, na medida em que forem publicados por Maria Helena Andrés<sup>1</sup>.

Maurício Andrés Ribeiro

outubro de 2023

---

<sup>1</sup> Esse texto teve a formatação e a revisão final feita por Marília Andrés Ribeiro e Fernanda Granatto.

## **CAPÍTULO 4 - VIAGENS À ÍNDIA**

1. INÍCIO DO INTERESSE PELO ORIENTE
2. MEU CAMINHO NA BUSCA DA INTEGRAÇÃO
3. PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS NO ORIENTE
4. ENCONTRO COM MESTRES NO ORIENTE
5. ORIENTE, UMA VISÃO CÓSMICA
6. ÍNDIA, PASSADO E PRESENTE
7. TAJ MAHAL
8. TAJ MAHAL II
9. ESTAR SÓ
10. POR QUÊ ÍNDIA
11. QUARENTENA NA ÍNDIA
12. CARTAS DA ÍNDIA I
13. CARTAS DA ÍNDIA II
14. CARTAS DA ÍNDIA III
15. CARTAS DA ÍNDIA IV
16. CARTA PARA MARÍLIA E PAIXÃO
17. CARA DE ÍNDIA PARA MARÍLIA
18. CARTA DA ÍNDIA PARA IVANA
19. CARTA DA ÍNDIA PARA O EULER
20. CARTA DE ÍNDIA PARA ARTUR I
21. CARTA DA ÍNDIA PARA ARTUR II
22. CARTA A MARIA ÂNGELA MAGALHÃES
23. CARTA DE MARIA HELENA PARA SUA MÃE NAIR
24. CARTA À MÃE NAIR – NAS RUAS DE DELHI
25. CARTA À MÃE NAIR – SAI BABA E INDRA DEVI
26. CARTA À MÃE NAIR – KALAKSHETRA
27. CARTA DA ÍNDIA À FAMÍLIA I
28. CARTA DA ÍNDIA À FAMÍLIA II
29. CARTA DA ÍNDIA PARA A FAMÍLIA III
30. CARTA PARA FREI ROSÁRIO
31. ÍNDIA, VISÃO PANORÂMICA

32. CAMINHANDO PELO DESERTO DO RAJASTHAN
33. UDAIPUR
34. VIAGEM DE TREM – ÍNDIA
35. MOUNT ABU I
36. MOUNT ABU II
37. Índia, MOUNT ABU
38. O SOL NASCE PARA TODOS
39. FESTIVAL DE CHANDIGARH
40. CAMINHO DA LIBERTAÇÃO
41. O YOGUE E O FOTÓGRAFO
42. MAHATMA GANDHI
43. CAMINHOS INESPERADOS
44. INFLUÊNCIAS CULTURAIS INDO-PORTUGUESAS NO BRASIL
45. BRASIL E ÍNDIA, FRUTOS DOS TRÓPICOS
46. A CHEGADA DOS PORTUGUESES NA ÍNDIA E NO BRASIL
47. EXPANSÃO DO ORIENTE, FUSÃO DE CULTURAS
48. ORIENTE E OCIDENTE, FUSÃO DE CULTURAS
49. ARQUITETURA NA ÍNDIA
50. MEMÓRIAS DE GOA I
51. MEMÓRIAS DE GOA II
52. MEMÓRIAS DE GOA III
53. GOA, INDIA PORTUGUESA I
54. GOA PORTUGUESA II
55. GOA, INDIA PORTUGUESA III
56. GOA, INDIA PORTUGUESA IV
57. GOA, INDIA PORTUGUESA V
58. GOA, INDIA PORTUGUESA VI
59. GOA, INDIA PORTUGUESA VII
60. GOA, INDIA PORTUGUESA VIII
61. GOA, INDIA PORTUGUESA IX
62. GOA PORTUGUESA X
63. GOA, INDIA PORTUGUESA XI
64. GOA, INDIA PORTUGUESA XII

65. MINAS BARROCA E TEMPLOS HINDUS
66. INDIA E BRASIL
67. ARTESANATO FAMILIAR
68. MÚSICA INDIANA E MÚSICA OCIDENTAL
69. MÚSICA INDIANA E MÚSICA EUROPEIA
70. CANTO GREGORIANO E HINOS VÉDICOS
71. BRASIL E ÍNDIA – FESTIVAIS E CARNAVAL
72. INFLUÊNCIAS E TROCAS ENTRE O BRASIL E A ÍNDIA
73. INFLUÊNCIAS ORIENTAIS NAS IGREJAS FRANCISCANAS DO BRASIL
74. A ROTA DE NAVEGAÇÃO DAS ÍNDIAS
75. A EXPERIÊNCIA DA INSEGURANÇA
76. VIAJANTES CONSUMISTAS
77. DESENHANDO A ÍNDIA
78. A CRIAÇÃO DO LIVRO “PEPEDRO NOS CAMINHOS DA ÍNDIA”
79. PEPEDRO NOS CAMINHOS DA ÍNDIA
80. CASAMENTOS NA ÍNDIA
81. ARTE E ESPIRITUALIDADE
82. ARTE E MITOLOGIA
83. MITOS HINDUS
84. ARTE E MEDITAÇÃO I
85. ARTE E MEDITAÇÃO II
86. KAJURAHO I
87. KAJURAHO II
88. TEMPLO DE SHIVA LINGAM
89. O BARQUEIRO E O MACACO
90. MEMÓRIAS DE BENARES
91. KRISHNAMURTI FOUNDATION VARANASI
92. VISITANDO ESCOLAS DE KRISHNAMURTI
93. A CORRUPÇÃO SEGUNDO KRISHNAMURTI
94. AULA DE ARTE NA ÍNDIA
95. ENCONTROS NA ÍNDIA
96. KALAKSHETRA, UMA ESCOLA DE DANÇA
97. KALAKSHETRA

98. ESTAR SÓ NA ÍNDIA
99. PENITÊNCIA
100. VASANT VIHAR
101. VIAGEM A MANGALORE I
102. VISITA A UM ASHRAM DE GANESHPURI
103. GANESHPURI, UMA EXPERIÊNCIA DE VIDA
104. GANESHPURI 1990 I
105. VISITA A GANESHPURI 1990 II
106. GANESHPURI 1990 III
107. O DESPERTAR DA KUNDALINI
108. MAHABALIPURAM, TEMPLO DE SHIVA
109. VISITA AO ASHRAM DE RAMANA MAHARISHI
110. DESPEDIDA DE ARUNACHALA
111. UMA COMUNIDADE NO SUL DA ÍNDIA
112. AS VIAGENS E O AQUI E AGORA
113. PONDICHERRY
114. SRI AUROBINDO, IDEIAS SOBRE EDUCAÇÃO
115. SRI AUROBINDO, IDEIAS SOBRE EDUCAÇÃO II
116. SRI AUROBINDO, ARTE E EDUCAÇÃO NA ÍNDIA
117. A EDUCAÇÃO NO SRI AUROBINDO ASHRAM I
118. A EDUCAÇÃO NO SRI AUROBINDO ASHRAM II
119. ARTE E EVOLUÇÃO HUMANA NO ASHRAM DE SRI AUBIDO
120. SRI AUROBINDO ASHRAM
121. SRI AUROBINDO E A MÃE
122. TEILHARD DE CHARDIN, UM CAMINHO PELO ESPAÇO
123. MUSEU SHANKAR
124. ESCOLA DOS OLHOS PERFEITOS
125. MEDITAÇÕES NA ÍNDIA I
126. MEDITAÇÕES NA ÍNDIA II
127. MEDITAÇÕES NA ÍNDIA III
128. MEDITAÇÕES NA ÍNDIA IV
129. MEDITAÇÕES NA ÍNDIA V
130. MEU ENCONTRO COM O MONGE BENEDITINO BEDE



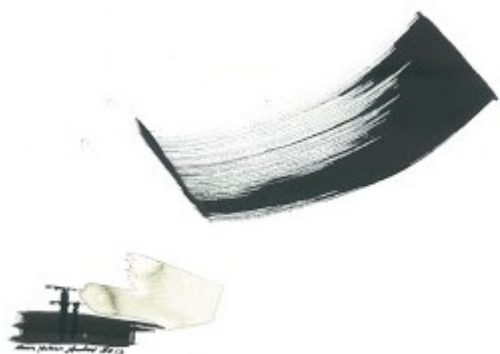
## GRFITHS

131. MOTHER TERESA DE CALCUTÁ
132. RAMAKRISHNA
133. TEATRO COMO EXTENSÃO DE VIDA
134. RAMAN RESEARCH INSTITUTE
135. REENCONTRO EM BANGALORE
136. MUSEU DE TECNOLOGIA DE BANGALORE
137. SUBINDO OS HIMALAIAS
138. VISITA A UM ASHRAM EM RISHIKESH
139. UM RETIRO NOS HIMALAIAS
140. HIMALAIAS II
141. UM RETIRO NOS HIMALAIAS- REFLEXÕES
142. UM RETIRO NOS HIMALAIAS – UMA PEDRA EM FRENTE À

## JANELA

143. UM RETIRO NOS HIMALAIAS – PRINCÍPIO DE VIDA
144. UM RETIRO NOS HIMALAIAS – MOMENTOS POÉTICOS
145. UM RETIRNO NOS HIMALAIAS – CONCLUSÃO
146. ASHRAM DE SIVANANDA
147. O GURU
148. PROBLEMAS DE VIAGENS I
149. PROBLEMAS DE VIAGENS II
150. JOSÉ ISRAEL, UM FOTÓGRAFO BRASILEIRO NA ÍNDIA
151. HISTÓRIA DA ÍNDIA CONTADA POR UM DENTISTA
152. UMA DOR DE DENTE NA ÍNDIA
153. PERNILONGOS, UMA EXPERIÊNCIA NA ÍNDIA
154. UMA HOMENAGEM NA EMBAIXADA DA ÍNDIA

## INÍCIO DO INTERESSE PELO ORIENTE



Fotos: Internet e obras de Maria Helena Andrés

Meu interesse pelo Oriente nasceu na infância, quando escutava deslumbrada as histórias de Mil e uma noites, Simbad, o marujo e as viagens de Marco Polo. Da Índia me vieram, mais tarde, na adolescência, os versos de Rabindranath Tagore, o grande poeta e místico indiano. A poesia de Tagore me despertou para a filosofia daquele país situado no outro lado do mundo.

Em 1961, recebi um convite do Consulado Americano em Belo Horizonte, como artista e professora de arte para visitar os Estados Unidos num programa cultural que incluía visitas a escolas de artes, museus, galerias e contatos com artistas de vanguarda da época.

Naquela ocasião, ao visitar a costa oeste americana, Seattle, San Francisco e Los Angeles, tomei contato direto com a influência oriental - chinesa, japonesa, indiana, na arte ocidental. Em San Francisco, escrevi no meu diário em 13 fev. 1961: "Percorremos a cidade. Fomos a todos os recantos pitorescos, percorremos colinas, estacionamos em lugares altos para ver a vista. A paisagem é deslumbrante, lembra muito o Rio de Janeiro, tive saudades do Brasil quando vi os navios chegando. Saudades da minha terra e das belezas que também possuímos. Os navios não vem da Europa, mas da Ásia. São navios japoneses, Filipinos, Chineses, Indianos. Vêm de longe, trazendo coisas diferentes que serão misturadas à cultura ocidental para desta mistura fazer uma só civilização."

Visitando um jardim japonês: "Tudo ali é inspirado no Japão. As flores, os pequenos lagos, os quiosques e templos. No meio da vegetação, imagens de Buda e outros deuses, tudo disposto com carinho e arte."

Em visita à China Town de San Francisco em 19 de fevereiro:

"O oriente me fascina. Como tudo é estranho, misterioso, os menores objetos têm um

cunho de beleza e arte!"

Observando a paisagem da Califórnia: "A terra da Califórnia é a mesma do Brasil, mais urbanizada. As árvores são verdinhas, vejo eucaliptos, coqueiros. Há cerejeiras importadas do Japão, colorindo a paisagem."

No museu de Seattle: "O museu fica situado no centro de um parque, no estilo do Metropolitan de New York. É maravilhosa a coleção que têm de arte oriental. Budas e deuses chineses e hindus, trabalhados em ouro, bronze, prata. Arranjam com cuidado e arte as coleções antigas, procurando não acumular para dar melhor efeito. Logo de entrada 3 deuses orientais, em ouro, quase do tamanho natural. Depois as galerias, vitrines, com objetos de arte, vasos, medalhões, mitos orientais.

San Francisco é chamada a Paris da América, recebe muito da cultura européia, misturada com o espírito oriental.

Visitando a China Town de Nova York: "China town é um pedaço do Oriente encravado na América. As construções são chinesas, as caras são chinesas, as lanternas são chinesas. À noite, com tudo iluminado lembra um conto de mil e uma noites. As lojas tem coisas lindas, objetos de arte, marfim, jade, bronze."

Observei que os artistas do leste e oeste americano têm um estilo completamente diferente. "Notei isto nas minhas viagens. Aqui em New York predomina a escola de Pollock, Hoffman, De Kooning, Stamus e Brooks. São violentos, expressivos, completamente informais. James Brooks pertence à categoria dos informais, suas fases são firmes e conscientes, e há uma certa unidade entre elas. Todo o itinerário de sua pintura está aí nos quadros que me mostra. "

Meus trabalhos informais foram influenciados pela caligrafia japonesa, que eu conheci pela primeira vez em 1961.

17 novembro de 2015

## MEU CAMINHO NA BUSCA DA INTEGRAÇÃO



Fotos: arquivo e Maurício Andrés

Na década de 50 comecei a escrever o livro “Vivência e Arte” mais tarde editado pela Agir, um pequeno ensaio sobre arte, arte moderna e arte sacra.

A linguagem escrita seguia paralela à linguagem pictórica, mente e emoção buscando uma expressão em comum.

Em 1970 uma viagem em torno do mundo fechou para mim o primeiro círculo de investigações. Um grupo de assistentes sociais dirigia-se à Expo 70 no Japão e eu me inscrevi naquele roteiro turístico por facilidade de preço.

Aquela viagem foi para mim o fechamento de uma de uma grande mandala onde o mundo inteiro estava sintetizado, e a abertura para novas buscas na arte e reflexões. Comecei a enxergar o oriente como um complemento do ocidente. Aquela viagem ao oriente me abriu a consciência para a unidade planetária e me deu o primeiro toque iniciático na Índia. Comecei a estudar os pensadores e místicos orientais, desde Ramakrishna até Lao Tsé e tornei-me vegetariana. O vegetarianismo foi difícil para ser compreendido e praticado por Luiz, se bem que não fizesse o menor obstáculo à nossa mudança de conduta. Fazíamos meditação em casa, praticávamos métodos terapêuticos orientais tais como o Do-in, Shiatzu e Yoga.

Escrevi o livro “Os caminhos da Arte” na década de 70, fazendo palestras e mostrando a relação que havia entre a sabedoria milenar do Oriente e a mentalidade científica do Ocidente.

A série de mandalas, de minha pintura teve início depois desta viagem, onde o Japão seria para mim o núcleo de integração Oriente-Occidente. Mas nesta mesma viagem, fui tocada pela mensagem da Índia. “Viemos de uma essência e a ela vamos retornar, todos nós homens, animais

e plantas”.

Já não era apenas a integração do planeta, mas o retorno a Essência de onde viemos e para onde vamos. A Índia, celeiro da espiritualidade abria-se para mim como cântico de luz, um lugar onde eu me sentia em paz como se estivesse em meu país de origem.

A síntese Oriente – Ocidente e a integração planetária estão dentro de nós mesmos, no equilíbrio do lado direito e esquerdo de nosso cérebro, razão e intuição.

A harmonização destes dois aspectos de nossa individualidade torna-se cada vez mais uma necessidade no campo da consciência.

E, quando arte e vida se encontram, poderemos dizer como Isadora Duncan quando foi entrevistada por um jornalista “Eu danço a minha vida”.

28 de dezembro de 2015

## PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS NO ORIENTE



Fotos: Maurício Andrés

Incentivada por meu marido, que sempre me deu apoio nas minhas iniciativas, embarquei em 1970 rumo ao Oriente. Visitei o Japão, a China, a Tailândia e a Índia, integrando um grupo turístico que se dirigia à Expo 70.

Chegando à Índia, fui convidada pelo então embaixador do Brasil, Wladimir Murtinho, para permanecer em Nova Délhi. A Índia deixou de ser um ponto a mais no meu roteiro turístico. Alguma coisa me atraía àquele país como se fosse um reencontro com um passado longínquo. Visitei um templo em Délhi e um monge percebeu o meu interesse, presenteando-me com uma pilha de livros de Ramakrishna e Vivekananda, que me desvendaram pela primeira vez o mistério dos logues. Entre eles estava um pequeno exemplar do Bhagavad Gita, livro sagrado da Índia.

Voltando ao Brasil, ingressei no curso de Yoga do Professor George Kritikos e frequentei seu grupo de meditação. Mergulhei na leitura dos mais variados livros de filosofia oriental, do Zen Budismo aos mestres de Vedanta, da Teosofia a Krishnamurti. Tomei consciência de que realmente pertencemos a um Todo, que viemos de uma Essência e a Ela vamos retornar.

A partir de 1977, comecei a visitar a Índia, procurando desenvolver pesquisas no campo da arte, da educação e da história, com base na filosofia oriental: “Deixa o senhor cuidar de ti”. Essa frase, escutada no silêncio de uma madrugada, foi de certo modo a minha bússola durante as diversas viagens. Procurei seguir a intuição sem traçar planos. Visitei escolas, comunidades, anotando, em forma de diário, as minhas impressões e experiências. Meu caminho da Índia é uma reconquista da sabedoria que perdemos pelo excesso de materialismo. Aprendi escutando a voz do povo, participando de congressos, pronunciando palestras, realizando estudos comparativos entre o Brasil e a Índia e observando os diferentes costumes das diversas regiões por onde passei.

Os ensinamentos orientais não me acenavam como uma nova religião, mas significavam a redescoberta de conhecimentos que já existiam dentro de mim. Esses ensinamentos não são privilégio de um só país ou de uma só raça. Eles existem dentro de todo ser humano e estão guardados no silêncio de nossa consciência. Meu objetivo era redescobri-los através da minha própria experiência de vida.

O encontro das diversas mensagens nos campos da arte, da filosofia, da religião e da ciência soava nos meus ouvidos como uma única voz. O oriental busca, antes de tudo, através da meditação, experimentar dentro de si mesmo sua Realidade Interna, que ultrapassa os conceitos da mente. Ao percorrer várias comunidades espiritualistas, desde os monges budistas no alto dos Himalaias até os mais variados ashrams da Índia, sentia a mesma verdade fluindo de diversas formas. Existem inúmeros mestres e caminhos, mas a minha abordagem focaliza apenas os que tive a oportunidade de conhecer de perto ou que me tocaram através de seus ensinamentos.

19 de agosto de 2009, 24 de novembro de 2015 e 3 de julho de 2019

## ENCONTRO COM MESTRES NO ORIENTE

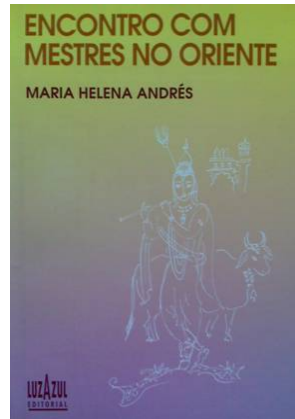


Foto: Maurício Andrés

Uma das características mais pronunciadas da civilização oriental é a busca de uma realidade Interior, de um plano espiritual de vida que reúne todas as coisas numa Totalidade.

O oriental procura através da religião, da filosofia ou da arte, a integração do homem à natureza e ao cosmos, buscando encontrar além do tempo e do espaço o valor intrínseco das coisas. Para isto serve-se de guias, mestres e filósofos. Alguns renunciam à vida familiar, recolhendo-se às comunidades espiritualistas ou ashrams. Outros aproximam-se da natureza, buscando no silêncio das florestas ou no interior de grutas afastadas a resposta para suas indagações. Há também aqueles que se aperfeiçoam como chefes de família, transmitindo aos filhos os ensinamentos dos mestres.

Buscam o encontro com o Ser Interno através da meditação e do autoconhecimento. Essa realidade interna, quando reconhecida, liberta a mente das inquietações provocadas pela agitação do mundo. A tranquilidade mental, visada por toda a filosofia do Oriente, não conduz à apatia, mas à serenidade do homem superior.

O homem realmente integrado é aquele que se liberta não somente do conforto material, mas também da ambição, egoísmo, inveja, ciúme e todos os impulsos negativos que encobrem a Realidade Interna. Para nós, ocidentais, acostumados ao progresso material, à concorrência e à competição, essa atitude nos parece estranha e profundamente apática. No entanto, ela nos desperta para outros aspectos da vida e nos mostra o caminho aberto a um progresso necessário ao equilíbrio do homem do século XXI: o progresso espiritual e a redescoberta da nossa origem Divina.

25 de maio de 2009

## ÍNDIA, PASSADO E PRESENTE



Foto: Maurício Andrés e Álbum Oriente /Ocidente

Estamos a caminho do Taj Mahal, uma das maravilhas do mundo. Procuramos entrar em contato com o povo que vive nas cercanias do grande monumento histórico. Sabíamos que o mausoléu fora construído pelo imperador mongol Shah Jahan, em memória de sua esposa Mumtaz Mahal (Favorita do Palácio).

Nossa peregrinação está sendo realizada com o intuito de documentar o momento presente. Os arredores do Taj Mahal vão nos oferecendo uma visão panorâmica da Índia.

Os campos estendem-se, em verdes macios. Ao longo da estrada, vão desfilando bicicletas, camelos, caminhões enfeitados de desenhos e cores. “Horn please” (Buzine, por favor) está escrito por detrás dos caminhões. Os indianos apreciam a buzina e nós, ocidentais, seguimos viagem debaixo de sons e cores. Paramos para ver um campo de flores amarelas, onde camponesas indianas, com véus transparentes, lembram quadros de Renoir e de Monet.

Na Índia, a simplicidade da vida nos possibilita apreciar a cada instante um novo quadro.

O transporte rural é feito de forma primitiva. O camelo segue vagaroso carregando sacos e os burrinhos enfileirados transportam cimento. Tudo respira a harmonia natural daqueles que estão ligados com a natureza.

Debaixo de tendas de piaçava, uma família de artesãos fabrica o giz para as escolas. O pó branco é misturado com água nas bacias de argila, depois manufaturado de forma primitiva. O processo de empacotar é simples, sem requintes. Paramos o carro para conversar com os artesãos e pudemos admirar a textura do giz de diversas cores, colocado a secar dentro de esteiras.

A Índia é um exemplo de arte estendida ao cotidiano. Há graça e leveza nas mulheres que



lavam as varandas e preparam as casas para a festa do holi. Nesse dia, fecham-se as lojas e em todas as vilas e cidades o povo se pinta de pós coloridos e joga tinta sobre os carros e as pessoas na rua. Os rapazes cantam celebrando o festival e as moças preparam as casas para as comemorações. Nos becos estreitos da vila as casinhas coloridas parecem cenários de teatro. Ali pudemos sentir a espontaneidade da arte nas ruas e os personagens também somos nós, vindos do Ocidente, com câmeras fotográficas a tiracolo. As crianças nos rodeiam, curiosas, insistentes e o povo na calçada vem admirar os estrangeiros.

20 de maio de 2012

### TAJ MAHAL



Foto: Maurício Andrés

Um guia à frente indicava o caminho, contando fatos históricos, mas eu preferia observar sozinha o trabalho do mármore. Parece incrível que mãos humanas tenham esculpido e vazado a pedra dura, até formá-la numa janela de renda! Enxerga-se, por entre as frestas, a paisagem, lá fora, os jardins e lagos que circundam o prédio.

Estávamos no Taj Mahal, uma das maravilhas do mundo. O Taj Mahal é um grande mausoléu em mármore branco, construído pelo imperador Shah Jahan em homenagem à sua amada esposa Mumtaz Mahal, falecida em 1630.

De repente um som estranho, cristalino encheu o recinto. Parecia o coro de muitas vozes, mas era a voz de um indiano magro, que entoava o canto sagrado dos hindus. A grande torre circular parecia captar o som e devolvê-lo em forma de eco, e o mantra OM subia em espiral como uma revoada de pássaros e trombetas tocando. Meus ouvidos continuaram escutando por muito tempo esse canto estranho e suas vibrações se expandiam através das janelas de mármore

rendado. OM é a palavra sagrada dos iogues; segundo acreditam, tem repercussão cósmica. Entoado dentro do Taj Mahal, ele ressoava com a força de uma orquestra misteriosa, cujos acordes se perdiam no infinito. A música, de todas as artes, é realmente a que mais emociona. Atinge imediatamente a alma, provocando adesão instantânea. Sua comunicação é rápida: sensibiliza e conduz à ação. Desperta no homem o sentimento de amor ou de violência, de serenidade ou agressividade, de pureza ou erotismo. Ela dá impulso e faz mover o mundo. A intensidade mística do OM, rompendo o silêncio do Taj Mahal, puseram-me imediatamente em contato com a espiritualidade dos iogues. Neste momento, percebo claramente o papel da arte como purificadora da humanidade que se massifica. A música é a forma de expressar a saudade que temos do absoluto. Ela nos eleva a um plano superior, além das coisas criadas, iluminando-nos com a pureza dos santos e a alegria das crianças. Devolve-nos o sentimento de Amor Universal, integrando-nos ao mundo e ao cosmos.

1 de junho de 2009

## TAJ MAHAL II



Foto: Maurício Andrés

O Taj Mahal é conhecido internacionalmente como o mais belo monumento dedicado ao amor. Uma das maravilhas do mundo, o Taj Mahal é um grande mausoléu em mármore branco, construído pelo imperador Shah Jahan em homenagem à sua amada esposa Mumtaz Mahal. Falecida em 1630, por ocasião de seu décimo quinto parto, o Taj guarda os restos mortais do casal. Nele trabalharam artesãos e artífices vindos de várias regiões do planeta. O arquiteto que planejou o conjunto arquitetônico veio do Irã e, sob sua orientação trabalharam artesãos vindos da Itália e

da França, que se aliaram aos artistas locais. Sua construção teve início em 1631 e só ficou completa em 1653. O Taj Mahal representa a Índia, assim como a Torre Eiffel representa a França.

Shah Jahan tinha a intenção de construir um segundo Taj Mahal em mármore negro, uma imagem negativa do Taj branco, onde ele próprio desejava ser sepultado. Antes que ele embarcasse nesta outra construção, foi deposto por seu filho Aurangzeb. Shah Jahan passou o resto de sua vida no Forte de Agra, construído defronte ao Taj. Dali podia contemplar o Taj Mahal, onde estavam sepultados os restos mortais de sua amada esposa.

Um guia à frente indicava o caminho, contando fatos históricos, mas eu preferia observar sozinha o trabalho no mármore. Parece incrível que mãos humanas tenham esculpido e vazado a pedra dura, até transformá-la numa janela de renda! Enxerga-se por entre as frestas, a paisagem lá fora, os jardins e lagos que circundam o prédio.

De repente um som estranho, cristalino encheu o recinto. Parecia o coro de muitas vozes, mas era a voz de um indiano magro, que entoava o canto sagrado dos hindus. A grande torre circular parecia captar o som e devolvê-lo em forma de eco, e o mantra OM, subia em espiral como uma revoada de pássaros e trombetas tocando. Meus ouvidos continuaram escutando por muito tempo esse canto e suas vibrações se expandiam através das janelas de mármore rendado. OM é a palavra sagrada dos iogues, e segundo acreditam, tem repercussão cósmica. Entoadado dentro do Taj Mahal, ele ressoava com a força de uma orquestra misteriosa, cujos acordes se perdiam no infinito. A música, de todas as artes, é realmente a que mais emociona. Atinge imediatamente a alma, provocando adesão instantânea. Sua comunicação é rápida: sensibiliza e conduz à ação. Desperta no homem o sentimento de amor ou de violência, de serenidade ou agressividade, de pureza ou erotismo. Ela dá impulso e faz mover o mundo. A intensidade mística do OM, rompendo o silêncio do Taj Mahal, colocou-me em contato com a espiritualidade dos iogues. Naquele momento, percebi claramente o papel da arte como purificadora da humanidade que se massifica. A música é a forma de expressar a saudade que temos do absoluto. Ela nos eleva a um plano superior, além das coisas criadas, iluminando-nos com a pureza dos santos e a alegria das crianças. Devolve-nos o sentimento de Amor Universal, integrando-nos ao mundo e ao cosmos.

2 de junho de 2012

## ESTAR SÓ



Foto da internet

Relembrando o meu passado de viajante, selecionei esta página do meu diário em 1978.

“Estou sozinha e, por incrível que pareça, não me sinto só. Há um enfileirado de árvores em minha frente, bandos de pássaros pousam em suas ramagens e levantam voo em disparada. Posso escutar da minha varanda um concerto de pássaros. Sinto-me ligada a eles, estou livre, como um passarinho. Sou um desses pássaros, admiro tudo, porque tudo é novo em redor.

Não existe o ontem, nem lembranças ligadas ao passado. Existe o agora – Lá embaixo, vejo o movimento dos diversos blocos do hotel – homens de saíotes brancos, entram e saem. Aqui parece ser um dos hotéis mais frequentados de Madras. No alto do quarto o ventilador roda, e eu me ajoelho no chão para fazer a minha yoga. Neste momento eu me sinto ligada a tudo fazendo parte de um todo indivisível.

Andando pelos caminhos da Índia, eu me deixava guiar pela intuição. Sentindo as semelhanças existentes entre os povos e os contrastes gerados pelas diversas culturas, observando como essas culturas se comunicam, comecei a perceber que os seres humanos pertencem realmente a uma só e única família.” (Diário de Viagem à Índia, 1978)

2 de janeiro de 2017

## POR QUÊ ÍNDIA



Foto: Maurício Andrés livro Pepedro nos caminhos da Índia e Casamento Hindu – 2007.

Os fatos vão se encadeando, à medida que o tempo passa.

Agora posso tomar consciência de que eles estão interligados. Desde a infância, eu sonhava conhecer o outro lado do mundo e as histórias de Marco Polo e de Simbá, o marujo, que me fascinavam.

Depois, na adolescência, aquele veleiro colocado em minha casa, em BH, foi me revelando a aventura dos navegantes. Era um vitral colorido, transparente, que brilhava à luz do sol como um chamado. Ficava no meio da escada e eu sempre parava para contemplá-lo. Hoje o vitral, transportado para a minha casa no Retiro das Pedras, de frente para as montanhas, continua sendo a bússola na minha vida de artista plástica e pesquisadora. O símbolo da cruz me conduzia.

Um dia, a cruz da Via sacra se transformou num poste de luz e surgiram as “cidades iluminadas”. Foi preciso que a cruz mergulhasse nas águas para dali surgir o primeiro barco. Os barcos sempre estiveram associados à ideia das viagens.

O gestual começou em 1960, com o prêmio de desenho, quando deixei a linha e comecei o gesto. Meu gesto se estendeu para um espaço maior, deixou a terra para flutuar nas águas. A linha cedeu lugar a uma mancha mais larga e os postes de luz das cidades se transformaram em mastros dos veleiros.

Em 1961, uma viagem de estudos para os EUA foi me desvelando aos poucos o outro lado do mundo. De um lado o Oceano Atlântico, voltado para o mundo ocidental, de outro lado o Pacífico, trazendo do Oriente mensagens de paz. Muitos artistas faziam meditação, dentro do Yoga ou do Zen Budismo e o automatismo psíquico era incentivado na arte. O movimento hippie crescia na Califórnia. Alan Watts acenava para uma vida fora do consumismo e ele próprio morava num barco. Em 1970, fiz a volta ao mundo movida por uma forte intuição. Integrei um grupo de 60 assistentes sociais que se destinavam ao Oriente com a finalidade de visitar a Expo-70.

Nada é por acaso. Quando cheguei à Índia fui convidada a ficar mais uns dias, na embaixada do Brasil. Eu não viajava com o espírito de turista, levava comigo um caderno onde anotava tudo o que via com os olhos e o coração abertos para descobrir o novo em cada cidade, cada aldeia, cada estrada, cada pessoa humana.

Voltei à Índia várias vezes – associei o meu caminho das Índias aos navegantes portugueses. Particpei em 1983 do III Congresso Indo-português, passei por educandários pesquisando formas criativas de educação pela arte, registrei o colorido das ruas, os templos, descobri semelhanças e contrastes nas duas civilizações. Cada viagem me trazia de volta ao Brasil um pouco mais enriquecida.

As oportunidades aparecem para quem está aberto para realizar um trabalho voluntário, comandado pela intuição.

Às vezes, na Índia eu chegava no aeroporto e perguntava: “Para onde tem passagem?” Aquilo me permitia descobrir o inesperado, o não planejado.

Os planejamentos eram feitos a curto prazo, a partir das descobertas ou aparentes acasos. Esse aparente acaso me levou a Goa, parte da Índia colonizada pelos portugueses, onde desenvolvi um trabalho sobre a influência cultural entre o Brasil e a Índia, com a ajuda de um historiador goês, Dr. Antônio Menezes e alguns historiadores brasileiros. Daí surgiram publicações e palestras e até uma entrevista com Rajiv Gandhi, filho de Indira.

Outra oportunidade que a vida me ofereceu foi o contato com Rukmini Devi, diretora da Escola de Arte Kalakshetra. Desse contato resultou um convite para dar aulas de desenho naquela universidade. A experiência de dar aulas na Índia foi muito importante para mim.

Daí parti para palestras na Krishnamurti School de Madras e aulas de criatividade realizadas na Sociedade Teosófica. O contato com as crianças também me enriquecia.

O livro “Pepedro nos caminhos da Índia”, foi uma experiência muito positiva, de desenhar na rua, com crianças em volta querendo as canetas coloridas. Pepedro, na ocasião era uma criança de dois anos e se misturava alegremente com os indianos morenos.

Em 2007, Pepedro voltou à Índia e foi visitar os lugares onde o Maurício fez um trabalho comparativo entre o Brasil e a Índia. Lá chegando, aproximou-se das crianças da escola da aldeia de Kenchankuppe e doou uma biblioteca de livros infantis para a escola. Na foto, vemos o Pepedro cercado de crianças.

A vida é sempre transformação e reinvenção do que foi feito no passado.

“Nada se perde, tudo se transforma”.

29 de junho de 2011

## QUARENTENA NA ÍNDIA

Era a primeira vez que eu entrava na Índia pelo aeroporto de Bombaim, hoje denominado Mumbai. Acompanhava-me uma amiga da Ivana, Beth Cavalcanti, que desejava conhecer aquele país com alguém que tivesse experiência da língua e dos costumes.

Tudo me parecia normal, quando ouvi a voz da Beth gritando:

“Fica comigo, Maria Helena! Não me deixe sozinha!”

Eu ainda não percebera que haviam separado a Beth de mim e ela apelava para que eu a ajudasse.

Fui informada que Beth não poderia entrar na Índia sem a vacina da Febre Amarela.

“Espera aí, Beth, eu vou com você.”

Em frente, um grande painel mostrava o Mapa Mundi e alguns países banhados com tinta amarela.

Explicaram-me que o Brasil estava incluído e que a Beth não havia tomado a vacina contra a doença.

“Ninguém entra na Índia sem que o seu passaporte comprove a vacinação. Quem não foi vacinado tem de ficar de quarentena no hospital próximo ao aeroporto.

Acompanhei Beth sem hesitar um momento. Eu também ficaria de quarentena com ela. Chegamos ao nosso quarto do hospital de quarentena. Tudo arrumado para alojar 3 pessoas, 3 viajantes exaustos.

Eu e Beth não esperamos segunda ordem. Deitamo-nos cada uma em seu catre de hotel de emergência. Dormimos. Quando acordamos, uma outra viajante ali estava, ao nosso lado, sem trocar a roupa de viagem nem tirar os sapatos de bico fino.

“Vocês dormiram demais, devem ter tomado algum calmante para dormir”.

Abri os olhos e reparei melhor a nossa vizinha. Ela estava horrorizada e revoltada.

“Estamos aqui porque não tomamos a vacina e eles não querem que a febre amarela entre no país...”

Eu tentei convencê-la, mas ela não concordou.

“Não adianta discutir nem chamar a Embaixada do Brasil. Eles não deixam entrar no país sem vacina!”

A viajante era uma carioca, dona de boutique e estava com 3 malas para comprar roupas e bijuterias na Índia.

Mas, assim como chegou, voltou. Ligou para o aeroporto e voltou para o Brasil no primeiro voo.

Nós duas continuamos no isolamento.

A sala de almoço era um refeitório onde se reuniam pessoas de diversos países do mundo, retirantes do mesmo infortúnio ou da mesma ignorância.

Tinham em comum o fato incontestável: eles não estavam vacinados e isto poderia ser comprovado no passaporte!

Muitas pessoas choravam, outras rezavam.

Tive pena de uma família que iria participar de um casamento. Compraram roupas novas, levavam presentes. Mas, devido ao descuido de não terem tomado a vacina, ficaram no isolamento.

Foi quando eu combinei com Beth de fazer aulas de criatividade com aquele grupo tão desolado.

Distribuímos papéis, lápis, canetas para eles desenharem um casamento na Índia, já que não poderiam participar.

As aulas se estenderam nos dias seguintes com a participação até dos guardas.

Fizemos danças, imitando uma variedade de bichos, cachorros, gatos, pássaros, cisnes, elefantes, onças, leões...

Com a participação coletiva nos eventos criativos, todos se acalmaram.

Os dias se tornaram mais curtos e leves!

E foi assim que entramos na Índia depois de uma semana de isolamento!





\*Fotos da Internet

29 de maio de 2021

## CARTAS DA ÍNDIA I

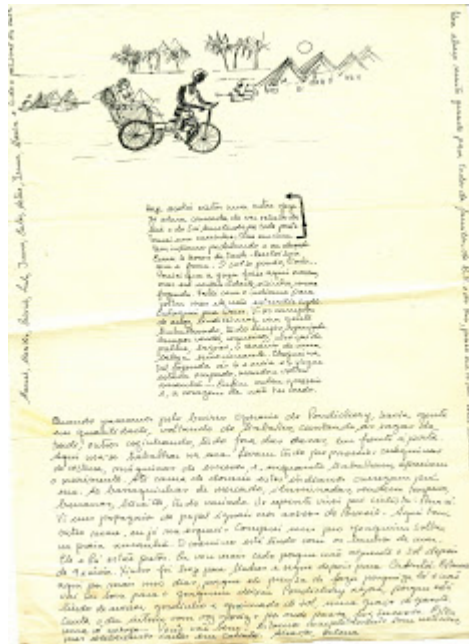


Foto de arquivo

Das minhas memórias, recolhi as cartas que foram enviadas a meus familiares.

“Mamãe, Marília, Paixão, Ivana, Euler, Artur, Isaura, Maria e todo o pessoal da casa, Hoje resolvi visitar uma outra Yoga. Tomei um carrinho: olha em cima um indiano pedalando e eu olhando. Eram 6 horas da tarde. Resolvi sair com a fresca. O sol se pondo, lindo... Pensei que o Yoga fosse aqui mesmo, mas era noutra cidade vizinha, numa fazenda. Falei com o indiano para voltar, mas ele não entendia inglês. Entreguei para Deus.

Vi os campos de arroz lindíssimos, com gente trabalhando, tudo limpo, organizado. Campos verdes, coqueiros, choças de palha, lagoas, o cenário de uma beleza emocionante. Cheguei na tal fazenda às 6 e meia e o Yogue estava ocupado, mandou voltar amanhã... Enfim, valeu o passeio e a coragem de não ter medo.

Quando passamos pelo bairro operário de Pondicherry havia gente em quantidade, voltando do trabalho, cantando as rags da tarde, outros cozinhando, tudo fora das casas, em frente à porta. Aqui usa-se trabalhar na rua. Levam tudo para o passeio: máquinas de costura, máquinas de escrever e, enquanto trabalham, apreciam a rua.

As barraquinhas de mercado, iluminadas, vendem temperos, bananas, biscoitos, tudo variado. De repente virei para o ciclista: “Para aí!” Vi uns papagaios de papel iguais aos nossos do Brasil. Aqui tem outro nome, eu já me esqueci. Comprei um para o Joaquim Pedro soltar na praia amanhã. O menino está lindo com os banhos de mar. Ele e a Pá estão pretos. Eu vou mais cedo porque não aguento o sol depois de nove e meia. Maurício foi hoje para Madras e segue depois

para Calcutá.

Estamos aqui por mais uns dias, porque ele precisa fazer pesquisa lá e não vai ser bom para o Joaquim deixar Pondicherry agora, porque está lindo de morrer, gordinho e queimado de sol, uma graça de garoto. Canta o dia inteiro com a voz grossa e por onde passa faz sucesso.

Estou uma avó coruja... Vocês vão bem? Estamos completamente sem notícias, mas receberemos cartas em Calcutá.

Abraços,

Helena.” (Carta de 1978)

3 de julho de 2017

## CARTAS DA ÍNDIA II



Foto de arquivo

"Para Maria Regina, Azulino, Paulinho, Adriana, Joana, mamãe”.

Maria Regina e Azulino.

Vocês receberam as minhas cartas desenhadas?

Estou ainda tentando síntese Oriente – Ocidente com estas cartas, unindo o meu desenho ao deles. Tive notícias atrasadas daí, mas espero que tudo esteja bem agora.

Seguimos para Madras dia 17.

As cartas podem ser mandadas para Bangalore mesmo, no mesmo endereço. Estamos

esperando Eliana em Délhi. Visitamos Madras e Auroville enquanto o Maurício está em Calcutá.

E vocês, já mudaram? Aqui a temperatura está ótima, nem frio, nem quente. Tomei aulas diárias de Yoga, para o equilíbrio psicossomático e homeopatia, que aqui é bem adiantada. Estou me recuperando aos poucos dos choques sofridos no Brasil.

Abraços saudosos,

Helena." (Carta da década de 70)

17 de julho de 2017

### CARTAS DA ÍNDIA III

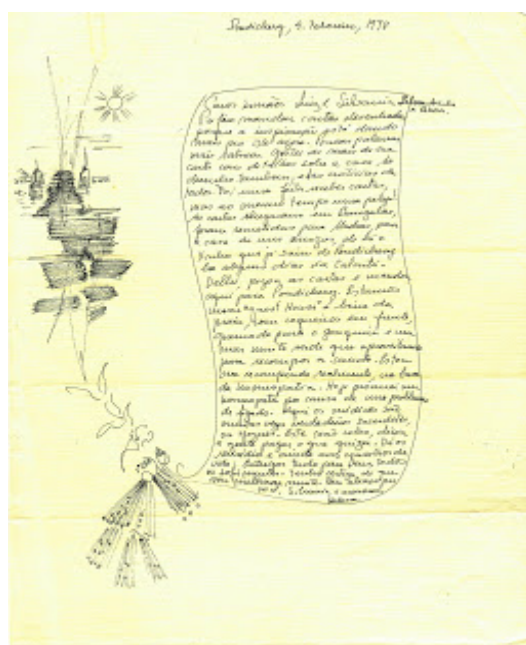


Foto de arquivo

Caros irmãos Luiz e Silvana, Silvaninha e Sabrina,

Prefiro mandar cartas desenhadas porque a inspiração está dando mais para isto agora.

Poucas palavras, mais rabiscos. Gostei demais de sua carta com os detalhes sobre a casa, do desenho também, e das notícias sobre todos.

Foi uma festa receber cartas, mas ao mesmo tempo uma peleja! As cartas chegaram a Bangalore, foram remetidas para Madras para a casa de uns amigos de lá o Maurício, que já saiu de Pondichery há alguns dias via Calcutá-Délhi, pegou as cartas e mandou aqui para Pondichery.

Estamos num "guest house" à beira da praia com coqueiros em frente, gramado para o

Joaquim, e um mar muito verde que aproveitamos para recompor a saúde.

Estou me recompondo realmente na base da homeopatia. Hoje procurei um homeopata por causa de uns problemas de fígado. Aqui os médicos são muitas vezes verdadeiros sacerdotes, ou yogues. Este não cobra, deixa a gente pagar o que quiser. Dá os remédios e ainda uns conselhos de vida. Entregar tudo para Deus, todos os sofrimentos. Tenho certeza de que vou melhorar muito.

Um abraço para você, Silvana e meninas,

Helena (Carta da década de 70)

24 de julho de 2017

### CARTAS DA ÍNDIA IV



Fotos da Internet

Querida filha,

Assistimos à escolha do papa. Foi tão comovente! Uma lua vermelha subindo devagar, os cardeais também de vermelho e o papa sorridente, de braços abertos parecendo abraçar o globo terrestre. Foi um choque, a escolha do polonês, mas Maurício e eu vibramos de alegria. No meio da confusão uma senhora velha desmaiou. Houve gente em quantidade para socorrê-la. Ela na maca, desmaiada, segurava a peruca e a bolsa. Achei engraçada a situação.

O lado bonito da hora, a emoção do papa polonês, 300.000 pessoas olhando a Basílica de São Pedro, o Espírito Santo descendo, a lua subindo vermelha e se tornando cada vez mais branca no alto do céu, a cara dos italianos quando souberam do Papa polonês, e a tal senhora desmaiada segurando a peruca. Não é engraçado o mundo?

Tudo acontecendo ao mesmo tempo, de uma só vez. Quando a gente não se envolve, curte

tudo. A tática é ser realmente parte do todo e às vezes se enxergar com os olhos dos outros, como eles nos vêem. É bom porque os pontos de vista são variados.

O Euler está feliz no quartinho e as opiniões variam – os velhos morrem de pena dele e os novos morrem de inveja... Enquanto isto ele está como quer, rede no quarto, geladeira embaixo, luzinha azul para descansar a vista quando chega, independência.

Encontrei a casa do Retiro linda, toda arrumada e o Euler tocando a Barrinha para a frente. Reformas na casa do Seu Antonio, reformas na casa central que afundou o chão de cupim. Minhas rendas estão indo todinhas para lá e eu, se quiser voltar à Índia, terei de ajuntar uns cobres. Mas tenho a faca e o queijo na mão, é só pintar. Não vou fazer quantidades de quadros, mas o que fizer cobro caro.

Abraços saudosos. Um beijo muito grande nos amigos (mande endereços). Abração na Melodia, no Rubem – Sara, na Erika, na Jacy, Norma, etc. Vou escrever ao Kalakshetra quando decidir a não ida em janeiro. Deixo a vida resolver e é melhor.

De sua mãe,

Helena (Carta do Brasil para Eliana, que ficou na Índia)

7 de agosto de 2017

### CARTA PARA MARÍLIA E PAIXÃO



Foto de arquivo

Marília e Paixão,

Para vocês dois o meu abraço muito amigo aqui de longe da Índia, mas muito perto em pensamento.

Estou vendo coisas tão diferentes que às vezes fico pensando se será possível mesmo. Há famílias de macacos pelas ruas, vacas andando como se estivessem no pasto, gente vestida como se fossem para um baile de gala, tudo somado à pobreza, à religião e à ecologia. Nos grandes templos cada guru defende a sua imagem, isto é, cada imagem de deusa ou deus é guardada por um homem vestido de branco, que coloca um pó vermelho na testa da gente. Fiz um turismo lindo por Mysore, perto daqui. Templos maravilhosos, prédios de mil e uma noites...

Vocês deviam vir, escrevam para o embaixador da Índia, é bem interessante um pouco de permanência aqui para a gente refletir e ver coisas. Os choques dão um grande aprendizado de vida e a gente é constantemente despertada com o novo.

Ontem fiz tantos exercícios na minha yoga, que hoje estou em casa de repouso.

Abraço para vocês e para a Lula.

Helena

Resolvi fazer meus desenhos entrosarem com os deles.

14 de agosto de 2017

### **CARTA DA ÍNDIA PARA MARÍLIA**



Foto: Mauricio Andrés

Encontrei nos meus arquivos esta carta dirigida à Marília em 1978.

Marília,

Recebi sua carta. Aliás chegaram muitas, a do Euler, da Ivana, de mamãe, das tias Lourdes, Myrtes, Marília Paleta.

Estou sentada, na comunidade de Bangalore, num quartinho sossegado. Muito passarinho cantando e ar fresco, a 25 graus. Em Delhi passei pela experiência mais quente de toda a minha vida!

Vim do Nepal a fim de entrar em contato com a embaixada para a extensão do meu visa. Eliana não quis vir comigo por causa do calor, mas na última hora, apareceu uma amiga dela, francesa, também com urgência de ir a Delhi. Fomos juntas. O calor era tal que não dava para imaginar, só sentindo. Chegou a 48 graus!

Quase torramos. Aluguei um quarto com ar-condicionado, mas acho que o meu karma era sofrer calor. Houve uma greve, cortaram energia, luz, ventilador, ar-condicionado, água fria, tudo de uma vez. A cabeça da gente ameaçava fundir.

Fomos dormir na “boate” do hotel, num lugar que havia ainda um pouco de ar-condicionado. Na nossa frente víamos dois dragões enormes, fosforescentes, pintados no biombo em frente.

No dia seguinte vim para Bangalore. O avião estava tão quente, que tivemos de descer em Agra para refrescar um pouco. A gasolina evaporou com o calor. Só de noite seguimos viagem. Nessas situações, o melhor é não esquentar a cabeça...

Um jornalista ao meu lado, estava desesperado dentro do avião – “Estou acostumado com ar-condicionado o dia todo...”

O melhor é embarcar na situação. Resolvi então aplicar o pensamento positivo. “Na minha terra, muita gente paga para entrar num lugar quente, chamado “sauna”, para tirar as toxinas ou emagrecer...” O único recurso era este, da autossugestão. Consegui melhorar o meu vizinho com a ideia da sauna.

Chegamos a Bangalore à noite. 25 graus! Quem entende a Índia? Neste momento em Madras 43, 44 graus. E em Kashmir há neve...

Nepal é lindo, Marília, vale a pena ir lá. Gente boa, agradável, risonha, cantando o dia todo. Até para pedir esmola cantam. Não são insistentes. Vão de casa em casa, tocando um instrumento parecido com viola, cantando canções lindas. Ganham mantimentos e dinheiro. É agradável ouvi-los. As montanhas são plantadas em patamares como no Peru. Há neve no alto dos Himalaias e de manhã a gente acorda para ver o deslumbramento: o sol nascendo por detrás das montanhas cobertas de neve. Há búfalos nadando nos rios e lagos, muita paz, de clima ótimo.



Continuo trabalhando. É a única maneira de aceitar as mudanças, os choques do ano passado. Minha pesquisa talvez seja aceita pelo governo indiano. O livro da Pá vai ficar lindo, estamos caprichando. Ele irá dar uma ideia boa de todas as nossas experiências, e estimular pessoas a desejarem ver este outro lado do mundo.

Um abraço.

Cuide do neném.

Abraços ao Paixão.

De sua mãe, sempre presente,

Helena.

7 de maio de 2018

### CARTA DA ÍNDIA PARA IVANA

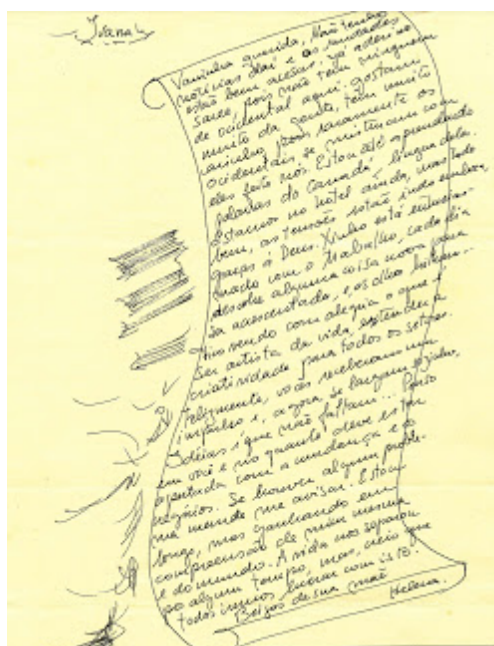


Foto de arquivo

Vaninha querida,

Não tenho notícias daí e as saudades estão bem acesas.

Já aderi ao sári, pois não tem ninguém de ocidental aqui. Gostam da gente, têm muito carinho, pois raramente os ocidentais se misturam com eles feito nós. Estou até aprendendo palavras da língua deles. Estamos no hotel ainda, mas tudo bem, as tensões estão indo embora,

graças a Deus. Maurício está entusiasmado com o trabalho, cada dia descobre alguma coisa nova para ser acrescentada, e os olhos brilham.

Fico vendo com alegria o que é ser artista da vida, estender a criatividade para todos os setores. Felizmente vocês receberam um impulso, agora se largam sozinhos. Ideias é que não faltam...

Penso em você e no quanto deve estar apertada com a mudança e os negócios. Se houver algum problema mande me avisar. Estou longe, mas ganhando em compreensão de mim mesma e do mundo. A vida nos separou por algum tempo, mas creio que todos iremos lucrar com isto.

Beijos de sua mãe,

Helena

26 de novembro de 2017

### CARTA DA ÍNDIA PARA O EULER



Fotos de arquivo

Euler,

Este desenho é para você lembrar que se puser um turbante vira indiano mesmo. Sua carinha foi lembrada ontem na rua, quando passou um igualzinho a você. Tá vendo!

Você que gosta de bichos, deveria ver o quanto eles são livres aqui. De repente passa uma vaca, vários bezerros e o trânsito para. Macacos nem se fala, são familiares. Acho que o curso de

veterinária deve ser melhor que o daí. Quem sabe você também ainda aparece?

Estamos curtindo as cartas. Xinho prega os selos e eu desenho. Como é gostoso fazer síntese Oriente – Ocidente sem preocupação de vendas etc.

O legal é fazer como eles, bordar as cartas. Se vocês quiserem guardar de lembrança, só passando a ferro.

Um abraço,

Helena

20 de novembro de 2017

### CARTA DA ÍNDIA PARA ARTUR I



Foto de arquivo

Caro filho Artur,

Escreva-me contando notícias daí. Tenho descansado bastante, lido e investigado aos poucos o mistério deste povo. São tão carinhosos com a gente aqui no hotel. O povo é simpático, tem sempre um sorriso cordial para os ocidentais como nós, entrosados com eles. Escuto música oriental aqui no quarto mesmo e meu professor de yoga toca “veena” todas as tardes e canta “ragas”. Suas aulas são dadas no terraço da casa, com macacos pulando nos coqueiros...

Resolvi escrever sem condicionamento as minhas cartas. Dá mais trabalho para ler, mas, para que ter pressa? Este negócio de pressa só serve para apressar a gente à toa. Acho melhor desenhar e bordar as cartas. Por enquanto minhas tintas estão guardadas, não pinte nada.

Um abraço,

Helena

5 de dezembro de 2017

## CARTA DA ÍNDIA PARA ARTUR II



Fotos de arquivo

Caro filho Artur,

Descobri este jeito de unir meu desenho com estes papéis indianos, fazendo síntese Oriente – Ocidente.

Tudo bem, por aqui. Faz parte da minha yoga ouvir um pouco de música num instrumento bonito, os mantras ajudando a gente a relaxar e encontrar a paz interna. Meu professor conhece um mestre de flauta em Madras e já está procurando se informar de alguma coisa para você no futuro.

Como vai de Retiro das Pedras? Escreva contando notícias daí, se está tudo bem.

As flores daqui são as mesmas daí. Dá muito buganvila, o coqueiro, cravo de defunto e todas essas florzinhas amarelas do Retiro.

Uma coisa maravilhosa é o espaço. Há espaço nas praças, nos parques, as cidades crescem em horizontal, poucos prédios, nenhuma especulação imobiliária.

Krishna e Radha, famosos deuses do amor estão aí para ajudar vocês.

Um beijo de sua mãe,

Helena

11 de dezembro de 2017

### CARTA PARA MARIA ÂNGELA MAGALHÃES



Foto de arquivo

Ângela,

Foi pena realmente você não ter vindo.

Em Goa, gostaram da minha palestra, estou de visita oficial – com carro à disposição para visitar os lugares mais difíceis que a gente leva tempo para alcançar como turista.

Hoje repeti a palestra em Bangalore, depois falarei em Madras, Bombay, Délhi.

Experiência nova, novos amigos.

Minhas palestras:

“Brasil e Índia, fruto dos trópicos; influência portuguesa; semelhanças no comportamento, no povo, nos costumes.”

Os indianos são muito irmãos nossos, começo a entender o meu processo.

Chegando aqui, ficando um mês num ashram, reunindo energias, despertando o Kundalini, para agora ter coragem de falar em público na Índia!

Abraços, saudades,

Helena

21 de agosto de 2017

## CARTA DE MARIA HELENA PARA A MÃE NAIR



Fotos de arquivo

Bangalore 14 de julho de 1977

Querida Mamãe,

Vai este retrato do Maurício que é seu afilhado além de neto – para matar saudades.

Muito boa a atuação dele aqui, com aquela paz e cordialidade, sem esquentar cabeça, trazendo luz para tanta coisa, muito importante realmente!

Estou empenhada agora no trabalho Arte e Educação, e cheguei à conclusão de que ele era mais importante do que o painel do Instituto Raman. Vou desistir dele.

Se o governo da Índia e o governo do Brasil estão interessados na pesquisa é melhor trabalhar para os dois países. Aliás, é interessante correr escolas, ver de perto o modo como lidam com as crianças, a forma de educar o povo. Em Bangalore, o Museu de Ciência tem dois ônibus enormes, levando instruções científicas para o povo do interior, que não pode vir às cidades. De aldeia em aldeia, ensinando através de pequenos cenários tipo “presépio do Pípiripau”, mostrando a evolução da ciência desde a idade da pedra até a era dos foguetes – confesso que fiz um verdadeiro curso aqui nesses museus, e tudo sem esforço, sem nota, aprendendo com a liberdade, como diz o diretor do museu.

Tenho viajado sempre para Madras, onde está a Eliana. Pensamos muito em você, mamãe,

iria adorar o lugar. É situada dentro de um parque enorme, comida ótima, muita gente nova e gente idosa andando de bicicleta. Quem não sabe andar, anda de “riquixá”, uma espécie de charrete, tendo à frente bicicleta.

Quem sabe você poderia vir com os aluguéis etc.?

Agora tudo está mais fácil, do momento em que se compreende as semelhanças do mundo.

Há tanta gente boa aqui...

Um abraço grande pelo dia 10 da filha,

Helena

19 de setembro de 2017

### CARTA A MÃE NAIR - NAS RUAS DE DELHI



\*Fotos de arquivo e da internet

Querida mamãe, filhos e netos

Estamos no Central Court Hotel, no centro de Delhi – depois de uma viagem demorada, com atraso por causa da neve em Nova York.

A chegada à Índia foi cansativa, com permanência de algumas horas em Frankfurt.

De início visualizamos um acampamento de pastores de búfalos ao lado do *Red Fort*. Ali o ser humano é da cor do búfalo e se veste também com roupas de um preto acinzentado, triste, pobre e sem cor. Lá dentro do Forte, a beleza tranquila feita em tempos antigos, onde pudemos fotografar semelhanças com as decorações nossas do barroco. O barroco também nas sacadas e ruelas de *Old Delhi*, um pouco das origens de Ouro Preto na Índia.

Saímos com máquina a tiracolo, vendo detalhes através das lentes da Pentax. Havia greve no dia, os restaurantes estavam fechados, mas nas ruas o povo se atropelava a pé, de charrete, *rickshaw* – taxi, aquela vida intensiva e barulhenta da Índia.

O movimento, a cor e o som caracterizam estas aglomerações não só da cidade antiga como da nova. À noite, luzes e sons novamente. Já não são aqueles que vimos no *Red Fort* quando chegamos, espetáculo turístico sobre a história da Índia – onde a gente sente o impacto das conquistas, das construções de mesquitas, das festas reais, dos haréns e jardins coloridos.

Agora o colorido é nas ruas à noite, devido a um casamento. Guardas vestidos de vermelho, banda de música, tablas, tambores, cornetas, homens dançando com outros homens, mulheres seguindo o cortejo vestidas de sáris fosforescentes – o noivo sobre um cavalo coberto com pedrarias.

Em Delhi os casamentos começam na rua e continuam nas barracas cobertas com tapetes persas e iluminadas com lâmpadas coloridas.

Ficamos paradas observando e acabamos também sendo convidadas para a festa, tendo de comer com pimenta um prato enorme cheio de variedades. E beber laranjada com sal.

Estou revendo coisas, observando fatos, anotando, lembrando.

Os estudos das origens do barroco continuam de pé. Hoje vamos nos encontrar com Fernando e Lucia Machado de Almeida e traçaremos juntos o roteiro da viagem. Talvez iremos seguir de trem via Agra, Jaipur, Mount Abu, Bombaim, Goa, Bangalore e Madras.

Ferolla e Cláudia estão muito amigos. Observamos juntos as belezas da Índia.

Abraços saudosos,

Helena.

10 de junho de 2019



## CARTA À MÃE NAIR – SAI BABA E INDRA DEVI



\*Fotos de arquivo e da internet

Bangalore, 17 de março de 1978

Querida mãe,

Sua carta com notícias ótimas, nos deu muita alegria. A gente de longe fica louca por notícias. Agora, Bangalore de novo, numa comunidade protestante. Estamos amigas, Eliana e eu, das irmãs daqui. De manhã tocam o sino e a gente se reúne para cantar e rezar a Bíblia. Cada dia uma das irmãs ocupa o lugar de ministro e explica para as outras os textos do Evangelho. Estão ligadas à linha de São Tomé, que foi o discípulo de Cristo que emigrou para a Índia. São Tomé foi aquele

discípulo que precisou tocar as chagas de Cristo para acreditar na ressurreição.

A Índia é o paraíso de pessoas de idade. São muito valorizadas, tratadas como sábias, ninguém pensa em caduquice. Acho que caduquice é a própria pressão de fora, exigindo que a gente envelheça. Estou observando muito os costumes do país e o Maurício, de tanto pesquisar, já está compondo um livro sobre o assunto. O livro inclui um estudo comparativo dos dois países, interessantíssimo. A parte de educação e arte ficou por minha conta e tenho me virado e me distraído com isto. Chego nas escolas, me levam para conhecer tudo.

Ontem estivemos em White Fields, perto daqui, onde mora Sai Baba, um guru muito famoso. Ele é um homem com uma aura maravilhosa e um poder incrível. Materializa as coisas. Num casamento, fez aparecer joias nas mãos da noiva e, se o devoto olha com atenção para o seu retrato, começa a escorrer mel da figura. Por causa dos milagres o povo corre para lá. Uma de suas maiores devotas é Indra Devi, uma senhora de 80 anos, nacionalidade russa, que morou 16 anos no México, numa casa de 35 quartos, um palácio. Ela está morando aqui e nos convidou a conhecer o seu grupo de Yoga. Estávamos assistindo uma palestra em Bangalore, onde ela era a pessoa principal. Eu estava de sári, mas com a minha cara de brasileira, logo veio a pergunta: “De onde você veio?” Abraçou-me como se fossemos velhas amigas.

Ela tem um ar de D. Malisa, aquela alegria e espontaneidade. Costuma reunir crianças pobres da vila, dá roupas, cadernos, comida para eles. Está agora ensinando yoga, música. Se houver oportunidade, talvez a gente ajude um pouco com a pintura. Voltamos de lá boquiabertas. Ela tem uma força incrível. Tem 80 anos com a alegria e espontaneidade de uma adolescente. Cheguei à conclusão de que o importante é a gente alcançar esta alegria, esta vontade de viver, de ajudar, de fazer coisas e trazer também aos outros à nossa volta, estes pensamentos e ações positivos.

Quando entra o negativismo é melhor afastar e aprender tudo de novo. Estou aprendendo muito aqui. A bondade do povo, a maneira hospitaleira com que nos recebem, o nível cultural e artístico elevadíssimo e não competitivo. A arte serve para educar o povo, como nas antigas sociedades. Museus, teatros, dança, música, pintura, tudo pertence a um todo onde os livros sagrados são a fonte e a inspiração.

Nesta tarde em White Fields as crianças cantavam e nós acompanhávamos batendo o compasso.

Indra Devi estava recebendo novos alunos: oito cegos fazendo yoga, respirando, relaxando, concentrando. Ela estava eufórica de poder ajudar os pobres e os cegos. Hoje iremos voltar a White Fields ver Sai Baba e assistir as aulas de Indra Devi.

Mamãe, cheguei à conclusão de que você vai adorar a Índia. Prepare-se, você está muito forte por dentro, tem muita vida, a cabeça é jovem. Não pode deixar de conhecer este país.

Um abraço saudoso, da filha,  
Helena

19 de junho de 2019

**CARTA À MÃE NAIR - AULAS NO KALAKSHETRA**



Mamãe querida,

Descobri que a gente, quando tem energia, não pode ficar à toa, tem de trabalhar, senão endoidece. É o que eu estou fazendo, laborterapia. Trabalho feito com amor, dentro de um campo que a gente goste – Deixar que Deus mostre o caminho e Ele, um dia, nos mostrará claramente.

Meu caminho é continuar o que já comecei há oito anos. Aprofundar o livro “Os caminhos da Arte”. Primeiro foi feita a síntese, recebida de inspiração, numa madrugada. Juntei arte, religião, ecologia, educação, psicologia. Fiz o que pude dentro de minhas limitações, e já ouvi dizer que o livro tem sido proveitoso para muita gente.

Agora estou aprofundando a parte de educação no Oriente. A vinda para a Índia foi inspirada. Tive um convite para lecionar na melhor escola de arte da Índia. Chama-se Kalakshetra. É uma escola fundada há 44 anos por uma senhora chamada Rukmini Devi. Ela deve ter 75 anos de idade e dirige a escola. Convidou-me para dar um curso lá em janeiro e fevereiro. Este curso é importantíssimo para a minha pesquisa e não posso perder a oportunidade.

Minha pesquisa vai se transformar em artigo de jornal. É o jeito de tornar mais conhecido este lado de cá.

Aqui na comunidade onde estou, acordo cedo, vou de bicicleta até a praia, tomo meu chá e trago o mingau para Eliana na marmita. Estamos no alojamento de estudantes porque é mais barato. Já me acostumei a morar apertado, sem conforto. Simplificar a vida. Hoje dei uma aula de arte para 25 crianças pobres sustentadas pela Sociedade Teosófica. Deliraram. Primeiro imitamos os bichos da Índia, depois desenharam.

Mamãe, sua filha virou diplomata. O meu trabalho não é só pesquisa, mas é também relações internacionais. O mundo precisa se conhecer melhor e estamos aqui para levar ao Brasil um pouco da Índia e trazer um pouco do Brasil para a Índia.

Se você estiver melhor, poderia vir também, quem sabe?

No Brasil combinaremos,

Um abraço saudoso da

Helena.

24 de junho de 2019

## CARTA DA ÍNDIA PARA A FAMÍLIA I



Foto de arquivo

Todos vocês,

Pensando em todos. Estamos longe, mas muito perto. Quando vemos coisas lindas, nos lembramos de vocês. Seria tão bom se pudéssemos ver tudo isso juntos!

Estamos voltando de um casamento indiano. Entramos de penetra, Eliana e eu, atraídas pelas luzes e a música. O noivo entrava a cavalo, com turbante, feito um príncipe de mil e uma noites. O cavalo todo coberto de mantas bordadas de pedrarias. Tudo brilhava em volta. As árvores com luzinhas como árvores de Natal, as mulheres com sáris bordados de dourado e contas. Fomos entrando, de calças compridas, máquina a tiracolo, sem perceber que estávamos completamente fora do ambiente. Mas os indianos são amabilíssimos com os estrangeiros. Participamos da festa, ofereceram-nos frutas, doces, café e laranjada com sal!

“Vê se arranja uma sem sal pra nós, pedimos ao garçom”. Fizeram uma especial. Cercaram-nos, queriam saber como são os casamentos no Brasil, se os noivos vão morar com os pais. Aqui fazem “Joint Family”.

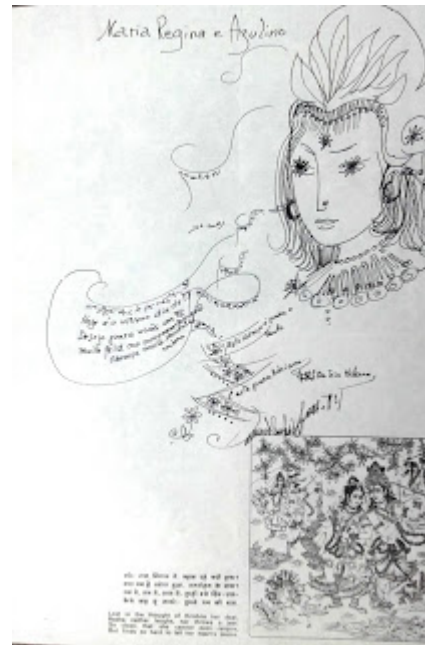
Mas é tudo tão diferente que nem dá para explicar, só vendo. A noiva vem de vermelho, recebe guirlandas de rosas, flores amarelas. Depois sentam-se os dois no chão, debaixo de uma tenda de flores e os convidados sentam-se também sobre tapetes persas. O padre canta, as senhoras cantam. Os noivos comem, bebem, um fogo aceso no chão, vários potes com folhas e sementes. O casamento se realiza quando amarram a faixa do noivo no sári da noiva. Os pais

também amarram os dedos. As famílias estão juntas. Correm potes cheios de rupias e amarram o dinheiro na faixa do noivo (para ter sempre cheio). A gente não entende nada. É deslumbrante, cheia de imprevistos esta festa de casamento... Vou despedir, são quase três horas da madrugada. A festa terminou às duas e é aqui no hotel onde estamos.

Abraços,  
Helena

19 de dezembro de 2017 e 2 de janeiro de 2018

### CARTAS DA ÍNDIA À FAMÍLIA II



Fotos de arquivo

Transcrevo abaixo cartas da Índia para minha mãe Nair, minha irmã Maria Regina, e para os filhos que ficaram.

CARTA 1:

Maria Regina e Azulino,

Hoje é o último dia de 77. Desejo para vocês um 78 muito feliz no novo apartamento.

Abraços muito saudosos,

Helena

Este abraço é para o Paulo

E este é para a Adriana.

CARTA 2:

Para mamãe,

Da Índia, um abraço saudoso da filha Helena.

CARTA 3:

Marília, Paixão, Ivana, Euler e Artur,

Para Marília e Paixão, com saudades.

Para Vaninha querida, neste Ano Novo da Índia.

Para o Euler, sempre lembrado.

E o meu Tuzinho, meu beijo de cá de longe.

Com Krishna e Radha, meu abraço de Boas Festas.

Todos juntos lembramos o Brasil

2 de janeiro de 2018

### CARTA DA ÍNDIA PARA A FAMÍLIA III



Fotos da internet e de arquivo

22 de dezembro de 1977

Estamos pesquisando contrastes e semelhanças entre a Índia e o Brasil. Isto faz parte do estudo do Maurício, mas podemos ajudá-lo na parte de arte e artesanato e na observação dos costumes.

O artesanato é a via artística mais diretamente ligada à alma do povo, aos seus costumes e tradições. O artesanato hindu é riquíssimo e abrange uma dimensão bem grande dentro de uma variedade de concepções estéticas que muitas vezes, espontaneamente se aproximam das nossas. Vamos descobrindo coisas. Aquele elefante de palha em casa do secretário da embaixada, nos lembra também outros bichos de palha, tecidos pelas mãos dos chilenos, no outro lado do mundo. Há talhas de madeira, com formas humanas rebuscadas como os trabalhos de GTO (Geraldo Teles de Oliveira), há colares de prata semelhantes aos nossos trabalhos de Tiradentes. Hoje vi no Museu de Arte Moderna, desenhos parecidos com os de Marília e outros com os desenhos de Ivana. Uma das pinturas, uma grande Mandala, faz lembrar meus próprios quadros. Isto nos faz conscientes de que as inspirações dos artistas se assemelham, colhemos ou captamos vibrações semelhantes em regiões diversas do mundo.

Existe a separação criada pela distância e a língua, mas as manifestações mais profundas da alma são semelhantes entre os seres humanos.

Um grande abraço e muitas saudades,

Sua mãe

Helena

10 de fevereiro de 2018



# CARTA PARA FREI ROSÁRIO



\*Fotos de arquivo

A carta abaixo, dirigida ao Frei Rosário em 1996, é um documento do que ele aspirava

realizar na Serra da Piedade: uma biblioteca ecumênica, reunindo os livros mais importantes das várias religiões do mundo. Resolvi publicá-la porque esses livros se destinam a todas as pessoas interessadas no assunto. Frei Rosário era uma pessoa muito à frente do seu tempo.

Belo Horizonte, 8 de setembro de 1996

Frei Rosário,

Os livros que o senhor nos encomendou acabaram de chegar da Índia. Viajaram seis meses num navio cargueiro, reconquistando o caminho das Índias, como fizeram no passado os portugueses.

É de grande importância relatar todo o processo desta pesquisa, desde o incentivo que o senhor nos deu quando nos incumbiu de trazer para o Ocidente, os livros sagrados da Índia. Neste momento as suas palavras nos chegam aos ouvidos:

“Gostaria de fazer da Serra da Piedade um centro de estudos para o Terceiro Milênio. Este lugar foi destinado por Deus para o encontro do Oriente com o Ocidente, um lugar de paz, longe do barulho das cidades, no alto das montanhas que cercam Belo Horizonte...” Uma biblioteca ecumênica facilitaria o encontro com os vários caminhos espirituais.

Foi com muito respeito que nos dispusemos a cumprir nossa missão.

Seria uma contribuição para a humanidade, trazer a sabedoria do Oriente para o alto das montanhas de Minas Gerais, um trabalho de pesquisa ao qual nos dedicamos com muito amor e coragem.

Desde nossa chegada à Índia, nosso objetivo principal era encontrar os livros e neste momento procuro rememorar os lances de nossas pesquisas e as dificuldades que encontramos no caminho.

De início, indicaram-nos a cidade de Benares como a principal guardiã destes livros sagrados.

Procuramos informações com professores da Universidade de Sânscrito, editores e filósofos, que se alegraram com a possibilidade de um padre católico se aproximar deles em busca de paz e harmonia.

Na Índia, as pessoas que se aprofundam nos estudos dos Vedas e Upanishads, são seres especiais próximos de Deus e da sabedoria universal.

Os padres católicos, mergulhados na contemplação, também encontram o mesmo estado

de união com Deus.

Conduzidas por esse incentivo, seguimos caminho pelas estradas poeirentas da Índia, percorrendo os becos de Benares, mergulhando no meio da multidão que se acumula nas ruas, na hora do “rush”.

Tínhamos o endereço de uma editora, situada no meio da confusão de Benares. Passamos por bicicletas, charretes, tentando abrir caminho entre as pessoas, seguindo em frente, conduzidas pelo guia. Depois de meia hora de caminhada, chegamos a uma casa alta, escura, livros empilhados nas estantes, lamparinas acesas. Perguntamos pelos livros. Encontramos os primeiros volumes de Bhagavad Gita, Upanishads, Vedas.

Como a editora tinha sede em Delhi, deixamos para comprar a coleção na capital da Índia, talvez ali pudéssemos ter um pouco mais de conforto.

Em Delhi, com as indicações recebidas em Benares através dos editores, e de um professor da Universidade de Sânscrito, reiniciamos nossa pesquisa. A editora de livros de filosofia da Índia, ficava situada há uma hora de distância do centro da cidade, onde estávamos hospedadas.

Eliana embrenhou-se para dentro das salas onde os livros se empilhavam nas estantes. Fiquei na primeira sala, onde havia mais ventilação e menos poeira, um grupo de crianças pobres nos esperando do lado de fora para receberem algumas rúpias. Crianças lindas, vestindo roupas herdadas de alguém mais rico, nos esperavam à porta da livraria. Lá fora, do outro lado da rua, o taxi nos esperava.

Entramos na livraria às 10 horas da manhã e só conseguimos sair às 2 da tarde, quando a fome apertou.

Eliana, acompanhada de Rajesh, um filósofo nosso amigo, chegou triunfante com a pilha de livros.

“Conseguimos todos os livros para a biblioteca da Serra da Piedade! Vai ser uma coisa maravilhosa essa biblioteca!”

A emoção de ter cumprido a tarefa para a qual fomos chamadas, nos cobria de paz. Voltamos para o hotel em silêncio, deixando os livros com tudo pago para seguir viagem para o Brasil. Mais uma vez, a síntese Oriente – Ocidente nos chamava, ela vibrava dentro de nós.

“O Frei Rosário teve uma inspiração extraordinária! A Serra da Piedade será a guardiã de uma sabedoria que não se perde no decorrer de milênios.

Agora que os livros chegaram, sentimos alegria pela tarefa que pudemos cumprir na Índia, trazendo para Minas Gerais a contribuição de seus irmãos do Oriente.

Impossibilitados de comparecer pessoalmente por ocasião da entrega dos livros, deixamos

Maurício como nosso intérprete e intermediário.

Ao Frei Rosário, de cuja intuição recebemos esta preciosa incumbência, deixamos nossos cumprimentos.

Maria Helena Andrés

Eliana Andrés

1 de junho de 2019

### ÍNDIA, VISÃO PANORÂMICA



Fotos da internet

Os campos estendem-se em verdes macios. Ao longo da estrada, vão desfilando bicicletas, camelos, caminhões enfeitados de desenhos e cores. *"Please Horn"*, (por favor, buzine) está escrito por detrás dos caminhões. Os indianos apreciam a buzina e, nós ocidentais seguimos viagem debaixo de sons e cores. Paramos para ver um campo de flores amarelas, camponesas indianas, véus transparentes, lembram quadros de Renoir e de Monet. As cores dos mestres impressionistas trouxeram para os museus um pouco do colorido das manhãs de primavera.

Na Índia, a simplicidade da vida possibilita apreciar a cada instante um novo quadro. O transporte rural é feito de forma primitiva. O camelo segue vagaroso, carregando sacos e os burrinhos enfileirados transportam cimento. Tudo respira a harmonia natural daqueles que estão ligados com a natureza.

Debaixo de tendas de piaçava, uma família de artesãos fabrica o giz para as escolas. O pó branco é misturado com água nas bacias de argila, depois é manufaturado de forma primitiva. O processo de empacotar é simples, sem requintes. Paramos o carro para conversar com os artesãos e pudemos admirar a textura do giz de diversas cores, colocado a secar dentro de esteiras.

A Índia é um exemplo de arte estendida ao cotidiano. Há graça e leveza nas mulheres que lavam as varandas e preparam as casas para a festa de Holi. Nesse dia, fecham-se as lojas e em todas as vilas e cidades o povo se pinta de pós coloridos e joga tinta em cima dos carros e das

peças na rua. Os rapazes cantam celebrando o festival e as moças preparam as casas para as comemorações. Nos becos estreitos da vila, as casinhas coloridas parecem cenários de teatro. Ali pudemos sentir a espontaneidade da arte nas ruas e, os personagens também somos nós, vindos do Ocidente, com máquinas de retrato a tiracolo. As crianças nos rodeiam curiosas, insistentes e o povo na calçada, vem admirar os estrangeiros.

A festa de Holi se assemelha ao antigo carnaval brasileiro, quando as pessoas preparavam águas coloridas dentro de limões. Esta tradição era típica do final do século 19 e foi substituída por confetes, serpentinas e lança perfumes.

10 de fevereiro de 2018

### **CAMINHANDO PELO DESERTO DO RAJASTHAN**



Foto: Maurício Andrés

Saímos de madrugada a caminho do deserto. Alugamos um táxi. Eram 5 horas de viagem de Jodhpur até Jaisalmer. A estrada cortava dunas de areia amarela e o verde surgia de vez em quando em pequenos arbustos retorcidos. O carro buzina e as rolinhas pousadas nos fios de luz voavam assustadas. Caminhões do exército indiano com soldados vestidos de verde anunciavam a fronteira com o Paquistão. Há sempre um estado de alerta nessa região.

Quase não se viam mulheres e quando elas apareciam, trabalhando na estrada, estavam vestidas com sáris de algodão vermelho, todas iguais, como se tivessem comprado a mesma peça de pano e a dividido aos metros para cada uma. Às vezes um camelo aparecia balançando a corcunda em passos lentos. Pavões coloridos destacavam-se sobre a areia amarela.

O deserto consegue ser cultivado e as plantações de pimenta insistem em surgir no meio da aridez. Casas de adobe, cobertas de palha, mostravam a presença de famílias na região. Depois o asfalto esticava-se por cima da areia como uma enorme passarela cinzenta. Passamos por homens agachados na estrada, turbantes vermelhos como as saias das mulheres, bigodes enormes, retorcidos. Ali tinha acontecido, poucos dias antes, um concurso de bigodes e turbantes.

Durante todo o percurso, as pedras do caminho cortadas em forma de retângulo anunciavam uma cidade: Jaisalmer. Chegamos com o sol a pino. Percorremos a fortaleza dourada construída no alto do morro, protegida por enormes muralhas de pedra. A sandstone ou pedra de areia, como é conhecida no deserto, serviu de matéria prima para os artesãos construírem palácios. A influência chinesa é uma constante. Ela foi estimulada por mercadores trazendo objetos do Extremo-Oriente, nas penosas jornadas das caravanas.

O deserto era o ponto de encontro dos mercadores da rota da seda e da rota do ópio. Nessa região as caravanas de camelo paravam para descansar e negociar. Atualmente, o tráfico de ópio está proibido pelo governo da Índia e as caravanas seguem carregando artesanato. Contemplamos a beleza das sacadas rendadas, sentindo a presença da arte chinesa e a lembrança da igreja N. Sra. do Ó de Sabará. Através do comércio, do sistema de trocas e da coragem de afrontar o calor do deserto, essas caravanas trouxeram a cultura da China para a Índia.

O camelo cujo organismo é perfeitamente adaptado à vida do deserto, é um animal que pode passar até mesmo várias semanas sem comer e sem beber. Aguenta o sol a pino do verão e carrega às costas o peso das mercadorias, a ambição das riquezas e a curiosidade das descobertas.

As histórias de infância, as viagens maravilhosas de Marco Polo afloravam à minha memória. Entardecia e, à luz do poente, um grupo de crianças acercou-se de nós, tocando um instrumento musical feito de cabaça. Cantaram e dançaram frente ao templo, enquanto o sol muito vermelho se escondia por detrás das torres. O vento cobriu tudo de poeira e a noite apagou a nossa visão do deserto.

30 de agosto de 2011

**UDAIPUR**



Fotos: Maurício Andrés

A chegada em Udaipur é um deslumbramento. Nosso hotel fica à beira de um lago, onde as lavadeiras, envolvidas em panos coloridos, cantam batendo as roupas. Neste lago a cidade é refletida com suas torres, templos e palácios.

A influência árabe se faz sentir na beleza das colunas e arcos, nos nichos, nos arabescos, um toque de mil e uma noites no coração da Índia.

Circundada por montanhas de pedra e plantações que se perdem de vista, Udaipur oferece ao visitante uma visão do passado que se projeta no presente, cheio de vida. Mulheres carregando vasos dourados sobem as ladeiras envolvidas em sáris coloridos, desenhos de elefantes ilustram as paredes brancas.

À noite, contemplando o reflexo das luzes no lago em frente, entro em estado de meditação.

Estamos vivendo a época do turismo. Mulheres, crianças, homens, olham ansiosos as pequenas miniaturas contando a história dos grandes de antigamente. O quarto de dormir do marajá é decorado com espelhos, mármore, marfim – como se fosse uma caixa de joias. Este palácio, que levou décadas para ser construído, hoje é objeto de curiosidade dos turistas, que consomem tudo na maior rapidez.

Numa grande sala decorada com tapete vermelho, jovens artistas pintam, sobre seda esticada na prancheta, palheta e tintas no chão, miniaturas da história dos antigos reis. Pintam com tinta retirada das pedras das montanhas – o verde vem de uma pedra chamada “malakite”, o azul vem da “turquise”, o vermelho de diversas pedras. As montanhas ARAVALI são as mais velhas e mais ricas do mundo. O método para fazer tintas é muito antigo: triturar as pedras num pequeno recipiente e em seguida dissolver o pó com água e goma arábica. A delicadeza das pinturas mostra o refinamento da sensibilidade desses artistas.

9 de novembro de 2015

## VIAGEM DE TREM - ÍNDIA



Fotos da internet

Retirei do meu diário de viagens à Índia o relato abaixo:

"Cinco horas da madrugada em Jaipur. Deveríamos tomar o trem das 5 e meia, reservado na véspera.

Avisaram-nos: "Tomem assento "na marra". A lei é de quem grita mais alto"

That's Índia!

Chegamos sem lugar certo. Só aquele "puleiro" sem janelas, compartimento reservado às malas ou aos sacos de batatas.

No escuro da madrugada, o primeiro impacto da falta de conforto.

A necessidade de transporte é muito grande e os mais pobres querem viajar nem que seja sobre o teto do trem.

Um homem alto, barba grisalha se aproximou. Pelas características, deveria ser muçulmano. Alojou-nos em sua cabine. Foram 10 horas de viagem, o suficiente para descobrir que somos todos irmãos. Não existe separatividade nem de raça, nem de credo.

A Índia nos possibilita conscientizar esta unidade. Ficamos amigos. Ele veio de longe, de Calcutá. Viaja com o filho, a nora e o neto e reservou duas cabines, uma para a família, a outra para ele. É comerciante e chama-se Sarail.

Duas heranças importantes que os ingleses deixaram na Índia: as estradas de ferro e a



língua inglesa."

(Trecho de viagem à Índia, anos 90)

No Brasil, as estradas de ferro foram desativadas na década de 50, dando lugar às estradas de rodagem.

Elas permaneceram apenas para transporte, na maioria das vezes, de minério de ferro.

Nossas fazendas são cortadas por estradas de ferro, que levam nossas montanhas para outras terras.

4 de julho de 2018

### MOUNT ABU I



Foto: Álbum – Oriente/Ocidente

Descemos as escadarias de pedra com nossa bagagem. O taxi nos espera em baixo. Seguimos hoje para Mount Abu.

Lá vem um camelo carregando palha, figuras sentadas no mercado, vendendo coisas coloridas. A despedida de Udaipur é a certeza do retorno um dia.

A paisagem do Rajastão anuncia a proximidade do deserto, vegetação rasteira, cactos, terra amarela, montanhas de pedra. Há lagos na redondeza que fertilizam a terra e o verde rasteiro do trigo se estende como um tapete.

*"Please Horn", "Por favor, buzine", estamos subindo a montanha.*

Em Udaipur não pudemos marcar o voo de volta. Defeito no computador. Um defeito no

computador faz parar os voos, agora estamos parados na estrada, alguma coisa aconteceu pelo caminho. Escuto o vozerio e o barulho do caminhão, na curva, carregando canos. O caminhão é imenso, os canos devem ser pesados e a curva é fechada. O caminho foi bloqueado. Letreiros coloridos em caligrafia híndi passam através das vidraças do carro. Nosso carro parou para deixar passar um rebanho de carneiros conduzidos por um jovem pastor, os carneiros seguem o comando dos pastores.

Há 10 anos aqui estive com Cláudia e Ferolla. Estou me lembrando das curvas, do ônibus apinhado, a gente sufocada na bagagem. Ferolla providenciou tudo e nós o seguimos como carneiros. Não tínhamos de pensar em nada, apenas segui-lo. Ele providenciou passagens, hotéis, era o nosso guia. Quando chegamos a Goa resolvi parar.

“Vocês seguem sozinhos, eu fico.”

Foi em Goa que iniciei meu trabalho.

Aqui estou de novo, em Mount Abu, o sol a pino, sofrendo os atropelos da viagem. Buracos no caminho, curvas e mais curvas...

Chegamos exaustas no alto da montanha.

“Queremos um lugar de paz, sem aglomerações, sem rickshaws.”

O motorista nos conduziu para este recanto. Veio nos receber um velhinho moreno, magro, bigodes enormes, sorriso franco. Os galhos das árvores e as mãos do velho se harmonizavam no mesmo impulso, pareciam alimentados com a mesma seiva. O velho era parte integrante daquela natureza. Gostamos do lugar.

Mr. Thakur é o encarregado deste pequeno recanto residencial, casa de campo do Marajá de Jodhpur, agora transformada em hotel. Na casa de baixo os quartos são mais caros e nas salas, os retratos da família nos contam a história da nobreza e decadência dos marajás.

“Os Marajás reinavam sobre os estados da Índia. Indira Gandhi destituiu-lhes o poder. Agora eles conservam a propriedade, mas, para sobreviverem, têm de transformá-las em hotéis e museus.”

Interessei-me pela vida dos marajás porque esta palavra foi muito usada no Brasil. As histórias do velhinho são baseadas em sua própria experiência. Mr. Thakur trabalhou para três gerações de marajás.

“Meus patrões eram ótimas pessoas, tratavam o povo como uma única família. Percorriam as vilas para socorrer os necessitados, estimulavam as artes.”

Mr. Thakur tem 81 anos e ainda trabalha, batendo papo com os visitantes que chegam, tomando um chazinho na varanda e contando histórias do passado.

“Estou aqui para fazer os hóspedes se sentirem em casa.” Na realidade, o ambiente acolhedor de Mount Abu é um oásis no meu cansaço das viagens. (Diário de viagem, 1993)

26 de outubro de 2015

## MOUNT ABU II



Fotos: Álbum – Oriente/Ocidente

Mr. Thakur toma conta da casa de campo do marajá de Jodhpur, 20 anos neste espaço maravilhoso, lugar de repouso e meditação. A casa de hóspedes foi construída sobre uma montanha de pedra. O velhinho sentado em minha frente suspende os bigodes para tomar chá. Conhece yoga, faz meditação e quer nos levar ao templo para conhecermos dois swamis com grande conhecimento de sânscrito e escrituras antigas. As coisas mais preciosas quase sempre estão discretamente veladas ao público, à curiosidade turística das lentes fotográficas. Repousam em silêncio, e a energia vem deste silêncio.

Subimos a rua do hotel, onde as casas são construídas em cima das pedras, até um recanto rodeado de árvores e flores. Um swami vestido de alaranjado regava o jardim. As montanhas de pedra sempre têm uma energia própria, e esse templo, encravado na pedreira, de uma singeleza comovente, nos ofereceu um momento de paz e serenidade. O telhado do templo tem a forma de Shiva Lingam, união da energia masculina e feminina. Os hindus reverenciam esta polaridade que existe na natureza e no universo. Em várias partes da Índia, Shiva é representado em esculturas de bronze ou de pedra.

“Estes símbolos têm força e nos conduzem ao nosso próprio centro. O culto a Shiva é o mais antigo da Índia, anterior à invasão ariana. Ele nos faz reconhecer nossas origens, sem a especulação intelectual. A cultura antiga da Índia, em sua autenticidade e singeleza, se faz presente neste templo escondido entre árvores e pedras.

“A força de Shiva Lingam traz benefícios para quem passa na estrada”, nos diz o swami.

Um enorme sino de bronze anuncia os horários de puja: quando o sol nasce e quando o sol se põe. Nesse horário, os devotos chegam para cantar mantras.

A “*bannyan tree*” é uma árvore muito conhecida na Índia. Em Madras, na Sociedade Teosófica, ela cresceu tanto que atualmente é objeto de turismo. Ocupa o espaço de uma grande praça.

Hoje estou sentada em frente a uma *bannyan tree* aqui em Mount Abu, no hotel onde estou hospedada. O cansaço das várias viagens tirou minha energia, e a comida apimentada atacou meu fígado. Procurei um lugar onde a natureza pudesse me refazer. O velhinho veio atrás de mim com uma cadeira. A *bannyan tree* se desdobra em várias árvores, vindas do tronco principal – as raízes se enroscam nas pedras, continuam por debaixo delas, surgindo novamente da terra, num abraço compassivo da natureza. Aqui, cercada de árvores vindas da mesma árvore central, eu me sinto dentro de um templo. Os galhos se multiplicam, vindos da mesma terra, e abrigam as pessoas que chegam. A fonte é a mesma e a natureza nos ensina a cada instante que viemos do mesmo tronco... cada um de nós encontra o seu templo em qualquer lugar do mundo.

Vimala Thakar nos recebeu em sua casa em Mount Abu. Viemos até aqui atraídas por sua vibração. Há muitos anos desejava encontrá-la. Não é fácil encontrar uma pessoa cuja presença seja realmente transformadora. Os seres espiritualmente adiantados nos recebem, estão prontos a nos ajudar, mas nada fazem para nos prender. Vimala já percorreu vários países do mundo fazendo palestras sobre a necessidade de uma transformação completa do ser humano. O toque incisivo, penetrante, de Krishnamurti se faz notar em seus escritos. Vimala foi profundamente marcada pelos ensinamentos desse grande pensador indiano. Ela não fala para multidões. Recebe em sua casa pequenos grupos interessados no crescimento interior. Pessoas chegam de diversas partes do mundo para este recanto isolado de Mount Abu, longe do burburinho da cidade. Vimala iniciou seu trabalho como seguidora de Gandhi. (Diário de viagem, 1993)

3 de novembro de 2015

**INDIA, MOUNT ABU**



Fotos da internet

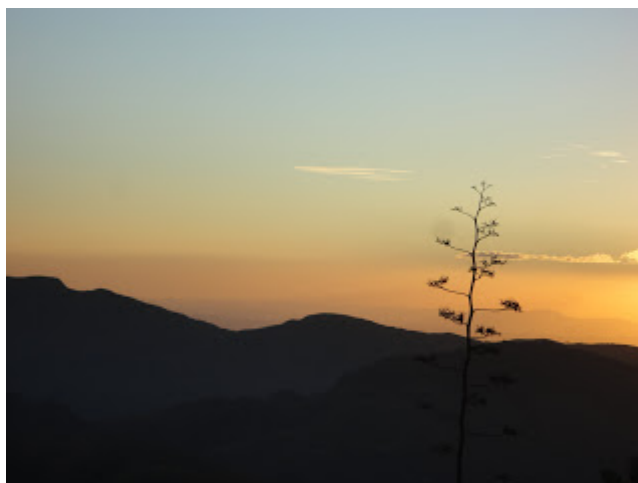
Enquanto esperamos o trem  
Em Aburoad  
Vejo carregadores  
Vestidos de vermelho  
Mulheres com saias plissadas  
Coletes bordados  
E prata nos braços  
Nas pernas, nos pés.  
A prata é a constante  
Da região.  
Colares, brincos,  
Pulseiras.  
Ao brilho do sol  
As mulheres brilham  
Enquanto trabalham.  
Empilhados num jipe  
Quatorze pessoas.  
Duas crianças  
Com os olhos pintados  
Dormem no colo da mãe.  
A paisagem de Mount Abu  
Vai desfilando  
Pelo despenhadeiro.

E aquela velhinha  
Vestida de alaranjado  
Está enjoada.  
Nunca deve ter andado  
De jipe.  
Mount Abu ficou para trás  
Com suas escarpas e vales  
E o pico mais alto chamado  
Guru Sikar.  
O guru é o próprio pico  
E a vibração é de  
Intensa energia.  
Do alto enxerga-se  
Até o Paquistão.  
Há casas pelas escarpas  
Construídas sobre as pedras  
E há casinhas pequeninas  
Sem janelas  
Para a paisagem.  
À frente dos casebres  
Pobres  
Vários homens agachados  
Conversam em círculo.  
(Trecho de diário de viagem à Índia, s/data)

15 de maio de 2018

**O SOL NASCE PARA TODOS**





### Fotos de Euler Andrés e de Maria Helena Andrés

Em 1990, viajei para a Índia com um grupo de 4 pessoas. O relato abaixo, extraído do meu diário, é um comentário de um indiano sobre como usar o nascer do sol para curar problemas de saúde. A Índia, com sua sabedoria de 5000 anos nos ensina a cada dia uma nova visão da natureza e da vida.

“Por que a senhora usa óculos?” Do outro lado do guichê, um indiano toma o meu passaporte e confere o retrato com o original.

“Tire os óculos”, fica melhor para a senhora.

Fiquei pensando no quanto se aprende conversando.

“A melhor hora para se curar problemas de vista é a hora do amanhecer. Aquela lista vermelha no horizonte antes do sol nascer faz bem à vista”.

No dia seguinte fomos à praia. Saímos no escuro, antes do sol nascer. Esperamos até as 7 horas e ele não nasceu, quer dizer, estava encoberto por nuvens...

Hoje acordamos de madrugada. Fernando Guedes está hospedado do outro lado no Bhoganasala. Às 5 horas da manhã ele bateu na minha janela. Fomos participar da celebração matinal no templo hindu.

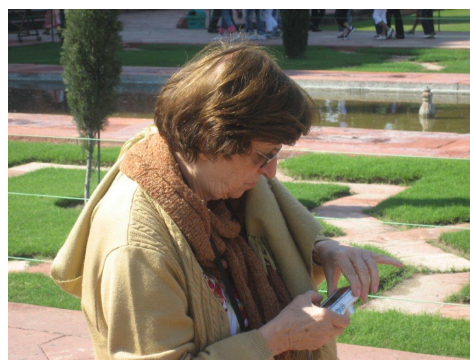
O sol nasceu por detrás das pilastras de pedra e, enquanto eu participava do ritual da madrugada, vivenciava, através de ritos e oferendas, a mesma intenção de se alcançar o invisível, aquilo que está por detrás de todas as aparências.

O sol nasce para todos e o seu brilho alcança as cidades, as praias, as montanhas. O sol é o mesmo, mas a sua função se diversifica de acordo com a necessidade de cada um.

Lá no Brasil eu costumo contemplar o pôr do sol nas montanhas. E meu filho Euler, que é fazendeiro, se levanta bem cedo para o trabalho e registra o nascer do sol. (Trecho do diário de



### FESTIVAL DE CHANDIGARH



Fotos: Maurício Andrés

Estamos rodando pelas estradas em direção ao estado de Punjab, considerado o celeiro da Índia. A paisagem vai se desenrolando pelas vidraças do ônibus cheio de turistas, juntamente com um filme indiano projetado na TV em frente. Os campos dessa região são férteis e a maioria da população é sikh. Aqui está localizado o famoso templo dourado onde os sikhs se refugiaram durante um conflito.

Fomos convidadas a apresentar nossos trabalhos de arte em Chandigarh, capital do Punjab, cidade projetada por Le Corbusier. Esse grande arquiteto francês trouxe uma forte contribuição do modernismo europeu para a Ásia. Senti a síntese oriente-ocidente de forma explícita no coração da Índia. Aos poucos a cidade foi se desvendando para nós como uma Brasília.

Os prédios se assemelham porque Le Corbusier foi a grande referência para Oscar Niemeyer. Nossa chegada já estava no programa do festival e o guia nos conduziu pelas ruas da cidade, mostrando os principais pontos de atração. Outros artistas vieram para o festival tais como Hari Prasad, considerado o maior flautista da Índia e o percussionista Zakir Hussain, um jovem tablista indiano que residia nos EUA. Girija Devi e orquestra também estavam na programação.

Ivana anotou em seu diário: “Cada frase musical era nova, surpreendente, num crescendo de ritmos, gemidos e sons de harpa. Vemos que tudo é criado na hora, improvisado como no jazz. Às vezes a cantora faz um gesto imperceptível para acelerar o ritmo, o tablista entende, tudo se acelera. Às vezes ele toma a frente, muda o ritmo, divide, cria, solta o corpo, os demais ouvem atentos, acompanham no fundo. Tentamos, de fora, entrar nesse mundo criado entre aquelas pessoas sentadas na mesma posição durante três horas. Conseguimos às vezes compreender um pouco, receber uma parcela de toda aquela energia.”

Aqueles músicos me recordaram o grupo UAKTI e os sons da flauta e percussão ainda

podem ser escutados aqui no Brasil.

A música, arte do tempo, se prolonga pelo espaço e a Índia, separada geograficamente por muitos mares, está sempre presente em nossa casa: os sons realmente aproximam os povos.

A programação incluía música, artes plásticas, dança e teatro, recordando os nossos festivais de inverno. A melhor propaganda de um país é a divulgação de sua arte. A arte aproxima as pessoas, e foi cantando “*London, London*” de Caetano Veloso para uma multidão de 20 mil sikhs, que Ivana pôde apresentar o Brasil aos indianos. Naquele momento, ao ar livre, ela cantava para um mar de turbantes coloridos.

No dia seguinte era Carnaval na Índia e seguimos de carreta cantando marchinhas brasileiras e canções que lembravam a missão de levar a harmonia e paz ao mundo.

Nossa missão estava cumprida e no dia seguinte nos sentimos livres para visitar as obras de arte do Punjab e fotografar esculturas recobertas de cacos de vidro ou louça do Rock Garden que lembram a nossa conhecida “Casa de Cacos” de Contagem.

Realmente, cada vez mais, tomo consciência da interdependência ligando pessoas, natureza, ideias, sensações, sonhos. A nossa unidade com a natureza e o Universo vai se tornando cada vez mais uma realidade. Não somos separados, somos Um!

18 de julho de 2011

### CAMINHO DA LIBERTAÇÃO



Fotos: Maurício Andrés

O carro parou na estrada e descemos 300 degraus de uma escada de pedra.

O rio Ganges corria sereno, entre patamares e praias de areia branca.

Debaixo de árvores, no meio de pedras, existe um *ashram* escondido.

Dois homens vêm nos receber. Estão enrolados em panos acinzentados. Escolheram uma vida simples, inteiramente ligada à natureza. Crianças se acercam de nós. Uma delas me põe um pozinho de sândalo na testa para dar sorte e clarear os pensamentos.

Ali viveu durante muitos anos Swami Purushottamenendgi, o eremita de Rishikesh. Meditava dentro de uma gruta com uma lamparina de óleo junto à imagem de Shiva. Quando queria comer ia à aldeia próxima e lhe davam fogo para cozinhar. Não usava fósforo nem tirava o fogo das pedras, mas conservava sempre acesa a sua lamparina. Até hoje podemos vê-la acesa, como o fogo sagrado que nunca se apaga.

O velho eremita era uma espécie de São Francisco da Índia. Conversava com tigres e cobras, dava comida aos peixes. Sua vida estava ali, junto ao rio muito verde, escondida no meio da floresta. As lendas a seu respeito correm de boca em boca.

“Eu estava junto dele quando se aproximou uma cobra; tive medo, mas o Swami ordenou que ela se retirasse. A cobra, que preparava o bote, afastou-se de nós tranquilamente”, isto nos informou seu jovem discípulo.

O velho Swami um dia chamou os discípulos para avisá-los de que sua hora chegara e morreu, sentado em postura de lótus.

Hoje seu retrato é homenageado com colares de flores, junto à entrada da caverna.

Um menino de oito anos me segura as mãos e vou andando devagarinho, sem enxergar nada, só a lamparina brilhando no escuro. Aos poucos, das sombras vão surgindo formas, silhuetas.

O menino toca um sino e canta mantras. “*Om namah shivaya*”.

Os cânticos ressoaram dentro da gruta, fazendo coro com a flauta de Patrícia, a jovem brasileira que nos acompanhava. Filha da adida cultural do Brasil na Índia, andava sempre com uma pena de índio na cabeça, em homenagem aos índios brasileiros.

À saída, eles nos forneceram *prasad*, um doce feito com leite e coco, muito comum na Índia. Significava uma atenção para com o visitante, uma forma de saudá-lo. Todos os lugares sagrados oferecem *prasad*.

“Namasté – (O Deus em mim saúda o Deus em ti). As mãos se juntaram em reverência e a imagem do eremita nos acompanhou enquanto subíamos a escadaria.

A morte serena do Eremita de Rishikesh foi para mim um toque de consciência.

30 de julho de 2011

## O IOGUE E O FOTÓGRAFO



Foto: Maurício Andrés

Ganges é o rio sagrado da Índia. Nascendo nos Himalaias, suas águas percorrem cidades, vales e campos. Sua história está ligada às antigas culturas da Índia, com seus deuses e mitos. Anos atrás, os tigres desciam da floresta para beber água no Ganges.

Antes da chegada dos ingleses, aquela região era povoada pelos *sadhus*. *Sadhu* em sânscrito significa pessoa boa, santa, inofensiva que dedica sua vida ao estudo dos vedas, a meditação, a repetição de mantras e ao desapego das coisas materiais. Peregrinam de cidade em cidade, vivendo o momento presente, sem guardar nada para o futuro. A tradição hindu respeita o renunciante, oferecendo-lhe apoio para subsistência. Os ingleses, também respeitando o tipo de vida dos *sadhus*, legalizaram a permanência deles na região. Hoje, Rishikesh, (região onde passa o rio Ganges) está povoada de *ashrams* (comunidades espiritualistas), cada um procurando divulgar a sua própria mensagem. As pessoas costumam banhar-se no rio sagrado como purificação da alma e do corpo. “O rio é a imagem de nossa própria vida”, escrevi um dia em meu diário.

O rio Ganges corre por detrás do *Dayananda Ashram* em Rishikesh, numa região que antigamente era uma floresta. Do outro lado do rio pode-se ver a montanha coberta de florestas onde se escondem mosteiros e praias de areia duras cobertas de pedras.

O barulho das águas vai conduzindo a mente para um estado de quietude e paz. Um iogue vestido de branco permanece estático em estado de êxtase. Os yogues buscam esse estado de união com o universo todo através da meditação, dos rituais, da entrega e do autoconhecimento. Sentir a própria vida passando como um filme, oferecê-la ao Deus onipotente e onipresente era a experiência que o Ganges nos oferecia.

Nas águas do Ganges as imagens se refletiam como num espelho; observei um *sadhu* concentrado em suas práticas; junto um fotógrafo, máquina a tiracolo, registrava a paisagem através das lentes.

As lentes do fotógrafo descobriam texturas nas pedras, reflexos nas águas trazendo à tona

sua vivência do momento. Seu objetivo era documentar o aqui e o agora. O *sadhu* buscava em silêncio um mergulho no seu mundo interno. Ele abandonara a família, deixara crescer os cabelos e usava roupas exóticas. No ocidente seria taxado de doido, mas na Índia os *sadhus* são respeitados.

Naquele momento muitos *sadhus* estavam concentrados na cidade de Haridwar, morando debaixo de tendas, sobre a proteção do governo, ali celebrando o festival de *Kumbha Mela*. O fotógrafo não perdia as cenas: “Olha aqueles patos em cima da pedra!” Patos amarelos, com a cabeça escondida debaixo das asas, também pareciam meditar. Enquanto isso, os esquilos subiam em uma árvore bem perto de nós. Eles não se assustam com o ser humano, pois sabem por instinto que naquele lugar não se matam animais.

Do outro lado do rio, pequenas choupanas em forma de iglus pareciam escondidas no meio das árvores. Ali viveram os Beatles acompanhando seu guru Maharishi Mahesh logue. Naquele lugar suas composições de caráter internacional uniram-se aos sons do oriente, numa síntese oriente-ocidente através da música. A partir da experiência na Índia, George Harrison realizou o concerto de Bangladesh e Paul McCartney se tornou vegetariano. John Lennon conscientizou o mundo sobre os problemas da violência e da guerra.

29 de junho de 2009

### MAHATMA GANDHI



Foto: Maurício Andrés

Para entrar no Memorial de Gandhi em Délhi, o visitante deve tirar os sapatos em sinal de reverência. Vem gente do mundo inteiro prestar homenagem ao grande líder indiano. O fogo aceso

dia e noite dentro de um receptáculo de metal anuncia a presença do mestre.

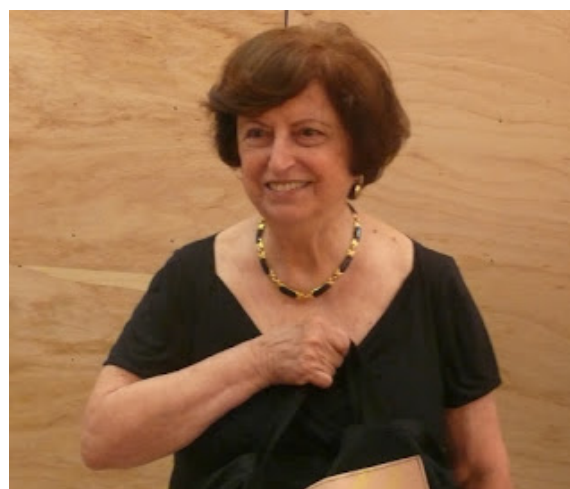
A figura de Gandhi é a grande referência que temos da Índia no mundo ocidental. Sua coragem de conduzir todo um povo, segurando como estandarte o ideal de Paz e Não-Violência, é um exemplo vivo que não pode ser esquecido. Gandhi nasceu em 1869, no estado de Gujerat, no oeste da Índia.

Estudou Direito em Londres e formou-se em 1891. Na África do Sul, para onde se transferiu no início de sua carreira, dedicou-se de corpo e alma à defesa dos imigrantes indianos. Ali desenvolveu o seu trabalho de resistência pacífica contra a injustiça social, gerada pelos colonizadores. A todos os atos de violência armada respondia com jejuns até que a luta terminasse. Os jornais noticiavam o sacrifício de Gandhi por seu país e o mundo inteiro comovia-se com seu exemplo. Através da resistência pacífica, Gandhi libertou a Índia do Império Britânico. Em janeiro de 1948, aos 79 anos, Gandhi foi morto por um fanático hindu quando se dirigia ao templo para rezar.

“Não sou um visionário”, dizia Gandhi. “Considero-me um idealista pragmático. A religião da não violência não se destina exclusivamente aos *rishis* e aos santos. Está destinada também às pessoas comuns. A não violência é a lei da nossa espécie, assim como a violência é a lei dos brutos. O espírito está adormecido nos brutos e ele não conhece qualquer outra lei que não a da força física. A dignidade do homem exige a obediência a uma lei superior...a força do espírito”.

7 de julho de 2009

### CAMINHOS INESPERADOS





Fotos de arquivo e da internet.

Os fenômenos de sincronicidade acontecem com frequência ao longo da nossa passagem por este planeta. Denominamos isto “acaso”, mas acho que tem uma energia vinda do cosmos para nos ajudar. Não projetamos, as coisas acontecem...

Como é que eu, uma artista plástica de Belo Horizonte, consegui ser incluída num Seminário na Índia, sobre os navegantes portugueses?

Francamente, foi um pouco de sorte, um pouco pelo estudo que estava fazendo, uma síntese “Oriente-Occidente”?

Tudo isto contribuía, tenho certeza. O fato é que fui extraordinariamente ajudada pelo “acaso”.

Foi por “acaso” que encontrei em Bangalore com o marido da historiadora que estava organizando o seminário. Ele estava hospedado no Instituto Raman em Bangalore, onde eu acabara de chegar.

Dominique explicou para ele o meu projeto, que ele considerou de grande relevância.

“Maria Helena, me disse ela, volte para Bombay, procure por Father John Correa Alfonso, diretor da Universidade São Francisco Xavier, ele poderá ajudá-la.”

Regressei a Bombay, procurei a Universidade, passei dias inteiros estudando o roteiro dos descobrimentos.

Me inscrevi no seminário e passei um ano me dedicando ao estudo dos navegantes. Foi muito prazeroso este estudo, desde que eu fui sempre interessada no assunto.

Viajar sozinha, sem acompanhante, passar também por acaso um mês em Ganeshpuri para refazer energias, tudo isto foi necessário para me preparar para a palestra.

O “acaso” sempre me conduziu e me levou a pensar que estamos aqui nesta Terra buscando cada vez mais seguir o destino de novas descobertas, conduzidas pela intuição.

Síntese “Oriente-Occidente” ou “Intercâmbio Brasil-Índia”. Qualquer nome se encaixa direitinho no nosso roteiro pelo mundo afora...

Transcrevo abaixo o sumário deste estudo, apresentado em palestras na Índia. Nas próximas postagens irei transcrever trechos de alguns capítulos:

- I - Brasil e Índia, frutos dos trópicos
- II- Chegada dos portugueses na Índia e no Brasil
- III- Expansão do Oriente, fusão de culturas
- IV- O Barroco Mineiro e os templos Hindus
- V- Artesanato Familiar
- VI- Música Indiana e Música Ocidental
- VII - Índia/ Brasil – Festivais, Carnaval
- VIII- Influências e Intercâmbios
- Adendo I - Navegação das Índias
- Adendo II – Mitos Hindus

21 de janeiro de 2020

## **INFLUÊNCIAS CULTURAIS INDO-PORTUGUESAS NO BRASIL**





Foto: Mauricio Andrés

O texto abaixo foi apresentado em 1983 num seminário Indo-português em Goa, Índia. Naquele seminário eu fui a única representante do Brasil.

Este trabalho é uma tentativa de uma síntese oriente-ocidente por meio de um estudo comparativo entre a colonização portuguesa no Brasil e na Índia. Os portugueses, no tempo das descobertas, anexaram à coroa portuguesa parte do território indiano e o domínio português em Goa, Damão e Diu, na costa oeste da Índia, durou até 1961, quando a Índia anexou de volta a seu território as terras ocupadas pelos portugueses.

### **BRASIL E ÍNDIA, FRUTOS DOS TRÓPICOS**

Introduzindo esse estudo comparativo dos paralelos e contrastes entre culturas ocidentais e orientais que focaliza o caso específico do Brasil e da Índia, criado pela expansão do império português, citamos as palavras de Fernando L. Gomes, escritas na base do monumento em sua homenagem em Panjim, Goa: “Se dependesse de mim a fusão de todas as raças, todas as castas, todos os privilégios, numa única família, compacta e unida, eu sacrificaria tudo para alcançar isso. Esse dia seria para meu coração um dia de ventura real.”

Sentindo as semelhanças que existem entre povos e os contrastes derivados de diferentes culturas, observando como essas culturas se comunicam, começamos a compreender que os seres humanos pertencem realmente a uma única família. Há ocasiões que promovem as semelhanças entre países que às vezes estão muito distantes, como a Índia e o Brasil. Esses países parecem ser irmãos. Quando estávamos no vale do Jequitinhonha em Minas Gerais, pudemos sentir uma ligação que relacionava essas culturas, na dança, na música, nos duelos cantados, no artesanato, na organização familiar e nas festividades populares. Por que tal semelhança?

Isso eu deixo aos pesquisadores, antropólogos e historiadores. Como artista, tudo o que faço é perceber as afinidades que ligam os povos. Há calor humano, afetividade, comunicação e religiosidade no povo simples, ligado à terra e as tradições e usando suas mãos em seu trabalho, mais frequentemente do que as máquinas.

Há espontaneidade e alegria nas boas-vindas ao visitante que chega, a mesma sinceridade que pude testemunhar no sul da Índia, onde estive muitas vezes nos últimos anos e, de modo especial, em Goa, ex-colônia portuguesa, uma terra irmã do Brasil, não somente em seus aspectos geográficos, mas também em suas manifestações culturais e humanas.

Essas duas regiões da Terra se assemelham sob o sol dos trópicos, misturando-se sob a mesma intensidade de luz e de cor. No Vale do Jequitinhonha o verão aquece cidades e vilas, diminuindo o ritmo do sertanejo. Na Índia, também, o sol escaldante do verão brilha sobre os campos e aldeias, trazendo o mesmo comportamento aos seus habitantes.

Todo o nordeste brasileiro e o sudoeste da Índia têm os mesmos traços de vegetação. Na Índia, como no nordeste brasileiro, os coqueiros são a riqueza da região. Famílias pobres fazem suas choupanas de folhas de coqueiros, usam os cocos para muitas finalidades, bebem a água de coco. Houve uma troca de sementes por meio dos portugueses. Os conquistadores espalharam por terras distantes muitas flores e frutos.

O caju foi do Brasil para a Índia, a manga veio da Índia para o Brasil. Diferentes continentes se comunicaram entre si por meio de sementes, flores e frutos que desabrochavam em diferentes regiões do globo terrestre, promovendo a integração que cresceu da terra.

Mas foi nos mares que as culturas oriental e ocidental foram capazes de se encontrar. As várias colônias sob o domínio português se conectaram por meio das caravelas que cruzavam os oceanos e mares, colocando em contato diferentes culturas e civilizações. Foi o espírito aventureiro e a paciência para suportar longos meses no mar, foi a busca de riquezas e a necessidade de expandir o credo cristão e assegurá-lo com o poder terreno, que intensificaram no passado a síntese do oriente e do ocidente.

## **A CHEGADA DOS PORTUGUESES NA ÍNDIA E NO BRASIL**

A expansão comercial do império português trouxe um movimento de conquistas marítimas, começando pela África, com a tomada de Ceuta em 1415. Em menos de meio século a Índia era pensada como “de onde vêm as especiarias, pérolas e pedras preciosas, caixas belas e madeiras raras muito ambicionadas na Europa e cujo comércio enriqueceu genoveses e

venezianos. O tráfico da Índia é o objetivo principal de todos os esforços lusitanos, e seus navegadores seguem um depois do outro em busca da rota que a ela levaria os mercadores portugueses”<sup>2</sup>

Se temos a intenção de desenhar em linhas gerais um paralelo entre a colonização portuguesa na Índia e a colonização portuguesa no Brasil, devemos recuar cinco séculos, quando os portugueses se lançaram ao mar em direção as Índias. A história conta que Pedro Álvares Cabral foi conduzido por uma tempestade para a costa do Brasil. A descoberta do Brasil é, assim, intrinsecamente relacionada com a Índia e com a busca por riquezas orientais.

A ocupação do interior do Brasil não teve as mesmas características da ocupação do solo indiano. No Brasil, os portugueses encontraram uma compacta massa territorial “limitada a leste por uma linha de costa extremamente irregular sem sinuosidades proeminentes ou obstáculos, e assim, em geral, não desfavorável à abordagem humana e à utilização por comunidades marítimas; e no oeste por territórios rudes, de difícil penetração e ocupação (e por essa razão ainda subhabitada no presente), espalhados ao longo dos pés dos Andes e assim, bloqueando as conexões com a costa do Pacífico no continente.”<sup>3</sup>

Toda a costa brasileira banhada pelo oceano Atlântico era habitada por tribos de índios considerados selvagens, sem a necessária tecnologia para se defenderem. A ocupação portuguesa foi alcançada pouco a pouco, por meio de lutas e massacres de tribos indígenas, sobre a ampla área territorial que é agora o Brasil.

Na Índia, os portugueses eram limitados a alguns pontos da costa oeste pelo mar da Arábia, tendo encontrado ali uma civilização já organizada, com suas próprias descobertas nos campos da tecnologia, ciência e artes.

Os índios brasileiros tinham uma religião mágica, conectada à natureza. Eles viviam em comunidades e sua cultura era transmitida oralmente. Assim, era fácil alcançar um sincretismo religioso e converter em cristãos os índios e os negros que vieram depois da África, como escravos.

Os hindus tinham uma religião baseada nos ensinamentos dos Vedas, transmitida na forma de ritos e cânticos e estruturada num passado de cinco mil anos. A terra ocupada pelos portugueses tinha sido previamente invadida pelos mouros, que também tinham sua filosofia e religião. A expansão do cristianismo na Índia portuguesa foi alcançada por meio de conversões, casamentos misturados e a imprensa criada em Goa e usada pelos jesuítas para “expandir o reino de Cristo no reino de El. Rey de Portugal no oriente e para revelar posteriormente ao Ocidente o

---

<sup>2</sup> Caio Prado Junior, *Evolução Política do Brasil*.

<sup>3</sup> Caio Prado Junior, *Evolução Política do Brasil*. capítulo I.

misticismo e a essência filosófica das teogonias orientais, traduzindo em linguagens europeias a literatura clássica da espiritualidade sino-indiana.”<sup>4</sup>

A transmissão escrita, assim, constituiu um importante fator não somente para espalhar os ensinamentos de Cristo na Índia, mas também a sabedoria da Índia no mundo ocidental.

12 de outubro de 2015

### EXPANSÃO DO ORIENTE, FUSÃO DE CULTURAS



Fotos: internet

Goa teve o papel de unificar duas civilizações. Navios vinham da China, trazendo coisas fantásticas do extremo oriente; porcelanas chinesas de diferentes tipos, caixas, arcos de madeira, telas elaboradas. Esse comércio aumentou a síntese e a construção de templos promoveu a integração no campo artístico.

Aludindo a isso, o historiador português Carlos de Azevedo comenta: “Quase todos os retábulos nas igrejas indianas são colocados diante de um fundo decorativo de entalhes ricamente trabalhados, onde a noção do uso do espaço é puramente oriental, o que aumenta o interesse e a originalidade de toda essa arte indo-portuguesa.”

Símbolos hindus foram substituídos por símbolos cristãos, mas as decorações, os arabescos “preenchimento do vazio” mantiveram características orientais.

Interessa-me, no presente estudo, a documentação da influência indiana na arte portuguesa que, por seu turno, veio ecoar no Brasil alguns anos mais tarde, através do Barroco.

Buscamos nossas origens, nossos pontos de contato com a Índia, como se pudéssemos retomar por meio dos dados históricos e das manifestações artísticas, religiosas e culturais, o caminho das Índias, gerador da energia das grandes descobertas, da intensificação do comércio e

---

<sup>4</sup> Boletim do instituto Vasco da Gama, n.73, p.149.

do florescimento das artes. (Segunda parte do estudo comparativo apresentado no Seminário em Goa, 1983)

19 de outubro de 2015

### **ORIENTE E OCIDENTE, FUSÃO DE CULTURAS**

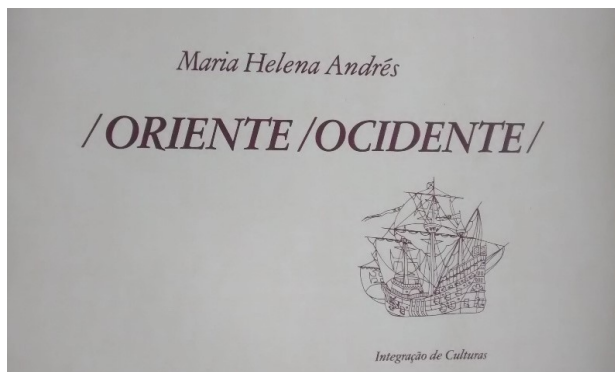


Foto: Arquivo

Quando pela primeira vez estive em Goa, senti-me como no Brasil, em pleno coração da Índia. Ali estiveram os portugueses, deixando sua presença nas construções barrocas, na língua e nos costumes do povo. Nas aldeias goesas existe a tradição de se cantar serenatas, como em Diamantina.

Em Goa eu me sentia em casa. As pessoas são amáveis, acompanham os visitantes, convidam-nos para jantar, levam-nos aos concertos e recepções.

Fiquei conhecendo de perto a vida de uma aldeia goesa. O governo de Goa, naquela época, era socialista e a divisão de terras propiciava muitas desavenças. O sistema de castas, de origem hindu, prevalecia até nas famílias católicas.

O Dr. Antonio de Menezes, renomado historiador indiano, me contava a história de Goa e da Índia. Aprendi muito sobre a música indiana e a sua relação com o canto gregoriano dos cristãos, que se originaram de uma fonte comum. Ambos se expressam de forma circular, repetitiva, elevando as vibrações para um plano mais sutil. Todas as tardes, ele me ensinava um pouco da história de Goa e eu fazia a ponte com a história do Brasil. Através desse diálogo, soube que um dos maiores arquivos da história colonial do Brasil encontra-se em Pangim, a capital, merecendo, da parte dos brasileiros, um estudo mais aprofundado sobre esse assunto. Segundo o historiador, quando Afonso de Albuquerque chegou a Goa, encontrou o ensino elementar ministrado à sombra de árvores. Para efeito de maior expansão do Cristianismo e da cultura portuguesa, o conquistador português incentivou a criação de escolas para crianças e adultos. As cartilhas escolares vinham da metrópole e o ensino foi confiado aos religiosos.

A influência de Portugal na cultura goesa durou quatro séculos e meio, de 1510 a 1961. Ali foi criada a primeira imprensa do Oriente com o objetivo de expandir o Cristianismo e, ao mesmo tempo, divulgou a espiritualidade da Índia na Europa. Depois da retomada de Goa pelo governo da Índia, em 1961, os portugueses regressaram a Portugal e a ex-colônia perdeu o intercâmbio com o continente europeu.

As pessoas acima de 60 anos ainda falam o português, mas os jovens já perderam o contato com essa língua, desde que o governo da Índia decretou sua substituição pela língua local.

Quando o passado é lembrado, sua vibração nos chega intensa. Goa tornou-se a porta de entrada da Índia para o mundo ocidental, mas também foi palco de conflitos sangrentos como a Inquisição. Mas a paisagem redime o passado sangrento das batalhas e das mortes e a beleza das praias se impõe como uma benção, levando para longe os conceitos, as ideias e o fanatismo religioso. O mar assiste a tudo sereno, banhando de paz a costa indiana.

Muitas vezes, as igrejas cristãs erguiam-se nas ruínas das mesquitas e dos templos hindus, mas eram conservados detalhes da antiga construção. O historiador Antonio de Menezes nos ensinava que a arte de Goa deixou-se influenciar por motivos da arte hindu e muçulmana, integrando-se muito bem com a arquitetura barroca. Primeiro houve a fusão de raças, incentivada por Afonso de Albuquerque, depois a fusão e a combinação de vários estilos de arte. Nos entalhes feitos em teca, árvore da região, o rendado dos arabescos alcança um estilo próprio criado pelos famosos entalhadores de Goa.

“Goa, devido ao número e à monumentalidade dos edifícios religiosos de inspiração Cristã, ganhou justamente o título de Roma do Oriente e seus monumentos começam a mostrar um tratamento original de elementos decorativos, onde elementos de origem clássica se ordenam ao gosto do espírito oriental, numa fusão poderosa, que constitui uma das mais originais características da arte cristã no mundo.”<sup>5</sup>

Essas palavras do Dr. José de Azevedo Perdigão confirmam mais uma vez a influência da Índia na arte cristã de Goa. A arte indiana também influencia a arte de Portugal e floresce em templos manuelinos. Nos maiores monumentos manuelinos de Lisboa, o mosteiro dos Jerônimos, e na igreja do Santo de Belém, construída entre 1502 e 1519, podem ser vistas as tumbas dos reis da dinastia de Avis, com os sarcófagos sobre as costas dos elefantes, como evidência da influência indiana na arte portuguesa renascentista.

A famosa janela da igreja de Cristo em Tomar mostra a preocupação com a arte manuelina num naturalismo exótico que frequentemente liga várias religiões. Há historiadores tais como

---

<sup>5</sup> José de Azevedo Perdigão, citados por Antonio de Menezes, op.cit.

Robert Smith que as conectam com a ornamentação dos maias. Outros, como Ramalho Ortigão, consideram-na de inspiração hindu. Sustentada pela força esotérica da cruz de quatro pontas iguais da ordem de Cristo, essa janela funde em si mesma o oriente e o ocidente, com se a própria energia do universo fosse feita da união de diferentes credos. Como evidência dessa fusão de estilos e inspirações precedendo a era do Barroco citamos o grande historiador português Ramalho Ortigão: “No adorno dessa janela juntamente com o sentimento mais íntimo das energias da natureza, explode, troveja em torno da ideia Cristã todo o sagrado panteísmo das velhas religiões da Índia”.<sup>6</sup>

A mente resiste à invasão do nicho de suas verdades pessoais. Mas a verdade é única, indivisível, e brilha sobretudo como o sol do meio-dia, iluminando a Terra como um todo.

As manifestações artísticas e os símbolos, transcendendo a palavra, captam de forma direta a integração dos diversos povos, fazendo sentir a sua origem comum, que é a origem do próprio ser humano sobre a terra. As ideologias separam os homens porque são conceitos mentais. A mente, de posse da verdade, resiste à invasão de seus domínios. Mas a Verdade é Una, Indivisível, e, acima de tudo, brilha, sem fronteiras, como o sol do meio-dia, clareando a terra como um todo. Através da força energética da arte manuelina, os dois hemisférios conjugaram-se em gloriosa harmonia, antecipando o período do Barroco, renovador de conceitos antigos.

A influência da Índia sobre a arte portuguesa, por sua vez, veio ressoar no Brasil, alguns anos mais tarde, através do Barroco. Buscamos nossas origens, nossos pontos de semelhança com a Índia, como se pudéssemos reconstruir através dos dados históricos e das manifestações artísticas, religiosas e culturais, o Caminho das Índias, gerador de energia das grandes descobertas, da intensificação do comércio e do florescimento das artes.

8 de julho de 2011

## ARQUITETURA NA ÍNDIA

---

<sup>6</sup> Ramalho Ortigão.



Fotos da internet

Existem escolas de arquitetura na Índia especialmente dedicadas à construção de templos,



daí a harmoniosa conjugação de elementos arquitetônicos com elementos das artes plásticas, do desenho, da pintura, cerâmica e escultura.

As esculturas não são colocadas à posteriori, mas fazem parte integrante do conjunto. Ali o espaço interno se harmoniza com o espaço externo. Deuses coloridos, esculpidos entre frutos, animais e flores, observam as ruas movimentadas, onde grupos humanos também se misturam com flores, frutos e animais.

Lá dentro, um elefante abençoa as pessoas com a tromba. Fizemos fila e recebemos a benção. Uma experiência bem fora do comum.

Do lado de fora, um bando de macacos disputa os pedaços de Chapati ou idli que sobram dos pratos. Agarram-se às grades da janela e ficam esperando que seja jogada alguma sobra de comida para eles...

As construções na Índia dão muita importância aos espaços internos e externos. Há sempre jardins com árvores ladeando os ashrams, templos, escolas ou edifícios públicos. Pode-se ver as construções à distância, porque existe espaço entre elas.

Recuando para o pequeno muro de pedra, pode-se ver o ashram com suas palmeiras em frente, e pavões coloridos tranquilamente sentados em cima dos telhados. As vacas atravessam as ruas em passo vagaroso e os carros param para deixá-las passar.

“Please, horn” (Por favor, buzine). A buzina também faz parte do burburinho da Índia.

Dentro dos ashrams, pés descalços e silêncio. Este silêncio é necessário para entrarmos em nosso espaço interno. (Trecho de meu diário de viagem, 1990)

1 de abril de 2019

## MEMÓRIAS DE GOA I



Fotos da internet

Através das vidraças do trem, eu via a paisagem aparecendo e desaparecendo como um

filme colorido. Ali estava, descortinando-se diante de meus olhos, um panorama parecido com o nosso, do Brasil. O nordeste brasileiro e o sudeste indiano davam-me a impressão de terem sido criados juntos, terras irmãs separadas por muitos mares.

A volta às minhas origens históricas começava a se delinear na tropicalidade daqueles campos. A chegada à Goa, onde os portugueses estabeleceram uma pequena colônia durante a expansão de seu império, foi para mim um toque de consciência. Andava pelas ruas sentindo-me em casa, em cada esquina enxergava as cidades históricas de Minas Gerais. Ouro Preto, Diamantina, Sabará, Tiradentes, Congonhas do Campo. Os mesmos colonizadores da região do Minho, em Portugal, passavam algum tempo na Índia, para depois se deslocarem para o Brasil. Levavam e traziam sementes de frutas. Os goeses festejam o carnaval e cantam serenatas como em Diamantina.

A influência de Portugal na cultura goesa durou quatro séculos e meio, de 1510 a 1961. Ali foi criada a primeira imprensa do Oriente com o objetivo de expandir o Cristianismo e, ao mesmo tempo, divulgou a espiritualidade da Índia na Europa. Depois da retomada de Goa pelo governo da Índia, em 1961, os portugueses regressaram a Portugal e a ex-colônia perdeu o intercâmbio com o continente europeu.

Goa desempenhou o papel de unificadora de duas civilizações. Navios chegavam da China, trazendo coisas fantásticas do Extremo-Oriente: louças chinesas, caixas, arcas de madeira e biombos trabalhados. O comércio intensificou a construção dos templos, promovendo a integração no campo das artes. Artesãos goeses que trabalhavam nas igrejas davam um cunho local à decoração.

(Trecho de diários de viagens à Índia, épocas diferentes) repete

9 de maio de 2017

## MEMÓRIAS DE GOA II



Fotos da internet

Os novos encontros, depois de muitos anos, nos permitem refletir sobre a vida e o tempo que vai cobrindo as pessoas de novos revestimentos.

Encontrei o mestre que me despertou para a Síntese Oriente – Ocidente, o famoso historiador goês, Antonio de Menezes. Ele me dava aulas diárias de história da Índia, história do Brasil, costumes, sistema de castas, casamentos entre nativos e portugueses. Aprendi muito e alguns insights me surgiram nessas praias. Foi em D. Paula, naquela praiazinha particular que eu retornei ao passado e vi a chegada dos veleiros na Índia. Os rochedos me levaram ao passado, o mar me estabeleceu no presente. As coisas se repetem, as pessoas aparecem e desaparecem neste mundo de ilusões. Aparecem com a intensidade daquele momento perdido na distância da memória.

Alguma coisa profunda, ligada à nossa realidade interna deveria ser o farol de nossa vida. A vida não tem sentido se não meditarmos sobre a morte, diariamente, com a alegria de quem vai se transformar em algo etéreo, leve, luminoso, sem o peso do corpo, da matéria. A matéria se decompõe, mas o sopro do espírito sobrevive, resiste a todas as doenças, transmite sabedoria e paz.

Naquele momento eu estava diante de um sábio, meu mestre de 80 anos, pele lustrosa, não bebe vinho, não fuma, faz regime semi vegetariano, massagens com escovas no pescoço, pés e mãos.

“É para a circulação”, ele me disse, mostrando uma escova de lavar roupa. Todos os dias faço minha própria massagem. Sua esposa deve ter quase 80, mas parece ter 60. Ainda prepara as pessoas que pretendem estudar em Portugal.

Olho pela janela. Em frente à casa arejada, o rio corre sereno. A rua agora não é a mesma, está cheia de carros, ônibus, apitos, buzinas. O tempo se encarregou de trazer mais movimento

para essas terras. A figura do historiador se iluminou quando me viu chegar. Estava regressando da Editora, onde entregaria o seu último livro. À necessidade intelectual de escrever, ele acrescentava uma ligação espiritual espontânea, direta. Era cristão, mas não frequentava a igreja. A cruz modelada dentro de um pequeno nicho frente à sua casa, estava sempre coberta de flores, mas quando rezava, ele ia direto para Deus.

“Rezo o Pai Nosso com muita devoção”, pensando nas palavras, “pois foi a única oração que Cristo ensinou. Depois, reverencio os que já se foram. Coisas extraordinárias acontecem, eles estão presentes, não morreram”. Olhei para a fisionomia desse homem eternamente sereno, alegre, as palavras com a energia do eterno agora.

“Quando brinco com as crianças me transformo em criança, quando converso com jovens sou um jovem, quando converso com uma pessoa idosa, sou idoso”. A sabedoria dessas palavras me fez refletir.

Não existe passado nem futuro, só o agora. O agora é sempre novo. A atenção total no agora nos transforma em crianças, jovens ou velhos, sem querer ser diferente do que realmente somos. A mente cria a fantasmas que não existem, não sabemos conviver com esses fantasmas, por isso sofremos. (Trecho de diários de viagens à Índia, épocas diferentes).

15 de maio de 2017

### MEMÓRIAS DE GOA III





Fotos da internet

Há poucos anos essa praia era quase selvagem. Depois que os turistas estrangeiros descobriram este paraíso, tudo mudou. Sol tropical, coqueiros, canoas de pescadores. Os pescadores descobriram que vender cerveja na praia dá mais dinheiro do que pescar. Coca Cola, Pepsi, barracas coloridas denunciam a presença de americanos e alemães. Sob as barracas vejo pernas brancas vindas da Europa, enormes seios nus. A mulher está à vontade e fuma. Ninguém liga. O sol tropical abençoa todos, pretos, brancos, amarelos. Os portugueses no Brasil geraram os mulatos, aqui na Índia se misturaram com os indianos de pele morena. Hoje a lembrança da conquista portuguesa ainda está na memória dos mais velhos. Os novos só falam inglês.

Tentei falar por telefone com um arquiteto meu amigo – “Então, retornaste à Goa? Vieste para o carnaval?”, me pergunta ele.

Do outro lado do fio, uma voz alegre.

Ele é um dos grandes amigos que a gente faz nas viagens, dessas amizades que nunca se acabam. Saía comigo para correr igrejas, monumentos, paisagens. Em seu restaurante reuniam-se os intelectuais de Goa, escritores, poetas, artistas. Conheciam alguma coisa sobre o Brasil, aqueles irmãos que também nasceram da mistura de raças, miscigenação curiosa. “Os portugueses mataram os mouros que aqui estavam em sangrentas batalhas. Chegaram a estas terras com as velas arrogantes dos conquistadores. Os homens morreram, as mulheres ficaram: Casem-se com as viúvas, ordens vindas de Portugal.”

Não foi difícil para eles organizarem aqui novas famílias, as viúvas eram belas e submissas. Aqui também chegaram nos navios portugueses, dois dos mais conhecidos inconfidentes mineiros. As sentenças de morte em Ouro Preto transformaram-se em sentenças de vida na Índia. Novos amores, novas famílias. Seus descendentes aqui estão, não posso dizer onde, mas consigo

descobri-los no olhar sorridente dos goeses.

A praia tropical banhada de sol é uma benção para todos. As velas dos navios portugueses se transformaram em barracas anunciando Coca Cola e Pepsi. No momento a expansão portuguesa cedeu lugar à expansão americana.

Este meu amigo é uma pessoa bem-sucedida, com toda uma bagagem de sucessos em seu currículo. Veio me visitar, trazendo uma mocinha como companheira. Levou-nos a restaurantes, estava doente com diabetes, mas não acreditava na medicina.

Em seus 60 anos de vida não aprofundou em nada que o elevasse.

“Você não bebe nem fuma haxixe?”, me pergunta o meu amigo.

As lentes da memória conseguem reduzir os fatos ou ampliá-los. A memória nos faz ver as coisas distorcidas. Há sempre uma projeção de quem pergunta. Uma projeção de si mesmo, de suas frustrações, sua angústia ao perceber a chegada da velhice, as primeiras rugas, os cabelos brancos. O presente parece ser compensado com a presença de uma jovem companheira, mas o simples fato de procurar fora, o que deveria ser uma busca dentro de si mesmo, destrói a ligação direta com o Todo. Estar ligado ao Todo, à fonte perene de onde emana a energia de transmutação e destruição, nos permite acompanhar as mudanças da vida, sem traumas. A bebida, as drogas, criam ilusões e novas dependências. Ali, o prazer se manifesta num momento, para depois se reverter em dor.

A presença da jovem alivia a proximidade da velhice.

*“You make me feel so Young”* – canta Frank Sinatra no cassete dentro do restaurante.

O casal sai para dançar “Garota de Ipanema” de Tom Jobim, cantada em inglês. Ele é divorciado, ela casada com outro, mas se encontram para passeios. O marido permite desde que ela volte para casa à noite. Mora numa cidade perto, e, às vezes às 3, 4 horas da madrugada ela volta sozinha de taxi. Nunca vi disso na Índia. Acho que este casal está inaugurando um novo modo de viver. Ela viveu com o marido desde os 17 anos, sem casar-se. Resolveram casar e tudo deu errado. Agora está tentando buscar a figura do pai num relacionamento perigoso. Existem pessoas que só gostam de conviver com o proibido, numa ânsia de agredir a sociedade.

5 de junho de 2017

## GOA, ÍNDIA PORTUGUESA I

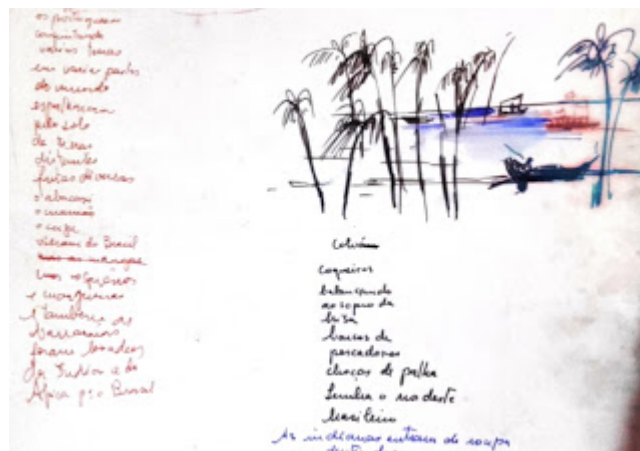


Antigamente  
Os portugueses,  
Conquistando várias terras  
Em várias partes  
Do mundo  
Espalharam  
Pelo solo  
De terras  
Distantes  
Frutas diversas.  
Vieram do Brasil  
Para a Índia  
O abacaxi  
O mamão  
E o caju.  
Mas os coqueiros  
Mangueiras

E bananeiras  
Foram levados  
Da Índia e da  
África para  
Terras brasileiras

8 de julho de 2019

## GOA PORTUGUESA II



\*Ilustrações de Maria Helena Andrés



Coqueiros  
Balançando  
Ao sopro da  
Brisa  
Barcos de  
Pescadores  
Choças de palha  
Lembram o Nordeste  
Brasileiro.  
Os pescadores  
Empurram  
Os barcos  
Todos ajudam  
Homens  
Mulheres  
Crianças  
Paula Beach Resort  
É também  
Uma comunidade  
De gente pobre  
Que vive da pesca

15 de julho de 2019

### GOA PORTUGUESA III



\*Ilustrações de Maria Helena Andrés

Casas coloridas

De cores

Berrantes

Ruas estreitas

Flores nas

Sacadas

Buganvilas

Coloridos.

As casas lembram

Ouro Preto, Diamantina, Sabará.

Mas os sáris

Coloridos

Richshaws

Carros de bois

Bicicletas, movimento

Me trazem de volta

À Índia.

22 de julho de 2019

#### GOA, ÍNDIA PORTUGUESA IV





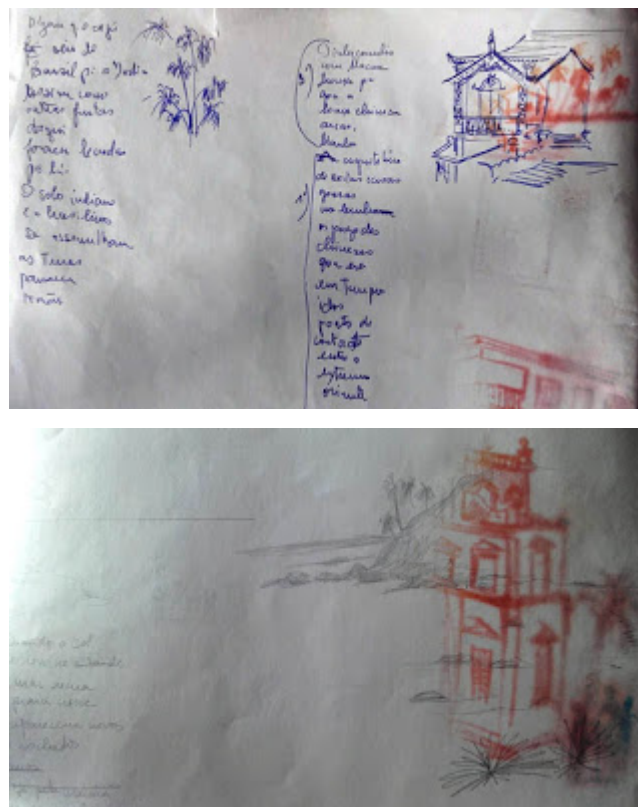
\*Ilustrações de Maria Helena Andrés

Capelas construídas  
No meio da floresta.  
Capela da mãe  
De Deus  
Lembra em  
Sua arquitetura  
Os templos  
Do Sul da  
Índia.  
Os entalhes  
Feitos em teca  
Árvore da região  
Misturam  
Arabescos chineses  
Com talhas do  
Kashimir  
Formando  
Um estilo  
Próprio  
Rebuscado  
Requintado

Fundindo  
Várias culturas.  
Primeiro houve  
A fusão de raças  
De estilos de arte  
De costumes  
Todos eles transportados  
Para o Brasil  
Pelos navegantes portugueses.

30 de julho de 2019

### GOA, ÍNDIA PORTUGUESA V



\*Ilustrações de Maria Helena Andrés

O intercâmbio  
Com Macau  
Trouxe para  
Goa a  
Louça chinesa

Arcas  
Biombos  
A arquitetura  
De certas casas  
Goesas  
Nos lembram  
Os pagodes  
Chineses.  
Goa era  
Em tempos  
Idos  
Ponto de  
Contato  
Entre o  
Extremo  
Oriente  
E o mundo  
Occidental.

5 de agosto de 2019

### GOA, ÍNDIA PORTUGUESA VI



\*Ilustrações de Maria Helena Andrés

Há quatro  
Séculos atrás  
Durante a  
Invasão da Índia  
Por Portugal  
Os soldados  
Portugueses  
Mataram  
Os soldados  
Mouros.  
Mas se  
Casaram  
Com as  
Belas viúvas.  
Os filhos  
Dessas uniões  
Eram chamados  
EURASIOS  
Europa e  
Ásia  
Se fundindo  
Num só corpo.

13 de agosto de 2019

## GOA, ÍNDIA PORTUGUESA VII



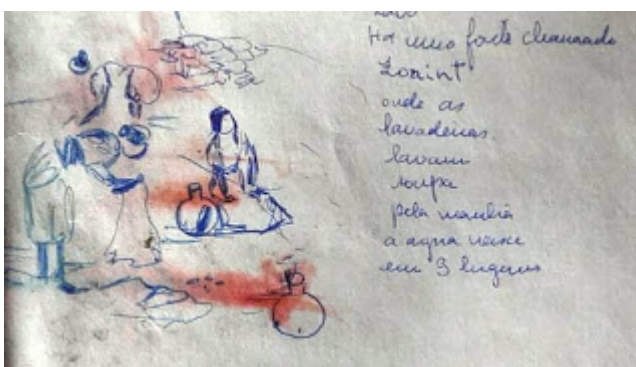
\*Ilustrações de Maria Helena Andrés

A semente da Teca  
Veio da Birmânia.  
Agora as  
Árvores crescem  
Em Goa  
Transformando-se  
Em altares, cadeiras  
Púlpitos.

A teca é uma madeira que  
Tem óleo próprio  
E não é comida  
Pelos bichos.  
Vejo  
Conchas de crustáceos  
Usadas para  
Substituir  
Vidros  
Nas janelas.  
Obra dos  
Antigos hindus.

19 de agosto de 2019

### GOA, ÍNDIA PORTUGUESA VIII



\*Ilustrações de Maria Helena Andrés

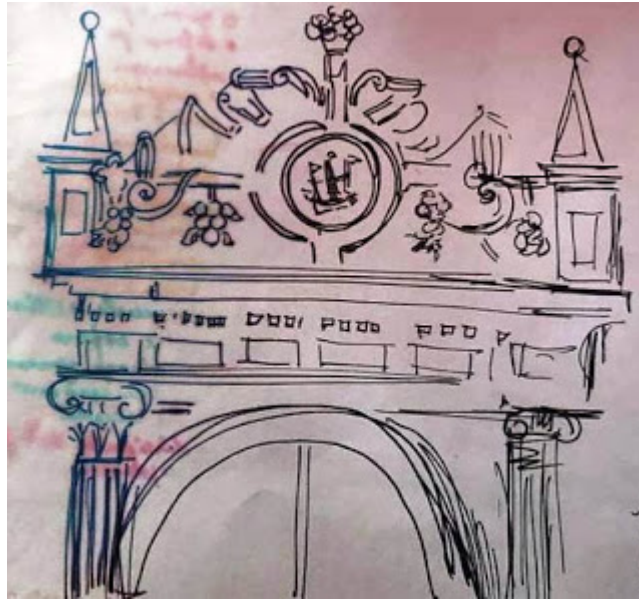
Ao longo  
Da estrada vejo  
Pequenas  
Capelas



Para oração.  
Algumas hindus  
Outras cristãs.  
Mas a prece é a  
Mesma.  
Famílias  
Inteiras  
Dormem  
Na estrada  
Debaixo das  
Árvores.  
Fazem moinhos  
Artesanais  
Para moer o grão  
A pimenta, o coco  
Os temperos.  
Há uma fonte chamada  
“ZONINT”  
Onde as lavadeiras  
Lavam  
Roupa.  
A água nasce  
De três nascentes.

26 de agosto de 2019

## GOA, ÍNDIA PORTUGUESA IX



\*Ilustrações de Maria Helena Andrés

A arte cristã de Goa  
Deixa-se influenciar  
Por motivos da arte  
Hindu e muçulmana.  
Na velha Goa  
Considerada  
A Roma do oriente  
Realizou-se  
Através da arte

A síntese Oriente-ocidente.

O barroco

Arte do mar

E das Grandes aventuras

Misturou-se

Ao espírito oriental

Dos hindus e

Muçulmanos.

Os templos cristãos

Parecem fortalezas

Medievais

Construídos

Sobre as

Ruínas dos

Templos árabes.

São a supremacia

Da força

E a implantação

Do reino de

Portugal

Em terras

Indianas.

O orientalismo

Da arte manuelina

Manifesta uma

Síntese de

Várias culturas.

Influências

Complexas

Vindas da

África

Da China

Indochina

Arábia, Pérsia.

A mão do branco se

Une às mãos

Escuras dos

Artistas da

Terra

Trazendo arabescos

Florões.

O preenchimento completo

Do vazio.

15 de outubro de 2019

### GOA PORTUGUESA X



\*Ilustrações de Maria Helena Andrés

Mesinha trabalhada  
Em flores e frutos.  
Mistura de estilos.  
Vasos chineses  
Santos cristãos.  
Em marfim  
A presença  
De várias  
Culturas.  
Ponto central  
De encontro  
Do extremo oriente.  
Oriente médio  
Índia  
Portugal  
Américas.  
Frutas do Brasil  
Foram plantadas  
Na Índia e vice-versa.

21 de outubro de 2019

## GOA ÍNDIA PORTUGUESA XI



Mosteiro  
de S<sup>ta</sup> Mônica  
Construído  
pelo  
portugueses  
em 1536  
pelo rei de  
Portugal  
Felipe IV

Os sinos tocam  
cada vez  
+ longe  
e' hora de  
almoo +  
o sol a pino  
esquentá  
a paisagem

Antonio de Albuquerque  
assistiu a cavalo no alto  
do muro, a retomada de Goa

\*Ilustrações de Maria Helena Andrés

Mosteiro

De Santa Mônica

Construído

Por Felipe IV

Rei de Portugal

Em 1536

Antonio de Albuquerque

Assistiu a cavalo no alto

Do morro, a retomada de Goa  
Aos mouros.  
Barroco, arte do mar  
Das grandes descobertas.  
O homem deixa de ser  
O centro do  
Universo  
Para atirar-se  
No desconhecido.  
A aventura do além mar  
É a descoberta  
De novos mundos.

28 de outubro de 2019

## GOA ÍNDIA PORTUGUESA XII





\*Ilustrações de Maria Helena Andrés

Se eu quiser  
Que a minha  
Energia suba  
E se purifique  
Não preciso  
Fazer ginástica  
Nem concentração  
Nem respiração.  
Apenas paro  
E desenho.  
Aos poucos  
A paz me envolve.  
Muitas vezes a  
Paz nos chega  
De repente  
Quando nos absorvemos  
Na paisagem.  
Quando deixamos de ser  
De ter, de querer  
De desejar.



O querer, o planejar  
O esforço para  
Alcançar  
Qualquer coisa.  
Mas, além da mente  
No silêncio  
Não existe esforço.  
Ele nos chega  
Como uma benção  
No momento devido.  
Nesta hora abençoada  
Somos tudo  
E somos nada.

5 de novembro de 2019

### MINAS BARROCA E TEMPLOS HINDUS



Foto: Maurício Andrés e Desenhos: Eliana Andrés

Na terra brasileira floresceu nos séculos dezessete e dezoito a arte Barroca, poderosa em sua expressão, na qual, a partir dos elementos decorativos, do movimento de formas e do simbolismo mágico das figuras, o passado de descobertas e buscas é retomado.

O Barroco, que o historiador Carmo Azevedo denomina “a arte do mar e dos grandes aventureiros”, passa por uma transformação no Brasil, na região de Minas Gerais, em uma arte da terra, da busca de ouro e pedras preciosas. A mão que esculpiu e moldou a forma manteve o artesão próximo de sua própria origem. Os modelos vêm de além-mar e encontram eco na região

montanhosa de Minas Gerais, nos entalhes naturais, nos arabescos das montanhas, na sinuosidade dos rios, nas encostas de pedra, seguindo os padrões desenhados no coração da terra pelos veios de ouro.

As minas de ouro construíram as cidades de Minas. Foram construídas igrejas nas quais as mãos dos artesãos e artistas que vieram da Europa e da Ásia se misturaram às das dos nativos, mulatos e índios. Elas expressaram a integração de culturas e o sincretismo religioso. Na Igreja de Nossa Senhora do Ó em Sabará, de inspiração oriental, dragões domesticados voam no espaço sobre pagodes chineses. Síntese oriente-ocidente alcançada por meio da arte, mãos brasileiras se juntando a povos e raças distantes, numa mesma energia.

O barroco, nascido da contrarreforma, reinstala os santos esconjurados pelo protestantismo. “O novo estilo, caracterizado pela luxúria da forma e pela pompa ornamental litúrgica, atuava como um instrumento de afirmação gloriosa do poder mundano da Igreja e de impacto numa mentalidade social que lutava entre os valores de uma tradição católica e a filosofia renascentista que portava suas novas verdades.”<sup>7</sup>

A visão do mundo mudara. A terra não era mais o centro do universo, que admitia muitos centros, inumeráveis pontos energéticos e sistemas solares. Leibniz formulou sua teoria cósmica das monadas. Nessa filosofia, dizia Leibniz, “tudo que existe é composto de monadas, isso é, de partículas de força, indivisíveis, privadas de comprimento, em movimento incessante que mantêm em si próprias a propriedade de todas as coisas no universo.”<sup>8</sup>

Conceitos ancestrais estáticos eram modificados e no mundo ocidental reverberavam pensamentos muito similares aos das revelações dos rishis nos Vedas. Toda a sensualidade da arte barroca em Minas Gerais parece se originar dessa explosão de “partículas de força, indivisíveis, privadas de comprimento, em movimento incessante”. A energia parece ser a mesma que deu impulso aos templos no sul da Índia, esculpido em pedra, na beira do mar ou dentro de cavernas. Eles transmitem exuberância, sensualidade, movimento, vida, num espaço preenchido completamente com figuras e símbolos.

“A emergência da arte”, escreve André Gide, não é possível exceto nos pontos de nosso mundo onde o céu toca a terra, isto é, quando os deuses se tornam homens e os homens se tornam deuses.”<sup>9</sup>

Na grandeza das igrejas barrocas de Minas Gerais e nos templos hindus pode-se sentir que a energia divina desceu à terra, para tornar-se humana e dançar com os humanos.

---

<sup>7</sup> Affonso Ávila, Pequena Iniciação ao Barroco Mineiro. In Revista Barroco, n.7, p.7, 1975.

<sup>8</sup> Leibniz, in Enciclopédia Barsa, vol.8, p.272.

<sup>9</sup> André Gide, citado por Carmo Azevedo, A influência da Índia na arte portuguesa do século XVI.

A arte Islâmica do norte da Índia e os templos protestantes mostram uma feição comum, que é a ausência da figura humana. Em contraste, os templos do sul da Índia e as igrejas católicas barrocas mostram muitas figuras humanas, animais e plantas. O espaço é quase congestionado e a madeira entalhada canta e vibra com a riqueza de detalhes.

Sentimos essa riqueza de detalhes nas faces internas e externas dos templos Hindus, principalmente no sul. Ali, deuses dançam e tocam música, adornados com braceletes e colares mostrando que dança, música e artes em geral são caminhos para alcançar a união com o divino. Também nos tempos áureos do barroco as artes se fundiam tentando transmitir um conjunto de riqueza mundana e a religiosidade daquela época. Artistas e manifestações públicas de teatro, música e dança eram estimulados. As procissões eram na realidade coreografias seguidas pelos fiéis, tornando toda a cidade um palco, adornado com flores, toalhas de mesa decoradas penduradas nas janelas, oferecendo no todo um espetáculo majestoso e espetacular. “Pode-se dizer que tanto a música como a dança eram naqueles tempos elementos vitais para a humanidade e possuíam, com toda a evidência, não somente um charme poderoso, mas também um propósito superior, não simplesmente o princípio do lazer.”<sup>10</sup>

Na Índia, também, nos tempos antigos, a integração das artes foi alcançada dentro dos templos e festivais de dança, música, poesia, canto, eram parte de um ambiente criado por arquitetos, artistas e artesãos. Havia, então, uma integração dos vários ramos da arte para promover a união com o supremo criador do universo.

O artista mais famoso do período colonial em Minas, Antonio Francisco Lisboa, conhecido como o Aleijadinho, transmite em suas esculturas o movimento da dança e há estudos sobre sua obra comparando os profetas de Congonhas do Campo com a coreografia de um balé.

Nos três níveis do adro da igreja os profetas ordenam seus gestos simetricamente em relação ao eixo da composição, assim formando um balé”. “Poder-se ia dizer que a partir do século dezessete o próprio princípio da composição barroca é o balé. É por correspondência, oposições e compensações, de acordo com as leis do ritmo e não mais da geometria que, nas igrejas do século dezessete e mais ainda nas do século dezoito, os gestos e atributos das representações pintadas e esculpidas se ordenam. O que aparentemente e isoladamente é uma contorção responde a uma necessidade essencial, aquela do ritmo.”<sup>11</sup>

Em Antonio Francisco Lisboa a necessidade do ritmo move suas figuras para um ritmo interno, que transcende as meras influências visuais ou físicas. Movido por uma intensa

---

<sup>10</sup> Francisco Curt Lange – As danças coletivas públicas no período colonial brasileiro, em Revista Barroco, n.1, p.14, nota IV, 1969.

<sup>11</sup> Germain Bazin, O Aleijadinho e a escultura barroca no Brasil. distribuidora Record, Rio-São Paulo, p.231.

necessidade de expressão, esculpindo, com suas mãos aleijadas, diretamente com a força de sua energia interior, a arte do Aleijadinho liga-se às fontes energéticas que sustentaram o momento universal do século dezoito. Sua arte é também uma arte de síntese com o mundo oriental e não pode ser analisada somente pela fusão da arte europeia com a arte africana na qual o artista tinha suas raízes ancestrais.

Germain Bazin descobre em seus profetas, principalmente nos detalhes das roupas, características orientais. As coberturas para as cabeças são “um tipo de mitra oriental, coroada por um botão, amarrada à base, um turbante. “É necessário retornar ao século quinze para encontrar essas coberturas em mitra que foram em seu tempo aquelas do oriente. Elas foram introduzidas na Itália na ocasião da visita do imperador João II, um paleologista que veio de Constantinopla seguido por uma corte inteira de dignitários leigos ou eclesiásticos, filósofos ou mestres.”<sup>12</sup>

Germain Bazin descreve nos profetas influências das vestimentas da igreja oriental. Nós notamos que essas vestes, principalmente no que concerne às coberturas da cabeça, parecem com as roupas dos deuses do panteão hindu, os turbantes nas cabeças de Buda e as torres elaboradas e superrefinadas dos templos e stupas.

Todo grande artista é uma síntese do universo. Por meio de seu trabalho ele transmite uma integração de energias universais que transcendem a influência do ambiente em que vive, para unificar e sintetizar o universo ao qual pertence.

Nos profetas de Congonhas do Campo a coreografia das figuras, seus olhos amendoados, a posição e movimento de seus corpos, trazendo similaridades formais, integram o oriente e o ocidente numa mesma expressão.

26 de outubro de 2015

---

<sup>12</sup> Germain Bazin, op.cit. p.285.

## ÍNDIA E BRASIL



\*Fotos da internet

Estamos pesquisando contrastes e semelhanças entre a Índia e o Brasil. Isto faz parte do estudo do Maurício Andrés, mas podemos ajudá-lo na parte da arte e do artesanato, e na observação dos costumes.

O artesanato é a via artística mais diretamente ligado à alma do povo, aos seus costumes e tradições. O artesanato indiano é riquíssimo e abrange uma dimensão bem grande dentro de uma variedade de concepções estéticas que, muitas vezes, espontaneamente se aproximam das nossas concepções. Vamos descobrindo coisas. Aquele elefante de palha, que estava decorando a casa de um amigo brasileiro, nos lembra também outros bichos de palha, tecidos pelas mãos dos chilenos e dos brasileiros de Entre Rios de Minas, no outro lado do mundo.

Há talhas de madeira, com formas humanas rebuscadas como os trabalhos de GTO (Geraldo Telles de Oliveira, escultor mineiro). Há colares de prata semelhantes aos colares de Tiradentes.

Hoje, vi no Museu de Arte de Nova Delhi, desenhos parecidos com os de minhas filhas Marília e Ivana. Uma das pinturas, uma grande mandala, faz lembrar meus próprios quadros. Isto nos faz conscientes de que as inspirações dos artistas se assemelham, colhemos ou captamos vibrações semelhantes em pontos diversos do mundo.

Existe a separação criada pela distância e a língua, mas as manifestações mais profundas da alma são semelhantes entre os seres humanos. (Trecho do Diário de Viagem à Índia, 1978)

11 de outubro de 2020

## ARTESANATO FAMILIAR



Foto: Álbum Oriente/Ocidente

Na Índia, como a máquina não tomou a liderança nas atividades domésticas e a televisão ainda é um privilégio para poucas famílias, atividades artísticas e manuais são uma forma de unir as famílias. Elas sentam-se no chão, com tesouras espalhadas, papéis, arames, tecidos e trabalham juntas.

A feitura de bonecas é tarefa da dona de casa, envolvendo avós e avôs. Há um festival de bonecas a cada ano, que muda de acordo com o calendário Hindu. O Festival Dasara, como é chamado, dura dez dias e começa na lua de outubro. Em *Mysore* há uma cerimônia da boneca feita a mão em frente à deusa de 16 mãos *Shakti* (em *Chamundi Hills*, sul da Índia). Os hindus a veneram como exterminadora do orgulho. Artistas e artesãos se ajoelham com suas bonecas e humildemente imploram pela destruição do ego.

Observo numa mostra de bonecas a história da Índia revelada em cenários; numa outra mostra da vida de deuses e heróis da mitologia indiana. As pequenas bonecas coloridas fazem o espectador experimentar situações relacionadas com a cultura e a religião do país.

Esse tipo de artesanato é altamente estimulado porque constitui uma maneira de educar as pessoas. Como o número de dialetos na Índia é muito variado, há a possibilidade de aprender diretamente da fonte, sem usar palavras. Há museus como o de tecnologia de Bangalore onde, por detrás de janelas de vidro, é contada toda a história da ciência e há também museus itinerantes em ônibus nos quais as janelas servem como palco de bonecos e que são dirigidos às aldeias para a educação popular.

No vale do Jequitinhonha, no interior de Minas Gerais, o artesanato é um modo de

sobrevivência para grande número de famílias. As famílias vivem juntas, como na Índia. Há uma fileira de casas formando um pequeno quarteirão e em cada casa um forno de cerâmica. O barro é moldado por mãos femininas. Ele é batido numa mesa de forma primitiva e levado ao forno para cozinhar. Lidando com terra, água e fogo, as artesãs chegam próximas da essência do ser humano, algumas vezes por meio dos mesmos símbolos e arquétipos que inspiraram artesãos em outras partes do mundo. Há liberdade para criar figuras de quatro ou cinco cabeças nos grandes vasos de cerâmica utilitária e há, como na Índia, descrições de cenas de casamentos e procissões, hábitos dos homens do interior, suas práticas de trabalho, seus sonhos.

Há um contato íntimo com a terra, já que é da terra que os artesãos tiram a argila para seu trabalho. Sua fala é simples, mas extremamente clara: “Venha ver a argila”, um deles me chama – “Ela tem veias, como nas pessoas... Sempre que você vê essa veia é porque ela é de boa qualidade.”

Para os artesãos do vale do Jequitinhonha a terra é uma extensão de seu corpo.

No Brasil também há o hábito de fazer cenas do nascimento de Cristo na véspera do Natal. Há presépios famosos como o de Nova Lima no qual, entre os reis magos, Nossa Senhora, São José e o menino Jesus, aparecem as mais variadas cenas de cidades modernas, com todos os seus negócios. O mais famoso presépio de Minas Gerais é o do Pípiripau, num dos bairros de Belo Horizonte, e visitado por turistas e pessoas interessadas em geral. Há um tom religioso nessas manifestações de arte popular, mas não há preocupação em situar historicamente o nascimento de Jesus Cristo. Ele está ali entre ônibus, trens, barcos, aviões, integrando o passado, o presente e o futuro num único cenário.

3 de novembro de 2015



## MÚSICA INDIANA E MÚSICA OCIDENTAL



Foto: Álbum- Oriente/Ocidente e livro Pepedro nos caminhos da Índia

A música indiana deve ter-se expandido, através da Pérsia e da Grécia, pouco a pouco, à medida que era refinada e simplificada, em direção à Europa. Há certa afinidade entre a música oriental e a música da Grécia antiga, suas escalas variando na disposição de semitons. A música oriental tem um caráter melódico e ignora a polifonia, que é uma conquista moderna da arte musical europeia.

A cultura milenar da Índia data da era dos Vedas e os livros sagrados eram cantados durante sacrifícios ao ar livre. Os livros eram as composições dos rishis, transmitidas oralmente de geração a geração.<sup>13</sup>

Há uma grande afinidade entre a música religiosa indiana e o canto gregoriano, música de forma circular e repetitiva. Em seu aspecto mais popular, a música indiana lembra os desafios cantados por violeiros nordestinos ou as cantigas do folclore brasileiro de origem africana.

Na música indiana, como nos desafios brasileiros, há sempre uma parte estrutural formando uma moldura para a improvisação criada no impulso do momento.

Na Índia, esses desafios e improvisações são feitos com instrumentos de percussão tais como tablas, uma de metal e outra de madeira. No Brasil, a percussão é feita com tambores, atabaques, cabaças, agogôs. Há um ritual completo para criar a tabla, do mesmo modo como no Brasil há um ritual e mesmo um batismo dos instrumentos com água sagrada da igreja mais próxima, na construção de um tambor sagrado.

Ao viajar no interior de Minas Gerais, observei o aquecimento de tambores num forno de lenha, para produzir um melhor som. Tambores como os atabaques africanos e a tabla indiana são

---

<sup>13</sup> Das anotações do Dr. Antonio de Menezes.

soados por mãos humanas. O ritmo da percussão batida por mãos humanas é semelhante em diferentes regiões do globo.

Tambores e cuícas de origem africana, constantemente presentes na música popular brasileira, deram origem ao batuque, ao samba e depois à bossa nova, já sob a influência do jazz. Foi preciso toda uma comunicação de culturas para formar a música popular no Brasil.

Há também uma troca espontânea com outros países por meio da música brasileira e sentimos que os músicos em geral são, no presente, os melhores difusores de nossa cultura na Índia, especialmente em Goa, ex-colônia de Portugal.

Janeiro de 2011

### MÚSICA INDIANA E MÚSICA EUROPEIA



Fotos: internet

Um passado de mais de 5000 anos de cultura transparece através dos grandes monumentos de arte e a história da Índia é contada nos entalhes feitos diretamente nas pedras, nas esculturas, nas pinturas dos templos e das grutas, na arte erudita e na arte popular. A grande vocação espiritual do povo indiano manifesta-se através de uma filosofia onde os ensinamentos dos Vedas se entrosam com crenças populares.

“Anteriormente julgava-se que a história começava com a Grécia, até que se descobriu que o povo advindo das margens do Cáspio, tinha-se desmembrado, indo um ramo para a Índia e outro para a Grécia e Europa Ocidental, através da Pérsia.”

Romila Thapar, em seu livro “A History of India” escreve: “Europeus, estudiosos da língua sânscrita, descobriram semelhanças entre o Sânscrito, o Latim e o Grego. Essa descoberta veio reforçar a teoria da existência, no passado, de uma língua comum usada pelos Indo-Europeus.”

“A música da Índia, pouco a pouco apurada e simplificada, espalhou-se pela Europa. Há um certo parentesco entre a música do Oriente e a música da Grécia Antiga, variando as escalas pela colocação dos meios tons. A música do Oriente tem caráter melódico e desconhece a polifonia, que é conquista moderna da arte musical europeia. A cultura milenar da Índia remonta à época dos Vedas, em que se cantavam os hinos sagrados durante os sacrifícios que se celebravam ao ar livre. Esses hinos eram composições dos Rishis, transmitidos oralmente de geração em geração.”  
(Dr. Antonio Menezes, Pangim, Goa)

Os Vedas são um conjunto de livros que contêm as revelações dos Rishis. Combinando a religião com a filosofia e a arte, os hindus buscam um ideal de perfeição onde a clareza do filósofo une-se à devoção do santo e ao senso estético do artista.

Há grande afinidade entre a música religiosa indiana e o canto gregoriano, música circular repetitiva. Em seu aspecto mais popular, a música indiana faz lembrar os desafios cantados pelos violeiros nordestinos ou os cânticos do folclore brasileiro de origem africana. Na música indiana, assim como nos desafios brasileiros, há sempre uma parte estrutural que forma o arcabouço para a improvisação criada na hora, ao sabor do movimento.

Na Índia, esses desafios e improvisos se fazem através de instrumentos de percussão denominados “tablas”, sendo uma de metal e a outra de madeira. No Brasil a percussão é feita com tambores, atabaques, cabaças, agogôs etc.

Existe todo um ritual para se criar e construir uma tabla, assim como, no Brasil há também todo um ritual e até batismo dos instrumentos, com água benta (buscada na igreja mais próxima), na construção de um Tambor Sagrado.

Viajando pelo sertão de Minas Gerais, observei o esquentamento dos tambores, sobre um

fogão de lenha, para produzir um som melhor. O som dos tambores é obtido com as mãos, como os atabaques africanos ou as tablas indianas. O ritmo de percussão tirado por mãos humanas, assemelha-se nas diferentes regiões do globo terrestre.

8 de janeiro de 2011

### CANTO GREGORIANO E HINOS VÉDICOS



Fotos: Marília Andrés e internet

Podemos ver, nas diversas religiões, a busca da harmonia do ser humano por meio da harmonia de sons. Na Bíblia, David conseguiu amenizar com uma harpa a cólera do rei Saul. Ao som de uma lira, Pitágoras transmutava as vibrações de seus discípulos. Na mitologia grega, os primeiros grandes músicos foram os deuses. Apolo, deus da beleza e da arte, é conhecido como o músico que, ao tocar sua lira, encantava os deuses do Olimpo. Pã inventou a flauta de cana e ao som de sua música se irmanava com os pássaros e com toda a natureza. Entre os mortais descendentes dos deuses gregos destaca-se Orfeu, que, sob a magia de sua música, fazia mover os rochedos, os montes, o curso dos rios.

Em todas as religiões, o canto sempre foi o meio mais simples de se entrar no estado de harmonia e paz. Os cânticos devocionais unificam as pessoas e, por seu intermédio, a espiritualidade chega mais direto aos corações do que por meio do discurso falado. Existe uma afinidade entre o cântico dos Vedas, na Índia, e o canto gregoriano na tradição cristã. Percebemos que ambos nos elevam para um plano mais sutil, rumo ao estado contemplativo.

O Canto gregoriano foi resgatado de manuscritos antigos pelo papa Gregório Magno, que fez uma coletânea do que era cantado nas celebrações. Pretendia unir os devotos por meio do canto monódico ou uníssono. No período das perseguições religiosas, os cristãos se reuniam nas catacumbas e cantavam em louvor a Deus enquanto esperavam a sentença final. O canto, provocando o estado de religiosidade, ajudava-os a superar o medo da morte.

No Oriente, o cântico de mantras harmoniza o corpo-emoções-mente e é também considerado uma forma de meditação. A cultura milenar da Índia remonta à época dos Vedas, quando se realizavam rituais com a entoação de hinos e invocações diante da chama sagrada. A tradição hinduísta dá ao mantra, ou som místico, um significado profundo dentro de sua religião. Trata-se de um recurso para o Yogue atingir o som inaudível e não manifesto. Por meio do som ele busca a Realidade Última. De acordo com o Yoga, cada objeto tem um som natural, que pode ser captado, modificado e sintonizado com a música universal. Para os Sufis, “aquele que conhece o mistério do som sabe o mistério do universo.” Nós não conseguimos ouvir o som abstrato que nos circunda e envolve, porque estamos com a consciência centralizada em nós mesmos, em nossos problemas e na vida material. Mas, segundo eles, aquele que tiver a capacidade de sintonizar-se com esse som conhecerá o presente, o passado e o futuro.

A entoação desses cânticos tem caráter melódico e circular repetitivo, assim como o canto gregoriano; portanto, existe uma semelhança entre o canto gregoriano e os hinos védicos. A atmosfera mística que ambos proporcionam levou-me a pesquisar as origens comuns das duas manifestações devocionais.

“O canto gregoriano tem origens orientais. As reverendíssimas beneditinas da Abadia de Nossa Senhora das Graças, em Belo Horizonte, lembram que os monges sempre trabalhavam cantando orações nas lavouras, mas a base dessa melodia – introspecção, contemplação e monodia - veio das sinagogas judaicas e dos cultos hebraicos.” (Padre Nereu de Castro)

Esses grupos devocionais do passado inclinavam-se em atitude de reverência diante da majestade do Deus criador. Durante a entoação dos cânticos sagrados criavam uma atmosfera de harmonia e unidade, impulsionados por uma energia interior. Essa mesma atmosfera pode ser sentida até hoje nos diversos templos e mosteiros de várias regiões do planeta. Não importa se

entoamos um cântico em Sânscrito ou em Latim. A intensidade da busca dessa experiência depende da intenção e da nossa atitude de entrega durante a entoação dos sons sagrados. Esses sons podem nos conduzir além das estrelas, no espaço etéreo, onde não existe a dualidade dos conceitos mentais.

Nos cânticos de louvor, sentimos que o Divino pode manifestar-se no humano.

28 de dezembro de 2010

### BRASIL E ÍNDIA – FESTIVAIS E CARNAVAL



Fotos: Álbum- Oriente/Ocidente

As culturas se parecem umas com as outras espontaneamente, movidas por uma necessidade interior de religiosidade inerente ao ser humano. Mas a transmissão de aspectos formais por meio da dança e da música, deixando de lado conceitos e crenças, sincretiza festivais religiosos, expandindo a mesma forma de expressão para diferentes regiões do planeta. Apesar do significado ser frequentemente distinto, os aspectos formais são similares.

Procissões, com devotos transportando os santos em liteiras e parando em pequenos templos ao longo do caminho nos fizeram compreender o dualismo, isso é, que a existência de um intermediador entre o devoto e o Criador Supremo do universo traz conexões formais espontâneas entre povos. Os festivais religiosos com paradas e bandas de música são comuns em várias partes do mundo.

Na Índia, as cerimônias religiosas dos casamentos hindus trazem o noivo à rua, numa

parada, montando um cavalo adornado com joias e seguido por uma banda e dançarinos. O aspecto do noivo é o de um príncipe que está indo encontrar sua princesa.

Comparecemos às festividades de Nossa Senhora do Rosário em Araçuaí, Jequitinhonha, quando, entre cânticos e rituais, um casal foi coroado dentro da igreja, como rei e rainha do festival do congado.

Há na Índia muitos festivais e manifestações populares que lembram os festivais brasileiros do congado, reisado, bumba meu boi e outros.

Na Escola de Arte do Kalakshetra, no sul da Índia, vimos apresentações de danças folclóricas indianas e fomos capazes de notar as semelhanças com as danças folclóricas brasileiras que são apresentadas nas festas juninas em Minas Gerais.

Seria importante estudar mais a fundo essas manifestações populares para estabelecer uma confrontação e descobrir as origens comuns às várias culturas, já que somente uma pequena nota é possível aqui sobre esse tema.

A respeito das influências de origem europeia, o carnaval é o festival que traz mais características comuns entre o Brasil e Goa. Vimos o carnaval em Pangim, Goa, onde a maior parte da população se movimenta nas ruas principais da cidade para ver os grupos que desfilam. Há alegria, canto, música, máscaras, senso de humor e críticas sociais, diferentemente daqueles dos carnavais brasileiros em alguns aspectos e semelhantes em outros. No Brasil, as músicas tocadas durante o carnaval são gravadas em discos para que a população possa tomar parte no seu canto. Em Goa, há canções de muitas nacionalidades, samba, tango etc. e, à noite, nos bailes, dança-se ao som da música pop americana, como nas discotecas brasileiras.

No Brasil, especialmente no Rio de Janeiro, as principais paradas e desfiles são os das escolas de samba ao longo da avenida. Cada escola traz uma diferente coreografia e ensaios são feitos durante parte do ano, com bailes e batucadas.

Em Goa o carnaval relembra as antigas festividades de carnaval do Brasil, com caráter humorístico. No Rio, o carnaval de rua mantém seu senso de humor e grupos mascarados coexistem com coreografias e roupas superrefinadas na avenida, para atrair turistas estrangeiros.

Há assim contrastes e semelhanças nessas manifestações populares.

No interior de Minas Gerais e no nordeste brasileiro, os carnavais ainda mantêm algumas características das antigas festividades mouras, semelhantes às de Goa, mas nas grandes cidades os quatro dias de carnaval são um pretexto para quatro bailes noturnos nos principais clubes.

## INFLUÊNCIAS E TROCAS ENTRE O BRASIL E A ÍNDIA



Foto: Álbum- Oriente/Ocidente | Desenhos de Maria Helena Andrés e Eliana Andrés

Observando os ornamentos florais dos oratórios em Minas Gerais e a ornamentação da capela do Taquaral, perto de Ouro Preto e Mariana, sentimos a proximidade com a Índia hindu e islâmica.

Os portugueses alcançaram na Ásia uma maior integração com seu povo do que outros europeus que se assentaram ali. No início da colonização de Goa, Alfonso de Albuquerque doou terras e privilégios para os portugueses que se casassem com mulheres mouras. “Quando Albuquerque deixou Goa em direção a Malaca (abril de 1511) ele deu instruções a Rodrigo Rabelo (encarregado da defesa da cidade) para facilitar tais casamentos, desenvolvendo ao máximo que pudesse tal instituição e protegendo-a com o maior cuidado.<sup>14</sup>

A fácil comunicação dos portugueses e seu assentamento profundamente enraizado na terra favoreceram, em certa medida, a influência asiática nas artes portuguesas e padrões da China e da Índia se misturavam com os modelos portugueses. “Os portugueses não somente empregaram artesãos indianos na Índia, mas também tiveram trabalhos feitos por artesãos indianos em Portugal.”<sup>15</sup>

A influência da Índia aparece muito frequentemente nos famosos bordados portugueses, principalmente no tratamento e ocupação do espaço. Tais desenhos, nos quais o superrefinamento é uma constante, também influenciaram a ornamentação de igrejas católicas.

<sup>14</sup> Antonio de Menezes, op.cit. p.48.

<sup>15</sup> Lotika Varadarajan, Indian Textiles in Portuguese collections.



Os padrões portugueses, chegando ao Brasil em naus colonizadoras, trouxeram inspirações de além-mar frequentemente assimiladas na Índia ou na China.

A historiadora Maria Luiza Galeffi, numa palestra dada em Congresso do barroco em Ouro Preto, relata o seguinte fato: quando padrões de Portugal chegaram à Bahia para serem colocados como ornamentação nas colunas das igrejas barrocas, o mito do pavão foi substituído pelo do pelicano, símbolo do Cristo, que deu a vida por seus filhos.

No início da colonização, os portugueses se assentaram por algum tempo na costa leste da Índia, no golfo de Bengala e então se estabeleceram em São Tome de Mylapore, Madras, fundando ali um centro de atividade têxtil. Característica da arte daquela região são os desenhos de pavões entrelaçados com guirlandas e arabescos, na mesma disposição dos arabescos que decoram as igrejas barrocas. Eles são impressos em tecido, em cores brilhantes, da região de Madras, estado de Tâmil Nadu, sul da Índia.

Não foram esses padrões que inspiraram Portugal e sua ornamentação barroca, chegando posteriormente ao Brasil, onde a substituição dos mitos ocorreu? Essa pergunta eu deixo para os interessados em estudos de arte, história, comunicação de culturas. Nosso trabalho é somente uma pista para um mais profundo, já que é uma síntese e assim, não adequada para uma análise mais detalhada dos dados obtidos.

Mas a sugestão fica para outros estudos que possam ser feitos no futuro por historiadores, sociólogos, antropólogos e artistas, lembrando que o caminho das Índias não se fechou com os navegadores, mas pode ir muito além no futuro, por meio de trocas culturais com as ex-colônias portuguesas.

Um primeiro passo nessa direção foi dado pelo arquiteto Maurício Andrés Ribeiro que, tendo estado na Índia em 1978, desenvolveu ali uma pesquisa sobre “Habitat e transferência de tecnologia” no Instituto Indiano de Administração em Bangalore. A pesquisa, patrocinada pelo CNPq do Brasil, teve como tema um estudo comparativo entre uma aldeia indiana e um município brasileiro. Ela estudou as principais características de aldeia de Kenchankuppe na Índia e da cidade de Juramento, perto de Montes Claros, Minas Gerais. Registrou o uso do solo nessas diferentes regiões, a alimentação, vestuário, habitação, saúde, energia. Analisou as taxas de educação em Kenchankuppe e as diferentes abordagens nas duas comunidades em relação à criação de gado e a hábitos alimentares. Em sua conclusão, ele escreve que “as mudanças internas dependem fortemente de processos mais amplos, porque nem a aldeia nem o município são ilhas isoladas. Eles pertencem a estados, regiões e países historicamente diferentes e que enfrentam de seu próprio modo os problemas econômicos e sociais. Mas há também importantes semelhanças que

ligam tais países: semelhanças climáticas e ecológicas, modelo de economia mista, grandes áreas geográficas, grande expressão regional, problemas socioeconômicos similares. A comparação, as trocas e intercâmbios entre suas experiências de desenvolvimento, sucessos e fracassos, poderiam ser, assim, proveitosos”.

Esse resumo do trabalho de Maurício Andrés é registrado aqui como um exemplo de iniciativa para iniciar um intercâmbio com a Índia, por meio de pessoas que estão interessadas em estudos comparativos nos campos da ciência e da tecnologia. Possa essa cooperação ser também feita nos campos da cultura, da educação, arte e história.

9 de novembro de 2015

### INFLUÊNCIAS ORIENTAIS NAS IGREJAS FRANCISCANAS DO BRASIL



Fotos de Marília Andrés Ribeiro e Almerinda da Silva Lopes

Marília chegou da Bahia onde participou de um Congresso de historiadores da arte do Comitê Brasileiro de História da Arte.

O historiador pesquisa, descobre coisas que foram vividas pelos homens de antigamente, fatos ainda não mencionados na história convencional.

Ela me diz: “Fizemos uma visita ao convento dos franciscanos em Paraguaçu, no Recôncavo Baiano. Você iria gostar de ver esse mosteiro, que tem uma história bonita de intercâmbio entre o Brasil e a Índia, e hoje está abandonado”.

A Bahia era a porta de entrada dos antigos navegantes portugueses. Aqui chegavam as caravelas trazendo especiarias da China e da Índia, em troca de produtos brasileiros. A Bahia foi a primeira região brasileira a inaugurar a síntese Oriente/Ocidente. Eu já pesquisei esse assunto um dia, quando participei em 1983 de um Congresso em Goa. O Brasil na Carreira da Índia, do

historiador Luiz Roberto Lapa, foi o livro que me permitiu conhecer essa história esquecida de intercâmbio comercial entre o Brasil e a Índia, fruto das relações intercontinentais entre os países tropicais.

Agora, os novos historiadores, movidos pelo interesse em descobrir, documentar e preservar o presente, estão dentro desse mosteiro abandonado, repensando a importância de conhecer essa história e preservar esse patrimônio arquitetônico.

Marília nos diz: “Nessa visita, tive a oportunidade de sentir o impacto e a beleza de uma Igreja franciscana, situada em Paraguaçu, na beira de um grande rio, apresentando uma arquitetura e uma decoração de forte influência oriental. Me lembrou os templos indianos, construídos em formas piramidais, que se situam próximo aos rios”.

Esse sentimento inicial foi enriquecido pela leitura do texto de Paulo Ormino de Azevedo sobre as relações inter-coloniais e as influências orientais nos conventos franciscanos do Nordeste. Nesse texto o historiador discute as relações artísticas e arquitetônicas entre o Brasil e a Índia durante o período colonial. Enfatiza a importância dos ornamentos de pedra construídos nos cruzeiros situados nos átrios das Igrejas franciscanas e das chinesas e esculturas que também ornamentam o interior dessas igrejas. Mostra ainda, que essa influência não se dá apenas na decoração dos templos, mas aparece também nos partidos arquitetônicos de forma piramidal que se encontram nos templos hinduístas da região de Kerala e nas igrejas indo-portuguesas de Goa.

“A história dessa Igreja como também a história de outras igrejas brasileiras, abandonadas e esquecidas ao longo do tempo, precisa ser lembrada, reescrita, restaurada e preservada pelos órgãos públicos ligados ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional”. (Depoimento dado pela historiadora Marília Andrés Ribeiro)

16 de outubro de 2017

## A ROTA DE NAVEGAÇÃO DAS ÍNDIAS



Foto: Álbum- Oriente/Ocidente

No livro “A Bahia na carreira da Índia” de José de Amaral Lapa há um estudo das rotas de navegação para as Índias, do qual citamos as seguintes passagens que consideramos um complemento importante ao presente trabalho:

“A descoberta ou reconhecimento do Brasil, longe das controvérsias quanto a ter sido acidental ou não, foi, e não pode haver dúvidas quanto a isso, um episódio na Carreira da Índia. Aqui se inicia, oficialmente, nossa existência, indissolúvelmente ligada ao grande itinerário que, tanto por seus antecedentes como por suas repercussões – a aventura da Índia, e, portanto, sua rota – deveria durar muito mais do que três séculos, dando a Portugal uma de suas mais agitadas e contraditórias fases históricas”.

“...nós queremos registrar também a completa ausência neste estudo de um capítulo que é possível desenvolver sobre a “presença cultural” do oriente no Brasil. Entretanto, esse tema atrativo nos levaria a um campo específico de pesquisa e reflexões no qual, por ora, não nos aventuramos.” (Da introdução)

No tema da Carreira das Índias, também gostaríamos de transcrever as palavras de Gilberto Freyre. De acordo com esse autor, navios aportavam frequentemente no Brasil:

“Desses contatos ilegais se originaria uma série de influências ou traços da presença oriental no Brasil, como o uso geral entre o povo da distinção dos “palanquins”, liteiras, para sóis, abanadores chineses com figuras em seda bordada com faces de marfim, sedas, leques indianos, porcelana chinesa, chá etc. entre outros vestígios nos ornamentos arquitetônicos e no uso das caixas chinesas e de sândalo.” (Casa Grande e Senzala, T.I. p.81)

## A EXPERIÊNCIA DA INSEGURANÇA



Fotos: internet

Índia, Kerala – Kaurangad, 1979. Aqui mora uma santa. Viemos vê-la. Viajamos de ônibus, trem de ferro sacudindo, o corpo doendo. Receberam-nos com carinho. Nos *Ashrams* sempre existem lugares. Os visitantes querem paz, rezam pela paz. Não se cobra nada aqui, paga-se o quanto se pode dar. Uma amiga foi quem primeiro indicou esse *Ashram* no ano passado. Veio da Alemanha buscando a paz e o reino de Deus aqui na Terra. Procura uma vida de segurança, sem conflitos, rezando e cantando. Encontrei aquele rapaz que me ajudou no ano passado. Está mais pálido, falando pouco e desfia constantemente um rosário indiano denominado *Mala*. Passa os dias repetindo o mantra. O mantra repetido 108 vezes traz um estado de paz. Sento-me na grande sala forrada de esteiras e ouço os mantras cantados. Homens de um lado, mulheres de outro. A santa, denominada “Mãe” veio pessoalmente rezar pelo mundo. É velhinha, tem 80 anos e dirige o *Ashram*. Os devotos ficam horas rezando em conjunto. A Mãe simboliza a energia *Shakti*. Olhar de bondade e paz. As pessoas se inclinam e lhe beijam os pés. Sinto-me longe, tão longe desses rituais que, para não continuar representando, apronto as malas para viajar no dia seguinte. Fica a lembrança do cozinheiro bigodudo com três filhos, sempre alegre, dos *sadhus* comendo de graça (um deles mora na floresta, veste-se com dois panos brancos). Uma das devotas tem o cabelo cortado como homem, já foi casada, separou, superou o sexo, morou numa gruta três anos. Cada um tem um modo diferente de crescer. O dela foi assim, libertar-se do desejo de segurança.

Nós agora estamos todos nos libertando também, mas de acordo com o nosso carma.

Insegurança é correr para apanhar o trem andando, o indiano na frente tampando a passagem, Beth, minha jovem amiga brasileira dentro do vagão, correndo o risco de viajar sozinha. Empurraram-me, entrei nem sei como. O maquinista do trem me disse: “Deus te protegeu”.

Estou viajando de novo. Lá fora os coqueiros passam, coqueiros e mais coqueiros. Agora estamos atrás de um hotel. Indicaram-nos o Maritani; tem até “Cabaret Hall”. Chegamos cansadas

e nada de poder dormir. A música tocou a noite toda! Que diferença de situações! Primeiro o *Ashram*, a pura paz, a segurança, todo mundo rezando e cantando e agora o outro lado da vida. O hotel barulhento, discoteca. Foi difícil dormir apesar do cansaço. De novo num ônibus, malas nas mãos, sacudidas pela poeira dos caminhos. Beth procura uma clínica chamada "*Nature Cure*", que a sua imaginação transformou numa espécie de "SPA", onde poderíamos nos recuperar do cansaço de tantas viagens. Bem que eu não tinha fé neste programa. Andamos, chegamos e voltamos, não tinha vaga.

Aqui em Kerala o governo é comunista. Hospitais com bandeiras vermelhas, foice e martelo nas repartições públicas. Bandeiras ventilando nas sacadas. A Índia é um país democrático, considerada a maior democracia do mundo e em alguns estados governa o partido comunista.

Kerala parece um lugar mais organizado. Calicute é porto de mar, tem cheiro de peixe. Há 500 anos, Vasco da Gama aqui esteve com suas caravelas. Em Calicute existem muitas farmácias ayurvedicas. Parece que eles estão se libertando da indústria de remédios estrangeiros e vendendo e estimulando o tratamento através de plantas. *Ayurvedica* é a medicina antiga ensinada nos Vedas. Muita coisa se perdeu porque não foi transmitida. Aqui quase toda farmácia é *Ayurvedica* e esse hospital do governo está superlotado, não há vagas. Ouvimos isso o dia todo. Não há vagas.... Tudo tem que ser marcado com antecedência. Voltamos para o mesmo hotel. É difícil viver a experiência da insegurança. As viagens se transformam em crescimento quando através de experiências "de risco" percebemos o quanto somos protegidos (Diário de Viagem à Índia, 1979).

19 de agosto de 2014

## VIAJANTES CONSUMISTAS



Foto: Maria Helena Andrés

Viajar é bom para o autoconhecimento. Ficamos sabendo como somos quando arrumamos nossas malas. Quanto maior a bagagem, maior nossa insegurança. Queremos levar tudo, carregar a proteção nas costas, cruzar o rio da vida com os pertences. São roupas, sapatos, compras, livros, remédios. Observo as pessoas em torno, como são despojadas!

“Mas sua bagagem é só isto?” Dois vestidos e uma sandália. A beleza de Patna é interior, ela não precisa variar de roupa. Veio de Israel, foi iniciada na Inglaterra, agora percorre a Índia. Permaneceu em Madras três meses, participou de palestras, conferências, danças, fazia pesquisas na biblioteca. Quando ia a um curso de bonecos no centro, voltava com os olhos brilhantes de alegria. Sua bagagem aumentou com dois bonecos feitos por ela mesma. Aqui não há a preocupação de consumir.

Shanta partiu para *Lunawa* com pouca coisa. Não tem casa, perdeu tudo e ainda espera da vida. Veio do Líbano. Encontramo-nos na enorme varanda. Passa gente lá embaixo e olha para cima com curiosidade. Os indianos são curiosos e sorriem. Nós somos brancas. Shanta, ao meu lado, pesquisa livros naturistas. “*Nature cure*” é o seu Dharma. Às vezes a vejo cercada de pássaros. Outras vezes cuidando das plantas “Vou a Délhi para um curso especializado, mas em janeiro estarei de volta.” Há uma simplicidade em dizer “*I’m a homeless lady*”. Uma pessoa sem lar, sem casa, viajando com poucas coisas. O consumo não existe para essa gente, pois o consumo exige um lugar para se depositar coisas. Armários embutidos, prateleiras, armários cheios de bagulhos.

Viver o agora é despojar-se de tudo, morrer para o passado, os apegos, as coisas acumuladas. As pessoas de modo geral são “homeless” aqui. Suzy foi professora, largou tudo. Fico lembrando as palavras de Rubens, um teosofista vindo de Quênia, África. “Conhecimento adquire-se em livros, mas a sabedoria só nos chega através da experiência.” Viajar nos mostra a vida logo em seus múltiplos aspectos, chega-se à conclusão de que o acúmulo e o consumo não levam a nada. É como a serpente comendo o próprio rabo. Compra-se, satisfaz-se um desejo e ele nos envolve. O não consumo é a sabedoria. Aquela italiana com um coque amarrado no alto da cabeça só tem duas roupas. “Tive de optar, ou viajo e aprendo, ou compro e não aprendo”. As roupas já estão desbotadas, mas a filhinha de 6 anos está feliz porque está sempre com a mãe, que aprende a fazer bonecos, estuda música e pretende ensinar na Itália o que aprendeu na Índia.

Aqui, nesta comunidade, moramos em quartos com banheiro coletivo. Lavamos roupa no tanque, onde às vezes encontramos amigos para um bate papo internacional. Lisa nos fala da Inglaterra. Já foi chofer de taxi, agora está aqui, aprendendo na universidade da vida. Procura ajudar todo mundo. Há uma vibração intensa de amor e compaixão. Todos têm a sua história e se encontram junto ao tanque de lavar roupa.

5 de agosto de 2014

## DESENHANDO A ÍNDIA



Foto: Livro *Pepedro nos caminhos da Índia*

Estou desenhando na Grande Praça de Bangalore. Em toda a Índia as praças são enormes. Este palácio é o parlamento da cidade, com escadarias e varandas monumentais. O caráter



monumental das construções, das praças e da arquitetura de modo geral é um ponto de extraordinária surpresa para quem chega de fora, acostumado ao crescimento vertical das cidades, visando a especulação imobiliária. Aqui o governo impede de todos os modos essa especulação.

Quem compra um lote tem de construir e não pode vender o imóvel por 10 anos. São medidas severas que impedem o drama da aglomeração nos espaços centrais das grandes cidades como acontece no Ocidente. Todo o crescimento das cidades na Índia é feito em sentido horizontal.

Enquanto desenho, uns pobres se acercam com as mãos estendidas pedindo dinheiro. Mesmo que tenhamos por eles sentimentos de amor e compaixão, o fato de dar esmolas nas ruas não resolve nada, só aumenta o número de mendigos. As crianças dão pena - são lindas, de uma ternura sem fim.

Quando vêm alguém com ares de estrangeiro, se aproximam: “Mam...” e estendem as mãozinhas. E há também as velhas que se acercam estendendo os braços encarquilhados: “Mam...”

Agora estou em frente a um templo de Shiva, com meu caderno de desenho, cercada pelos pobres. Eles olham curiosos, empurram-se para ver. A velhinha me defende em linguagem local xingando as crianças. Imagino o que ela deve estar dizendo: “Deixa a dona desenhar.” A dona, apesar de aflita, continua a desenhar. Não pode espalhar rúpias pela multidão porque senão poderia criar problemas com outros pobres. Mas, sabendo que ninguém vai ganhar, eles se conformam em olhar o papel com curiosidade. E assim vou desenhando o povo deste país, os quiosques, os palácios, praças, templos...

12 de novembro de 2009

### A CRIAÇÃO DO LIVRO “PEPEDRO NOS CAMINHOS DA ÍNDIA”



Foto: Livro Pepedro nos caminhos da Índia

Às vezes me lembro de coisas que se passaram na Índia, quando da minha viagem em 1978.

Eu viajava com pouco dinheiro, não podia pagar hotéis caros e não queria ficar em hotéis baratos que não têm o conforto necessário para a gente se sentir bem.

Foi quando minha amiga Dominique, casada com o Dr. Radhakrishnan, do *Raman Research Institute*, me indicou uma comunidade de irmãs cristãs na Rua *Infantry Road*. Lembro-me das acomodações para hóspedes em pequenos chalés distribuídos por um jardim todo florido e bem cuidado. As acomodações eram simples e as irmãs me receberam com muito carinho. Pagava pouco, uma diária de 3 dólares por dia com direito a uma alimentação indiana bem apimentada. Podia fazer as refeições ou comer fora, se quisesse. A única exigência era cantar uma página da Bíblia na capela da comunidade e eu, que gosto de cantar, entoava o canto com elas.

Quando as irmãs souberam que eu precisava de um espaço adequado para ilustrar um livro infantil sobre a Índia, abriram para mim todo o andar superior, reservado aos hóspedes de congressos. Eu podia escolher qualquer quarto para ilustrar o livro do Pepedro, ficava sozinha naquele imenso salão, levava o meu aparelho cassete e podia até ouvir música e dançar.

O livro do Pepedro começou ali, à sombra das árvores. As irmãs cediam as empregadas para servirem de modelo para a artista brasileira que ali estava. Algumas páginas ilustram os diversos personagens da comunidade.

Ali fiquei três meses desenhando, escrevendo e visitando museus e escolas da cidade de Bangalore. Apreendi muito com essa simplicidade voluntária, que me trazia tranquilidade e paz.

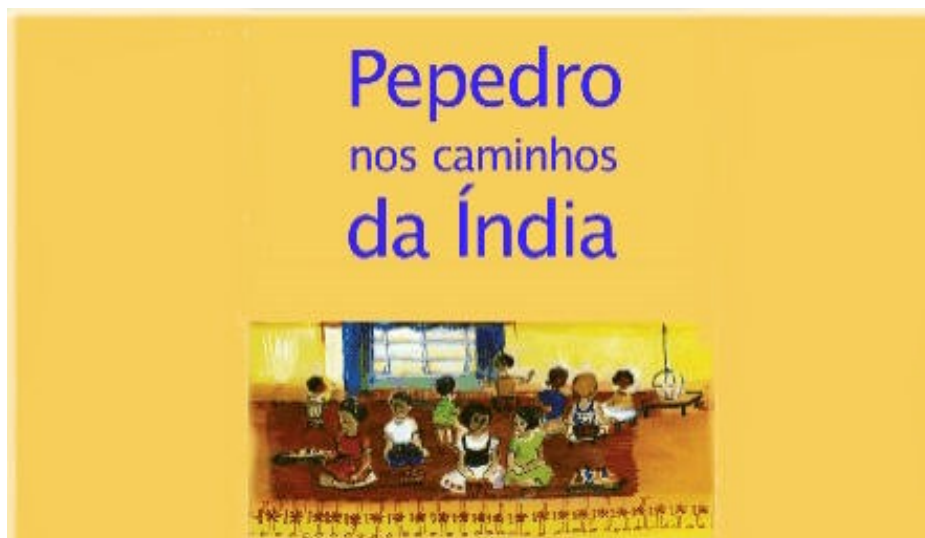
As irmãs me emprestavam jornais para que eu copiasse os diversos dialetos e dali tirasse ideias para uma mandala só de escrita indiana.

Decorridos três meses eu tinha de sair da Índia, e escolhi o Nepal para me abrigar. Em Katmandu o livro do Pepedro teve a sua fase final, inspirado nos Himalaias e na sabedoria dos lamas tibetanos. Também em Katmandu, o Hotel Shakti me oferecia momentos de silêncio e meditação para produzir meu trabalho de arte. Abria as janelas e via as crianças brincando na rua, o que me fazia lembrar o pequeno Pepedro, Joaquim Pedro, meu neto, que ficara na Índia. O registro dessas experiências está nas ilustrações do livro “Pepedro nos caminhos da Índia” de autoria de minha nora Aparecida Andrés.

Todas as coisas têm sua história e seu momento, e todas elas passam debaixo dos céus...

10 de setembro de 2015

## PEPEDRO NOS CAMINHOS DA ÍNDIA



Fotos: Livro *Pepedro nos caminhos da Índia*

Para ilustrar o livro “Pepedro nos caminhos da Índia”, viajei pela Índia durante quase um ano, em companhia de Maurício, Aparecida e do meu neto Joaquim Pedro, que para ali se deslocaram motivados por uma bolsa de estudos do Maurício no *Indian Institute of Management* de Bangalore.

Durante esse tempo percebi ao vivo, por experiência própria, as diferenças e semelhanças entre as duas culturas, separadas por muitos mares. Isso me possibilitou receber com muita alegria os textos do livro “Pepedro nos Caminhos da Índia”, escrito por minha nora Aparecida. Aquele roteiro me possibilitava transformar em imagens coloridas o que estava vivendo no momento. Comecei a desenhar nas praças, nos parques, nos templos, nos teatros, muitas vezes cercada por

uma multidão de crianças curiosas que ambicionavam as minhas canetas hidrográficas. E muitas vezes as canetas ficavam com as crianças.

O livro do Pepedro foi um testemunho de vida de um novo mundo que se abria para mim. Naquela época (década de 70), em que não existiam computadores nem comunicação via internet, a Índia era um lugar distante, as cartas levavam às vezes dois meses para chegar ao seu destino.

Mas assim mesmo era necessário escrever. Aqui vão alguns textos da época, recolhidos de cartas para a família:

Queridos filhos:

Estamos neste hotel há 3 dias e já muita coisa se modificou. Cheguei amedrontada em Délhi, ainda com um pouco das tensões dos últimos tempos, mas agora já estou bem melhor. Preferi ficar sozinha para escrever, pintar se tiver vontade, ler e meditar. Visitamos os pontos turísticos da cidade, o Grande Forte, o Zoológico, mas resolvi também me virar sozinha. Procurei um templo lindíssimo que já visitara da outra vez. Está situado num bairro só de templos, contendo em grande harmonia e comunicação o templo Budista, Hinduísta e Islâmico. Assisti, no templo central, todo de mármore e espelhos paralelos, um concerto espontâneo de Ragas Hindus. Um velhinho tocava um instrumento pequeno, um som de harmônio. Quatro rapazes sentados o acompanhavam na tabla. O som das cordas e o ritmo das tablas ecoavam por todo o imenso salão de mármore. Fiquei parada muito tempo escutando (aliás estou agora treinando a arte de ouvir em silêncio). Aqui na Índia, apesar do passaporte, não me considero turista, mas observadora ou peregrina, como diz o "I Ching".

Enquanto uma turma de turistas passa rápido, absorvendo por golpes de olhar o que vêem, eu resolvi parar e sentir cada coisa que me atrai. Diante de uma imagem de Shiva em meditação parei tanto tempo que nem cheguei a perceber um monge me coroando de flores amarelas. "*Welcome, Madam*" soou nos meus ouvidos de repente. Ele se levantou, pegou um pouco de cinza e colocou no meu terceiro olho. Voltei mais animada para casa. As cinzas de Shiva me deram coragem para sair sozinha, encontrar pessoas, confiar no desconhecido."

8 de junho de 2009

## CASAMENTOS NA ÍNDIA



Foto: Maurício Andrés

Nas ruas de Varanasi, cidade santa, as festas se sucedem. Ali as coisas acontecem simultaneamente e a vida se movimenta em mil cenas, desfilando como um filme diante dos nossos olhos.

Chegamos no dia 19 de abril, dia dos casamentos. Nas ruas, elefantes enfeitados desfilavam, seguidos de carruagens deslumbrantes, iluminadas, o noivo sentado no alto do andor com flores cobrindo o rosto. A cena acontecia entre fogos de artifício, ao som de tambores e banda de música. Parecia um conto de mil e uma noites.

Passamos por um pórtico enfeitado de pinturas. Dentro de uma casa humilde celebrava-se o casamento de uma família pobre. Convidaram-nos a entrar e fizeram-nos sentar no chão. A noiva, uma adolescente de 14 anos, recebia os convidados com chá e salgadinhos apimentados.

Bandas de música enchem os becos de Varanasi com sons variados, fogos de artifício explodiam no espaço e andores passavam pelas ruas, como nas festividades religiosas das cidades históricas de Minas Gerais. Grandes figuras modeladas em papier-maché ou fundidas em metal prateado representavam os nobres de antigamente ou os deuses hindus. As deusas Saraswati e Parvati também acompanhavam outro cortejo, levando um jovem à casa de sua futura esposa. Tudo respirava alegria e festa.

Em Varanasi, que representa a antiga Índia, a tradição é conservada com todos os detalhes de antigamente e a força do passado é mantida pelas diversas religiões. Na Índia, os cristãos representam o Ocidente e o casamento cristão é como o nosso: a noiva entra com o pai e o noivo a espera no altar. Pelo traje de cada pessoa pode-se saber a qual religião pertence. Os cristãos usam sapatos e vestem-se de terno e gravata, os hindus usam sandálias, vestem-se de *dhotis* e blusões brancos. Os muçulmanos, quase sempre, estão de preto e as mulheres cobrem-se também com longos véus pretos, como irmãs de caridade.

Nas ruas estreitas de Varanasi, com pouco mais de um metro de largura, a passagem era feita somente por pedestres. As construções antigas protegiam a cidade contra o calor do verão, e, à sombra dos becos, o sol não penetrava. Por detrás das grades, moças curiosas espiavam os transeuntes passando. Vacas, bezerros e cabritos andavam sem pedir licença, empurrando quem estava na frente.

Enquanto andávamos, a arquitetura das casas criava nos muros diversos cenários do passado com reis e rainhas, surgindo à soleira das portas, pintadas em cores vivas sobre o fundo branco. Moças com os pés pintados de vermelho seguiam as encruzilhadas, subindo os degraus e enveredando por becos. Surgiram numa réstea de sol, elefantes pintados, homens de turbante, colunas, pórticos, escadarias, vidros com os deuses hindus iluminados por lamparinas, roupas dependuradas nas janelas e sáris coloridos jogados nas varandas.

9 de setembro de 2009

### ARTE E ESPIRITUALIDADE



Fotos da internet

A partir dos anos 60 houve uma tomada de consciência de que a arte seria a grande via de abertura espiritual. Os Beatles, influenciando os jovens com sua música, trouxeram para o Ocidente a filosofia do Oriente.

A dança, num retorno às origens, reconquista o caminho do Sagrado. As artes se integram em busca da Unidade Essencial. Ela se estende à vida, como auxiliar da educação e da terapia, sobe as favelas, desce aos presídios, penetra nos asilos de velhos, chega até as fábricas e empresas.

A previsão de Jean Cassou, o grande crítico de arte europeu, de que a arte seria, na metade do século “qualquer coisa inteiramente diferente do que pode ser para o homem nas diferentes etapas de sua história “está se concretizando.

Estamos realmente assistindo a um grande trabalho de recriação do ser humano, através

do seu potencial criador, a um processo de transformação que engloba o mundo todo em seu contexto, como se o Grande Artista modelasse novamente o novo Adão.

Em 1979, na Índia, entrei em contato com Jean Lebster, artista plástico e ecologista, que na ocasião ali realizava uma experiência comunitária: uma síntese das artes plásticas com a psicologia, tradições religiosas e ecologia. Anotei suas ideias e a ênfase dada ao fazer artístico como crescimento espiritual.

Jean fazia questão de mostrar a ligação do ser humano com o meio ambiente. Aliava ensinamentos teóricos de filosofia e psicologia Junguiana à prática dos afazeres diários como forma artística de viver.

“A jardinagem, dizia ele, é uma arte abençoada, que traz a psique em comunhão direta com o espaço fenomenológico e regula o metabolismo com o ritmo da Mãe Natureza. Os grandes sábios foram também grandes jardineiros”.

“Os tipos de arte como a culinária e a jardinagem, dizia Jean, não podem ser considerados inferiores às outras em relação aos resultados espirituais concedidos aos seus executantes”.

Os ensinamentos de Jean Lebster, valorizando as atividades do cotidiano como formas de arte, estendem-se de forma harmoniosa ao meio ambiente.

5 de março de 2018

## ARTE E MITOLOGIA





\*Fotos da internet

A grandeza da manifestação artística da Índia está ligada à sua mitologia. Os mitos hindus nos revelam todas as experiências e emoções do ser humano, e, através das diversas formas de arte, descem até o povo.

A mitologia é estudada nas escolas, cantada nos templos e teatros, projetada pela televisão, descrita nas histórias em quadrinhos. A sabedoria, a aventura e o romance contidos nos mitos fazem parte da vida diária do indiano.

Na antiga cultura da Índia, onde se acham misturados arte, ciência, religião e filosofia, as mais variadas deidades são representadas sob formas humanas ou simbólicas. Os inúmeros deuses da mitologia hindu são, na verdade, manifestações diversas de um Princípio Único. Existem tantos deuses quanto os diversos aspectos da criação.

“Os deuses são representações de energias das quais cada aspecto do mundo sutil e visível é



derivado”, nos diz Alain Daniélou.

Brahma, Vishnu e Shiva, constituem a Trindade Hindu.

Krishna, encarnação de Vishnu, reunia as almas dispersas ao som de uma flauta. Shiva dançando criou o universo e Saraswati, a deusa da sabedoria, é representada muitas vezes tocando um antigo instrumento de cordas. Através das diversas manifestações artísticas, a Índia nos apresenta seus deuses: ao som da música e ao compasso da dança, eles criam, renovam, transformam e despertam o universo.

A arte na mitologia hindu serviu como meio de comunicação entre os deuses e os homens. Os antigos rishis descobriram a ligação existente entre o som, a natureza e o cosmos. Identificaram-se com a música interna, para através dela, alcançar a união com o Divino. Entoando cânticos e repetindo mantras, os yogues buscam o desenvolvimento espiritual. Sintonizando o som interno com a música do espaço, eles procuram alcançar a Unidade.

Os hindus relacionam as notas musicais com as cores, o canto dos pássaros e o grito dos animais. Sons e cores correspondem-se, buscando a união com a natureza. (Trecho do meu livro "Encontro com mestres no oriente", Ed. Luz Azul, 1993)

## MITOS HINDUS





\*Fotos da internet.

Na antiga cultura da Índia, onde se acham misturadas arte, ciência, religião e filosofia, as mais variadas entidades são expressas sob formas humanas ou simbólicas.

A família, como base da sociedade, vê-se representada nos mitos como uma projeção deste

grupo social.

Shiva, o criador do Universo, muitas vezes aparece nas esculturas e pinturas com sua esposa e filhos, Ganesh e Subramanian, cada um com sua história própria.

Kali, deusa hindu em forma feminina, é relacionada com o tempo, que cria e destrói as coisas. Em seu aspecto terrível, destrói o ego das pessoas, a fim de promover sua evolução.

No culto das deusas femininas, a natureza é considerada como *Magna Mater*, e se desdobra em várias manifestações, representando aspectos e atributos naturais das leis que governam o mundo e os homens.

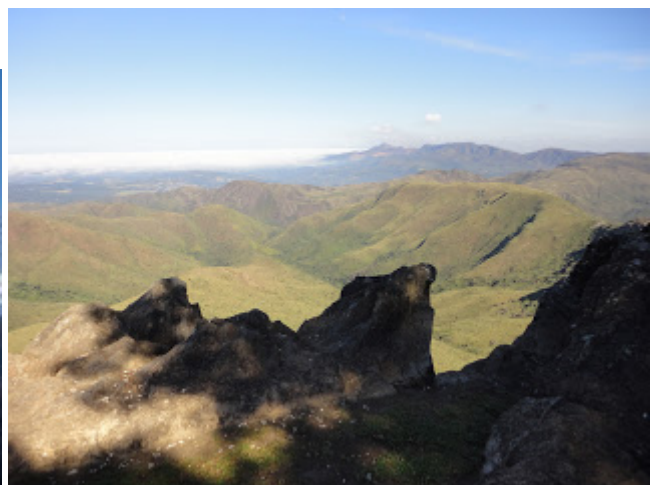
Assim, temos a deusa Lakshmi, simbolizando a boa fortuna, Parvati, a inteligência e capacidade inventiva e Saraswati, padroeira das artes, literatura e música.

Os deuses, muitas vezes, se encarnam em figuras humanas e Krishna foi um deles, conhecido como herói, pastor e músico. Com o tempo, a tradição o fez deus Planetário e atualmente, para algumas seitas, é a suprema Deidade regente do Universo.

O mais conhecido dos mitos hindus é o deus Ganesh (em sânscrito, aquele que pode tudo), curiosa criatura com corpo humano e cabeça de elefante. Diz a tradição que ele representa a onipresença da energia universal (prana). (\*) Ricardo Bolanos Valle (informação oral)

27 de janeiro de 2020

## ARTE E MEDITAÇÃO I



Fotos da Internet e de Maria Helena Andrés

Na Índia, ao longo da estrada, as casas são pobres e o povo se aglomera para ver o ônibus passar. Vendem pulseiras, colares e leques rendados.

Indianos mais velhos carregam os colchões para frente das casas e deitam-se à beira da estrada. Procuo um lugar distante de todos e deixo a paisagem desfilar diante de meus olhos. O verde dos campos faz-me recordar outros verdes; a luz do sol é a mesma que ilumina o Brasil tão longe.

A paisagem chega a se assemelhar às fazendas mineiras trabalhadas à enxada. Sinto saudades das montanhas que não vejo.

Os arredores de Nova Déli e Agra são planos sem acidentes geográficos; parecem mais o norte de Minas junto à Bahia.

As montanhas existem, lá longe, no norte da Índia. Não posso vê-las, mas imagino-as cobertas de neve como os Andes que eu vi em um dia e nunca mais me esqueci. Lá no alto, os *yoguis* pedem paz e pureza para o mundo.

Afastam-se da sociedade recolhendo-se ao abrigo das montanhas, mas no silêncio da meditação procuram também o contato com o mundo, suas percepções tornam-se mais sutis. Embora pareçam alienados da convivência humana, são justamente eles que mais penetram da existência real.

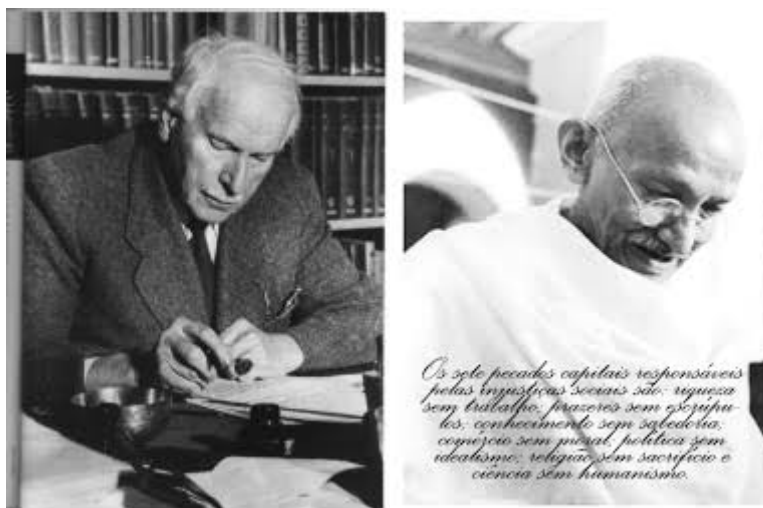
A meditação permite ao homem libertar sua mente de ideias preconcebidas, colocando-o em contato com o “Eu Real” que habita em nós, aquele que responde por nossas ideias mais claras. “Quem sou eu?” é a pergunta dos seguidores de Ramana Maharishi, o sábio silencioso da montanha Arunachala.

Lembro-me dos livros do jornalista inglês Paul Brunton e de suas viagens ao oriente. Através do seu livro “*A Índia Secreta*”, muita gente tem se encontrado.

O desenvolvimento interior do homem, de suas potencialidades espirituais, possibilita uma comunicação com nosso semelhante de forma direta, sem auxílio da palavra.

5 de março de 2018

## ARTE E MEDITAÇÃO II



Fotos da internet

Os artistas, despertando a intuição, muitas vezes se assemelham aos místicos. Nos momentos de inspiração, quando a mente se aclara num relâmpago e as ideias jorram espontâneas, sem medidas impostas pela razão, percebemos também o encontro com a realidade interna procurada pelos yoguis.

Meditação e criatividade são formas de descoberta interior. Meditamos de certo modo quando nos empenhamos num trabalho de arte, despertando energias desconhecidas.

O artista, quando cria, traz à tona não somente o que está em seu inconsciente, mas reflete o inconsciente coletivo, universal. Segundo Jung, “O segredo da criação e da eficácia artística consiste em mergulhar de novo no estado original de participação mística”.

Realmente, o impulso místico que levantou as catedrais da França, os templos de Bangkok e da Índia, que esculpiu a serenidade dos Budas e a expressividade dos santos barrocos, não poderia faltar em nossa civilização. A sensibilidade espiritual do homem coloca-o num plano de comunicação universal. O poeta, o músico, o artista plástico, o arquiteto, quando mergulham em planos mais sutis, encontram a claridade que ilumina todos os homens.

O exercício da criatividade é a forma de encontro do ser humano consigo mesmo. A realidade interna que podemos também denominar de intuição não está lá fora, mas dentro de nós. Gandhi referiu-se a ela como voz interior. Procurou escutá-la na meditação e trazer à tona a sabedoria que estava mergulhada no silêncio. Este despertar da intuição não é uma fuga, mas o encontro com a verdadeira realidade - aquela que ultrapassa as fronteiras do tempo e se projeta no infinito.

O desenvolvimento de todas as potencialidades humanas no campo espiritual é uma

necessidade no mundo de hoje e está ao alcance de qualquer um. O encontro do ser humano consigo mesmo, seja através da meditação, da arte ou do trabalho, constitui forma de equilíbrio indispensável para a sua integração.

O homem total é aquele em que corpo e alma se harmonizam. Nosso contato com as forças eternas, que pertencem à natureza e aos seres vivos, não depende do que somos, de onde nascemos e nem dos meios de comunicação modernos; não depende do dinheiro, da fama, da instrução, nem da publicidade.

Os anseios do homem são os mesmos, quando eles se voltam para o seu interior à procura da claridade que liberta. Variam apenas os condicionamentos que mudam os aspectos exteriores; variam os caminhos, mas a finalidade é a mesma: o despojamento do supérfluo e o encontro com a verdadeira sabedoria.

12 de março de 2018

### KAJURAH O I



Fotos de arquivo e da internet

Hoje em Kajari, mais um toque de vida. Percorrendo um museu de arqueologia da seita *Jain*, nos arredores da cidade, encontrei a fotografia de uma pedra gravada alguns séculos antes de Buda. A pedra representa dois pés, um virado para um lado e o outro para o outro lado, com uma serpente de duas cabeças em torno, exatamente igual aos pés do Maurício no meu livro “Os caminhos da arte”. Realmente fiquei emocionada com a descoberta e procurei saber de um guia local a explicação para esta simbologia.

“Vários monges se reuniram em meditação e quando se liberaram, gravaram na pedra estes pés.”

A explicação me pareceu satisfatória, mas, logo em seguida, fui encontrá-la na figura de um

enorme Buda em posição de lótus. Os pés nesta posição ficam também com as plantas viradas em posições opostas.

Voltei para casa a fim de refletir sobre o acontecimento. Não existe, realmente, nada de novo sobre a face da terra, as pessoas sensíveis encontram simplesmente o que já existe dentro delas e existe dentro de todo ser humano.

Andando sozinha em volta de um templo de Kajuraho, vou contemplando as figuras esculpidas nas paredes que representam os degraus de evolução do Ser Humano. Na nossa vida não existe uma programação cronológica para as experiências. Elas têm de ser vividas ou compreendidas em seu significado mais profundo. Aparentemente os templos parecem eróticos, mas, na realidade, se contemplarmos com atenção dali podemos tirar uma grande lição de vida. Isto porque às vezes muita coisa ficou para ser vivida e como foi reprimida é colocada nos depósitos do inconsciente, constituindo uma energia nociva.

Contemplo e rodeio o templo com um caminhar lento, enquanto lá no céu o sol se põe em toda a sua majestade. Contemplo as figuras e depois o pôr do sol, até que alguma coisa encontra ressonância dentro de mim.

Alguma coisa ligada ao meu passado vem à tona. Um grupo de rapazes se acerca e tenta explicar com a maior naturalidade onde estão os deuses com suas esposas e a postura tântrica das imagens. Não existe maldade nas explicações. A vida para eles não é reprimida e o fato de contemplar os vários estágios da evolução dá-lhes a possibilidade de uma visão global do itinerário do homem sobre a terra e da meta a ser alcançada.

Na realidade, ali estão os templos, ali está o sol se pondo e a lua surgindo no céu. (Trecho de diário de viagens, década de 80).

20 de junho de 2017

## KAJURAHO II



Fotos de arquivo e da internet

Encontro com jovens em Kajuraho.

“Você parece Indira Gandhi”, me diz um deles. Muitas vezes já me acharam parecida com Indira, primeira-ministra da Índia, falecida tragicamente. Realmente, brasileiros e indianos muitas vezes se parecem.

Depois, quando me dirigi ao templo de Shiva para a cerimônia vespertina, ali estavam também os jovens, batendo os sinos e tocando tambores. Shiva faz mover o passado para recriar um novo ser assim como o sol se põe sobre os templos, terminando o ciclo de um dia.

Templo de Shiva, toque de sinos, um enorme Shiva Lingam ao centro do espaço circular, onde se encontra assentado um *swami* vestido de amarelo. O monge não fala inglês, mas tenta ler minha mão, o olhar penetrante atravessa as fronteiras da palavra, penetra num plano onde não existem diferenças linguísticas. Adivinho o que ele quer dizer, ou antes, penetramos juntos no mesmo inconsciente onde as coisas se integram. Os sinos tocam, os fiéis se aproximam, a energia vibra intensamente dentro do templo. Há chocalhos, trombetas e até de uma concha se tira o som. A energia de Shiva é forte, sentimos o som nos atravessar a pele, penetrar nos ouvidos, no corpo todo. “*Om na ma Shivaya*”.

“Venho aqui buscar a felicidade”, confessa o indiano ao meu lado.

Jovens e velhos se reúnem às sete horas no Templo de Shiva – reverenciam o *swami*, tocam os dedos nas cinzas, colocam cinzas na testa. Os sinos, os incensos e as cinzas nos fazem lembrar as cerimônias cristãs da Semana Santa. O ritual nos acorda para um ecumenismo religioso, onde os elementos da matéria – a água, o fogo, as cinzas, são usadas para reverenciar aquela energia que criou a matéria. (Trecho de diário de viagens, década de 80).

26 de junho de 2017

### TEMPLO DE SHIVA LINGAM



Fotos de arquivo e da internet



O templo de Shiva Lingam, dedicado à energia criadora, foi construído pelos antigos numa praia belíssima ao sul do Golfo de Bengala. É cavado num só bloco de pedra, sem emendas. Imagens em granito circundam o templo, representando Shiva e sua esposa. A pedra foi cavada com amor e carinho por mãos anônimas, reverenciando os deuses de antigamente.

A Índia não perdeu a ligação com o passado. Passado e presente estão unidos num todo, o eterno agora. A força do símbolo é uma constante. A imagem emerge da pedra talhada, como se desta pedra emergissem seres ligados a antigas civilizações. Os hindus têm necessidade de imagens para dar forma à sua necessidade mística de devoção.

Imagino o quanto de trabalho, talvez de gerações seguidas, para se construírem esses templos. A pedra é dura e, para ser partida, o sistema egípcio foi usado: pequenos orifícios onde colocavam madeira umedecida. Com a mudança de temperatura a madeira inchava ou contraía, provocando o rompimento da pedra. As formas humanas foram esculpidas com a força do instrumento, na base do martelo. Não havendo máquinas, toda energia era a humana, fluindo dos braços, deixando a forma surgir no espaço. Quantos anos foram necessários para esse contato direto com a pedra, transmutando o interior das rochas, das cavernas, recortando bichos e homens, elevando escadarias por onde sobem os devotos e transeuntes.

Turistas, querendo o flash do momento, procuram captar em suas câmeras, o que levou centenas de anos para ser construído. Houve um impulso conduzindo as diversas mãos para a edificação desses famosos templos, uma energia espiritual circulando na pedra. (Trecho de diário de viagens, 1992).

10 de outubro de 2017

### O BARQUEIRO E O MACACO



Fotos: Maurício Andrés e internet

O barqueiro nos conduziu pelas ruas estreitas de Benares. Era magro, enrolado num manto vermelho – “Com a chuva não tem passagem para vocês irem até lá...” Apontou o templo, as

luzinhas já brilhavam no meio da névoa. Chovera muito e as ruas estavam alagadas. Tentamos chegar até a escola de sânscrito, mas a água chegara até os degraus da escada. Agora o barqueiro descrevia em inglês oficial, entrecortado de palavras da língua local. “Não tem passagem” vão deslizar na escada – “Só de barco”.

Descemos com dificuldade para não escorregar. Lá embaixo as águas do rio Ganges traziam memórias de cerimônias, cremações, flores amareladas jogadas nos rituais, pedaços de carcaças que envolvem os defuntos. “Não entre no barco!” ele pode afundar, eu posso tropeçar... Lembrei dos dólares guardados na cintura. O caminho até o barco era estreito, depois aquela água cheia de coisas, resíduos, nem sei de quê. O barqueiro insistiu “Mama, não tem perigo, eu seguro seu braço!” – “Não, quando voltarmos já estará escuro.” Desisti de ir. Preferi subir de novo as escadarias, entrar pelos becos escuros, seguir a trilha dos devotos. Entramos num templo, cerimônia de puja, lá dentro as luzes brilhavam em cada nicho: incenso, velas, sinos tocando. À noite, nesses templos antigos de mais de dois mil anos, é impressionante. Velhos vestidos de alaranjado tocam sinos, rodeiam o templo, cantam mantras. O som dos sinos atravessa todos os labirintos do ouvido, estremece o corpo, retorna a alma para um passado remoto. Chocalhos, sinos reverenciam os deuses.

Benares nos remete ao passado, mas também, de maneira, às vezes violenta, nos traz de volta ao presente.

O presente é aquele falso brâmane cantando mantras, colocando flores no pescoço dos estrangeiros, propiciando um momento de encantamento para depois exigir dinheiro, comercializando os momentos de devoção. “A corrupção do ótimo é o péssimo” já dizia meu marido. Agora estou vendo pela própria experiência o ótimo se transformar em péssimo. O episódio do macaco culminou com a nossa vinda para a Fundação Krishnamurti numa decisão irrevogável. Estava exausta, queria descansar, a experiência dos falsos brâmanes me deu consciência do outro lado de Benares, aquele que explora os turistas incautos.

Quando subia as escadarias que levam a um templo junto ao Ganges, senti dor no peito, um sentimento de pesar bateu fundo dentro de mim. Não consegui seguir o caminho, parei junto a uma loja de discos, vídeos, perfumes, pós de sândalo, cassetes. “Não consigo subir, vou parar aqui!”. O jovem comerciante ofereceu-me chá, colocou uma música relaxante, tratou-me com o carinho de um filho. Estava tão exausta que não podia mais dar um passo. A lojinha parecia um templo e o comerciante era um ser humano com a mente compassiva. “A senhora pode ficar, não vou exigir dinheiro...”.

O contraste entre os falsos samurais e a compaixão do jovem comerciante me ajudou a

respirar melhor. Mas, as experiências não terminaram. Neste mesmo dia, caí na escada do hotel, fui descansar em meu quarto. Dormi algum tempo, mas acordei com um barulho na janela. A cortina mexia e uma cara preta começou a surgir devagarinho pela fresta. De súbito um imenso macaco pulou no meu quarto. Havia uma bandeja com frutas e o macaco cobiçava as minhas bananas. Fiquei um instante paralisada, depois gritei com todas as forças do meu peito. *“Help me, a monkey in my room!”* O macaco olhou para mim com os olhinhos miúdos. De corpo inteiro com uma enorme cauda, parecia um monstro. *“Help me”*, gritava eu. Naquele momento eu precisava fugir, mas não sabia onde estava a chave do quarto. *“Help me!”*. Aterrorizada a minha voz ressoava pelo hotel. *“There’s a monkey here!”* O macaco parou e arrepiou inteirinho. Olhou para mim assustado e desistiu de roubar as bananas. Pulou pela janela, de volta aos terraços de onde viera. Os empregados do hotel vieram me ajudar, o dono do hotel se desculpou dizendo que era a segunda vez em treze anos que um macaco entrava num quarto. Eu não quis saber de nada, nem mais um dia aqui! (Trecho de diário de Viagem à Índia).

18 de novembro de 2014

### MEMÓRIAS DE BENARES



Fotos: internet

Hoje amanheceu chovendo – Benares com chuva significa barro, a poesia das ruas saindo nas enxurradas, carregando o lixo da beira das estradas. O movimento de gente diminui, as pessoas se recolhem. Também nos dedicamos mais tempo para escrever cartas e as páginas do diário vão descrevendo as impressões.

Hoje conseguimos descobrir o professor de sânscrito, da Universidade de Benares. Desde que aqui chegamos colocamos em mente esse objetivo. Agora ele está em nossa frente. Chegou envolvido num manto de lã. Foi amável e receptivo.

O professor é graduado, renomado, cheio de títulos. A casa é pobre, uma indiana veio nos receber, sem falar inglês. Passamos por roupas no varal e agora aqui estamos num espaço que é sala e quarto ao mesmo tempo. O professor de uns cinquenta anos escuta atento a uma jovem brasileira cantando de cor os mantras em sânscrito. Está admirado de alguém dedicar tanto tempo à sua cultura. A cultura milenar da Índia pertence à humanidade, é necessário que se faça urgentemente a integração.

O professor foi-nos recomendado por um jovem médico de Délhi. As coisas se relacionam e as descobertas que fazemos na vida vêm todas do aparente acaso. Agora descobro que estão programadas. Foi preciso que eu chegasse exausta em Délhi, com dor na coluna; foi necessário me submeter à massagem *Ayurvedica* para curar a dor nas costas. De repente, me vejo em Délhi, três mulheres jogando um óleo quente no meu corpo, como se eu fosse um sorvete com calda de chocolate. Uma hora todos os dias para curar a dor na coluna. Enquanto isto, minha filha lá fora conversava com o jovem médico. Foi aquele médico que nos apresentou a este professor de Benares.

Volto novamente para o presente. O professor vai viajar amanhã, mas reservou a tarde de hoje para nos ajudar. Meu pensamento voou para longe, lembrando a integração Oriente-Occidente, mas um ratinho me puxou para o agora. Passou com aquela rapidez própria dos ratos, por debaixo dos meus pés. Meu corpo arrepiou todo, dei gritos irreprimíveis enquanto o professor dava risadas. “Amigo de Ganesh”, minha filha disse. Olhei para o quadro de Ganesh na parede. De fato, na Índia, ninguém gosta de fazer maldade com os animais. O ratinho parecia familiarizado com o quarto, subiu até na cama do professor! (Trecho do diário de viagem à Índia, 1996)

12 de novembro de 2014

## KRISHNAMURTI FOUNDATION VARANASI



Foto: internet

Vimos para este lugar maravilhoso, um oásis no meio da confusão de Benares. Estamos alojadas numa cottage, com uma varanda dando para um bosque. Lá embaixo, o rio Ganges continua trazendo as memórias dos conflitos das cidades e banhando de paz as encostas, as praias e os diversos “*Ghats*” onde os devotos de banham. Em suas águas deposito as experiências, sejam elas boas ou más. O presente só me fala de paz, compaixão, amor. Lembro-me do Dalai Lama – “os nossos inimigos são os nossos maiores amigos, pois nos trazem problemas” e, sem problemas não podemos crescer.

Os problemas de Benares me trouxeram a *Ragport*, onde está situada a sede do *Krishnamurti Foundation*.

Aqui a vivência do agora é tranquila, cheia de beleza. Aqui é o ponto de encontro de viajantes, daqueles que caminham sozinhos, não pertencem a organizações. Vêm de todas as partes do mundo. Krishnamurti foi realmente o mestre internacional. Para ele não existiam fronteiras; viajava do Oriente para o Ocidente espalhando sua mensagem. Derrubava as divisões que separam os homens. “*You are the world*”, dizia. Não existe separatividade entre o observador e a coisa observada. Se entrarmos em união com o canto dos pássaros, com o verde da natureza, o rolar das águas, o barulho das cidades, a massa humana passando nas ruas nas horas do “*rush*” nos sentimos parte deste todo como participantes incógnitos da música coletiva.

Uma indiana simpática nos recebeu. Chegamos cheias de malas e pacotes. Conteí o episódio do macaco e a decisão rápida de vir para aqui.

Krishnamurti sempre tem sido o meu refúgio nas longas viagens. Ele foi o primeiro que teve a coragem de romper com todos os “ismos”. Em 1974, comprei um livro de Krishnamurti “*A Primeira e Última Liberdade*”. Achei-o no aeroporto de Belo Horizonte e fui lendo o livro sem parar

até Brasília. Continuei lendo pela madrugada até o dia amanhecer. Quando o sol foi surgindo, rompendo as névoas da madrugada, abri a janela do quarto. Minha cabeça tinha mudado, a minha percepção sensorial aumentara.

A partir desse dia a minha ligação com Krishnamurti se manifesta de forma independente, sem pertencer a nenhum grupo, mas sempre encontrando por acaso os meus irmãos espirituais, seja no Brasil ou na Índia. Eles me recebem com a maior cordialidade. As portas se abrem, as divisões não existem. Nossa chegada a *Rajgath*, a permanência nesta cottage toda pintada de cores claras, com uma varanda de onde escrevo ou desenho, o silêncio do bosque somente cortado pela música da natureza, o vento, os pássaros cantando, as trepadeiras, os vasos de flores e um pavão tranquilamente circulando por entre as árvores, tudo isto constitui no momento o meu oásis. Aqui tenho possibilidade de estar só e refletir.

1 de dezembro de 2014

#### VISITANDO ESCOLAS DE KRISHNAMURTI



Fotos: internet

Nas escolas de Krishnamurti, onde fui convidada a proferir palestras sobre cultura brasileira, encontramos um programa educacional que visa a preparar o jovem para atuar no seu meio de forma consciente. O aprendizado envolve tarefas do dia a dia, feitas com plena atenção e responsabilidade, aliadas ao esporte, caminhadas e toda a sorte de artesanato. “O propósito, o objetivo e o direcionamento destas escolas é o de preparar a criança, com a maior competência tecnológica, para que ela possa atuar com clareza e eficiência no mundo moderno, e, o mais importante, criar um ambiente adequado para ela se desenvolver como um ser humano total” (Krishnamurti)

As principais características da filosofia educacional das escolas de Krishnamurti podem se resumir nos seguintes princípios.

1) educar o ser humano como um todo;

2) despertar o amor pela natureza e respeito por todas as formas de vida;

3) criar uma atmosfera de amor e ordem sem medo ou falta de limite;

4) não condicionar a criança a nenhuma crença particular, seja ela religiosa política ou social. Sua mente deverá estar livre para indagar sobre as questões fundamentais da vida, aprendendo por si mesma;

5) ensinar sem o objetivo de recompensa, punição ou comparação.

Krishnamurti enfatizava, em suas palestras, a importância de manter a mente em constante estado de aprendizado, sempre receptiva, para perceber o novo que surge a cada instante, e não cristalizada no passado. O incentivo dado a essa atenção ao momento presente conduz o aluno a uma curiosidade de aprender de forma direta e se interessar por tudo o que vem acontecendo no planeta.

Krishnamurti sempre ressaltou a importância do autoconhecimento em todas as situações do dia a dia, tanto do aluno como do professor. É de dentro de si mesmo que a criança vai buscar o seu caminho para atuar no mundo com plena consciência. O professor deixa de ser aquela figura autoritária, para compartilhar com o aluno suas descobertas, estimulando-o a chegar às suas próprias conclusões.

Durante minhas viagens, sempre permanecia algum tempo no KFI (*Krishnamurti Foundation Índia*), em diferentes cidades como Madras (atualmente *Chennai*), Benares e *Uttar Kashi*. Nesses centros de divulgação de livros e vídeos de Krishnamurti, qualquer pessoa encontra receptividade, desde que esteja seriamente interessada no aprendizado de suas ideias. Existem vários centros de divulgação da obra de Krishnamurti espalhados pelo mundo, na Índia, EUA, Inglaterra, Suíça e em Tiradentes, no Brasil.

Jiddu Krishnamurti nasceu na Índia, mas foi educado na Inglaterra. Seus ensinamentos destinam-se ao mundo e podem ser apreendidos por qualquer pessoa que já esteja preparada para ser seu próprio mestre.

Falando ao ar livre para um grupo de jovens, Krishnamurti se assemelhava ao filósofo grego Sócrates, nascido 470 anos antes de Cristo. Ambos tiveram a mesma atitude corajosa para apontar os erros do apego às tradições religiosas e aos costumes da sociedade.

De Sócrates recolhemos algumas citações:

*Sábio é aquele que conhece os limites de sua própria ignorância.*

*Todo o meu saber consiste em saber que nada sei.*

*Conhece-te a ti mesmo e conheceréis o universo de Deus.*

Sócrates estudava a essência da alma humana, seu método de transmitir sabedoria era o diálogo. Os ensinamentos de Sócrates, dirigidos sempre para o autoconhecimento, se aproximam de forma direta dos ensinamentos de Krishnamurti. Tanto Sócrates como Krishnamurti amavam a natureza e suas aulas eram administradas debaixo de árvores.

1 de julho de 2010

### **A CORRUPÇÃO SEGUNDO KRISHNAMURTI**



Fotos: internet

Meu primeiro encontro com Krishnamurti aconteceu na Índia, em 1979, quando esse grande pensador indiano, conhecido internacionalmente, falava para 5000 pessoas em *Bombay*, hoje denominada *Mumbai*, no sudoeste da Índia.

Seus ensinamentos já haviam me tocado alguns anos antes, lendo seus livros *“Liberte-se do passado”* e *“A primeira e última liberdade”*. Krishnamurti falava para todos os públicos de diferentes idades.

Agora, através de um vídeo editado na Índia, ele aparece falando para jovens alunos de Rishi-valley sobre o tema *“corrupção”*. As palavras desse pensador sobre o tema *“corrupção”* nos ajudam a compreender e dão uma dimensão mais ampla a esse tema, hoje tão falado e discutido no Brasil.

Selecionamos alguns trechos desta palestra:

“Há uma tremenda corrupção no mundo inteiro. Enquanto houver o desejo de ganhar, obter, em qualquer nível, inevitavelmente haverá angústia, sofrimento, medo. A ambição de ser rico, de ser isto ou aquilo, se afasta apenas quando vemos a podridão, a natureza corruptora da ambição em si. No momento em que vemos que o desejo de poder sob qualquer forma – o poder de um primeiro-ministro, de um juiz, um sacerdote, um guru – é fundamentalmente pernicioso,



nós não mais vamos ter o desejo de ser poderosos. Mas nós não vemos que a ambição é corrupta, que o desejo de poder é pernicioso; ao contrário, dizemos que devemos usar o poder para o bem. Um meio errado nunca pode ser usado para um fim correto. Se o meio é pernicioso, o fim será também pernicioso. O bem não é o oposto do mal; ele só se manifesta quando aquilo que é o mal cessa completamente. Assim, se não compreendemos toda a significação do desejo, com seus resultados, seus subprodutos, simplesmente tentar se livrar do desejo não tem significado.

Qual é a causa da corrupção? Corrupção começa com o interesse em si mesmo. Se estou interessado em mim mesmo, no que quero, o que devo ser, se sou ganancioso, invejoso, duro, brutal, cruel, há corrupção. A corrupção começa em seu coração, na sua mente – não somente dando dinheiro – que também é corrupção, mas a causa real da corrupção está dentro de você. A menos que você descubra isso e mude isso, você será um ser humano corrupto. Corrupto é quando você está zangado, quando é ciumento, quando odeia as pessoas, quando é preguiçoso, quando você diz, isso é certo e aferra-se a isso. Tudo tem a ver com o egoísmo. A corrupção começa aí. Você diz “como viverei, o que farei se não sou corrupto, quando todos ao meu redor são corruptos?” Vocês entendem o que quero dizer com corrupção, não somente o sinal externo, mas o profundo senso interior da corrupção do viver dos seres humanos – egoísmo, pensando sobre eles mesmos, querendo seu sucesso, invejosos. Corrupção está dentro, no seu coração, no seu cérebro. Passar dinheiro, o suborno, não importa se uma quantia pequena ou dez milhões de dólares, é ainda suborno. E ser violento é parte do que é chamado corrupção. Isso é o que está acontecendo no mundo. Vocês, meninos, são seres humanos em crescimento, não sejam como eles. A corrupção interior é muito perigosa, então não sejam corruptos.

Comecem primeiro dentro, não lá fora. Vocês farão isso? Não prometam a menos que estejam absolutamente certos de cumpri-lo. Mas se vocês vêm como isso é importante na vida, no mundo político, no mundo religioso, no mundo econômico, então não sejam corruptos, interiormente, não procurem a vaidade, o orgulho, não digam, eu sou superior a outra pessoa. Vocês sabem que aprendem bastante quando há humildade. Mas se vocês estiverem procurando apenas sucesso, dinheiro, poder, posição, status, então vocês estão começando com a corrupção. Vocês podem ser pobres. Então, sejam pobres, quem se importa? O importante para todos vocês é encontrar seu próprio talento e aferrar-se a ele, mesmo que ele não traga sucesso, fama e tudo isso. Porque todos iremos morrer. Enquanto viver, viva!” (Trecho de palestra de Krishnamurti sobre o tema corrupção para crianças indianas).

18 de abril de 2016

## AULA DE ARTE NA ÍNDIA



Fotos de arquivo e da internet

Vinte e cinco meninos nos saúdam quando vamos almoçar no Bhojanasala. São pobres, vestem-se de calças verdes.

“*Good morning, madam*”. Os dentes muito brancos estão sorrindo, os olhos brilham. Lembro-me do avanço nas bolinhas de gude. Cinquenta mãozinhas pedindo as bolas. Três para cada um. Alguns tiraram cinco, depois devolveram. Fizeram *Shiva Dance* no domingo, cheio de estrelas, trabalho em conjunto.

Minha filha está ensinando pintura para eles. Fizeram trabalhos lindos. Quem sabe um desses meninos não virá a ser um segundo Krishnamurti? Krishnamurti também foi um deles. Morou aqui, comeu no chão como estas crianças, andou de bicicleta, jogou bolinha de gude, cantou hinos para Ganesh, rezou para Buda, Krishna, Cristo, exatamente como ensinam aqui. A sua aura era tão linda que Anne Besant e Leadbeater o destacaram.

Krishnamurti foi criado em *Adyar* e a vibração das árvores o protegeu. Agora as crianças cantam também em coro, um deles no meio, batendo o compasso. Dançam. Imaginem, “você têm nas mãos as estrelas, vão criar o universo...” Eles fecham os olhinhos concentrados, as mãos cheias de bolinhas de gude. A sala é enorme e o espaço cósmico está sendo preenchido por quinze meninos em círculo. Os outros cantam. Mas, criança reage do mesmo jeito, quer na Índia ou no Brasil.

Quando a última estrela caiu no chão, houve avanço geral. Queriam as bolinhas... Tive de entrar na dança cósmica e distribuir três para cada um.

13 de março de 2017

## ENCONTROS NA ÍNDIA



Fotos: internet

Nas minhas viagens à Índia costumava me hospedar em *Adyar*, onde está situada a Fundação Krishnamurti. Ali estive, várias vezes, estudando os ensinamentos do grande mestre indiano.

Em 1993 conheci o médico de Krishnamurti.

Sentou-se ao meu lado no refeitório, queria saber sobre o Brasil, nosso povo, o governo (as notícias de Collor atravessaram as fronteiras através da BBC). Interessou-se por minha pesquisa de aproximação Oriente- Ocidente, estava aberto a me escutar.

Não precisei marcar consulta. Ele me atendeu ali mesmo, debaixo da árvore, deu-me exercícios para a coluna. Eu estava viajando o tempo todo com um problema no ombro esquerdo devido a um acidente no Brasil (*frozen-shoulder*). O Dr. Parchure acompanhou Krishnamurti em suas viagens, aliviando-lhe as tensões da coluna com massagens e exercícios corporais. As pessoas que conviveram pessoalmente com Krishnamurti conseguiram alcançar um plano de intuição bem desenvolvido e aquele médico estava me dando conselhos importantes para seguir viagem.

Mais tarde, o secretário da Fundação Krishnamurti me procurou. Organizou, a meu pedido, uma dinâmica de grupo, e, sentados no grande salão central do edifício, discutimos sobre a violência. A violência não é uma coisa à parte, exterior a nós, ela está dentro de cada ser humano, vem à tona sempre que o ego é atingido por algum desafio, seja uma palavra ou uma ideologia contrária à nossa. Reagimos violentamente quando nossas estruturas de segurança se sentem atingidas. A violência está na raiz de nossa própria mente e a única forma de não compartilhar com a violência do mundo é observar seus movimentos dentro de nós mesmos, sentir o sangue esquentando nas veias quando a pessoa ao lado atinge o nosso ego.

Esses exercícios de dinâmica de grupo eram feitos periodicamente entre jovens e adultos, para facilitar o relacionamento humano.

Em seguida, um artista de Kerala, que estava me fazendo massagens, convidou-me para fazer palestras sobre arte em sua escola em *Cochin*, cujo tema seria a integração cultural entre os ensinamentos dos mestres orientais e o desenvolvimento artístico do mundo ocidental.

“Cada um de nós foi chamado para desenvolver um trabalho em determinado raio”, nos diz ele. “Ninguém é perfeito. Somos seres humanos diferentes e a iluminação não é privilégio nem do Oriente nem do Ocidente. O importante é estar aberto para a intuição, o chamado interno que nos chega a cada instante”.

Realmente, é preciso ultrapassar os limites do pensamento lógico para que a mente compassiva possa se manifestar. Quando alcançamos a mente compassiva, os apegos e aversões se diluem.

“Estou sentindo uma vibração muito boa, vinda de você, deve ser de outras vidas”, me disse ele. A lei do Carma promove o encontro com alguém ligado ao nosso passado, apenas para nos dizer uma palavra e nos olhar de forma compreensiva e amiga. Neste momento, não existe separação de raça, credo ou sexo. Não existe Oriente-Occidente, norte ou sul. Somos habitantes do mesmo planeta e estamos sendo tocados pelo mesmo chamado interno...

19 de outubro de 2015

### **KALAKSHETRA, UMA ESCOLA DE DANÇA**



Foto: Livro *Pepedro nos caminhos da Índia*

Em Madras, sul da Índia, entramos em contato com a famosa escola de dança, Kalakshetra.

A dança na Índia expressa simbolicamente o desejo da alma individual de alcançar a Unidade com o infinito, ou a Alma do Universo. Através da música e da dança esse objetivo é alcançado e o estado de Ananda, ou Bem-aventurança, vivenciado pelo dançarino ou o músico, é transmitido à plateia. Os yogues se tornam um com o universo através da meditação. Os músicos e dançarinos também realizam essa união, conjugando o movimento do corpo com a vibração do

som.

Antigamente os espetáculos de dança não se realizavam em teatro, mas nos templos, porque a dança era a mais bela forma de reverência aos deuses. Rukmini Devi, criando a Kalakshetra, buscou reviver o espírito dos antigos rituais onde as cenas do Mahabharata eram interpretadas em forma de dança e música no interior dos templos.

O Kalakshetra foi criado para expandir essa energia e todo ambiente dessa famosa escola de dança convidava o visitante a penetrar no universo mágico da arte. O impacto dos cânticos matinais debaixo da *Banyan tree*, com a presença iluminada de Shankar Menon, já nos dava o primeiro toque. Shankar Menon, por muitos anos, acompanhou Rukmini Devi, dando ao Kalakshetra a orientação espiritual necessária à compreensão da síntese Arte-Yoga.

Moças com sáris coloridos, tranças nos cabelos e rapazes vestidos de *dhotis* brancos cantavam juntos em homenagem a todos os mestres e todas as religiões.

*Kalakshetra* significa lugar sagrado de arte e a reverência pelo sagrado é sempre lembrada pelos professores.

Nas diversas cabanas cobertas de sapé com chão de cimento, os jovens iniciavam-se nas artes da dança e da música.

“Deixem do lado de fora os sapatos e com eles todas as suas tensões”, advertia o professor aos alunos.

Enquanto percorríamos as alamedas do Kalakshetra escutávamos batidas de percussão dentro de uma cabana de palha. Dez alunos buscavam interpretar os personagens mitológicos. O corpo teria de se afinar como um instrumento de música e responder aos sons com precisão e disciplina. Noutra cabana, um velho professor ensinava flauta para um pequeno grupo de jovens. Assentados à moda indiana, em cima de esteiras, eles escutavam atentamente os ensinamentos do músico.

A pessoa idosa na Índia é reverenciada como alguém que já encontrou a sabedoria.

O Kalakshetra foi criado para atender pessoas desde o jardim de infância até a mais avançada idade. Crianças, adolescentes, jovens e velhos convivem no mesmo espaço e são instruídos ou dão instruções, de acordo com a idade.

Há o momento de estudar, de seguir a rígida disciplina do músico e do dançarino; há o momento de interpretar, participar das coreografias, viajar, correr o mundo e se tornar um profissional da dança. De acordo com a idade, aquele que foi dançarino torna-se professor ou acompanha os grupos para o exterior. Mais tarde, de acordo com suas tendências naturais, ele ainda continua atuante e prestando serviços como relações públicas, recebendo os visitantes,

dando entrevistas e informações sobre a história da escola. Rukmini Devi não descuidou de nada na criação de sua escola de arte e hoje, após sua morte ocorrida em 1986, sua obra continua viva na memória daqueles que tiveram a possibilidade de conhecê-la pessoalmente. O teatro criado por ela tem forma de templo e lá dentro o espectador participa dos eventos e penetra na verdadeira essência da arte, que é a de libertar a mente das tensões e conflitos e penetrar no recinto do sagrado.

26 de agosto de 2009

### KALAKSHETRA



\*Fotos da internet

Sentados no chão, sobre esteiras de palha, os jovens participam do programa do Kalakshetra. Katakali, a dança original de Kerala, está sendo apresentado por um grande artista indiano. Ao toque de tambores, ele expressa no palco os sentimentos humanos. As paixões – o desejo, o amor, o encontro com a mulher amada, o trabalho, um carpinteiro, com serrote e machado, em busca da árvore certa na floresta.

As emoções que pertencem a todo o ser humano poderão nos ser devolvidas através deste dançarino. O corpo fala e cria o movimento certo para o “insight”.

Sons de percussão, ritmo do corpo, pulsação do ser, unidade da plateia que contempla em silêncio o desenrolar da cena.

A dança contém em si tempo, espaço e energia. Liga-se à música que é a arte do tempo.

Ali, no ambiente do Kalakshetra, esta integração se fez em plenitude.

Espectador e artista se completam dentro do mesmo ritmo de integração. (Trecho do diário de viagem à Índia 1990)

27 de dezembro de 2018

## ESTAR SÓ NA ÍNDIA



\*Fotos de José Israel e da internet

Silêncio, vazio, ausência de movimento, estar só. Hoje estou sozinha. Aqui já foi palco de muitas cenas passadas. A experiência do momento está sendo diferente, mas muito rica. As árvores são as mesmas, o vento suave da madrugada refresca o calor do verão.

À noite desço a escadinha atravessando o terraço de tijolo, para ouvir a música da natureza.

Como esta experiência é mais rica do que a de estar num hotel de 5 estrelas! Aqui tenho o céu todo a me cobrir de paz e ao mesmo tempo de mistério.

Estar só significa estar vazio de lembranças e recordações, a comungar com o balançar das árvores

e sintonizar com a imensa abóbada celeste sem indagações ou conceitos firmados.

Estar só é estar vazio, e, este vazio é enriquecedor. Contemplar o agora, sem lamentar as cenas do passado, apenas constatar o fato de que elas existiram e foram benéficas. As folhas amarelas caem das árvores e cobrem o chão. Já foram verdes e enxergaram os céus, agora cobrem a grama em que pisamos. Quando nos sentimos ligados à natureza, nunca encontramos a solidão, pois, na realidade, a solidão não existe, tudo está interligado, e esta é a nossa riqueza.

Bato na porta pedindo água filtrada. Aluguei bicicleta, me dispus a andar, mas no mesmo dia levei um tombo. Para comprar frutas vou a Adyar andando a pé.

Agora Sudda me ajuda. Está sendo maravilhosa. Sempre encontramos pessoas que se ligam a nós quando estamos sozinhas, na realidade a solidão não existe, tudo está interligado.

Novamente Krishnamurti falando. As palavras vão rompendo conceitos mentais e abrindo espaço para o novo que não foi ainda vivido. Saí da palestra às 7 e meia da noite, sozinha. O tráfego a esta hora é intenso, carros, bicicletas, ônibus, tudo ao mesmo tempo, fazendo barulho.

“You are the world, and the world is you”.

Ser o mundo significa estar em comunhão com a multidão, e neste momento eu me sentia separada do mundo, com medo de atravessar a rua.

Um taxi, daqueles de 3 rodinhas parou ao meu lado.

“Where are you going?” (Onde vai a senhora?)

“Não quero ir longe, quero apenas passar para o outro lado, respondi.

O jovem motorista não hesitou. Parou o taxi, segurou o meu braço e me pôs do outro lado da rua. Neste momento eu percebi realmente que, apesar de sermos parte deste mundo agitado, sempre encontramos alguém que nos coloca a salvo do outro lado.

7 de janeiro de 2019



## PENITÊNCIA





\*Fotos da internet

Conhecemos pessoas originais ao longo das viagens. Aquela australiana sentada ao meu lado, vai me contando suas experiências na Índia. "O calor não nos maltrata, quando não nos colocamos contra ele..."

"Maria, fui fazer uma peregrinação onde só permitem a entrada de homens, mas insisti e também subi o morro, 12 horas, debaixo de um sol abrasador, com oferendas na cabeça, coco e sementes..."

Enquanto ela contava os episódios da subida, lembrei-me de repente de Nossa Senhora da Penha, os devotos subindo as escadas de joelhos, sobre bagos de feijão. Mas, como brasileiro dá um jeitinho para tudo, uma penitente cozinhou o feijão e amarrou-o aos joelhos...

Agora a voz do guia explica: "esta é uma comunidade de jacarés, "Madras crocodilo bank trust".

Mr. Whitaker desenvolveu este parque de proteção aos animais. Viveu em Tâmil Nadu 22 anos.

Agora pisamos na areia e, por cima de um muro de pedra podemos ver os crocodilos tomando sol, protegidos daqueles que ambicionam sua pele para fazer bolsas, sapatos e cintos.

Estão ali à vontade, apreciando a vida a que têm direito. A proporção é de 10 machos para 3 fêmeas e, quando nascem os bebês, dos ovos enormes, são colocados em um departamento especial para "recém-nascidos".

O ônibus corre pelas estradas, buzinando sem parar. Por que buzinar tanto, se não tem quase nenhum tráfego, nesta estrada que vai dar em Pondicherry? Mas aqui na Índia, os motoristas insistem na buzina. (Trecho de Diário à Índia, 1990)

18 de fevereiro de 2019

## VASANT VIHAR



Fotos da internet

Nas minhas anotações de viagem encontrei este pequeno texto que se refere a Vasant Vihar, Fundação Krishnamurti em Chennai. A permanência nesse espaço onde viveu Krishnamurti significa a grande benção da viagem. A gentileza da acolhida, a pequena “cottage” onde estamos hospedadas, permitindo momentos de reflexão e estudo, estão nos trazendo a necessária paz para seguir para o norte.

Esses quatro dias estão sendo aproveitados para estudo e repouso. Minha filha sai todas as tardes a fim de recolher informações sobre sua pesquisa de música devocional.

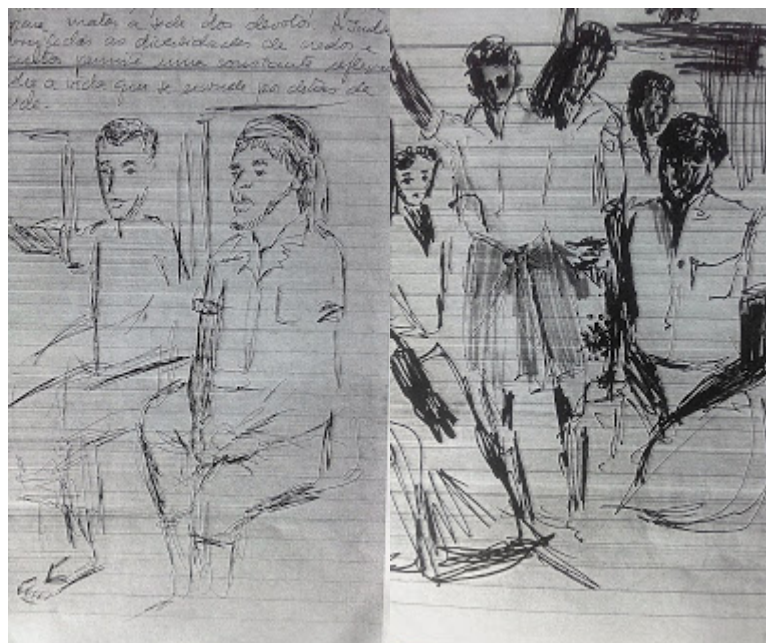
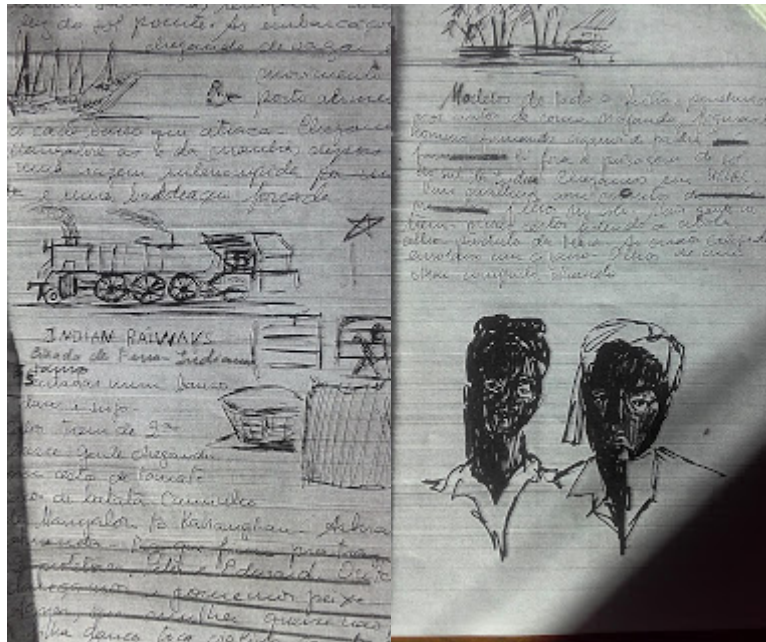
Hoje, Mrs. Saraswati, a jovem educadora encarregada da programação dos diversos cursos, sentou-se conosco frente à sua casa. Ensinou-nos canções de roda de crianças indianas, nas diversas línguas: híndi, telugu, malayalam, bengali, kanada.

Esquilos subiam apressados pelas árvores em frente e os corvos acompanhavam o som das cantigas como se fossem também crianças.

Ser criança é estar aberto para viver o momento, e o momento é sempre uma cantiga de roda, em qualquer língua, em qualquer país.

22 de junho de 2018

## VIAGEM A MANGALORE I



Fotos de arquivo

Nos barcos, os peixes frescos, na maioria sardinhas, reluzem como prata à luz do sol poente. As embarcações vão chegando devagar e o movimento no porto aumenta A cada barco que atraca. Chegamos em Mangalore às 6 da manhã, depois de uma viagem interrompida por uma baldeação forçada. Temos de chegar a um Ashram próximo a Mangalore.

Estamos sentadas num banco duro e sujo. Calor. Trem de segunda classe, gente chegando

com cestos de tomate e sacos de batatas. Caminho de Mangalore para o *Ashram*. Gente, gente e mais gente. Homens falando outra língua e ninguém falando o inglês. A única forma de comunicação é o desenho. Estão curiosos, o olhar e o sorriso é de amizade, ternura. Passa uma bandeja de melancia. Falam híndi, nós falamos português e inglês. Invento uma língua com o sotaque deles.

Agora vejo o lado oposto do planeta como sendo o mesmo, com as mesmas características. Somos o mesmo, lá e cá, gente igual. Agora no trem, olhares curiosos investigam, carregam cestos, vão para as fazendas. Para gente pobre o tempo não existe, a paciência é a tônica. Não existe tempo nem premeditação. A vida é um cenário de impressões que passam como um filme.

*“No English”*. Mas aqui a língua não faz falta. Silêncio, comunicação pelo ruído. Descobrimos um rapaz que falava inglês. *“What is your mother language?”*, perguntou-nos. *“Portuguese”*.

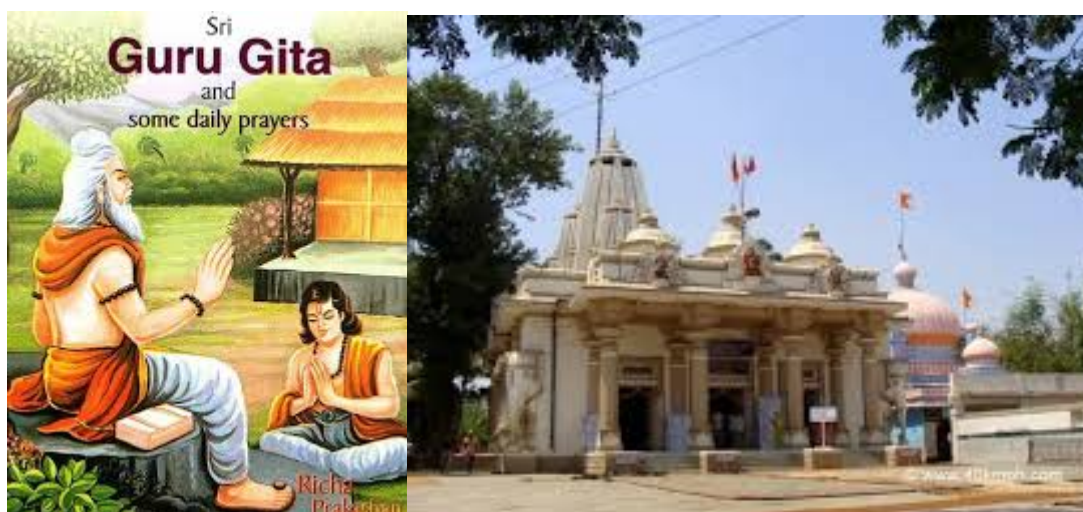
Trem de segunda é paciência, integração com a realidade da Índia, no que ela é realmente sem turismo. Cartazes na estação anunciam “Filmes indianos”. Índia é isso: gente, curiosidade, aglomeração.

Com a ajuda do intérprete, que sabia falar inglês, pudemos organizar um coro improvisado, cada um cantando uma canção popular da sua língua. Na nossa vez, cantamos “Ciranda, cirandinha”. A comunicação entre os povos não se faz somente através do intelecto, mas também incentivando a energia de comunicação das pessoas através do canto.

Assim, uma viagem que deveria ser penosa tornou-se muito divertida. (Trecho de diário de viagem à Índia, 1979).

21 de maio de 2019

## VISITA A UM ASHRAM DE GANESHPURI



Fotos da internet

Conheci Siddha Yoga em 1982, exatamente na passagem do ano. Quando parti do Brasil com destino à Índia não sabia ainda ao certo onde passar o Natal. Meu bilhete estava em aberto. O avião parou em Roma, olhei a cidade através das vidraças, senti-me só e longe da família, e isso me deu uma certa tristeza. Mas, o mundo é uma só família, e aos poucos, apareceram pessoas cujas vibrações entravam em harmonia com minha.

Vinham da França com a programação de passar o Natal e Ano Novo numa comunidade perto de Bombaim. Convidaram-me a integrar o grupo e segui com eles até a aldeia de Ganeshpuri, onde está localizado o *ashram* de Siddha Yoga. Bandeiras do mundo inteiro acenavam as boas-vindas ao grupo de franceses e eu também me senti em casa diante de uma recepção tão agradável.

Levaram-me até o terceiro andar, no dormitório das mulheres. Ali se reuniam grupos vindos da Europa, América, Austrália, uma liga das nações buscando paz sob o mesmo teto. Os mantras cantados ecoavam pelos jardins e corredores. As celebrações de Natal estenderam-se por vários dias seguidos, homenageando, de forma ecumênica, a descida de Cristo ao mundo.

Naquela época, eu desconhecia por completo a existência da linhagem dos *siddhas* e a sua missão de despertar nas pessoas a energia Kundalini, através do Shaktipat. O toque de um mestre siddha acelera o processo do reconhecimento do Ser, ou o Cristo Interno de cada um de nós, e foi das mãos da jovem Gurumayi que eu pude receber essa iniciação.

Na obscuridade do imenso salão de meditação alguma coisa muito especial estava acontecendo. “*Om Namah Shivaya*” era repetido continuamente. Esse mantra, na antiga tradição da Índia, significa: “Eu reverencio o meu Ser Interno”. Durante esse primeiro curso intensivo,

dedicamo-nos ao estudo do Shivaísmo do Kashmir, adotado pelos *siddhas* como filosofia não dualista.

Segundo a tradição, os sutras do Shivaísmo foram gravados pelo próprio Deus Shiva num rochedo em Kashmir, no século IX. Vasugupta, um grande mestre siddha recebeu, em sonhos, a missão de espalhar os ensinamentos ali gravados para as pessoas que estivessem em condições de aprender.

O objetivo principal do Siddha Yoga é fazer com que o discípulo experimente realmente a sua Origem Divina. Todo trabalho do *ashram* é realizado pelos discípulos como forma de aprendizado e crescimento. Assim, as turmas se dividem entre a cozinha, o jardim, a secretaria, os estudos e trabalhos de arte. Os cânticos começavam de madrugada com o Guru Gita, ou louvor ao Princípio de todos os mestres.

Uma multidão de devotos acompanhava os textos sagrados em sânscrito. Aos poucos as ansiedades desapareciam, a mente se aquietava e o coração podia desfrutar da alegria, que é a essência dos mantras. “O coração é o centro de todos os lugares sagrados”, dizia Sri Nityananda, um dos grandes mestres de Siddha Yoga.

Os benefícios desses cânticos de louvor não se limitavam ao interior do *ashram*, quase completamente invadido pelos ocidentais, mas estendiam-se também para a pequena aldeia de Ganeshpuri, onde uma população pobre, proveniente do campo, vinha reverenciar a estátua de Nityananda; rodeavam o altar, trazendo flores e recebendo bênçãos. Os lugares sagrados da Índia têm sua própria energia.

Swami Muktananda dizia: “Vocês podem receber Shaktipat das árvores neste *ashram*, porque todas elas foram abençoadas e impregnadas com a Divina Graça”. (Trecho do meu livro “Encontro com mestres no Oriente”, editora Luz Azul, 1993)

19 de fevereiro de 2018

## GANESHPURI, UMA EXPERIÊNCIA DE VIDA



Fotos de arquivo

Ashram de Sidda Yoga.

Roupas de todas as cores

Azuis, vermelhas, verdes

Amarelas.

Vindas de vários países.

Servem de biombo

Para separar o dormitório.

Vinte leitos.

Dormitório de mulheres.

Chão de pedra



Ventilador.  
Acorda-se às 3 da manhã  
Para meditação.  
Silêncio em horas marcadas.  
Contemplar o próprio Self.  
“Quando Deus se torna  
Um com você  
Todas as suas misérias se vão.”  
Uma pessoa forte  
Permanece sempre em Deus.  
Nunca se muda deste estado.  
Aqui encontro pessoas  
Vindas de todas as partes  
Do planeta.  
Fizemos amizade  
E nas horas de folga  
Desenho os personagens.  
Somos amigos internacionais  
Buscando a mesma energia.  
À frente do *ashram*  
Tremulam bandeiras  
Do mundo inteiro.  
Mas aqui dentro  
Não existem fronteiras  
A Terra é uma só.  
George “Indrasit” Caldnell  
Trabalha em prol de idosos  
Peggie Vaikhari Cairns  
Australiana  
Receita florais de Bach  
Wim Weehuizen  
Meu amigo alemão  
Mora em Amsterdã

E também cuida de idosos

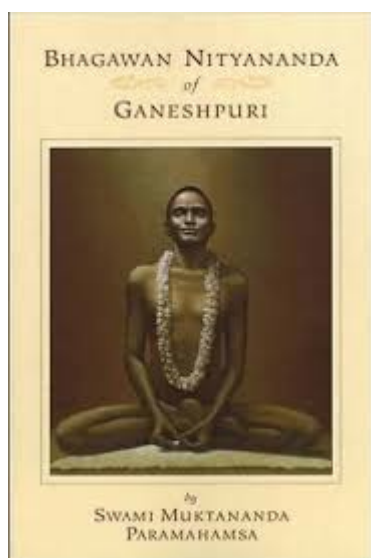
Gisele “Gochari” Boissy

Veio da França

Tornou-se minha filha espiritual.

26 de fevereiro de 2018

### GANESHPURI 1990 I



\*Fotos da internet

Mais uma vez chegando à Índia, parando em Paris, frio quase a zero, arco do Triunfo, Notre Dame, pontos turísticos.

Agora a turma encontra um calor já anunciado no avião: 26 graus. São os contrastes da vida. Em Bombaim o frio é grande, depois o calor torna-se insuportável no meio do dia.

Ganeshpuri foi o oásis desde o início. Vieram nos esperar no aeroporto. Um rapaz de 20 anos com um cartaz de “Welcome to Gurumai’s Ashram” nos esperava às 4 da madrugada, ainda escuro. Depois, uma senhora de preto, com um cesto de merenda. “Sou Olga Sodré... Eu já conheço a senhora...” Olga procurou ser gentil com os viajantes cansados e no ônibus nos ofereceu pão integral e limonada. Para quem chega, nada melhor do que este carinho.

Os dias no ashram são movimentados. Casais com crianças pequenas, jovens, pessoas idosas, confraternizam-se na mesma busca espiritual. Aqui se busca o contato com o deus interno, através da meditação, cânticos devocionais, trabalho. Desde as primeiras horas do dia pode-se ver pessoas

andando sob as palmeiras, embuçados em chalés de lã. O frio é intenso de madrugada, levanta-se cedinho, sem nenhum esforço.

No amplo salão de mármore, tendo ao centro o retrato de Muktananda, os devotos cantam. Vozes masculinas e femininas, entoando o Guruguita que é o louvor a todos os mestres.

Antes do nascer do sol, as vozes misturam-se ao gorjeio dos pássaros e o colorido das mantas se encarrega de fazer um grande painel humano.

Anapurna é o salão onde se serve comida indiana. Fazemos fila, homens de um lado e mulheres do outro, cantando mantras. Depois, o silêncio para se oferecer a Deus a comida. Servem chapati, sopa de legumes, verduras. Do outro lado do jardim, a comida ocidental oferece um cardápio variado, vegetariano e até sorvete e coca cola.

Fernando trouxe uma goiabada do Brasil. Uma provadinha depois do jantar nos levou até a pátria distante.

18 de setembro de 2018

### VISITA A GANESHPURI 1990 II



\*Fotos da internet

Dou nesta postagem, continuidade ao meu relato sobre minha visita a Ganeshpuri em 1990.

Fiquei num quarto no primeiro andar por causa da coluna. Somos 4 mulheres dormindo no andar térreo e poderia chamar o dormitório de enfermaria, pois cada um tem um problema. Há uma japonesa ao meu lado que dorme sem parar, há uma francesa de Lyon, acorda de madrugada, arruma a cama, coloca o retrato da Gurumai e Muktananda, sai para meditar em silêncio.

No ashram existe uma atmosfera de encantamento. Há música, mantras cantados desde a madrugada, quando ainda os pássaros não começaram a despertar.

Há pessoas de todas as idades, velhos, jovens, crianças, bebês recém nascidos.

O curso intensivo de abertura de Kundalini aconteceu de repente, simplificado – Om, Namah Shivaya, cantado da manhã à noite.

Os efeitos da Shakti vieram à tona em diversas pessoas. Visões, luzes, sons internos e sobretudo muita paz e amor.

A consciência do Ser está dentro de nós e a cada instante é possível contatá-lo. É só mover nossa atenção para o nosso interior.

Vimos para este encontro conduzidos por nossa estrela. Estamos preparados.

“Quando o discípulo está pronto o mestre aparece. O mestre está dentro de nós, mas é preciso acordá-lo para que seja nosso guia pelos caminhos da vida. A função do guru é dinamizar esta energia. Tirá-la de seu adormecimento.

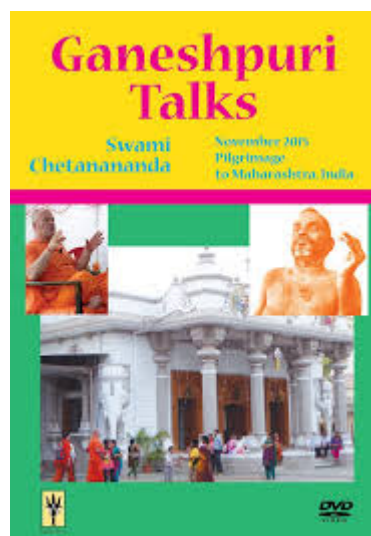
Vamos continuar viagem, quem sabe o que está sendo reservado para nós daqui para frente?

Tocar a vida, senti-la a cada instante, seja ele de prazer ou dor – enfrentar os momentos difíceis os dias de incerteza, as horas de angústia. Tudo está dentro de nós e a Shakti despertada nos ajudará a reconhecer a beleza de cada instante.

Encontrei Swami Alakshananda mexendo um caldeirão na cozinha. “Pretendo ficar aqui até o fim de minha vida”.

25 de setembro de 2018

### GANESHPURI 1990 III



\*Fotos da internet

Dando continuidade ao meu relato sobre Ganeshpuri, transcrevo trecho do meu diário:

Sarees coloridos, flores, o sussurro das sedas desfilando, pés descalços tocando o mármore frio, cheiro de incenso...

O tempo não existe neste ashram.

Lavar a capela é um ritual reservado a pequenos grupos. As pratas têm de brilhar, sem a ajuda de líquidos apropriados, o chão deve estar limpo da sujeira dos devotos.

José, o jovem brasileiro do Rio, assim se refere à subida de Kundalini.

“A Shakti, quando desperta, vai nos tornando cada vez mais conscientes daquilo que precisamos para o nosso crescimento. É a forma direta de se quebrar o “Ego pensante”.

Facilita o trabalho de certo conhecimento, dá espaço para pesquisarmos nosso espaço interno, sem que as coisas exteriores nos afetem ou condicionem.

No momento, o meu objetivo é o descondicionamento, quebrar a mecanicidade, perceber a beleza do novo que surge a cada instante e desaparece para dar lugar a outro novo.

Viver no presente. Gurumai, com toda a tradição e beleza ritualística dos Siddas, possibilita a cada um seguir seu próprio caminho. Ela nos convida através do amor a conquistar nosso self (a luz interna).

No “Darshan” os devotos fazem fila e se prostram diante da jovem Swami – “O Deus em mim, saúda o Deus em ti”.

A reverência não se dirige à pessoa, mas ao seu Deus interno, acolhedor e generoso, sempre incentivando e despertando o Deus interno dos devotos.

A transmissão da energia espiritual pode ser feita através do toque do olhar, e da intenção de

transmiti-la.

Neste século tumultuado por energias dualísticas, criando divisões, sectarismos e fronteiras, o toque de Kundalini é necessário. É este o real batismo pelo fogo. Não existe parada, você segue adiante, e sempre em frente.

A Shakti estabelece direções para cada um.

“See god in each other” – Com este título pintei um quadro para a escolinha do ashram. Duas crianças se olhando nos olhos e vendo o que Deus quer de cada um. Os caminhos da vida variam, mas o encontro é o mesmo porque a luz interna de cada um é a mesma luz de todos.

2 de outubro de 2018

### O DESPERTAR DA KUNDALINI



Fotos da internet

Swami Muktananda no seu livro “*Kundalini – El secreto de la vida*”, nos transmite o seu profundo conhecimento desta força que existe dentro de cada um de nós. A energia Kundalini existe em todos os seres humanos, mas na maioria das pessoas ela se encontra em estado latente. Nas antigas escrituras do Oriente, a *Kundalini* é reverenciada como a Shakti, o Poder Cósmico ou a Divina Energia Consciente, que é responsável pela criação de todo o universo.

Todas as tradições falam da energia *Kundalini* de formas diferentes. Os japoneses a chamam de *Ki*, os chineses de *Chi*, os cristãos a denominam de Espírito Santo. Outro nome dado a essa força é *Chitti*, a Consciência Universal.

Segundo Swami Muktananda, essa energia tem dois aspectos: o aspecto exterior que mantém vivas todas as funções dos diferentes órgãos do nosso corpo, podendo ser considerada a

força motora de todas as nossas atividades. Essa energia existe em todos nós, mesmo que dela não tenhamos consciência. É o aspecto interior da *Kundalini* que deve ser despertado por nós.

A *Kundalini* reside no centro do corpo, no *Chakra Muladhara* situado na base da coluna vertebral. Quando é despertada, sobe em direção ao *Chakra* situado no ápice da cabeça, o *Sahasrara*.

Muktananda nos esclarece, nesse livro, que existem muitas formas de despertar esta energia: através de uma intensa devoção a Deus, da repetição de mantras, de exercícios específicos de Yoga, ou até mesmo de forma espontânea devido a méritos acumulados em vidas anteriores. Mas, segundo ele, a forma mais fácil de se despertar o aspecto interior dessa força é através do *Shaktipat* do Guru, quando esse transmite diretamente sua própria *Shakti* Divina ao discípulo.

O *Shaktipat* pode ser transmitido de quatro maneiras: através do toque físico que é dado normalmente na região do *Ajna Chakra*, entre as sobrancelhas, através da transmissão de um mantra, do olhar ou do pensamento do mestre.

A intensidade do *Shaktipat* depende do merecimento de cada um, da sua fé, devoção e atitude de reverência. Mas uma vez despertada, a *Kundalini* deve ser cuidada. A pessoa deve procurara manter uma vida equilibrada, integrando na sua disciplina diária, a meditação, os mantras, ou outras práticas que tenham afinidade com o seu temperamento. O processo que se inicia a partir do recebimento do *Shaktipat* chama-se *Siddha Yoga*, ou Yoga Perfeita.

Somente quando a *Kundalini* se desperta, podemos desenvolver nosso verdadeiro potencial como seres humanos. Isso não se limita à nossa vida profissional, que passamos a realizar de forma mais consciente e perfeita. Esse despertar nos transforma internamente e nos faz ter uma nova visão do mundo à nossa volta. Sentimos um entusiasmo maior em todas as nossas atividades; até mesmo a forma como nos relacionamos com nossos familiares e amigos se transforma.

Deixamos de lado a ilusão de pensar que a felicidade só pode ser encontrada fora de nós mesmos e descobrimos que ela é inerente ao nosso Ser Interior. A partir do momento em que tomamos consciência desse potencial dentro de nós passamos a viver e irradiar esse estado de alegria constantemente.

De acordo com o Shivaísmo do Kashmir, ao despertarmos a força da *Kundalini*, acontece simultaneamente uma expansão da nossa consciência tão ampla e infinita como o Universo. Deixamos de ser criaturas limitadas, podendo assim alcançar a União com o Criador. (Trecho do meu livro “Encontro com mestres no Oriente”, editora Luz Azul, 1993)

19 de fevereiro de 2018

## MAHABALIPURAM TEMPLO DE SHIVA



\*Fotos da internet

Das janelas do carro observo o Templo de Shiva. A água muito azul contempla a homenagem dos homens ao Deus Shiva, criador e destruidor. Nos dias de maré cheia, a água invade o templo e vai lavando a pedra talhada. Shiva Lingam está lá dentro, esculpido na pedra por mãos humanas. Há 200 anos atrás um rei ou marajá encomendou aos seus artesãos este trabalho em Mahabalipuram, hoje monumento histórico de cultura e arte. As mãos que esculpiram a pedra já



desapareceram, o marajá também já passou para outro plano com todas as suas pompas e riquezas. Ficou o templo de arte vivo no presente, lembrando o passado, recordando os tempos idos em que tudo era feito à mão, onde a energia humana animava a pedra bruta como aquela palavra mágica das “Mil e uma noites”: “Abre-te Sésamo!” “Abre-te pedra, nós vamos em conjunto desvendar seu mistério de muitos anos, cavando a imagem de nossos deuses em sua superfície.” Assim teriam pensado os artesãos e escultores que diretamente talharam a pedra bruta com a imagem de seus deuses.

A história da Índia, sua filosofia, seus animais sagrados, ali está gravada na pedra.

Um bando de crianças com trancinhas e saias azuis passa em frente aos monumentos entre cochichos e risos.

De repente, em meio aos dialetos desconhecidos, frases familiares vão ocupando o espaço acústico. Um guia fala em bom português “Isto aqui é como se um escultor tivesse esculpido o Pão de Açúcar”. Um grupo de turistas contempla. Vieram do ashram de Sai Baba e aqui estão também contemplando a pedra sagrada. Não seria o Pão de Açúcar também uma pedra sagrada? A vida nos fala momento a momento, não através de pensamentos, mas de fatos. No momento o encontro com o grupo de brasileiros foi uma resposta da vida.

(Trecho de meu diário de viagem, 1990)

28 de janeiro de 2019

### VISITA AO ASHRAM DE RAMANA MAHARISHI

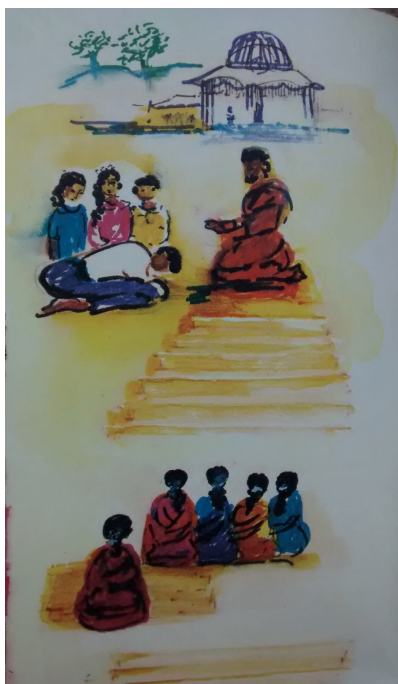


Foto: autor desconhecido e livro *Pepedro nos caminhos da Índia*

O *ashram* de Ramana Maharishi, um dos maiores mestres da Índia, foi construído aos pés da montanha de Arunachala, deixando uma área central para as salas de meditação, o templo, as celebrações e os cânticos dos Vedas. As acomodações reservadas aos hóspedes são cabanas com dois quartos, banheiro e varanda. O refeitório fica junto da área central, e quando chegamos já era hora do jantar. Comemos assentados no chão de lajota, arroz muito apimentado servido em folhas costuradas em forma de prato. Usamos a mão direita para comer, segundo antigos costumes da Índia. Ali não existiam garfos nem colheres. Do lado de fora da sala de refeições, um grupo de macacos disputava os pedaços de *chapati* que sobravam dos pratos. Agarravam-se às grades das janelas e ficavam esperando que sobrasse alguma coisa para eles.

As construções na Índia dão muito valor ao espaço aberto. Há sempre jardins com árvores ladeando os templos, as escolas ou os edifícios públicos.

Recuando para um pequeno muro de pedra podíamos ver o *ashram* com suas palmeiras, o lago onde os indianos vinham banhar-se e os pavões coloridos, tranquilamente pousados sobre os telhados. As vacas atravessavam as ruas em passos vagarosos e os carros paravam para deixá-las passar. “*Please Horn*” (por favor, buzine). A buzina também fazia parte do burburinho da Índia. Dentro do *ashram*, pés descalços, fizemos silêncio. Esse silêncio era necessário para entrarmos em nosso espaço interno.

Os *swamis* passavam espontaneamente os ensinamentos de Ramana para o visitante. Levaram-me à presença de um *swami* de 80 anos de idade. Sentei-me em frente a um homem de pele morena e cabelos brancos. Durante uma hora ele não disse uma só palavra, mas a sua Luz irradiava Paz e Sabedoria. O silêncio ensina mais do que as palavras. Os monges trapistas cristãos fazem voto de silêncio e as carmelitas também. Lembrei-me da mensagem de uma carmelita francesa transmitida em seu pequeno livro intitulado “*Os doze graus do Silêncio*”:

“A vida interior poderia constituir nesta única palavra: Silêncio”. Essa mensagem me fez refletir sobre a Unidade existente entre os monges cristãos, mergulhados na contemplação e os *yogues*, recolhidos em meditação. Dentro de nós há uma energia, uma Luz que independe da forma externa. Quando nos ligamos a ela, ou nos perdemos nela, saímos fora do tempo e do espaço. Ela simplesmente existe. A Paz, a Beleza e o Amor, estão dentro e fora de nós.

Ramana estimulava o autoconhecimento e dava como mantra a ser repetido a indagação: QUEM SOU EU? (Extraído do livro “Encontro com Mestres no Oriente” de Maria Helena Andrés, Editora Luz Azul, BH, 1993).

15 de junho de 2009

## DESPEDIDA DE ARUNACHALA



\*Fotos da internet

Na viagem de volta, a montanha nos acompanhou por muito tempo.

Ela está bem em frente à estrada e, para vê-la tivemos de olhar pelo vidro traseiro do carro.

Enquanto o motorista seguia a caminho de Chennai, procuramos sentir o mistério da montanha.

Cantamos “Arunachala, Shiva, shiva” com música de embalar crianças. A montanha às vezes se encolhia por detrás das árvores, às vezes aparecia de novo, majestosa, imponente como uma rainha.

De repente me vi cantando “Alexandre, Shiva, Shiva”. Nesta hora, lá, bem distante, no Brasil, Alexandre, meu neto, deve estar chegando ao mundo. Mais um personagem para a minha família e uma benção especial de Arunachala para o recém-nascido.

Quando nos despedimos de Arunachala, um sentimento de paz e amor desceu sobre nós.

Realmente a Índia tem seus mistérios seculares e a energia ainda está muito viva.

É só saber percebê-la no agora. O agora é este momento de “awareness” (consciência) que estamos vivendo. “Awareness” não pode ser encomendado. É uma percepção clara, sem interferência do pensamento ou do passado. “Awareness” é o agora, e no agora, podemos sentir o eterno. (Trecho do Diário de viagens, 1990)

25 de março de 2019

### UMA COMUNIDADE NO SUL DA ÍNDIA





\*Fotos da internet

Arunachala é uma montanha em forma de triângulo, simbolizando a trindade hindu “Brahma, Vishnu, Shiva”. Shiva apareceu ali em séculos passados, primeiro em forma de luz, depois em forma de montanha.

Há um caminho até o alto, onde Ramana Maharshi se recolheu ao silêncio por 8 anos.

Ramana Maharshi via a cidade em baixo, por entre as montanhas. Ramana foi o mestre do silêncio. Ação silenciosa, sem trombetas. O silêncio tem alma, é a alma das coisas e a gente aprende mais no silêncio do que através de microfones. Exemplo silencioso de humildade, harmonia e paz.

Há um americano na comunidade, foi ele quem me introduziu a um Swami muito santo, que foi discípulo do próprio Ramana. Lembrei-me do outro americano no Nepal, que me conduziu ao Lama Tibetano. O silêncio do Boudanath, no Nepal lembra o silêncio de Arunachala.

Jnana yoga e o budismo se parecem – observar a mente. Quem sou eu? São sistemas elaborados sobre o universo: viver a unidade, respirar a unidade, sentir a unidade. Todos somos um – homens, animais, plantas, céus, terra. A energia é a mesma, a luz é a mesma.

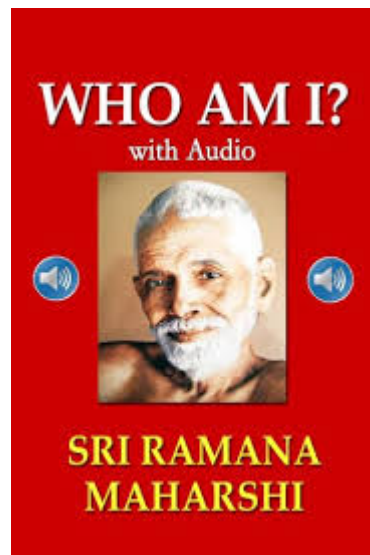
Convidaram-me a entrar em contato com um Swami de 82 anos discípulo de Ramana. Das 4:30 às 5:30, ele fazia meditação com os visitantes. Não falava nada, sentava-se em cima de uma cama de madeira. O quarto era simples e as roupas lavadas balançavam sobre o ventilador, meia dúzia de panos voando. Ele estava envolto em apenas dois panos. Alto, calvo, fisionomia serena. Fui recebendo a sua mensagem sem uma palavra.

Sem silêncio não se atinge nada. Meditação é silêncio, doação é silêncio, amor é silêncio. Tudo vem desse silêncio que conduz ao Eterno. Lá fora pavões andavam sobre os telhados, voavam no pátio, abrindo os leques coloridos. Naquele lugar o silêncio era tudo. Impressionou-me a humildade e o silêncio. Aprendi sem ouvir, sem ler, sem cansar a vista e sem perder a energia.

18 de março de 2019

### AS VIAGENS E O AQUI E AGORA





Fotos da internet

Encontrei nos meus arquivos este trecho de um diário escrito nos anos 80. Segue a transcrição abaixo.

Deixamos Bangalore às 6 da manhã. A quietude do ashram, o silêncio, o gorjeio dos pássaros. Um pássaro fez as “necessidades” em minha cabeça, enquanto eu esperava o ônibus.

Crianças, mulheres, homens, moram em frente ao ashram. Tecem cestos de dia, cozinham à noite, dormem debaixo dos cestos.

Luta para tomar o ônibus, discussão por causa de lugar, quase briga. O povo é assim. Ônibus populares são super cheios e saem por aí balançando com 100 pessoas dentro.

Vim com 3 malas, carregando coisas desnecessárias, minha segurança, como as tartarugas. Remédios em quantidade. Deus dá à gente aquilo que a gente precisa no momento e, no momento, por incrível que pareça, minha segurança está em tomar remédios. Procurando fora o que vai remediar dentro – remédios, remédios.

Preciso agora me descartar da mania de segurança, de remédios. Por que tantos embrulhos, pacotes, cobertores? Madras é tão quente, mas eu quase adoeci, mesmo em Bangalore, com o frio. Agora estou no calor, lembrando o frio, a chuva de Bangalore. Um ventilador e eu suando, suando. Será que as doenças não vêm do medo do entorno?

Reagir? Estar cada dia num lugar significa ter de se adaptar ao entorno. Coisas diferentes, lugares diversos.

O ashram de Ramana Maharishi na cidade de Tiruvanamalai me deu a lição do que é ser “jnani”, que significa buscar a sabedoria através do autoconhecimento. “Quem sou eu?” É o mantra repetido por todos. Chegamos às 2 e meia da tarde, cansados, com fome. Fomos recebidos com a

maior cordialidade. Os velinhos andam quase nus, como Ramana. Um deles veio até nós. Convidou-nos a fazer nossa inscrição.

Almoçamos sentados no chão e o velinho nos serviu. Alto, os pés inchados, os olhos transmitindo paz. Colocou no chão o prato de folha. Veio um jovem moreno com arroz, verduras, coalhada, leite, água. Há a preocupação de SERVIR. Reparei isto – poucas palavras, mas o exemplo da verdadeira “Jnana Yoga”, Yoga da Sabedoria. Tudo é baseado no autoconhecimento. Somos iguais. O hóspede é visto como parte do Todo – parte de nós mesmos. Outra nota: primeiro o bem-estar do hóspede. Não há uma organização a preservar. Chegamos com atraso de 2 horas e fomos servidos com o maior carinho.

A tônica é o SILÊNCIO. Escutar o SILÊNCIO. O conhecimento intelectual nos coloca falando, falando. O conhecimento de nós mesmos nos conduz ao silêncio. Paz. Não há necessidade de grandes explicações, mas a gente sabe que ali moram sábios.

27 de novembro de 2019

## PONDICHERRY







\*Fotos da internet

Pondicherry, antiga colônia francesa, está situada a 3 horas de Chennai, sul da Índia.

Os antigos colonizadores deixaram suas marcas nos nomes das ruas, nas estátuas das praças, nos restaurantes com comida francesa, no jeito francês dos guardas nas igrejas católicas, onde as missas são rezadas em francês.

Cada região da Índia responde no presente à influência dos antigos conquistadores. Aqui os indianos falam francês e a Aliança Francesa abre suas portas para novos conhecimentos com o mundo ocidental.

O Golfo de Bengala traz notícias de um passado envolto na história de lutas imperialistas e hoje, nas ruas, as bandeiras se levantam em torno de eleições. Os muros parecem enormes painéis de artistas ocidentais, influenciados pela escrita oriental.

Porém toda essa decoração não se limita a uma expressão do grafismo (mais um “ismo” dentro da arte), mas a uma realidade viva do presente.

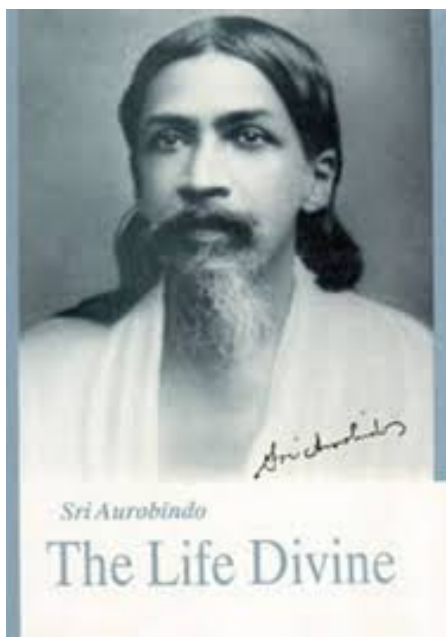
Os candidatos estão ali anunciados nas paredes com enormes dizeres dos quais não sabemos o significado, mas podemos apreciar a beleza da forma.

Andamos pelas ruas de Pondicherry de “rickshaw”, um carrinho puxado por um ciclista. As ruas são planas e a praça ao centro faz lembrar as cidades de Poços de Caldas e Caxambu. Muita gente pedalando, conduzindo os turistas para as diversas partes do Ashram Pondicherry.

Para aqui se deslocam pessoas do mundo inteiro, que se ligaram aos ensinamentos de Sri Aurobindo e da Mãe.

25 de fevereiro de 2019

### SRI AUROBINDO, IDEIAS SOBRE EDUCAÇÃO





\*Fotos da internet

Encontrei nos meus arquivos um texto sobre as ideias de Sri Aurobindo relacionadas à educação. Transcrevo abaixo alguns trechos.

O primeiro princípio de um ensinamento verdadeiro é que nada pode ser ensinado. O professor não é um mestre de obras, mas o ajudante e o guia. Sua tarefa é sugerir e não impor. Não procura treinar a mente do aluno, mas somente mostrar-lhe como aperfeiçoar seus instrumentos de conhecimento, ajudá-lo e encorajá-lo neste processo. Não lhe comunica o conhecimento, mas ajuda-o a adquiri-lo por si próprio. Não força ao conhecimento interno, mas somente indica onde ele se encontra e como habituá-lo a vir à superfície.

O segundo princípio é que a mente deve ser ouvida em sua profundidade. A criança não deve ser formada no mesmo padrão do pai ou professor. É o próprio indivíduo que deve ser induzido a uma expansão de acordo com sua própria natureza. Segundo ele, cada um de nós tem dentro de si uma parte divina, uma tendência espontânea e natural para a perfeição. A tarefa é descobrir qual é esta tendência, desenvolvê-la e usá-la. A principal tarefa da educação deveria ser ajudar a alma a extrair de si mesma o que tem de melhor e tornar isto perfeito para um nobre uso.

A ideia de Sri Aurobindo é não forçar a natureza a abandonar seu próprio caminho. Somente

assim, o indivíduo poderá se desenvolver e se tornar um ser humano perfeito. Qualquer pressão de fora neste sentido reduz as possibilidades do indivíduo, conduzindo-o à mediocridade.

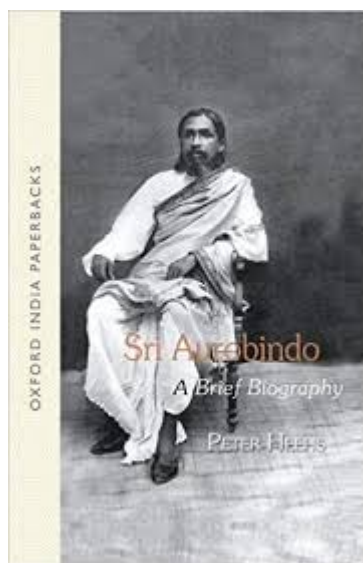
O terceiro princípio da educação é partir do que está perto para o que está longe, do que é, ao que deveria ser. Sri Aurobindo considera o ser humano em sua natureza, independente das circunstâncias do meio ambiente, do país ou de raça a que pertence. Obrigá-lo a moldar-se aos padrões de um regionalismo, sem aceitar a manifestação espontânea de um universalismo seria também fatal para a expansão do ser. “Há almas que naturalmente se revoltam contra o seu meio e parecem pertencer a uma outra idade ou clima.”

As ideias de Sri Aurobindo foram inspiradas na Unidade Planetária. Para isto ele se recolheu a Pondicherry durante 20 anos, sem sair do prédio onde mais tarde morreu. Vivia em contato direto com sua intuição criadora a fonte do conhecimento, ou o supramental, como focalizou em vários dos seus escritos. Todo o seu processo educativo baseia-se no aperfeiçoamento do indivíduo, na descoberta de seus próprios recursos e na entrega absoluta ao ser divino que habita dentro de cada um de nós. O homem, segundo ele, passará da situação atual ainda imperfeita, para um grau de perfeição nunca antes atingido na terra. Suas ideias sobre a evolução do mundo lembram as ideias evolucionistas de Teillard de Chardin, o grande pensador católico.

As ideias de Sri Aurobindo sobre educação lembram a espontaneidade do ensino de Guignard. Procurar antes de tudo o que temos naturalmente dentro de nós para depois desenvolver a partir da essência de cada um. Educação também é uma arte, independente de se usar materiais artísticos, fazer exposições, participar de conjuntos musicais, teatros, danças. Educação é uma arte por si mesma. É a descoberta e o aperfeiçoamento do ser interno do homem. Sri Aurobindo foi um dos maiores pensadores da Índia e suas ideias estão sendo colocadas como inspiração para várias escolas, dentro e fora daquele país.

2 de março de 2020

## SRI AUROBINDO, IDEIAS SOBRE EDUCAÇÃO II



\*fotos da internet

Visitando o Ashram de Sri Aurobindo em Pondicherry, anotei algumas ideias básicas sobre Educação, que relato abaixo.

A educação para o futuro tem pontos muito bons no que se refere ao desenvolvimento do indivíduo de forma global. As crianças, realmente, são privilegiadas, recebem uma educação superior. Um dos pontos mais positivos é a preocupação constante com o ser interno, a parte

divina de todo ser humano. Este Divino sem imagens, puramente espiritual, é invocado em todas as horas do dia. Palavras de Sri Aurobindo e da Mãe são colocadas nas paredes, lembrando a presença de Deus em nós. No refeitório as pessoas se assentam no chão, sobre esteiras, ou nos bancos em frente a mesinhas. É o lugar de encontro da comunidade, já que ninguém se preocupa em ter cozinha em casa. Há cartazes por toda parte: “Ofereça sua refeição ao Divino”. Antes de comer as pessoas se concentram. Há uma multidão de bicicletas e uma multidão de sandálias. Há pés descalços, gente de branco, gente calada, comendo. Gente do mundo inteiro. Cada um lava o seu prato e joga os restos no lixo para serem reciclados. Há também um dispensário que ajuda as famílias pobres.

Estava na hora do lanche e as crianças vieram tomar um caldo de verduras muito saboroso, oferecido em canecas de aço inoxidável. Tudo em comum, merendas iguais, livros fornecidos pela biblioteca.

Depois que estudam, devolvem. A criança experimenta tudo e é ajudada no que necessita. Há professores para as matérias e outros para orientar nos deveres de casa.

As crianças ajudam a fazer os jardins. As salas são arejadas, dando para o pátio. Passamos por um salão enorme onde vários grupos estudavam, com tapete no chão para o trabalho de corpo. O trabalho com o corpo é dado como forma de conhecimento e aprendizado: dança, esporte, ginástica, boxe. O esporte chega até a idade mais avançada. Outro dia no pátio do playground vimos pessoas idosas de short, pulando e marchando.

A professora de línguas do Ashram, fala 12 línguas e ensina francês, alemão e inglês. Aprendeu na escola do Ashram, de acordo com os ensinamentos de Sri Aurobindo e da Mãe, procurando despertar seu potencial em todos os sentidos – físico, artístico, mental, espiritual. Seu depoimento é de uma pessoa que tem vivência de muitos anos no Ashram. Começou a estudar em 1944, um ano depois da fundação da escola.

A educação física também é ensinada com a mesma finalidade de preparar o corpo para a transformação que virá com a descida do Supramental. Aprende-se ginástica, natação, vôlei, boxe, futebol, esgrima, lançamento de discos, judô, yoga e luta livre. A agilidade e a atenção são desenvolvidas na prática do esporte. Dentro desta formação global, Sri Aurobindo e a Mãe não descuidaram de nada. Deram ênfase a uma preparação para o futuro, visando equilibrar a criança, física, emocional e mentalmente. Somente a partir deste equilíbrio corpo, mente e emoções, o Supramental poderia se completar com perfeição.

A professora é jovem, veste-se com discrição e mora sozinha num apartamento que a Mãe lhe destinou. Aprendeu a tocar a citara, dança indiana, teatro e agora é professora do Ashram.

Desenvolveu todo o seu potencial, sem deixar nada para trás. É tranquila, realizada e se dedica inteiramente à sua profissão de educadora, despertando novas crianças para o aprendizado.

9 de março de 2020

### SRI AUROBINDO, ARTE E EDUCAÇÃO NA ÍNDIA



Foto: Maurício Andrés

As praias de Pondicherry, Índia Francesa, assemelham-se ao nordeste brasileiro, com seus pescadores recolhendo redes. Auroville, cidade Aurora, situada perto de Pondicherry e construída sob a orientação da UNESCO, reúne oriente e ocidente dentro da filosofia de Sri Aurobindo. Foi inaugurada como símbolo da Unidade Humana e Fraternidade Universal.

Em 1978, levando comigo uma carta de apresentação do secretário de Educação de Belo Horizonte, tive acesso às escolas do *ashram*, ou comunidade espiritual, de Pondicherry onde, em 1951, foi inaugurado o Sri Aurobindo International Center of Education. Essa escola visa antes de tudo uma educação para a vida, dando às crianças a possibilidade de opções, de autoconhecimento e autorrealização. O professor tem como princípio fundamental não ensinar, mas despertar aquilo que já existe na criança em estado latente. Ele não traz normas de fora, nem impõe conhecimentos, mas é apenas um guia que orienta e conduz.

O sistema de educação é livre, respeitando a vocação e a individualidade da criança. Parte-se do princípio de que as crianças não são iguais e, portanto, têm de ser guiadas individualmente. Para cada personalidade há um meio de orientação. O professor não se coloca como autoridade, mas convive de modo amigável com os alunos como um companheiro deles.

As aulas começam com música para o relaxamento do corpo e da mente. As artes ocupam o lugar de destaque no crescimento da criança, para ajudá-la espontaneamente ao encontro

consigo mesma. Aprende-se dança, música, pintura construção. A finalidade da educação é o encontro com as raízes mais profundas de ser, preparando a criança para o futuro.

Há professores para as matérias e outros para guiá-las nos deveres de casa. A ênfase maior está na concentração, que varia de acordo com a necessidade de cada um. É preciso saber o que interessa a cada aluno para manter a mente concentrada. As matérias são dadas com jogos criativos, com a experiência direta ou através da compreensão da vida, conforme nos explicaram. Algumas crianças precisam ver plantas e animais ao vivo para se interessarem, outras se concentram apenas com a explicação teórica. O importante é manter sempre a concentração, e essa só pode vir quando a criança está interessada no assunto.

No quadro negro do *ashram*, estava escrito um poema de Sri Aurobindo, mostrando a importância da libertação da mente dançarina para entrar no silêncio do coração. O silêncio é necessário para o aprendizado de vida das crianças daquele ashram.

“Sri Aurobindo inspirou, com sua vida e suas ideias, tanto a criação de Auroville, como o movimento do Federalismo Mundial, que dissemina o ideal da unificação política da humanidade. Nascido em 1872 em Calcutá, Aurobindo passou dos 7 aos 21 anos na Inglaterra, onde tomou contato com a cultura e as ciências ocidentais. Na primeira década do século XX, participou ativamente dos movimentos políticos nacionalistas indianos pela independência; ficou preso durante um ano, ocasião em que teve a oportunidade de aprofundar sua prática de ioga. Em 1910, partiu para Pondicherry, na Índia Francesa, onde produziu a maior parte de sua obra. Ali, passou por experiências espirituais com ioga e a superconsciência. Em 15 de agosto de 1947 data de seu aniversário, a Índia alcançou a independência. Segundo Sri Aurobindo, as escalas de organização coletiva humana vão se ampliando: a família, a nação que ainda hoje é imperfeitamente realizada e, por último, a união mundial, na qual se desenvolvem trabalhos pioneiros.” (Maurício Andrés Ribeiro, Tesouros da Índia para a civilização sustentável, Editora Rona/Santa Rosa Bureau Cultural, 2003; disponível para download em <http://www.ecologizar.com.br/>).

10 de dezembro de 2010



## ARTE E EVOLUÇÃO HUMANA NO ASHRAM DE SRI AUROBINDO



Foto: autor desconhecido

Em 1979, visitei uma comunidade na Índia cujo modo de viver tem atraído pessoas de todo o mundo. Seu fundador, Sri Aurobindo, foi o pensador oriental que mais se aproximou de nossa civilização. Procurava um entrosamento das ideias espiritualistas do Oriente com o dinamismo progressista do ocidente. Sua filosofia, baseada na evolução, prevê a transformação do homem acreditando que “por detrás da inteligência existe em todo o ser humano outra ordem de consciência ainda oculta, que espera o momento de surgir.”

A insatisfação do homem, seu desejo de progredir, é uma prova disto. Essa sede de progresso que nos impulsiona para a evolução não se prende apenas ao raciocínio lógico, mas o ultrapassa. A evolução, processada anteriormente pelas forças da natureza, seria realizada agora conscientemente, no próprio homem, através de práticas, exercícios e o desenvolvimento de suas energias internas.

Tendo sido educado na Europa e conhecendo bem a civilização ocidental, Sri Aurobindo considerava impossível dominarmos as conquistas da ciência e da técnica sem a ajuda de um poder maior do que a inteligência. O desenvolvimento interior através da ioga integral viria despertar nossas potencialidades adormecidas, conduzindo-as à ação. A busca e a educação dessas energias existentes em todo ser humano são formas de atividade que identificam a filosofia do mestre. Tornar consciente o que está inativo e forçá-lo a atuar, despertar, discernir, desapegar-se, agir, purificar-se e evoluir. A transformação se realizaria inicialmente em cada pessoa que já estivesse preparada, mais tarde atingindo a todos. Essa evolução para um plano mais alto de existência se efetuaria normalmente através do desenvolvimento das aptidões de cada um, considerando-se que o trabalho feito com amor conduz ao aperfeiçoamento da pessoa. Qualquer forma de atividade pode ser considerada veículo de evolução. O trabalho assim realizado prevê a

ajuda mútua e o espírito comunitário. O trabalho feito com idealismo transforma e purifica o homem. A vocação já é o chamado para a evolução. Bloqueá-la significa atraso.

A criatividade também ajuda a despertar as energias interiores. Através dela, usamos a intuição que nos conduzirá à descoberta da realidade interna. O exercício da criatividade, em todos os seus aspectos - científicos, filosóficos, artísticos - ajuda em nossa integração, conduzindo-nos a planos mais altos. É necessário despertá-la por meio da arte na educação e do incentivo aos artistas e pesquisadores. Mas a evolução exige o aperfeiçoamento total do homem. Baseado nisso, Sri Aurobindo incentivou o esporte, acreditando que o corpo deveria se fortalecer para ajudar na transformação espiritual que se processaria através dele. Suas ideias unificam matéria e espírito. O progresso tecnológico avança, impulsionado por outras forças que ultrapassam as dimensões da inteligência e do raciocínio lógico. Dentro desse impulso totalizante e unificador, o homem crescerá em direção à sua evolução.

A experiência comunitária de Sri Aurobindo apoiada pela UNESCO traz-nos a mensagem de esperança. Suas ideias, aliando a agudeza do ocidente com a iluminação do oriente, conduzem-nos à reflexão. Nossas forças também poderão ser dirigidas e transformadas para que o homem do futuro possa encontrar uma humanidade melhor.

A partir de suas ideias de Unidade Planetária, foi construída a cidade de Auroville (Cidade Aurora) sob o patrocínio da UNESCO. No Brasil as ideias de Sri Aurobindo foram propagadas em Belo Horizonte e Salvador, na década de 70, por Rolf Gelewsky, que ensinava através da dança, um despertar do Yoga Integral.

29 de junho de 2011

### **SRI AUROBINDO ASHRAM**



Foto: Maurício Andrés

As ideias de Sri Aurobindo sobre educação lembram a espontaneidade do ensino de Guignard. Procura antes de tudo o que temos naturalmente dentro de nós para depois desenvolver a partir da essência de cada um. Educação também é uma arte, independente de se usar materiais artísticos, fazer exposições, participar de conjuntos musicais, teatros, danças. Educação é uma arte por si mesma. É a descoberta e o aperfeiçoamento do ser interno do homem. Sri Aurobindo foi um dos maiores pensadores da Índia, e suas ideias estão sendo colocadas como inspiração no Ashram de Pondicherry. Mas, temos certeza de que as ideias de Sri Aurobindo não podem se limitar às fronteiras. No ocidente, a divulgação do Sri Aurobindo como pensador poderia trazer grande ajuda não só a educação como a compreensão da unidade planetária. Ajudado por uma senhora francesa “a mãe”, em perfeita sintonia com suas ideias, o Ashram de Pondicherry foi criado para concentrar o pensamento do mestre. Tivemos oportunidade de visitá-lo e obter algumas entrevistas com diversos professores e alunos. O processo de depoimentos é vivo e atual, as pessoas se revelam como são entusiasmadas ou não com o seu papel.

Notamos que os professores educados dentro do Ashram são de modo geral seus melhores adeptos. Entregam-se ao Ashram de corpo de alma. Há neles uma chama de entusiasmo que não se nota naqueles que não estão em perfeita sintonia com o ambiente por qualquer motivo pessoal.

Conversamos um dos jovens professores da escola, um dos mais entusiasmados adeptos das ideias do mestre. Faz questão de afirmar: Não existe diferença entre o professor e o aluno.

O professor ao que parece está interessado no crescimento do aluno, procurando despertar suas potencialidades. Se houver necessidade de maior atenção sobre determinados alunos, eles são separados da turma e ensinados de forma individual. Há também uma renovação de ideias constante. “Como o aprendizado é um crescimento, não existe nada pré-estabelecido. As experiências se renovam de acordo com as necessidades do momento”.

Pelo que ouvimos há criatividade e cooperação entre os professores também. Há um quarto de silêncio onde a criança se recolhe quando está interessada em determinado assunto.

Procuramos um contato direto com as escolas. Os livros são fornecidos pela biblioteca, depois que as crianças estudam, devolvem os livros. A criança experimenta tudo e é ajudada no que necessita. Há professoras para as matérias e outros para orientarem nos deveres de casa. Há estudo, pesquisa, concentração e criatividade. A ênfase maior está na concentração que varia de acordo com a necessidade de cada um. É preciso saber o que interessa a cada aluno para manter a mente concentrada. Alguns se interessam por desenhos livres criativos, outros por cópias de cartão. Alguns se interessam por letras espontâneas e outros por letras padronizadas. As matérias

são dadas com jogos criativos e a experiência direta, ou compreensão da vida, conforme explicaram. Algumas crianças precisam ver as plantas e os animais ao vivo para se interessarem, outras concentram-se com as explicações técnicas.

Para isto há grande quantidade de professores. A concentração só pode vir quando a criança está interessada no assunto. Então, dá-se de corpo e alma para o que está aprendendo. Há um pátio central cheio de plantas. As crianças ajudam a fazer os jardins. As salas são arejadas dando para o pátio. Passamos por um salão enorme, onde vários grupos realizavam um trabalho de corpo. O trabalho como o corpo é dado como forma de autoconhecimento e aprendizado: dança, esporte, ginástica e boxe. O esporte chega até a idade mais avançada. Outro dia no pátio do playground vários homens de 70 anos de short pulando e marchando.

Depoimento de Lata, uma professora de línguas do Ashram que fala doze línguas e ensina francês, alemão e inglês. “Aprendem na escola do Ashram de acordo com os ensinamentos de Sri Aurobindo e da mãe, procurando despertar seu potencial em todos os sentidos – físico, artístico, mental, espiritual”. Seu depoimento é de uma pessoa que tem vivência de muitos anos no Ashram. Começou a estudar em 1944, um ano depois da fundação da escola. O International Centre of Education, visa antes de tudo uma educação para a vida, dando às crianças a realização. O professor tem como princípio fundamental não ensinar, mas despertar aquilo que já existe na criança em estado latente. Ele não traz normas de fora nem impõe conhecimento, é apenas guia que orienta e conduz. O sistema de educação é livre, respeitando a vocação e a individualidade da criança. Parte-se do princípio de que as crianças não são iguais e, portanto, tem de ser guiadas de forma diferente. Para cada tipo de personalidade, um meio diverso de orientação. O professor não se põe como autoridade, mas convive de modo amigável com os alunos como um companheiro. As aulas começam com música, para relaxamento do corpo e da mente. As artes ocupam lugar de destaque para ajudá-la espontaneamente ao encontro com as raízes mais profundas do ser, preparando a criança para a nova raça do futuro. A educação física também é ensinada com a mesma finalidade de preparar o corpo para a transformação que virá com o despertar do supra mental. Aprende-se ginástica, natação, esportes como vôlei, boxe, futebol, esgrima, lançamento de discos, judô, ioga e luta livre.

A agilidade e a atenção são desenvolvidas na prática do esporte. Dentro desta formação global, Sri Aurobindo e a mãe não descuidaram de nada. Deram ênfase a uma preparação para o futuro, visando despertar e equilibrar a criança física, emocional e mentalmente.

## SRI AUROBINDO E A MÃE



\*Fotos da internet

Sri Aurobindo foi revolucionário, lutou como Gandhi pela libertação da Índia dos colonizadores ingleses e se refugiou em Pondicherry, pequeno território de posse dos franceses. Viveu aqui, recolhido dentro de um casarão, hoje reservado às meditações e à visita pública, escrevendo livros inspirados em planos superiores.

Seu pensamento atravessou fronteiras, alcançou um futuro ainda não vivenciado. Suas ideias sobre educação, ecologia, unidade planetária, supramental, são estudadas como uma das formas de traduzir a linguagem do cosmos, que diariamente desce até nós, sem que dela tenhamos consciência.

Por coincidência, foi também uma francesa a sua companheira espiritual.

Mira, ou “A Mãe”, como afetuosamente foi chamada pelos devotos, morreu aos 95 anos em Pondicherry e seu “samadhi” coberto de flores e vasos superpostos fechando canteiros é visitado diariamente por milhares de devotos. A Mãe escrevia livros e dava lições de amor universal às pessoas que a ela se ligavam.

“The happiness you give makes you happier than the happiness you receive.” (A felicidade que você dá para os outros te faz mais feliz do que a felicidade que você recebe dos outros)

Seus pensamentos estão espalhados pelas paredes em cartazes sugestivos e pequenos livros decorados com desenhos e vinhetas, distribuem suas ideias pelo mundo.

Mas o livro da vida também nos ensina. Olhando para o mar hoje de manhã busquei o nascer do sol, contemplando o horizonte. Havia nuvens e a claridade se fazia sem a presença do sol. As nuvens se tornavam cada vez mais escuras, porque por detrás delas o sol impunha sua presença. Começou colocando uma aura luminosa por detrás das sombras. Depois surgiu radiante, muito mais brilhante do que das outras vezes.

A nossa sombra é necessária, para que a luz se faça mais brilhante. (Trecho do Diário de viagem, 1990)

11 de março de 2019

### TEILHARD DE CHARDIN, UM CAMINHO PELO ESPAÇO



Foto: internet - telescópio Hubble

As ideias evolucionistas de Sri Aurobindo encontram ressonância no grande filósofo católico Teilhard de Chardin. O diálogo entre o Oriente e o Ocidente abre-se a um plano espiritual único. Buscando o conhecimento da Verdade surgiram ao mesmo tempo, em lugares diferentes, dois pensadores cujas ideias contêm a mesma previsão para o futuro da humanidade. Esses dois homens não tiveram contato entre si, viveram em mundos separados, herdeiros de tradições diversas, mas receberam ao mesmo tempo a mesma intuição.

A evolução cósmica, que se processa no universo em movimento à procura de maior consciência e organização, a evolução da vida, do pensamento e do homem é o princípio básico da filosofia de Sri Aurobindo e Teilhard de Chardin.

Um núcleo da Verdade Universal está em nós e é despertado quando o procuramos. É ele que nos faz achar, em meio à multiplicidade de costumes, de línguas, de tradições, de raças e pensamentos, a Unidade do Ser. Do Oriente ao Ocidente, o mesmo núcleo impulsiona uma só voz.

Teilhard fala do advento de uma super-reflexão que levaria o homem a uma plataforma superior. Essa evolução não estaria distante de nós, mas se realiza num futuro próximo. A evolução seria acelerada dentro de pouco tempo, até atingir o ponto Ômega. Então a humanidade formaria um todo consciente de si mesmo, englobando as conquistas materiais da técnica e da ciência. Elas não seriam recusadas nesse plano evolutivo, mas seriam integradas e espiritualizadas. Teilhard não considera o ser humano como o ponto final da evolução, mas ela continua seu processo através do homem, conscientizada e engrandecida por ele.

Segundo o pensamento de Teilhard de Chardin, o homem é o encarregado de irradiar e projetar a evolução. Esse homem novo, que os dois grandes pensadores do Ocidente e do Oriente assinalaram em suas reflexões, não está longe de nós, mas já começa a existir. Há uma onda de consciência que nos impulsiona para o alto. Sentimos o despertar da intuição na busca dos valores espirituais.

O Eu Superior revela-se, não somente para os orientais mergulhados em meditação, mas já começa a ser uma realidade para o Ocidente. Há uma inquietação agitando a juventude, a necessidade de quebrar tabus, ultrapassar situações e superar o cotidiano. Muitos, angustiados na escuridão da procura, entregam-se às drogas, procurando através delas alcançar a transformação. Mas a evolução não se processará artificialmente. A ascensão do homem para um plano mais elevado será feita, conscientemente, com seus próprios recursos interiores. Um impulso de dentro nos conduzirá, aceleradamente, como uma flecha para o alto.

A conquista do espaço e a consciência da existência de outros mundos habitados, significam um imperativo na escala evolucionista, um salto para o futuro e já constitui, de certo modo, o início do movimento acelerado que nos está atingindo.

O caminho das estrelas só poderá ser conquistado pelo homem realmente integrado e evoluído. Incentivado em sua criatividade, iluminado espiritualmente, ele avançará em sua totalidade de corpo e alma para os planos mais elevados. Estamos sendo conduzidos ao testemunho de que energias unificadoras formarão um só caminho, o do homem terrestre chamado a agir, dentro de seu plano e com seus recursos criadores.

Desenvolvendo sua própria criatividade, o homem se elevará do caos para a harmonia, da violência para a serenidade, da competição para a compreensão, da diversificação para a Unidade e do individualismo para a Totalidade.

17 de dezembro de 2010

### MUSEU SHANKAR



Foto: autor desconhecido

Hoje, comemorando o dia da criança, resolvi postar uma parte do meu diário de viagens à Índia, que relata a minha visita ao Museu Shankar, voltado para o público infantil.

“O museu Shankar” é um prédio enorme, situado numa das avenidas de Nova Délhi. Salões, bibliotecas, imprensa, publicações, tudo dedicado à criança, num intercâmbio com todos os países do mundo.

Os indianos procuram estudar através da criança os costumes dos outros povos, promovendo exposições internacionais. O diretor do museu nos leva às diversas salas e percorre conosco o interessantíssimo museu de bonecos. Há bonecos de todas as raças, de todas as cores, vestidos de acordo com as características de cada nação. Holandeses de tamancos, russos calçados de botinhas de couro, japonesinhas ricamente adornadas.

Percorreremos o imenso salão onde a criança pode ver uma síntese do planeta em que vivemos e de seus costumes tão diferentes. A indumentária revela de certo modo tradições e costumes, o requinte ou a sobriedade, as condições de clima, o adiantamento ou primitivismo de cada região da terra. Alguns bonecos mexem-se, outros sorriem, alguns são pobres, despojados, outros se cobrem de joias. O interesse da criança pelos bonecos é fenômeno comum, mas os bonecos variam e as crianças do globo também. No Museu Shankar eles se encontram. Uma

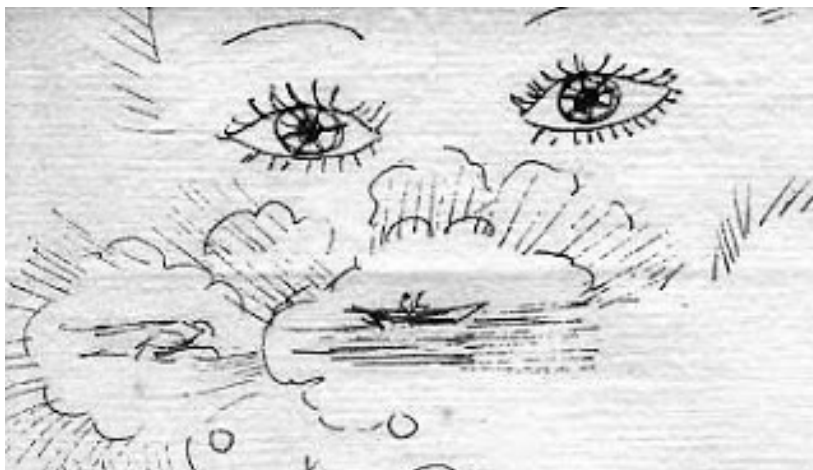


espécie de liga das nações. Se pudessem falar, contariam histórias pitorescas e divertidas, mas assim mesmo, em silêncio, testemunham os contrastes de cada pedaço da terra. No setor indiano, Gandhi é rememorado em tamanho reduzido, liderando uma multidão de indianos vestidos de branco. Sem cartazes alusivos nem discursos históricos, o conjunto de Gandhi revive as pregações do grande líder em torno da não violência.

Num dos salões, bonecos mostram uma das danças tradicionais do sul da Índia, Kathakali, com seus trajes esplêndidos. Outras bonecas mostram crianças japonesas, e um grupo mostra a coleção da rainha (Reino Unido). Há bonecas da Hungria, de Kabuki e de Samurai no Japão, da dança flamenga na Espanha, da orquestra de mulheres da Tailândia, etc. O museu começou com mil bonecas. Entre 1965 e 1987, 5.000 foram adicionados. Atualmente o número de bonecas chega a 6.500, provenientes de 85 países.

12 de outubro de 2015

### ESCOLA DOS OLHOS PERFEITOS



Ilustrações: Maria Helena Andrés

Encontrei entre os meus guardados essa carta para os meus filhos quando estava na Índia. Resolvi divulgá-la, porque tem informações importantes.

“Queridos filhos, querida mamãe,

O nome do lugar: “*School of the perfect eye*”. Em português: “Escola dos olhos perfeitos”.

Sim, o olho é uma coisa que precisa ser perfeita. Há tanto o que se ver no mundo e, com o olho imperfeito, a gente começa a ver tudo sem colorido, meio embaçado. Assim estava eu. Entrei na tal escola em Pondichery. Estou fazendo um curso de relax nos olhos. Já ouvira falar a respeito. A gente fecha os olhos, balança o corpo feito relógio, encarando o sol da manhã com as pálpebras

cerradas. Depois colocam algo meio amarelado dentro dos olhos, retirado do mel das abelhas. Colocam a gente recebendo vapor e piscando sem parar. Depois, relax com os olhos umedecidos por compressas durante 10 minutos.

O mundo está mudando, ficando tecnicolor... Como as árvores de Pondichery são verdes e o mar colorido! Saí sorrindo de lá, achando tudo bonito. Também meus olhos estavam tensos há tanto tempo! Não conseguia relaxá-los. Estou usando os mesmos óculos do Dr. Hilton, mas, depois da morte do Luiz e das tensões e dos choques seguidos, passei a ver o mundo quase em preto e branco, por dentro e por fora. Agora, com este tratamento, mudei de televisão. Faz gosto olhar o mundo com olhos relaxados, é outra coisa. Há gente nesta escola que faz treino para tirar definitivamente os óculos. Pedi muito para não modificar o grau dos meus, para não ter problemas. Quero conservar meus óculos, mas ver tudo mais bonito... Estou começando agora, talvez volte aqui para continuar o tratamento. Vale a pena.

Lembro de uma trova que a mamãe ensinava para a gente: “Quem sofrer dos olhos, comer formiga aos molhos...” Aqui não é formiga não, é relax e mel de abelhas.

Abraços,

Helena

1 de setembro de 2015

## MEDITAÇÕES NA ÍNDIA I



Fotos da internet

### Meditação I

A grama verde se estende a perder de vista. Pessoas relaxando, o dia acabando. Alguns fazem ioga. Ontem no curso de contemplação, sugeriram-me fazer um diário.

O diário começou com a minha própria vida. Tudo está relacionado. Tenho 70 anos e preciso subir 70 degraus para chegar ao meu quarto. Estou alojada no terraço do Anapurna e, à noite, as

estrelas brilham no chão de mármore branco.

Quando me levanto para ir ao banheiro, vou pisando sobre as estrelas e só isto me faz relaxar. Agora relaxo também olhando a grama em frente.

Hoje, quando estava no 60º degrau, pensei comigo mesma no que estava fazendo quando tinha 60 anos. Devia estar exatamente subindo esta escada e parando para descansar enquanto olhava o retrato de Baba em frente. Alguém me perguntou o que estava sentindo.

“Estou bem, mas esta escada me lembra a minha própria vida. Há 10 anos atrás ela me cansava, mas, hoje, quando não carrego embrulhos, subo facilmente os 70 degraus”. O problema são os embrulhos, as compras, as bolsas que carregamos. Se não fosse isto, se diminuíssemos a bagagem, teríamos a mesma agilidade de um jovem para subir escadas...

### Meditação II

Enquanto descasco cebolas comparo também meu trabalho com a minha vida. Descascar cebola, tirar a pele, retirar experiências negativas para chegar à Essência.

### Meditação III

Sol descendo devagar. Barulho de passos na areia.

Meditação “*Neti, Neti*”, conhecida da antiga tradição hindu.

Andei também sobre as pedrinhas da estrada repetindo “*Neti, Neti*”.

Eu não sou a areia, eu não sou as árvores, eu não sou o caminho, eu não sou o corpo, eu não sou a pele, eu não sou os músculos, eu não sou as pernas, eu não sou este sangue, eu não sou estas veias, eu não sou este coração, eu não sou esta energia, eu não sou a célula, o átomo, o quantum. Quem sou eu?

O sol foi descendo solene, devagar. Sentei-me no chão depois de saudá-lo. E a resposta surgiu.

Eu sou Luz, eu sou a Eternidade...

Uma enorme paz me envolveu. No imenso gramado verde, as sombras da noite apagaram o colorido das plantas e das flores.

2 de maio de 2016

## MEDITAÇÕES NA ÍNDIA II



Fotos da internet

### Meditação I

Estive aqui neste *ashram* em 1983, quando Gurumai iniciava seu dharma de guru. Era então uma menina de extraordinária beleza. Tocou-me a testa e o alto da cabeça, quando me deu Shaktipath. Uma luz intensa irradiava daqueles pés, daquelas mãos.

Recebi o mantra *So-ham* para ser repetido diariamente, mas pedi-lhe a substituição de *So-ham* por *Ham-sah*, sentindo que estava mais harmonizado com a minha respiração. Hoje não preciso repetir *Ham-sah*, apenas presto atenção no Agora e escuto *Ham-sah* no compasso de meus pés, do meu mastigar, do meu respirar. Ele está inteiro dentro de mim, faz parte do meu corpo. Hoje, caminhando na estrada de pedrinhas cinzentas, escutei também os meus passos batendo em ritmo de percussão o mantra *Ham-sah*.

Ao fim da caminhada uma imensa paz me envolveu.

### Meditação II

Novamente medito ao som dos passos na areia. Posso incluí-los às batidas de meu coração e ao canto dos pássaros. Formamos um todo, homens, mulheres, plantas, animais. Respiramos o mesmo ar e sentimos as mesmas vibrações. A vida é esta energia fluindo constantemente.

Os mestres recebem esta energia cósmica de forma intensiva e os discípulos também fazem a sua parte, um corpo coletivo de vibrações energéticas. A vibração varia de acordo com o chacra despertado. No imenso gramado verde, pássaros brancos sobrevoam e descem a fim de receber o prana da natureza.

9 de maio de 2017

## MEDITAÇÕES NA ÍNDIA III



Fotos de Maria Helena Andrés

### Meditação I

Não estamos preparados

Para a morte

O apego

Nos torna insensíveis

À grande viagem

Que se aproxima.

### Meditação II

Entrega – abandono – silêncio

Entregar a vontade ao Divino.

Entregar os impulsos a Deus.

Entregar os desejos ao Divino.

Entregar as fantasias, pensamentos, emoções, carências.

Entregar os corpos vital, emocional, mental – com todas as suas manifestações.

Entregar as células do corpo, sua formação e sustentação.

Entregar os movimentos da mente e das emoções, os impulsos da raça, os hábitos, as carências vindas da infância, da noite dos tempos.

Entregar os sonhos, os símbolos do inconsciente, os arquétipos, as formas, as cores, os sons, a sensibilidade, os conflitos (o querer e o não querer, o desejar, o sofrer).

Entregar o amor, as paixões, o amor terreno e os apegos, o amor divino e as aspirações.

Entregar a inspiração para a arte, a expressão através de formas.

Entregar o eu pequeno e o Eu Superior, o Corpo Búdico, os 7 temperamentos, o inconsciente coletivo, o Ser Interno.

Abandonar-se neste inconsciente, nesta Unidade Total do Ser.

16 de maio de 2016

### MEDITAÇÕES NA ÍNDIA IV



Fotos de Marília Andrés Ribeiro

#### Meditação I

Corredores da Índia

Encontros inesperados

De pessoas afins.

A ligação se faz

Tão simples.

Tara veio do Japão

E é sobrinha de Aldous Huxley.

Iuri chegou de Israel

E Ruth da Austrália.

Mas se pudermos

Fotografar a alma

De cada um

Sentimos a Unidade  
Dissipando fronteiras  
Alcançando as diferenças  
Transformando-as  
Num único ser.  
O que é que nos separa?

### Meditação II

Irmãos espirituais  
Vindos de longas distâncias  
Andam pelo mundo  
Vivendo experiências.  
Deixam pátria  
Segurança  
E a família  
Protetora.  
Nos caminhos  
Nas estradas  
Nas esperas  
No aeroporto  
Viajantes  
Peregrinos  
Percebem que a segurança  
E a proteção da família  
Os hábitos  
E a permanência  
Os apegos, as carências  
Os anseios, ambições  
As lutas, competições  
As invejas, os ciúmes  
Os medos  
São como algemas  
Que prendem

Homens, mulheres e jovens

Na eterna roda da vida

### Meditação III

A vida

É o único mestre

Sempre indicando

O caminho

Sempre enviando

Mensagens.

Não sentimos

Não vivemos

Porque sempre

O pensamento põe-se à frente

Das mensagens

E nos faz viver

No passado ou no futuro.

Traçamos planos futuros

Em linha reta

Sem perceber

Que as mudanças

Nos fazem sempre

Dar curvas.

Viver é sentir

O agora

Palpitando

Em cada ser.

É perceber

A beleza

Vivê-la na intensidade do momento fugidio.

23 de maio de 2016



## MEDITAÇÕES NA ÍNDIA V



Fotos da internet

### Meditação I

No mundo Ocidental a vida é prolongada artificialmente, nos CTI's onde muitas vezes o doente morre sozinho afastado dos parentes e amigos.

Este prolongamento artificial da vida nos torna insensíveis à grande viagem que teremos de empreender um dia. Não estamos preparados para a morte. No entanto, se nascemos neste planeta, mais cedo ou mais tarde teremos que nos despedir dele. O desapego é importante para a libertação daquele que está morrendo. Os yogues cantam mantras tais como "Om namah shivaya". O cântico ajuda na passagem do plano terrestre para um plano melhor. Outros repetem a oração: "Estamos todos muito felizes porque você está se elevando acima da vibração densa da terra em busca de estados superiores cheios de luz."

O exemplo do Eremita de Rishikesh morrendo em postura de meditação cercado de discípulos foi para mim um toque de consciência.

### Meditação II

Recebi de uma teosofista residente em Adyar na Índia a meditação abaixo:

"Eu não sou deste mundo, mas uma filha do imensurável. Minha morada é longe daqui e eu tenho saudades da Casa de meu Pai. Possa eu começar a jornada do retorno. Consagro meu corpo físico, emocional, mental e intuitivo à realização deste Grande Trabalho. Que as sensações do meu corpo, os sentimentos de minhas emoções, os pensamentos da minha mente e os insights da minha intuição, possam servir a este Grande Trabalho. Não existe parte nenhuma do meu corpo que não pertença a Deus. Pretendo considerar todos os acontecimentos da minha vida como uma parte do diálogo entre o meu "self" individual e o "Grande Self". Que todas as partes do meu ser e todas as ações da minha vida sejam dedicadas ao propósito do Retorno para a Casa do meu Pai."

30 de maio de 2016

## MEU ENCONTRO COM O MONGE BENEDITINO BEDE GRIFFITHS

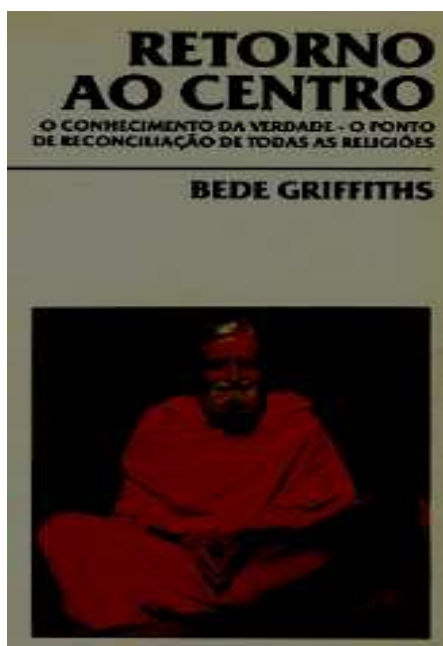


Foto: internet

Saí de Bangalore para Mysore, sul da Índia, com meu filho Maurício, com intenção de parar no caminho para conhecer o *ashram* (mosteiro) fundado por Bede Griffiths.

Foi uma tarde memorável que passamos em sua companhia. Ele me pareceu um ser humano fora do comum. Ali pudemos escutar um pouco da sua história e de seus ensinamentos holísticos.

Já à tardinha, quando nos preparávamos para tomar chá, avistamos no horizonte o ônibus que deveríamos tomar. Apressamo-nos nas despedidas.

A grande surpresa foi quando já estávamos assentados para partir, Bede Griffiths acenou para o motorista aguardar. Vinha com duas xícaras do chá que acabara de preparar para nos oferecer.

O motorista, pacientemente, esperou...

Seguimos viagem pensando na possível integração do Oriente com o Ocidente, fruto da nossa conversa com Bede Griffiths.

Nascido perto de Londres, numa típica família inglesa de classe média, Bede Griffiths foi educado dentro da Igreja Anglicana.

Mais tarde, ao cursar a Universidade de Oxford, perdeu a fé religiosa inicial e tornou-se um agnóstico. Como tantos de sua geração desiludiu-se com a sociedade industrial capitalista da época e, em 1930, lançou-se com um grupo de colegas numa experiência de vida comunitária

numa aldeia inglesa, abandonando luxos e confortos.

Foi então que começou a ler a Bíblia e outros livros religiosos e voltou à oração, assentando sua fé em bases novas e mais profundas. Redescobriu o cristianismo, depois de longo conflito interior; vencendo os preconceitos anticatólicos que ainda existiam na Inglaterra, entrou para a comunidade beneditina da Abadia de Prinknash e chegou a ser prior da Abadia de St. Michael.

Foi pioneiro em sentir a atração da filosofia da Índia, muito antes da onda de orientalismo que levou tantos jovens a buscarem e a seguir gurus.

Em 1955, partiu para a Índia onde contribuiu para a fundação do Ashram de Kurisumala, que tinha sido iniciado por dois monges franceses.

Criou depois o Ashram de Sachidananda, uma experiência bem-sucedida de combinar o culto e tradições católicas com as práticas e filosofia da *Yoga* indiana.

Seu trabalho pioneiro tem sido seguido por muitos. Em Londres há um grupo ecumênico (*Inter-Faith*) promovido pelo Arcebispo de Westminster, que estimula a prática da meditação por vários caminhos e a cooperação com religiosos hindus, budistas e de outras religiões. Lá existem freiras católicas que praticam *Yoga* e há toda espécie de combinações inspiradoras entre os vários caminhos espirituais.

Anos depois, participei de uma meditação nesse ambiente, onde repetíamos o mantra "*Maranata*", que significa em aramaico, Jesus Cristo.

Em seu livro "*O Coração de Ouro*" (1954), Griffiths conta a história de sua vida e conversão. Em seu outro livro "*Retorno ao Centro: o conhecimento da verdade, o ponto de reconciliação de todas as religiões*" (1992), considerado um clássico moderno da espiritualidade, ele nos oferece uma visão ecumênica, que leva até as últimas consequências a abertura às outras religiões. Esta visão ecumênica foi aprovada pelo Vaticano II em "*Nostra Aetate*":

"Além de ser cristão, eu preciso ser um hindu, um budista, jainista, sikh, muçulmano e judeu. Só assim poderei conhecer a Verdade e encontrar o ponto de reconciliação de todas as religiões... É esta revolução que tem de se processar na mente ocidental. Há séculos ela se volta para fora, para o mundo dos sentidos e perde-se no espaço exterior. Precisa agora aprender a voltar-se para dentro e descobrir seu ser: empreender aquela jornada longa e difícil para o CENTRO, a profundidade interior do SER".

(Resumo editado e extraído do livro *Retorno ao Centro*, IBRASA, S.P,1992 por Cecília Caram após depoimento de viagem de Maria Helena Andrés).

1 de dezembro de 2010

## MOTHER TERESA DE CALCUTÁ



Ilustração de Maria Helena Andrés no livro *Pepedro nos caminhos da Índia*

Teresa de Calcutá foi sem dúvida a grande presença cristã na Índia. “Mother Teresa”, como é conhecida, nasceu em Skopje, na Iugoslávia, em 1910. Desde cedo sua vocação religiosa manifestou-se através de um chamado interno para o serviço e a dedicação aos semelhantes. Tendo sido enviada para a Índia a fim de fazer o noviciado na congregação de Nossa Senhora de Loreto, a jovem irmã fez os votos de pobreza, castidade e obediência, em caráter de prova. Dedicou-se no início do magistério como professora do St. Mary’s High School de Calcutá. Um dia, viajando de trem de Calcutá para Darjeeling, irmã Teresa impressionou-se vivamente com a pobreza da Índia. Através das janelas do trem as cenas de pobreza desfilavam diante de seus olhos. Aspirando dedicar-se totalmente ao serviço social, irmã Teresa deixou suas atividades de educadora, para entregar-se de corpo e alma aos humildes. Ela cuidou daqueles que não tiveram teto para se abrigarem do frio, da chuva e das adversidades.

Nas ruas de Calcutá sentimos muito fortemente a sua presença, recolhendo crianças, leprosos e moribundos. Os mais pobres entre os pobres, são também os que sofrem o desprezo da sociedade. A fama de Mother Teresa estendeu-se pelo mundo. Agraciada com o Prêmio Nobel, ela destinou o dinheiro recebido às suas instituições de caridade.

Ultrapassando todos os preconceitos de casta ou qualquer fanatismo religioso, as missionárias de caridade, lideradas por Teresa, enxergaram no pobre o próprio Cristo. “O que fizerdes a um destes pobres e pequenos, a mim o fareis.”

Mother Teresa tem grande respeito pelas crenças alheias. Sua tolerância religiosa é sustentada pela certeza de que Deus é o mesmo e pode ser encontrado através de qualquer religião.

A grandeza de atuação das missionárias de caridade alcança uma dimensão mais alta e mais abrangente, onde a separatividade dos conceitos mentais não tem entrada. Nesse espaço sem limites do Amor, as diferenças religiosas não existem. Todos são acolhidos como seres humanos na casa do Pai.

Há alguns anos, quando um vendaval desceu sobre Bangladesh e matou centenas de pessoas, as missionárias de caridade, como um pequeno exército de anjos, vieram ajudar a enterrar os mortos.

Em 1979, quando estivemos em Calcutá, procuramos conhecer de perto o trabalho de Mother Teresa. As irmãs nos receberam com simpatia e as crianças da creche se acercaram de nós pedindo colo. Fomos ver o berçário. Havia 100 crianças, algumas encontradas nas ruas, outras filhas de mães solteiras. Ali chegavam crianças com problemas de alimentação, desnutridas. As jovens noviças substituíam o carinho materno que faltou a essas criancinhas. Havia uma alegria contagiante na fisionomia das irmãs e era justamente essa alegria que irradiava e enchia de Luz o ambiente. À tarde, quando as luzes da cidade começavam a se acender, elas reuniam-se para cantar Vésperas. Entramos por corredores enormes em direção à capela, onde as irmãs cantavam. Oitenta moças sentadas no chão, em cima de tapetes rústicos, vestidas com sáris brancos, fizeram-nos sentir de perto as nossas origens cristãs. O verdadeiro espírito cristão ali estava e uma força invisível preenchia o ambiente de Energia e Luz.

26 de janeiro de 2011

## RAMAKRISHNA



Foto: Maurício Andrés

As cores do poente destacam a silhueta do templo de Ramakrishna, em Bangalore,

enquanto vozes masculinas e femininas entoam o cântico vespertino.

Um jovem *sannyasin* roda o turíbulo com o fogo sagrado, em atitude de reverência.

Ramakrishna também foi um desses jovens. Viveu na Índia nos fins do século passado, era um devoto da divina Mãe Kali e com ela conversava diariamente.

Reconhecido pelo povo como Encarnação Divina, Ramakrishna fundou uma ordem para propagar seus ensinamentos e a unidade de todas as religiões.

Na Índia, a pessoa iluminada entra em contato com energias superiores e se torna um com o Deus Pessoal e Impessoal. Ramakrishna teve a mesma experiência em todas as religiões, tornando-se Um com Cristo, Buda, Maomé, a Divina Mãe e outros Avatares. Falou com a autoridade de quem realmente se elevou acima da densidade da terra e entrou na imensidão da energia Divina.

Através dos ensinamentos de Ramakrishna e Vivekananda, comecei a me interessar por *Yoga*, na década de 70, e senti desde o início uma ligação muito forte com esse mestre indiano e seu discípulo Vivekananda. A minha busca holística encontrava ressonância na atitude do mestre em não aceitar nada sobre autoridade de segunda mão. Ele sempre quis conhecer a Verdade diretamente.

Praticou como investigador científico todas as grandes religiões do mundo, obedecendo seus rituais e realizou o estado de comunhão com Deus em todas elas.

Ramakrishna abriu caminho para o encontro ecumênico de todas as religiões. A realização de Deus, ou o encontro com o Absoluto, depende unicamente de uma sincera busca espiritual.

“Revela-te em meu coração” é o mantra a ser repetido para se alcançar a revelação do Deus pessoal, seja ele Cristo, Buda, Maomé, Krishna, Ramakrishna ou a Divina Mãe. O encontro com o arquétipo da Divindade, gravado no coração do Ser, é o primeiro passo para a Realização do Deus Impessoal sem forma, sem nome. Mas, se a pessoa se apegar à experiência do Deus pessoal é impedida de alcançar a Consciência Universal. Ramakrishna era profundamente ligado à Divina Mãe Kali. “Tome a espada do discernimento e me corte ao meio”, ordenou-lhe a deusa. Assim fez Ramakrishna para alcançar a realização do Imensurável que existe além de todas as formas.

Ramakrishna alertava seus discípulos que os poderes psíquicos e o poder de curar são obstáculos na senda da conquista da Consciência Divina. A realização de Deus é um caminho direto, sem desvios.

Um dos grandes discípulos de Ramakrishna, Swami Vivekananda, introduziu o Vedanta para o mundo ocidental, quando participou em 1893 de um congresso de religiões em Chicago, nos Estados Unidos.

A clareza de sua palavra causou a mais profunda admiração entre os presentes.

26 de setembro de 2012

### TEATRO COMO EXTENSÃO DE VIDA



Foto: livro Pepedro nos caminhos da Índia

Em 1979, vimos um grupo de teatro amador em Bangalore, no sul da Índia. Os ensaios eram sempre à noite, pois os artistas trabalhavam durante o dia.

No pequeno teatro de Bangalore os atores realizavam a arte como extensão de sua própria vida. Entrevistamos um dos participantes do grupo, Vijay Padaki. Ele trabalhava durante o dia como psicólogo do Instituto de Administração, e durante a noite, invariavelmente, podíamos encontrá-lo colaborando com seu grupo de artistas dentro e fora do palco.

“Hoje estou de baby sitter”, nos disse ele.

Enquanto os pais da criança ensaiavam uma cena, ele mostrava as vitrines coloridas a uma garotinha de uns 4 anos.

- “Nós nos revezamos em todas as atividades. Quando não estamos participando do espetáculo atuamos fora de outra maneira. Nossa atividade artística é o teatro, mas ela se estende também para a vida. Vivemos de forma comunitária sem a necessidade de morar dentro do mesmo espaço. Organizamos uma espécie de cooperativa constituída por um pequeno grupo de artistas. A arte para nós é um complemento indispensável à vida. Durante o dia somos profissionais liberais, engenheiros, advogados, médicos ou psicólogos. Trabalhamos normalmente como qualquer indiano de classe média, em repartições públicas ou em firmas particulares. Das 6 horas da tarde em diante nos reunimos para o trabalho comunitário em torno do teatro. Na Índia nosso grupo é um dos mais antigos. Somos amadores porque temos ocupações diferentes durante

o dia, mas no final, acabamos sendo considerados do mesmo nível dos grupos profissionais, levando até certa vantagem sobre eles. Não temos os problemas que enfrentam esses grupos: preocupações com o ganho material, o sucesso, os intermediários, com a competição e o estrelismo. Somos livres e sentimos que uma comunidade só pode ser forte quando mantém com clareza certos princípios. Ao iniciar nossas atividades, há 18 anos atrás, estabelecemos como princípio que cada pessoa tem o seu próprio valor e este deve ser respeitado e estimulado. Não existe uma hierarquia dentro do grupo, nem alguém que se sobressaia sobre os outros. Ninguém se torna a estrela principal do grupo. Algumas vezes representamos o papel principal e noutras peças fazemos o papel secundário. Isso nos ajuda a quebrar o ego. Nosso grupo tem por princípio quebrar o estrelismo. Entendemos que todos os papéis tem igual valor. Representamos diversos papéis artísticos e burocráticos e experimentamos uma variedade de situações. Consideramos as atividades técnicas tão importantes quanto as artísticas. Até mesmo os eletricitistas e os cenógrafos participam de nosso grupo e muitas vezes são artistas também. “Temos 150 membros, desde jovens até idosos...”

“Nossos estudantes são treinados por nós mesmos. Às vezes, assumimos o papel de professores de acordo com a nossa capacidade individual. Cada um contribui com aquilo que sabe. Temos um membro que mora numa aldeia próxima e costuma fazer algumas cenas em seu próprio meio ambiente. Fazemos experiências denominadas trabalho de laboratório para um pequeno público mais íntimo e apresentamos ao grande público umas três ou quatro peças ao ano. Temos um comitê com presidente, secretário, dentre outros, composto por dez pessoas, que decidem o que será apresentado”.

Terminamos a entrevista com um almoço apimentado, à moda indiana, ouvindo música ocidental. A mãe servia a mesa e as crianças comiam sentadas no chão. O teatro para essa família era uma forma de crescimento e equilíbrio psíquico, mas não perdia o seu valor artístico.

Tive também a oportunidade de assistir a uma representação do grupo no palácio do governo de Bangalore, com a presença das autoridades e da sociedade local. Há um grande incentivo da parte do governo em torno das atividades artísticas nas diversas áreas. O teatro no final é a própria vida, com seus contrastes e suas mutações, estabelecendo o equilíbrio entre o trabalho e o lazer.

26 de agosto de 2009



## RAMAN RESEARCH INSTITUTE - ENCONTRO COM A CIÊNCIA



Foto: autor desconhecido

No meio da confusão da Índia, o Raman Research Institute é um espaço de paz. Há árvores abrigando bangalôs onde os jovens cientistas se recolhem por algum tempo buscando um aprofundamento de seus estudos. Há grandes pavilhões, entre eles o museu Raman relatando em fotos a vida de seu fundador; há o museu de pedras preciosas e uma enorme biblioteca.

O professor Raman foi um famoso cientista indiano que, por meio de sua inteligência, dedicação e incessante interesse em pesquisa, trouxe para a Índia um prêmio Nobel em física. O Efeito Raman é conhecido no mundo inteiro. Podemos estudar sua vida através de livros, pôsteres e informações fotográficas colocadas nas paredes do museu. Visitei o museu e recebi informações do grande mestre que foi o professor Raman. Há pesquisas maravilhosas no campo das vibrações. Ele era muito interessado em música e em cores. A partir de suas descobertas nesses dois campos podemos refletir sobre a relação entre cores e sons.

Como artista, que sempre gostou de pintar ouvindo música, fiquei fascinada com essas experiências relatadas por um grande físico.

O Professor Raman era também interessado em pedras. Ali há salas reservadas a pedras semipreciosas, guardadas cuidadosamente dentro de vitrines. Foi sucedido por seu filho Radhakrishnan, também dedicado aos estudos científicos. O Professor Radhakrishnan continuou a obra de seu pai, numa outra dimensão.

Raman pesquisou a terra, Radhakrishnan pesquisa as estrelas. Há alguns anos, durante uma conjunção planetária, eu estava na Índia, hospedada no Raman Institute e tive a oportunidade de observar num grande telescópio o brilho de milhões de estrelas. O Dr. Radhakrishnan e sua esposa Dominique são grandes amigos que tive a sorte de conhecer na Índia e que me ofereceram hospitalidade e carinho nas minhas longas viagens. Ambos são interessados em arte e dão estímulo a vários artistas não somente vindos da Índia como de vários países do mundo.

O Instituto é um recanto aprazível, cercado de jardins floridos e árvores frondosas, lugar ideal para reflexão. Interessei-me sobre um livro de sua biblioteca: *Poussières d'étoiles* de Hubert Reeves e transcrevo um texto que me permitiu viajar no espaço: “Quando as estrelas morrem, espalham sua matéria no espaço. Esses filamentos coloridos espalhados sobre milhares de quilômetros são as poeiras de um astro que agoniza. Nesses pedaços de matéria, os átomos se encontram e formam moléculas e grãos de poeira. Dessa poeira nascerão mais tarde os planetas e de suas moléculas talvez as plantas e os animais. É no céu estrelado que poderemos encontrar as origens da vida.”

O livro *Poussières d'étoiles* nos faz refletir sobre a unidade do universo a partir da morte das estrelas e a sua transformação em novos planetas. É uma viagem fantástica às origens da vida e um retorno à essência de onde viemos. No silêncio do Instituto Raman, refletimos sobre a nossa unidade com o infinito espaço cósmico do universo.

16 de setembro de 2015

### REENCONTRO EM BANGALORE





\*Fotos da internet

Aos poucos, das vidraças do trem, começamos a rever o nosso passado de Bangalore – as casas com treliças de madeira, o tráfego e as pessoas na rua.

Perto de um chafariz, uma jovem indiana com flores coloridas nas tranças, retira água no cântaro de metal. Parece aquelas figuras antigas que eu pintei há muitos anos, antes de conhecer a Índia. Passado e presente se interligam no mesmo painel.

Agora, Dr. Peter vem nos buscar no hotel para almoçar no restaurante chinês Blue Heaven. Continua remoçado, bem-humorado e cheio de vida, apesar de seus 74 anos. Trabalha 9 meses na Índia para desfrutar 3 meses na Suíça, com Gilda, sua esposa.

Revisito o Raman Institute de Bangalore, onde, por várias vezes estive hospedada na residência de meus amigos Radhakrishna e sua esposa Dominique.

Dominique nos recebe em sua casa, como sempre com aquele seu jeitinho de francesa, aberta aos intercâmbios com o Ocidente. Convidou-nos para o almoço e Dr. Peter também participou, contando histórias.

Lá fora, o calor intenso de Madras. Um calor úmido, penetrando a pele, abaixando a pressão. Aqui dentro, no imenso salão de grande simplicidade, os vídeos de Krishnamurti estão à disposição dos interessados. Há sempre um rapaz para nos ajudar na escolha e na localização do vídeo.

14 de janeiro de 2019

## MUSEU DE TECNOLOGIA DE BANGALORE



Fotos: Maurício Andrés

O museu de indústria e tecnologia de Bangalore pode ser considerado como um dos mais importantes exemplos de educação livre na Índia. Diariamente é visitado por colégios e pelo povo em geral. Paga-se cinquenta centavos de entrada para permanecer lá o dia inteiro, percorrendo as galerias e estudando a evolução do homem através da ciência. Há filmes instrutivos às duas horas da tarde, sessões cinematográficas mostrando o caminho feito pelos astronautas ou as conquistas da arte cinética de algum pintor moderno ocidental. Na entrada, uma frase de Nehru: “O verdadeiro cientista é o sábio desapegado da vida e dos frutos da ação, sempre buscando a verdade e sendo conduzido por ela”.

O diretor do museu é jovem e entusiasta do sistema de educação livre. “Aqui as pessoas aprendem sem a compulsão de passarem por exames. Aprendem brincando, participando. Levamos a história da ciência e tecnologia às vilas, pois na Índia, a maioria da população está nas vilas”. Há dois ônibus especiais enormes, conduzindo os ensinamentos para o interior do país, em sistema de teatros de marionetes. Bonequinhos que se movimentam e mostram como todas as coisas vivas contêm água, como se tira água do solo, a purificação da água potável e a composição da água. O ônibus é intitulado “Água, fonte de vida” e as diversas cenas são mostradas pelas janelas à população.

Arte e ciência se completam nas salas do museu e a forma estética é posta a serviço do conteúdo científico. A apresentação de um museu de ciência e tecnologia exige a presença de um artista para dispor as salas, arranjar as vitrines, imaginar painéis de forma agradável e interessante. A participação do espectador, hoje tão comum nas propostas de arte do ocidente, é usada para despertar maior interesse lúdico e criativo. Apertamos botões e estamos diante do homem das

cavernas descobrindo e transformando os elementos naturais: vemos a energia solar sendo transformada em fogo através do uso de lentes especiais, as chuvas caindo sobre a terra e produzindo vegetação e alimento, o vento tocando os moinhos, a água transmutada em energia nas represas e usinas, o uso do vapor, o trem de ferro e o foguete para a lua. Num só painel o resumo da história da ciência e física. Mocinhas param em frente ao painel que mostra o sistema de pesos e medidas dos egípcios. Crianças apertam botões e olham os moinhos rodarem. Velhinhas acompanhadas dos filhos, noras, netos e toda a “joint family” aprendem brincando, de forma lúdica.

Paramos em frente às câmeras de uma tevê mostrando como a imagem é transmitida e como é recebida.

Há outro painel com duas enormes figuras falando ao telefone. Ao lado, um telefone de verdade, onde podemos discar e ver o movimento das ondas sonoras, do transmissor ao receptor. “Veja sua própria voz” é o anúncio da próxima atração. Um olho dentro de uma caixa tendo ao lado um microfone. Podemos ver o gráfico de nossa apropriada voz, do sussurro ao grito e a intensidade do som produzindo vibrações sutis ou violentas. As formas variam de acordo com a voz, tornam-se lentas, suaves, quando emitimos sons harmoniosos, nervosas e agressivas quando a voz se altera. Noutra sala as rodas giram como fantásticas mandalas. “A roda é o símbolo do desenvolvimento técnico do homem. Ela existe em toda a parte na natureza. Sua invenção foi a primeira explosão técnica”. O homem percorre distâncias com a roda, ela está em todas as máquinas e em todos os meios de transporte. Na Índia, a roda é usada de formas variadas no transporte da população. Rodas de bicicleta, rodas de riquixá, rodas de carro de boi, de trem de ferro, rodinhas, rodas enormes, a energia conjugada, homem, animal, roda.

O museu está situado dentro de um parque. Ele oferece cursos, seminários e bolsas de estudo de três meses para as pessoas interessadas.

14 de julho de 2009

## SUBINDO OS HIMALAIAS



Foto: Maurício Andrés

### DIÁRIO DE VIAGEM À ÍNDIA - DÉCADA DE 80

Estávamos em Sarnath, perto de Benares, lugar onde Buda fez o primeiro sermão. Entramos no templo mais próximo, sete velas acesas, três de cada lado e uma no meio, iluminavam uma enorme estátua de Buda. No silêncio do templo nos concentramos sem perceber que lá fora se armava um temporal. A chuva violenta e o vento penetrando pelas janelas apagou todas as velas, uma por uma. Restou a do meio que iluminava o Buda. Naquele momento uma mudança aconteceu dentro de nós. Estávamos com passagem para seguir viagem no dia seguinte para Calcutá, mas a vela acesa de Buda chamou-nos para os Himalaias.

Começamos a peregrinação sem programa definido, amontoadas num ônibus velho cheio de hippies. Os europeus invadem a Índia. Trabalham na Europa quatro meses e passam oito viajando pelo oriente. Naquele dia, subimos juntos a mesma montanha. Chegamos à noite na fronteira com o Nepal e tiramos visto para entrar no país ali mesmo. Lâmpioes acesos, no meio do vozerio de gente que disputava e oferecia hospedarias.

“Perdão madame, meu hotel não tem nenhuma estrela!”

“Não tem importância, você tem um céu todo estrelado por cima do seu hotel”, respondi.

Seguimos o guia e nos acomodamos num hotel pequenino.

Os Europeus são práticos, dormem dentro de sacos de viagem, armam cortinados e acomodam-se da melhor maneira possível, livres dos mosquitos.

No dia seguinte o agente do hotel procurou-nos e disse: “Se vocês quiserem viajar até Lumbini, onde nasceu Buda, tem que ser de carona. Eu mesmo posso arranjar para vocês uma

carona de caminhão”.

Fomos na carroceria de um caminhão, sentindo a paisagem embaixo desfilando diante de nós. O guia aconselhou-nos também a viajar de carro de boi e seguimos sentadas em cima da palha até Lumbini, uma aldeia situada na fronteira com a Índia. Lumbini não tinha turismo organizado, parecia uma cidade abandonada com muitas ruínas. Andamos a pé pelos lugares santos. Um conjunto de templos de diversas religiões na mesma praça fizeram-nos lembrar de uma das características do budismo, que é a tolerância e o respeito a todas as crenças. Segundo o budismo, a verdade não tem rótulos, nem é propriedade de ninguém. Entrando em um templo budista sentei-me no chão, no centro de uma imensa mandala. Devia ter ficado algum tempo de olhos fechados quando senti alguém na minha frente. Era um monge vestido de alaranjado.

“Siga-me”, disse-me ele.

Fomos até uma salinha modesta com pilhas de livros.

Vou lhe dar uma prática muito simples para você chegar ao estado de vazio: “Relaxe. Respire fundo e comece a observar o seu corpo, de fora para dentro. Tome consciência de sua pele, dos músculos, dos ossos, dos seus órgãos internos, da circulação do sangue em suas veias. Lembre-se de tudo que constitui o seu corpo até chegar à consciência de que você é uma célula, um átomo, um núcleo e depois o vazio”.

O budismo não é baseado na crença incondicional, mas na experiência direta de cada um. Senti naquele monge desconhecido o exemplo vivo de um ser que alcançou o caminho do meio. O caminho do meio é o caminho do equilíbrio, é a ausência do ascetismo exagerado e da constante e insaciável busca de prazeres. Esse foi o tema do primeiro sermão de Buda.

26 de março de 2011

## VISITA A UM ASHRAM EM RISHIKESH



Foto: Maurício Andrés

No início dos anos 90 tive a oportunidade de viajar com minha filha Eliana a Rishikesh, no norte da Índia. Fomos introduzidas ao Ashram de Swami Dayananda, situado às margens do Rio Ganges, por uma amiga brasileira que residia em Nova Délhi.

Swami Dayananda aprofundou seus estudos de Vedanta e atualmente transmite seus ensinamentos para grupos não somente na Índia, mas em várias partes do mundo.

Fomos convidadas a assistir uma de suas aulas sobre a Bhagavad Gita.

Ao nascer do sol, o grupo de alunos, em sua maioria indianos, iniciara seus estudos com a prática de uma meditação. Frente a uma cortina azul, o alaranjado das vestes do Swami formava um quadro vivo. Meus ouvidos também escutavam: “É necessário estar atento ao presente, perceber através de todos os sentidos as coisas que nos rodeiam. Estar consciente das formas, cores, sons, cheiros e toques. Temos de afastar os obstáculos que nos impedem de realizar o Todo, a Unidade”.

Enquanto ele falava, percebia, através dos meus sentidos, o ambiente em torno, sua voz pausada, o canto dos pássaros, o barulho das águas do rio Ganges. O Swami lia textos sobre Vedanta e as palavras em sânscrito não eram compreendidas por meu intelecto, mas sua própria vibração ressuscitava em mim essa reflexão: Se a verdade está gravada dentro de cada ser humano, as palavras são meros instrumentos para despertá-la. O céu pode estar encoberto, mas o sol existe por detrás das nuvens, e a Verdade dentro de cada um de nós, está quase sempre



encoberta pelas nuvens da ignorância.

Quando terminou a palestra o Swami atravessou o corredor, chegou até nós e segurou minhas mãos dizendo: “Estou muito feliz porque você veio até aqui”.

A grande afinidade que sentimos com as propostas daquele centro de estudos determinou a nossa estadia em Rishikesh por um tempo maior do que o previsto.

Alguns meses mais tarde, no Brasil, recebi de Swami Dayananda um presente precioso: registros de seu extenso estudo sobre a Bhagavad Gita.

O contato com esse grande mestre da filosofia Vedanta, que transmite de forma clara e acessível, também para nós ocidentais, os ensinamentos dos antigos sábios da Índia, nos estimulou a formar um grupo de estudos tendo como referência um de seus livros.

Transcrevo aqui o depoimento de Eliana sobre a importância dessa filosofia nos dias atuais:

“O conjunto das filosofias da Índia, que inclui inúmeras práticas milenares de autoconhecimento, é a grande contribuição que aquele país tem a oferecer à humanidade.

A sabedoria dos antigos *rishis* da Índia, transmitida de geração para geração, há milênios, revela aspectos inerentes a todos os seres humanos de qualquer nacionalidade, raça, religião ou época da história da humanidade.

O estudo da filosofia Vedanta é como um espelho que reflete os diversos aspectos de nossa própria natureza. As verdades transmitidas naqueles textos podem ser descobertas por qualquer ser humano em qualquer época e região deste planeta. O estudo dos textos antigos é uma referência que nos impulsiona no processo de autoconhecimento, na medida em que nos faz refletir sobre a forma como conduzimos a vida no dia a dia.

Diferentemente dos depoimentos de muitos intelectuais ocidentais, que não encontram sentido para a existência, o estudo aprofundado dessa filosofia tem uma aplicação prática: nos transforma como seres humanos, nos desperta para novos valores e nos conduz para ter uma compreensão cada vez mais clara do nosso papel no mundo”.

12 de junho de 2011

## UM RETIRO NOS HIMALAIAS

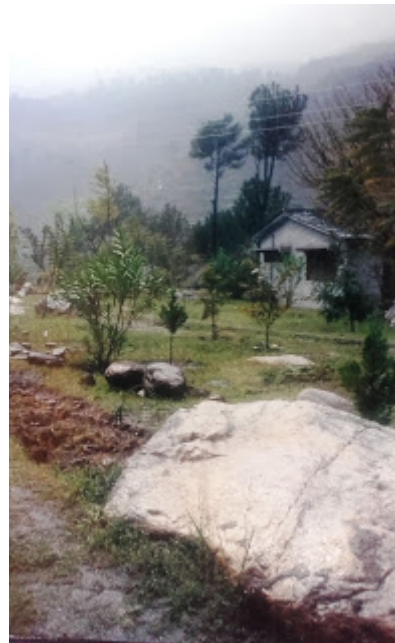


Foto: Maurício Andrés

O acaso nos conduziu a Uttar Kashi, lugar de reflexão e paz no alto dos Himalaias, reservado aos estudiosos de Krishnamurti. Foi preciso percorrer a Índia vários anos, observar com atenção os diversos caminhos elaborados pela mente humana, para compreender a necessidade dessa parada para reflexão. Ali passamos muitos dias recolhidos no silêncio, cada um de nós numa cabana particular. Havia tempo para meditar e tempo para contemplar a natureza. Aos poucos, começamos a sentir a beleza de estar só, de não ter opinião formada sobre as coisas, nem desejar modificá-las. A mente humana está sempre buscando algo diferente do que é, e nesse desejo, a beleza do agora se perde.

O nosso agora era o rio Ganges correndo, lá embaixo, junto à cordilheira dos Himalaias. Havia uma distância de muitos metros da região onde estávamos até o rio, mas resolvemos descer o barranco, escorregando sobre as pedras. As pedras eram redondas como se tivessem sido modeladas por mãos de artistas. Muitas vezes elas se assemelham ao *Lingam* dos hindus. Ali estavam empilhadas, distribuídas sobre a areia, uma infinidade de pedras buriladas pelo movimento das águas. A proximidade da nascente do Ganges, brotando do seio dos Himalaias, simbolizava a vida nascendo e crescendo em constante movimento. O rio passava por cidades, florestas, campos, encontrava pessoas, vivenciava novas experiências até se jogar no mar. Cada um de nós, seres humanos, também temos o tempo e espaço necessários para compreender o nosso retorno à Essência. As pedras maiores, no meio da correnteza, criavam ondas circulares ao redor. Também no homem, todas as manifestações do ego: o apego, o medo, a competição e a ignorância vão criando ondas, espumas, movimentos circulares, cachoeiras. Mas a vida continua o seu percurso, apesar de tudo. A história do rio é a história da nossa própria vida.

## UM RETIRO NOS HIMALAIAS II



Fotos de Maria Helena Andrés e da internet

Rodando de novo pelas estradas da Índia. Saímos às 7 da manhã em direção ao alto dos Himalaias. Marília Paleta queria chegar até a nascente, 3.500 metros acima do nível do mar. Resolvemos parar no meio da montanha, nalgum lugar de paz, sem ashrams (comunidades espiritualistas). No mapa da região estava marcado com cor amarela os lugares religiosos. Mas nossa peregrinação teria de parar não em lugares religiosos convencionais, mas nalgum lugar onde não houvesse conceitos, imposições, regras, apenas o silêncio e a voz da natureza. Olhei o mapa, parei com o dedo exato no meio do caminho entre Rishikesh e a nascente do Ganges. Lá estava escrito “Uttarkash” em letras azuis.

Lembrei-me de que perto de Uttarkash existe um lugar de retiro da Fundação Krishnamurti. Lugar procurado por pessoas ligadas aos seus ensinamentos.

Ali não há lugar para pensamentos. Não existe um guru a reverenciar, reverenciamos a própria vida em movimento, o rio Ganges correndo lá embaixo cheio de pedras redondas, as montanhas protegendo o vale, as plantações de arroz dispostas em patamares como nos Andes. Himalaia e Andes são montanhas irmãs. Aqui o “agora” pode ser vivido em plenitude.

“O êxtase da solidão nos vem quando não estamos mais com medo de estarmos sós, não pertencendo ao mundo nem apegado a nada”, nos diz Krishnamurti em um de seus livros.

Foi preciso percorrer a Índia de ponta a ponta, observar com atenção os vários caminhos elaborados pela mente humana, para compreender a necessidade desta jornada para a reflexão. Não foi à toa que o meu dedo parou no mapa, guiado por uma energia invisível.

Naquele momento estava indicada a direção a tomar. E a direção é esta, um lugar de retiro e silêncio interior onde podemos estar à sós. Nada de desperdício de palavras. Quando queremos nos comunicar, escrevemos. Agora leio as palavras de Krishnamurti: “Este silêncio é o vazio, para onde todas as coisas fluem e de onde todas as coisas nascem”.

A chuva caiu de madrugada e definiu a nossa permanência aqui. Cada um de nós tem um bangalô particular e só nos reunimos para as refeições no restaurante ou quando assistimos os vídeos de Krishnamurti. (Trecho de meu Diário de viagens, 1990)

16 de abril de 2019

### UM RETIRO NOS HIMALAIAS - REFLEXÕES



\*Fotos da internet

Dunda é a cidadezinha que se vê em frente e Ramola é o encarregado da correspondência. Ninguém conhece este retiro e é a maior joia que se pode imaginar. Não um lugar espiritual como Rishikesh, onde cada guru se estabelece tentando conduzir seus devotos para Deus, cada um com

regras e métodos diferentes. Ninguém conhece este retiro e é onde se respira espontaneamente a presença de Deus.

Lá embaixo, as águas muito claras do rio Ganges vão batendo nas pedras e criando ondas. Há uma distância de muitos metros da região onde estamos e o rio embaixo, mas resolvemos descer o barranco, escorregando sobre as pedras. Elas são redondas como se tivessem sido modeladas por mãos de artistas. Pedras de várias cores, às vezes se assemelham ao Lingam dos hindus, outras vezes parecem ovos.

De qualquer forma estão ali, empilhadas, distribuídas em enorme quantidade sobre a areia, os vários símbolos do princípio da vida. Realmente, a proximidade da nascente do Ganges, guardada no seio dos Himalaias, simboliza a vida nascendo, crescendo e fluindo em constante movimento.

A vida flui como um rio, não para nunca, e o rio sagrado vai nos contando histórias desta Índia milenar. Em frente, levantando bandeiras coloridas em todas as casas, uma pequena comunidade tibetana se aloja, protegida pelas montanhas.

À noite, olhando para as estrelas, sinto a presença de Deus. Ele está aqui na brisa que nos roça a pele, na grama, nas pedras, nas árvores e no perfume das flores. Está dentro e fora de nós e isto Krishnamurti nos lembra o tempo todo. Esta presença está implícita nas suas palavras. Não existe método para se chegar a ele. Qualquer método é como querer aprisioná-lo dentro de uma sacola. Lembro-me do professor polonês que fez uma palestra em Chennai.

“Vivemos a época da ecosofia, isto é, filosofia da ecologia. Devemos reverenciar a vida, reverenciar “tudo que tem vida!”

As palavras do professor ressoam em meus ouvidos e procuro reverenciar a vida.

A primavera chegou com uma chuvinha fina, derretendo as neves dos Himalaias. A água vem descendo da montanha e os campos de trigo se tornam mais verdes. Nunca choveu nesta época, nos disse Ramola, o “manager” do retiro.

Enquanto isto, aproveitamos para um recolhimento maior. Da vidraça eu vejo a chuva cair lá fora.

Ramola estava sentado na biblioteca, escrevia quando cheguei. Recebe estrangeiros do mundo todo, conversa com todos como um filósofo, como um mestre que não tem pretensão de ser.

“Estou feliz aqui. Sinto uma alegria em servir, em não criar fronteiras com os visitantes. Na realidade, não existem fronteiras no mundo, nós é que as criamos com a mente. Mas a maneira de quebrar estas fronteiras criadas pela mente é não lutar contra elas, apenas constatar o fato de que

elas foram criadas pela própria mente que deseja se desfazer delas. Criamos um envelope em torno de nós mesmos. Existe a separação entre este envelope em torno de mim e o envelope em torno do outro. Neste espaço, entre o observador e a coisa observada, estão todos os problemas da vida.”

Ramola conta um pouco de sua vida. Desde criança foi muito religioso, sua avó foi uma grande alma espiritual, reverenciada pelo povo da redondeza. Agora, sua missão é desfazer os mitos criados pela mente, abrir a janela para ver o céu e não tentar aprisionar o céu num quarto de “puja” (lugar de oração dos hindus).

Lá embaixo, em Rishikesh, as diferentes fragmentações tentam sobreviver sob o mesmo céu, muitas vezes sem tempo suficiente para olhar as estrelas, ou contemplar a beleza do rio. Isto acontece não apenas na Índia, mas no mundo todo em geral. Quebrar os departamentos que desejam empacotar a verdade em pratos feitos, fazer desaparecer por completo o EU e o TU, para apenas permanecer a ESSÊNCIA.

Aqui estamos, cada um numa cabana, observando o nosso silêncio interno. E neste silêncio conseguimos ouvir o pássaro que canta alegremente em cima da árvore, anunciando a chegada da primavera. Uma nova vida se abre para nós neste momento.

“Olhar a vida com os olhos de criança.”

“Observar o problema, sem desejar modificá-lo.”

“Olhar os filhos como se olha o pôr do sol.”

Aqui, recolhendo como lembrança as pedras sagradas do rio Ganges, posso ter a mente mais limpa para alcançar a profundidade dos ensinamentos de Krishnamurti.

Para ele, a negação do passado é a ação mais positiva. Ser simples, perceber as coisas com o coração e a mente completamente limpas do passado, sem interferências.

As pedras do Ganges são redondas, buriladas pelo tempo. Quando as seguramos nas mãos não sentimos nenhuma aspereza.

“O passado são as memórias acumuladas. Estas memórias atuam no presente e criam nossas esperanças ou medos do futuro.”

“O estado de ver é mais importante do que o que está sendo visto”

Neste momento a chuva cai devagar sobre os campos de trigo e a noite desce sobre as montanhas como uma benção.

“A verdadeira vida religiosa é a libertação dos conceitos.”

Ver a chuva cair sem verbalizar a palavra chuva, apenas observar o movimento espontâneo da natureza, mergulhar neste movimento, limpar o pensamento, as memórias, os conflitos, as

expectativas, nesta água que desce dos céus.

Planejamos subir a montanha amanhã, mas a chuva não vai permitir.

Cada vez mais sentimos a orientação interna desta viagem, a beleza do inesperado, daquilo que não foi projetado pela mente.

A tradição revela que no alto das montanhas estão os mestres em seu corpo etérico. Não estarão eles também presentes aqui, no silêncio da tarde e no murmúrio da água seguindo o seu curso natural?

Seguir a viagem sem traçar planos é sabedoria e nos ensina a viver plenamente.

A chuva das montanhas lavou minha alma e todo o meu passado se desfez.

23 de abril de 2019

### UM RETIRO NOS HIMALAIAS – UMA PEDRA EM FRENTE À JANELA



\*Fotos de Maria Helena Andrés e da internet

Shiva Lingam é a energia masculina e feminina de Shiva, cultuado pelos hindus como o princípio de tudo o que existe.

Hoje, no meio das pedras colhidas na praia ou nos jardins do retiro onde estamos, encontrei a minha pedra.

Lavei com cuidado todas as pedras, separei as mais bonitas e menores, coloquei-as junto à minha cabeceira numa bacia. À noite a chuva aumentou, as luzes se apagaram e a escuridão era total.

Ouvi passos na sala ao lado e me pareceu um vulto com uma lanterna na mão, iluminando o chão.

Estava sozinha na cabana, mas não tive medo. Resolvi segurar uma pedra como proteção, e, apalpando no escuro, encontrei uma que me pareceu indicada. Fazia frio, minhas mãos estavam geladas e eu procurava algo que me aquecesse. Esfreguei a pedra nas mãos, e comecei a senti-la muito mais pelo tato do que pela vista. Coloquei-a no meu corpo, junto a mim, e fui tocando todos os chacras.

Lá fora, os relâmpagos iluminavam o céu. Dentro do quarto vi estrelas em forma de mandala.

Só pela manhã consegui ver a pedra. O formato era exato, o do Shiva Lingam e, quando a coloquei no patamar da janela, ela ficou em pé com a maior facilidade. A energia de Shiva aqui está, simbolizada nesta pedra nascida no rio Ganges. (Trecho do meu Diário de viagem, 1990)

30 de abril de 2019

### **UM RETIRO NOS HIMALAIAS – PRINCÍPIO DE VIDA**



\*Fotos da internet

Estamos na primavera. Sobre a terra molhada, o sol começa a surgir. Surge também, dentro de mim, um novo sol. Lembro-me da experiência que tive quando li Krishnamurti pela primeira vez. Comprei um livrinho no aeroporto, estava a caminho de Brasília, que eu iria visitar pela primeira vez em 1973. 17 anos se passaram. Li o livro durante a viagem e continuei lendo a noite toda até de madrugada. Quando acabei de ler, o sol nascia, muito vermelho, enorme. Surgia para sempre, um novo sol dentro de mim.

Krishnamurti nos desperta para sermos nossos próprios mestres e nossos próprios discípulos. Dispensa todas as seitas e gurus. O trabalho conosco não é num consultório de análise. É a própria vida nos ensinando, momento por momento.



“O problema deve ser percebido quando está acontecendo, não antes nem depois, como memória ou como um exemplo. A percepção é instantânea; você entende uma coisa instantaneamente ou nunca: o ver, o escutar, o entender são instantâneos”.

Neste momento estou vendo, escutando e sentindo o perfume da primavera. Daqui a alguns instantes esta percepção se torna apenas memória e outra surgirá num novo momento.

A memória é produto da mente, e nos depósitos do inconsciente procuramos ressurgir o que já morreu. Mas nunca ele nascerá novamente com a mesma intensidade. Morte e vida são um único movimento. A cada instante nascemos e morremos.

“A percepção só pode nascer do silêncio e não da mente falante”.

Somente uma mente quieta pode perceber os movimentos exteriores e interiores, o que se passa fora e dentro de nós ao mesmo tempo.

O movimento da mão escrevendo, o quarto com duas camas, livros espalhados, o sol entrando pela janela, pássaros cantando lá fora, o jardineiro abrindo canteiros. O dia se torna cada vez mais claro e com a presença do sol, o panorama externo vai mudando momento por momento. Também internamente, a nossa paisagem muda.

“Estarmos conscientes de nossa desatenção é de grande importância, não existe método para se estar atento o tempo todo. A prática de estar atento é desatenção”.

Subimos o morro para ver a paisagem. Há uma floresta de pinheiros bem no alto e para chegar até lá, passamos por casebres de camponeses, sempre curiosos da nossa presença. Trazem cadeiras para a gente sentar e as crianças nos olham com admiração. As camponesas carregam potes dourados sobre as cabeças e nas orelhas, brincos que refulgem ao sol.

As mulheres na Índia, desde criança, vão guardando dinheiro para comprar joias que serão dadas como dote quando os pais encontram um marido para as filhas. Se não tiverem dote, não se casam. Tiramos fotos em frente às casas, junto às vaquinhas. Nossa caminhada continuou morro acima, vendo os campos de trigo lá embaixo, como os quadros de Van Gogh. De lá pudemos ver nossas cabanas espalhadas pelo retiro, cada uma guardando uma presença. Cada um de nós descobriu o seu pinheiro, na dimensão certa de sua própria vida. Abracei um deles certa de que era o meu e, quando olhei para cima ele se desdobrava em muitos galhos. O de Marília Paleta subia sozinho em direção aos céus.

“A morte é parte da vida. Pode-se viver com a morte e entender o significado do fim?”

“Morrer para nossos apegos, nossas crenças”.

Todas essas são frases de Krishnamurti.

(Trecho de meu diário de viagem, 1990)

## UM RETIRO NOS HIMALAIAS – MOMENTOS POÉTICOS



\*Fotos da internet

Patamares verdes

Onde cresce o trigo

E o arroz.

Patamares subindo a montanha

Que se eleva aos céus.

Patamares verdes

Exuberantes, cheios de luz.

Desce a madrugada

E o dia nasce.

Germinam sementes

O verde se estende

Em seu manto de paz.

Patamares verdes.

No meio dos campos

Crescem girassóis.

Há uma pedra negra  
Como o Pão de Açúcar  
Em frente ao meu quarto.  
Contemplo esta pedra,  
Vejo Machu Picchu.  
Há pedras brancas, cinzentas, negras,  
Contando histórias do passado.  
Na Índia as pedras fálicas são adoradas  
Como o pênis de Shiva  
Fecundando a Terra.  
A energia dos opostos  
Masculina e feminina  
Está contida nestas imagens  
Do princípio da vida.

No meio da chuva  
O sol brilhou de repente  
E todas as pedras  
Brilharam também.  
Foi só um instante  
De meditação  
Um momento de luz  
No meio da névoa  
Que de mansinho  
Cai descendo sobre os campos.

As águas geladas dos Himalaias  
Estão descendo sobre a terra.  
As águas geladas fecundam  
Os campos penetrando fundo  
Nas encostas e nos vales.  
O povo se recolhe  
Volta-se para dentro

Em meditação.

Depois de longa viagem, percorrendo cidades, conhecendo gente, chegamos ao ponto alto da viagem. Lugar de repouso, escolhido por Krishnamurti para meditação e recolhimento interior. Aqui a meditação se faz naturalmente, sem horário, sem imposições externas, sem cânticos.

A chuva nos obrigou a ficar parados, olhando os campos pela vidraça. Só saímos de nossa cabana para as refeições que são feitas em outra cabana. A alegria de estarmos juntos neste momento é mais importante do que tudo. (Trecho de meu diário de viagem, 1990)

12 de maio de 2019

### UM RETIRO NOS HIMALAIAS – CONCLUSÃO



\*Fotos da internet

As palavras de Krishnamurti me ressoam nos ouvidos. A natureza toda está nascendo e morrendo a cada instante. O inspirar e o expirar é um constante nascer e morrer. O passarinho está cantando alegremente em cima da árvore, as penas são de um azul fosforescente. Cada nota nasce e morre instantaneamente, sem apego.

Por que nos apegamos às coisas?

Por que tentamos segurar aquilo que nos deu prazer e tentamos repetir o momento passado?

As águas do rio continuam seu movimento. As pedras maiores no meio da correnteza criam ondas, circulares ao redor, mas o rio continua fluindo para a frente. A vida é esta correnteza que um dia se lançará no mar, os apegos criam ondas, movimentos circulares às vezes violentos, mas o rio continua o seu percurso apesar de tudo.

O que é o apego?

Para mim é querer segurar o que pertence ao todo, colocar dentro de um compartimento o passado com suas experiências. Procuo tentar morrer para essas experiências passadas, morrer para as coisas conquistadas, morrer para as crenças e as coisas ensinadas, morrer para os afetos, morrer para as ambições e desejos, morrer para as frustrações, ansiedades e medos, morrer para a culpabilidade, morrer para as emoções. Tudo passa como o rio e a correnteza vai jogando as pedras menores nas margens, as maiores criam ondas, mas não seguram o rio. O Ganges hoje tem águas avermelhadas porque desceu muita terra das montanhas.

“Quando se vê a vida holisticamente, então a morte, a vida, a agonia, o desespero, a solidão e o sofrimento são um único momento. Quando se vê holisticamente, então existe total liberdade da morte. Há a liberdade do medo de não ser capaz de continuar.”

“Quando entendemos que a vida e a morte são uma coisa só – então você está vivendo lado a lado com a morte, que é a coisa mais extraordinária a se fazer; não existe nem passado, nem presente, nem futuro, existe apenas o acabar.”

Conversas com Ramola, o diretor do Instituto:

“Ramola, o que é, o que é?”

“O que é, é o que é”, respondeu.

“Maria, esta é uma brincadeira espiritual.”

“Devido à nossa incapacidade de lidar com o que é, buscamos o que deveria ser.”

“O que é, é o único fato.”

Hoje subimos a montanha de patamares buscando concentração no agora. Ver, ouvir, sentir o caminho, sem objetivo nem pressa de chegar. As pessoas param e nos cumprimentam: “Namasté” (o Deus em mim saúda o Deus em ti).

A floresta de pinheiros é protetora e nos sentamos no alto para contemplar o que é: perdemos o caminho, mas este também é lindo. Mais alto, mais cansativo, mas cheio de irrigações e pedras. Seguimos até a fonte de onde jorra a água para a aldeia. Caminhar sem pressa, sem desejo de chegar é sempre uma surpresa. E para nós o que é, é esta nova caminhada, sem o

objetivo de encontrar o mesmo caminho de ontem. O caminho de ontem foi belo, por que repeti-lo? Através dos desvios aprendemos, chegamos à nascente das águas.

Os nossos erros nos conduzem à compreensão de nós mesmos. Se seguíssemos o que deveria ser, estaríamos tentando repetir a experiência e a vida perderia a alegria da descoberta.

À tarde nos sentamos nas esteiras para escutar música gregoriana. O escutar é importante e exige atenção no “agora”. A música, sendo a arte do tempo exige a percepção de vários “agoras”.

Depois discutimos sobre “o que é”. Lembrei de um texto da Bíblia, quando Moisés escutou a voz de Deus. “Eu sou Aquele que É”. Este texto sempre foi difícil de ser compreendido através da mente. Só agora, vivenciando os ensinamentos de Krishnamurti, posso compreender este texto da Bíblia. “Aquele que é”, é Deus ou o que nós chamamos de Deus. O Imensurável, o Eterno. Não podemos respirar ontem nem amanhã, não podemos amar ontem nem amanhã, não podemos nos tocar ontem ou amanhã, não podemos comer ontem nem amanhã.

Se encontramos Deus totalmente, quando o vivenciamos no “Agora”, o resto é memória ou projeção da mente.

Sentir Deus com o corpo todo, percebê-lo na unidade das estrelas com a terra, nas montanhas, nos mares, nos rios.

A energia divina não se perde nas névoas do passado, nem nas fantasias do futuro. Ela está aqui, neste instante, enquanto escuto o rio passando embaixo, enquanto percebo o frio dos Himalaias tocando o meu rosto.

Meditar é estar presente, e esta presença se faz agora, ou nunca.

Conversamos com Ramola sobre os diversos instrutores. “É uma forma de entorpecer a mente”. Só existe “o que é”. O resto é um desvio no caminho.

Não seriam estes ensinamentos, a forma de nos levar diretamente à vivência do “que é”, sem fantasias?

Dependência é prisão, nunca irá nos libertar.

A nossa comunhão com o universo se faz no “Agora”.

Hoje, pela madrugada, afastei a cortina e, pela vidraça, pude perceber a estrela de Vênus, brilhando muito, como em muitos anos atrás contatei minha estrela.

Ela brilhou intensamente para depois se ocultar atrás das nuvens.

A neve dos Himalaias

Desceu sobre a terra

Em forma de chuva

E o gelo se derreteu

E se liquefaz.  
A água dos Himalaias  
Nos banhou  
E como o rio  
Carregou as memórias  
Do passado.  
Neste momento  
Somos este rio que passa  
E não para.  
Segue o caminho  
Sem olhar para trás.  
Lavando as pedras  
Banhando as encostas.  
A chuva dos Himalaias  
Desceu sobre nós  
Durante cinco dias  
E cinco noites.  
O silêncio também  
Baixou como uma benção  
Lavando o cansaço  
Das viagens.  
No quinto dia  
O sol resplandeceu  
E brilhou desde cedo  
Anunciando um novo dia.

Iremos deixar o recanto, hoje às 10 horas. Ontem à noite, diante de uma lareira acesa, escutamos música (Órgão de Sunil, grande músico indiano), ecoar nas montanhas geladas, com a ressonância dos mares do Sul.

A presença de Sunil, o músico de Pondicherry, se manteve suavemente, no silêncio da sala, enquanto o fogo da lareira consumia a madeira.

Contemplamos o fogo, desde que ele nos apareceu como um dragão vomitando chamas, até que as chamas se transformaram em diamantes reluzentes nas sombras da sala. Depois, as

cinzas nos fizeram lembrar que nada se perde, tudo se transforma. As cinzas de Krishnamurti estão espalhadas neste recanto e a beleza da terra agradece.

(Trecho de meu diário de viagem, 1990)

### ASHRAM DE SIVANANDA



\*Fotos da internet

Estação cheia, vozes falando em dialetos diferentes vão formando um só ruído. Gente é



que não falta na Índia! Assentados no chão aos montes, os indianos esperam.

Um grupo de homens, cassetetes na mão, parecem nossos guardas. Não sei por que usam este bastão, talvez seja para carregar a trouxa na ponta. São jovens e devem pertencer a alguma linha de yoga, pois todos têm carimbado na testa o símbolo do “OM”. Agora eles se acercam curiosos, sorrindo. Observam a gente de perto, os sapatos prateados de Marília Paleta e o meu bolso de cintura. O indiano é essencialmente curioso com as coisas que vêm de lá, do outro lado do mundo.

Agora estou anotando a viagem depois de um repouso no Sivananda Ashram, à beira do Ganges. O ashram fica situado no alto do morro, entre árvores e cantos de passarinhos. Podemos repousar um pouco neste primeiro dia, antes que comecem as programações de meditação, cantos, Satsang etc.

Chegamos cansados, depois de 2 dias em Haridwar, conduzidos até o ashram de “Baba” pelo professor Ramesh de Benares. Baba é um indiano que não fala nem uma palavra e só conversa escrevendo numa pequena lousa. Mora em Santa Cruz, Califórnia, e agora está no seu ashram da Índia, com um grupo de seguidores. Um deles é o professor que encontramos por acaso no trem. Simpático, amável, foi o grande companheiro de viagem, desde Delhi a Haridwar. Conversou sobre tudo, é muito culto, já morou nos EUA e agora vem buscar orientação a este swami silencioso à beira do Ganges. Organizou a nossa chegada, ofereceu-nos chá e dividiu seu almoço comigo.

Assim são os encontros nas viagens. Pessoas que nos ajudam, fazem tudo por nós e depois desaparecem no tempo como a fumaça do trem.

A chegada no Sivananda Ashram foi cansativa. Subimos o morro onde os prédios foram construídos, carregando nossas malas. Nosso apartamento fica distante da entrada e para irmos ao refeitório temos de descer o morro. O ashram é enorme, com pátios centrais onde as vacas e os macacos se misturam com os devotos sem nenhum problema. No salão central, o retrato de Sivananda com o característico colar de flores do indiano.

As flores na Índia são plantadas especialmente para as grandes solenidades. Há dois dias, em Delhi, estávamos sentadas no chão, enfiando flores para serem colocadas no Shiva Ligam do jardim da Escola Aurobindo, flores amarelas enfiadas umas nas outras.

Hoje, sentada à beira do Ganges, uma florzinha amarela veio seguindo o curso das águas e ficou parada nos dedos do meu pé esquerdo, como uma dádiva do Ganges. (Trecho do Diário de Viagem, 1990)

8 de abril de 2019

## O GURU



Foto: Internet

Perto de Rajgath existe um vilarejo. Fomos visitá-lo depois do jantar acompanhando aquela americana alta que está no Krishnamurti Foundation. Ela só aparece nas horas das refeições, quase não assiste aos vídeos – sai misteriosamente para a aldeia. Tem um jovem amigo lá.

Tivemos de usar lanterna porque a estrada era escura, cheia de buracos; passamos por uma ponte de madeira sobre um rio, até chegarmos à aldeia. Não se enxergava nada, a escuridão da noite, cercava o ambiente de mistério. A ponte era estreita e vários ciclistas queriam passar carregando enormes vasilhas de leite. Só conseguíamos distinguir na escuridão as lanternas das bicicletas, nada mais. Acompanhamos a americana de quase dois metros de altura, ela era a nossa segurança. Guiou-nos até um templo iluminado onde uma multidão de devotos cantava.

Retratos de gurus sorrindo dentro de molduras em forma de flores, um teatro de marionetes por todos os lados. Fizeram-nos sentar no chão, junto a um grupo de mulheres, depois me levaram a um aglomerado de homens, crianças, mulheres. Tentei enxergar o que acontecia colocando-me na ponta dos pés. Um indiano alto percebeu a minha curiosidade, abriu alas no grupo para que eu pudesse ver de frente.

Ali estava sentado, em pose de meditação um homem de meia idade, coberto de

guirlandas de flores. Os devotos se ajoelhavam diante dele beijando-lhe os pés. “Curve-se diante dele”, disse-me o homem alto atrás de mim. Hesitei, a postura crítica de uma ocidental veio à tona, mas a força da tradição, a inocência e a devoção dos fiéis quebraram a minha barreira. Curvei-me diante dele como todos os outros e senti que era isto que deveria fazer naquele momento.

Voltamos novamente à nossa *cottage* no Krishnamurti Foundation. Paramos num barzinho pobre, construção de bambu, recoberto de folhas de palmeiras. Jovens camponeses da região assistiam a um programa de TV.

Voltei sem saber o nome daquele guru, ficou na lembrança a postura devota dos indianos.

Krishnamurti recusava qualquer ato de reverência. Ele nunca se julgou um guru, nem aceitou ser o Cristo do futuro conforme os teosofistas esperavam. Sua missão foi de abrir a consciência das pessoas e fazê-las perceber a vida por elas mesmas, sem apoios externos. “Seja seu próprio mestre”, nos dizia ele em suas palestras. Tendo estudado por muito tempo o pensamento de Krishnamurti, através de seus livros “*Liberte-se do passado*”, “*A primeira e a última liberdade*” e vários outros, eu pude percorrer a Índia sem me envolver com nenhuma tradição religiosa.

15 de dezembro de 2014

## PROBLEMAS DE VIAGENS I



Foto: Arquivo pessoal

Viajar pela Índia não é fácil. As coisas aqui só acontecem a partir do inesperado, e, para as cabeças acostumadas a planejarem roteiros fixos, isso constitui o primeiro choque. Chegamos ao aeroporto com as passagens marcadas, tudo ok.

“Madam, este voo acabou, não tem mais.”

“Mas reservamos ontem pela Indian Airlines.”

“Sim, ontem foi janeiro, a partir de fevereiro cortamos este voo.”

Este simples corte de voo significaria uma permanência no aeroporto, o dia inteiro, para seguir à noite. Se não fosse Dominique, nosso anjo protetor que nos acolheu em sua casa, estaríamos perdidas. Viemos à noite sem hotel marcado, Madras superlotada por causa de uma feira de artefatos de couro. Aqui existe uma feira atrás da outra. Da última vez corremos uma feira de livros que no dia seguinte pegou fogo. Agora esta feira superlota a cidade. Esvaziei minha mente para saber o que deveria fazer e confiei no destino. Alguma coisa aconteceria, tinha certeza. No aeroporto dois agentes de viagem disputavam passageiros. Um deles oferecia 70 dólares por uma noite num hotel de 5 estrelas, perto do aeroporto. Já estava disposta a pagar, quando um outro ofereceu uma chance mais modesta. Hotel de 2 estrelas, num bairro pobre, limpo, ventilador em cima das nossas cabeças: “*Mars Hotel*”. Foi a salvação, e aqui estamos, dispostas a alugar um taxi no dia seguinte e procurar outro espaço, talvez o Krishnamurti Foundation, quem sabe?

Agora, enquanto escuto os mantras, vou recordando outros desencontros de viagem. Aquela chegada em Délhi com uma jovem francesa, vinda do Nepal. A menina precisava de ir à embaixada francesa e à companhia aérea russa, não falava inglês, dispus-me a ajudá-la. Eu também teria de renovar meu visa. Chegamos a Délhi, 48 graus, calor insuportável, a cabeça fervia, a água das torneiras saía fervendo, a eletricidade acabou e o hotel não tinha gerador próprio.

Reclamei na recepção.

“Não consigo aguentar este calor, acho que vou morrer.”

No verão, a capital indiana é um caldeirão de calor, por isso é aconselhável viajar no inverno.

“Por favor, arranje-nos algum lugar menos quente para dormir.”

No pátio central, os indianos colocavam suas camas do lado de fora, mas o dono do hotel levou-nos até a “boite”, onde o ar refrigerado ainda conservava baixa temperatura. Tivemos de dormir no chão, frente a um imenso painel fosforescente representando um dragão chinês. Chegamos tateando no escuro, velas acesas. O importante nestas viagens é não esquentar a cabeça.

Nessa mesma viagem o avião não conseguiu decolar devido ao calor. Ficamos parados em Agra, a aeromoça gentilmente distribuindo balas e um lencinho úmido para limpar o rosto e o pescoço. Ao meu lado um indiano reclamava: “Não estou acostumado a este calor, trabalho com ar-condicionado!” Aquela reclamação só servia para aumentar o calor. Resolvi dar uma de conselheira: “Também eu não estou acostumada, moro nas montanhas, gosto do frio. Mas por que

o senhor não muda este pensamento negativo? Na minha terra, tem pessoas que pagam caro para entrar numa sauna, imagine-se numa sauna por livre e espontânea vontade e as coisas mudarão. O simples fato de ser por livre e espontânea vontade é decisivo para mudar situações.” O indiano parou de reclamar, aceitou o inesperado e a sua vibração mudou. (Diário de viagem, 1993)

23 de setembro de 2015

## PROBLEMAS DE VIAGENS II



Foto: Internet e foto Maurício Andrés

Numa de minhas viagens, desta vez com Beth Cavalcanti, fomos detidas em Bombaim por seis dias. Beth não havia tomado a vacina contra febre amarela, e a Índia não permite a entrada de pessoas ligadas aos países que oferecem possibilidades à doença. Um mapa na parede do aeroporto e o Brasil coberto com uma faixa amarela. Os guardas verificaram o passaporte. Se o passageiro não fosse vacinado, teria de ficar de quarentena num hospital de isolamento.

Beth me olhou horrorizada e eu não tive dúvidas, ficaria com ela no hospital. A passagem por aquele hospital, onde uma liga das nações do terceiro mundo se misturava no mesmo infortúnio, foi decisiva para um aprendizado de vida. Diante do irremediável, o melhor caminho é a aceitação. Se cairmos em depressão as coisas pioram. No fim da temporada, estávamos amigas de todos os reclusos, dando aulas de criatividade para o grupo. Até os guardas participaram das aulas, imitando bichos, elefantes, macacos, cachorros. Aulas de criatividade ajudam a mudar situações e são necessárias quando a vida nos coloca confinadas num ambiente estranho, sem possibilidade de saída.

Em outra de minhas viagens, fomos parar num hotel humilde em Madras.

O cansaço da viagem, a entrada naquele hotel nos fez enxergar fantasmas à noite. As janelas davam para um pátio escuro e, devido ao fato de estarmos no segundo andar, a possibilidade de um assalto era uma temeridade. As sombras projetavam vultos na parede em frente e, quando nos recolhemos para dormir, a cama trepidava e fazia barulho.

“Minha filha, minha cama está mexendo. Estou quieta, sem fazer nada e a cama não para de mexer.”

Comecei a ficar aflita. A cama da minha filha também mexia. Dei um pulo no escuro e fui acender a luz.

“Não fico mais neste quarto, deve ser alguma entidade do astral!”

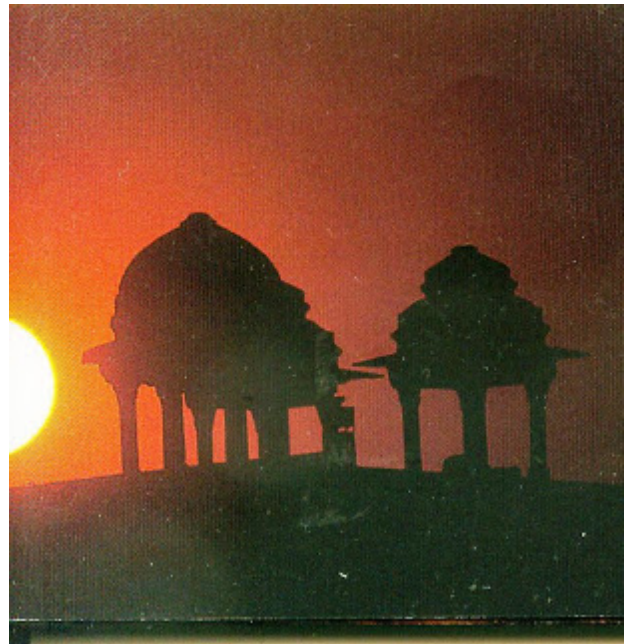
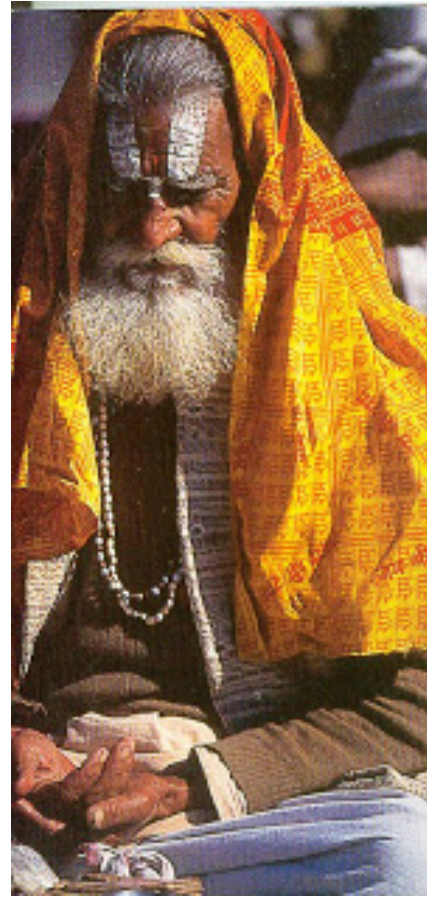
O medo criava possíveis demônios nos perseguindo. Cantamos mantras, rezamos.

Depois, observando com atenção, percebemos que as duas camas eram ligadas por duas pranchas de madeira. Quando uma de nós virava de lado, a cama ao lado balançava e fazia ruído, como se fosse uma caixa de ressonância.

A experiência foi boa para se constatar o fato de que nossa mente é a maior responsável por todos os nossos momentos de terror. A mente cria fantasias e nos arrasta para os mais descontraídos espaços da imaginação...

5 de outubro de 2015

## **JOSÉ ISRAEL, UM FOTÓGRAFO BRASILEIRO NA ÍNDIA**





\*Fotos de José Israel

Caminhando  
Pelas estradas  
Da Índia,  
Máquina a  
Tiracolo,  
O olhar atento  
Para o entorno:  
Um velho vestido de  
Alaranjado  
Medita imóvel  
À beira do Ganges.  
Carros passam  
Buzinando.  
Bois e vacas  
Interrompem  
O trânsito.  
E o trem de  
Ferro corta  
As cidades.  
Nas ruas  
A multidão colorida.  
Há os homens de  
Turbantes nas cabeças  
Moças envolvidas em sáris.



Tudo é cor na Índia!  
O povo reza nos templos  
E os turistas fotografam  
O Taj Mahal,  
Patrimônio da humanidade.  
José Israel registra  
Em sua câmera o  
Burburinho da Índia  
E transforma tudo  
Em poesia.

8 de julho de 2019

### HISTÓRIA DA ÍNDIA CONTADA POR UM DENTISTA



Fotos da internet

Agora, sentadas em seu consultório, muito bem montado e com uma limpeza extraordinária (os sapatos ficam do lado de fora, como nos *ashrams*), ele nos ensina a história de seu povo de forma espontânea e descompromissada, muitas vezes contradizendo aqueles que escreveram a história.

“Estamos na região Tamil Nadu”, nos diz ele, “cuja história remonta há mais de 6000 anos. A região tem a língua mais antiga da Índia, onde residia um povo de pele escura, conhecido como “dravidian”. Esse povo desenvolveu uma cultura própria, profundamente ligada à natureza. Adorava os 4 elementos da matéria: a terra, a água, o sol (fogo), o vento (ar). A trindade hindu Brahma, Vishnu e Shiva já era reverenciada por esse povo antigo”.

O Dr. K. V. tomou um papel de seu bloco e desenhou para nós o mapa da Europa, França, Itália, Rússia.

“Aqui nesta região do Cáucaso viviam os arianos, juntamente com os semitas e os ciganos

(nômades). Uma parte dos arianos era tipicamente nômade. Algumas dessas tribos atravessaram o Cáucaso, através da Turquia e da Pérsia, e chegaram ao Vale da Índia, 3000 anos antes de Cristo. Vinham da Ásia Menor caminhando até o Paquistão e Kashmir. Ali encontraram as antigas civilizações de Harappa e Mohenjodaro, com descobertas próprias nos campos da ciência e artes. Não se sabe por que aquelas cidades foram abandonadas. Os arianos tinham sua própria filosofia recebida diretamente dos extraterrestres. Reuniam-se em grupos e entoavam hinos a fim de elevar os devotos até os deuses”.

“Esses livros denominados “Vedas” podem se dividir em Rig-Veda, Yajur-Veda, Soma-Veda e Athana-Veda. Os primeiros hinos Rig-veda não mencionam Brahma, Vishnu e Shiva, que mais tarde foram assimilados das civilizações primitivas já residentes na Índia antes da chegada dos nômades. O culto a Shiva é o mais antigo culto da Índia e até hoje perdura, não só nos povos do sul, como também nos templos de Kajuraho, na região do Rajastão e no norte da Índia, em Kashmir. Quando os arianos chegaram à Índia, já encontraram essa civilização inocente, diretamente ligada a Deus.” (Trecho de diário à Índia, Chennai, 1993)

1 de maio de 2017

### UMA DOR DE DENTE NA ÍNDIA



Fotos da internet

Em janeiro de 1993, em viagem à Índia, escrevi no meu diário a minha estadia em Chennai, sul da Índia, e a visita a um dentista local.

“Cada vez mais tomo consciência de que não existe acaso. Somos guiados por energias superiores que nos conduzem no momento certo para a pessoa certa.

“Deus escreve direito por linhas tortas.”

Foi preciso ultrapassar várias provas, derrubar expectativas, quebrar programas pré-estabelecidos, desapegar do conforto e aceitar o sofrimento. Compreendi que o sofrimento não vem por acaso. Por detrás dele existe luz.

Uma dor de dente inesperada obrigou-me a procurar um dentista. Ali estava em frente ao hotel um grande cartaz anunciando uma clínica de cirurgia dentária: Dr K. V.

“*Believe me, madam*” – “Acredite em mim, senhora. Você tem um abscesso na gengiva, é necessário fazer uma cirurgia, não convém seguir viagem com este problema”.

Era urgente tomar uma decisão. O dentista estava ali, com um holofote em cima da minha boca. A decisão teria de ser tomada naquele momento. Eram 8 horas da noite, dia de sábado.

“Sim, acredito em você, pode começar a operação.”

A cirurgia de emergência foi um sucesso e fiquei amiga do jovem dentista. Hoje, domingo, fomos procurá-lo. Levamos o livro do Pepedro, Oriente-Occidente e o currículo.

Dr. K. V. é artista plástico, tem um irmão também artista que acabou de fazer uma exposição de pintura – gostou dos livros, interessou-se pelas pesquisas da minha filha em torno da antiga sabedoria da Índia.” (Trecho do meu diário de viagens, 1993)

25 de abril de 2017

### “PERNILONGOS”, UMA EXPERIÊNCIA NA ÍNDIA





\*Fotos de Eliana Andrés e da internet

Há alguns anos eu estava na Índia em viagem de estudos. Havia frequentado cursos sobre a unidade existente entre o ser humano e a natureza.

À noite, no dormitório, as vizinhas de quarto pediram cortinados para protegê-las dos pernilongos.

Resolvi fazer uma experiência de entrar em unidade com os pernilongos e dispensei os cortinados.

À noite, procurei conversar com eles de forma amigável, sem entrar em choque ou matá-los.

Fechei os olhos, esvaziei a mente e pronunciei palavras de amizade e paz para os insetos.

Pensei comigo mesma:

“Pernilongos na Índia devem entender inglês.”

“I love you, I’m one with you, but ... please, go away, don’t kiss me!”

No dia seguinte eu estava vitoriosa. Nenhum pernilongo me picou!

Hoje, tento fazer o mesmo com os nossos mosquitos venenosos. Espero que eles não se

aproximem de mim.

Isto não impede de também usar repelentes, pode ser que algum deles seja surdo e não escute a minha mensagem.

31 de dezembro de 2019

### UMA HOMENAGEM NA EMBAIXADA DA ÍNDIA



Foto: Maurício Andrés

Há exatamente 40 anos iniciamos nosso trabalho na Índia. Caminhamos naquele país de norte a sul, de leste a oeste, com os olhos atentos para uma cultura milenar, que se descortinava diante de nossos olhos como uma tela panorâmica. Uma família brasileira descobre a Índia, pensava, enquanto assistia às cenas projetadas dos livros do Pepedro, Oriente – Ocidente, Tesouros da Índia.

Estava sentada junto ao embaixador daquele país, que nos recebeu muito cordialmente na embaixada. O embaixador Ashok Das trouxe livros para nos presentear e recebeu também livros, como resultado de nosso trabalho.

Aquele intercâmbio transnacional ocorreu de forma intensiva em 1978, quando nosso grupo se transferiu para a Índia, acompanhando meu filho Maurício numa pesquisa realizada por ele naquele país.

Eu rememorava aspectos daquela viagem e de muitas outras realizadas mais tarde, motivadas por uma forte necessidade interior de aproximar os povos do Oriente e do Ocidente.

No momento em que assistimos a um filme documentário, projetado no telão da

Embaixada, minhas reflexões constatam o papel relevante da arte nesse tipo de intercâmbio. Relembro textos, poemas, desenhos, palestras, projeção de slides, livros publicados.

Todos esses recursos, alinhavados durante nossas inúmeras viagens por regiões desconhecidas, afrontando situações climáticas diversas, foram recompensados com o acolhimento gentil que recebemos do povo indiano.

O diplomata indiano Abhay Kumar é um poeta reconhecido internacionalmente. Foi por seu intermédio que recebemos o convite, já que ele é o chefe de missão adjunto, substituto do embaixador.

Vale a pena transcrever textos de sua entrevista no jornal “Correio Brasiliense” no dia do aniversário de Brasília.

“Brasília impactou positivamente minha vida criativa. Eu também fiz muitos amigos poetas, escritores que vivem em Brasília e arredores. Brasília é uma cidade única. Eu visitei muitas capitais, mas nenhuma se compara a Brasília. Em primeiro lugar, Brasília é branca, que é minha cor preferida e uma cor de pureza. Em Brasília vejo um esforço para trazer a geometria dos corpos cósmicos para seu projeto arquitetônico dos edifícios monumentais da cidade, como o Museu Nacional. Eu me sinto em casa andando nas vastas extensões de grama no meio da cidade. Não conheço nenhuma outra cidade que tenha tanto espaço aberto, tantas árvores frutíferas e tantos pássaros. Aonde quer que eu vá, sempre quero voltar a Brasília. Aqui eu encontro minhas mangas preferidas, jacas e goiabas espalhadas nas calçadas em qualquer direção que eu vá. Eu me apaixonei pelos ipês desabrochando. Com o horizonte baixo como na maior parte de Brasília, tenho uma visão clara do lindo céu. Nas noites de lua cheia, a lua parece elevar-se do lago Paranoá. Viver em Brasília é como viver em um lar celeste. Brasília possui elementos de transcendência espiritual entrelaçados em sua arquitetura e planejamento urbano e, portanto, nos oferece uma oportunidade de pensar acerca de quem realmente somos, de onde viemos e para onde estamos indo.”

Este depoimento nos leva a pensar sobre a necessidade da arte como forma sensível e amorosa de comunicação. A arte continua sendo a grande mensageira da paz entre os povos da Terra.

3 de maio de 2018

